



CASA DE PRAIA COM PISCINA

HERMAN KOCH

AUTOR DE O JANTAR

HERMAN KOCH
CASA
DE PRAIA
COM
PISCINA

Tradução de Alexandre Martins



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



1

Eu sou médico. Meu horário de trabalho é das oito e meia da manhã até a uma da tarde. Faço bom uso desse tempo. Vinte minutos para cada paciente. Esses vinte minutos são meu diferencial. Hoje em dia, as pessoas costumam dizer, onde mais você encontra um clínico geral que lhe dedique vinte minutos? E repassam essa informação. Ele não pega muitos pacientes, dizem. Dedicar tempo a cada caso. Tenho uma lista de espera. Quando um paciente morre ou se muda, só preciso pegar o telefone e já tenho cinco pessoas novas querendo a vaga.

Os pacientes não sabem a diferença entre tempo e atenção. Achar que dou a eles mais atenção que outros médicos. Mas dou apenas mais tempo. Ao final dos primeiros sessenta segundos, já descobri tudo o que preciso saber. Os dezenove minutos seguintes, preencho com atenção. Ou, melhor dizendo, com a ilusão de atenção. Faço as perguntas de sempre. Como vai seu filho/sua filha? Você está dormindo melhor? Tem certeza de que não está comendo pouco/muito? Encosto o estetoscópio no peito deles, depois nas costas. Respire fundo, digo. Agora expire lenta e calmamente. Eu, na verdade, não escuto. Ou pelo menos tento não escutar. Por dentro, todos os corpos humanos soam da mesma forma. Antes de tudo, claro, há os batimentos cardíacos. O coração é cego. O coração bombeia. O coração é a casa de máquinas. A casa de máquinas simplesmente mantém o navio em movimento; não dá a direção. E há os sons dos intestinos. Dos órgãos vitais. Um fígado sobrecarregado soa diferente de um saudável. Um fígado sobrecarregado grunhe. Grunhe e suplica. Suplica por um dia de folga. Um dia para lidar com a pior parte da sujeira. Do jeito como está, ele vive no atraso, correndo atrás do prejuízo. O fígado sobrecarregado é como a cozinha de um restaurante aberto vinte e quatro horas por dia. A louça forma pilhas. As máquinas de lavar louça funcionam a pleno vapor. Mas as pilhas de pratos sujos e panelas engorduradas só aumentam. O fígado

sobrecarregado aguarda ansiosamente por aquele dia de folga que não chega nunca. Toda tarde, às quatro e meia, cinco horas (às vezes mais cedo), a esperança daquele dia de folga é esmagada novamente. Se o fígado tiver sorte, no começo é apenas cerveja. A cerveja transfere a maior parte do trabalho para os rins. Mas sempre há aqueles para os quais só cerveja não basta. Pedem algo para acompanhar: uma dose de gim, vodca ou uísque. Algo para dar um trago. O fígado sobrecarregado resiste, depois, finalmente, desaba. Primeiro fica rígido como um pneu cheio demais. Então, basta apenas um pequeno buraco na estrada para que ele estoure.

Escuto com meu estetoscópio. Pressiono o ponto endurecido, logo abaixo da pele. Isso dói? Se apertar com mais força, vai romper bem ali, no meu consultório. Não posso deixar que isso aconteça. Causa uma confusão inacreditável. O sangue brota em um enorme jato. Nenhum clínico geral gosta da ideia de alguém morrendo em seu consultório. Quando o paciente morre em casa é outra história. Na privacidade de seu lar, no meio da noite, em sua própria cama. Com uma ruptura hepática, eles dificilmente conseguem alcançar o telefone. De qualquer modo, a ambulância chegaria tarde demais.

Meus pacientes chegam ao meu consultório em intervalos de vinte minutos. O consultório fica no térreo. Eles vêm de muletas ou em cadeiras de rodas. Alguns são gordos demais, outros sentem falta de ar. De qualquer modo, já não conseguem subir escadas. Um lance de escadas certamente os mataria. Outros só acreditam que os mataria: que a hora derradeira começaria no primeiro degrau. A maioria dos pacientes é assim. A maioria não tem problema algum. Eles gemem e grunhem, fazem barulhos que o levariam a pensar que encaram a face da morte a cada momento do dia, afundam na cadeira à minha frente com um suspiro — mas não há nada de errado com eles. Deixo que recitem suas queixas. Dói aqui e aqui, e às vezes tenho espasmos ali... Eu me esforço para fingir interesse. Enquanto isso, rabisco em um papel. Peço que se levantem, que me acompanhem à sala de exames. Eventualmente peço que alguém se dispa atrás do biombo, mas, na maioria das vezes, não. Corpos já são horríveis mesmo vestidos. Não quero

olhar para aquelas partes que nunca tomam sol, as dobras de gordura onde é sempre quente demais e as bactérias reinam, os fungos e as infecções entre os dedos dos pés, sob as unhas, os dedos que coçam aquilo ali, que esfregam até começar a sangrar... Aqui, doutor, é aqui onde coça demais... Não, não quero ver. Finjo olhar, mas estou pensando em outra coisa. Em uma montanha-russa em um parque de diversões, o carro da frente tem uma cabeça verde de dragão instalada; as pessoas erguem as mãos no ar e berram a plenos pulmões. Pelo canto do olho, vejo tufos úmidos de pelos púbicos, ou pontos vermelhos infeccionados onde nunca mais crescerão pelos, e penso em um avião explodindo no ar, os passageiros ainda afivelados às suas poltronas enquanto começam uma queda para a eternidade; está frio, o ar é rarefeito, bem abaixo aguarda o oceano. Arde quando eu urino, doutor. Como se fossem agulhas... Um trem explode pouco antes de entrar na estação, o ônibus espacial *Columbia* se desfaz em milhões de pedacinhos, o segundo avião arremete contra a Torre Sul. Arde aqui, doutor. Aqui...

Já pode se vestir, digo. Já vi o bastante. Vou receitar um remedinho. Alguns dos pacientes mal conseguem disfarçar a decepção: um remedinho? Ficam ali alguns segundos, com o olhar perdido, a roupa íntima arriada na altura dos joelhos. Eles faltaram ao trabalho naquela manhã e agora querem ter seu dinheiro valorizado, mesmo que esse dinheiro tenha saído dos bolsos de contribuintes saudáveis. Querem que o médico pelo menos toque neles, querem que calce as luvas de látex e segure algo, alguma parte do corpo, entre seus dedos sábios. Que pelo menos *um* dedo os cutuque. Querem ser *examinados*; não se contentam apenas com os anos de experiência, o olhar clínico que, em um único relance, registra o que há de errado com uma pessoa. Porque ele já passou por isso umas cem mil vezes. Porque a experiência lhe diz que na centésima milésima primeira consulta não surgiu a súbita necessidade de calçar as luvas de látex.

Algumas vezes, porém, não há como evitar. Algumas vezes, você tem de encarar o desafio. Normalmente com um ou dois dedos, às vezes com a mão inteira. Calço minhas luvas de látex. Por favor, deite-se de lado... Para o paciente, essa é a hora da verdade. Ele finalmente está sendo levado a sério,

está prestes a receber um exame interno, mas seu olhar não está mais fixado em meu rosto. Ele agora só consegue olhar para minhas mãos. Minhas mãos calçando as luvas de látex. Ele se pergunta por que sempre deixa que as coisas cheguem a esse ponto. Se isto é realmente o que quer. Antes de calçar as luvas, eu lavo as mãos. A pia está localizada em frente ao leito de exame, então fico de costas para ele enquanto ensaboo. Demoro. Enrolo as mangas. Posso sentir os olhos do paciente nas minhas costas. Deixo a água da torneira cair sobre meus pulsos. Primeiro lavo cuidadosamente as mãos, depois os antebraços, até a altura dos cotovelos. O som da água correndo bloqueia todos os outros sons, mas sei que, assim que chego aos cotovelos, a respiração do paciente está acelerada. Ela acelera por alguns segundos, ou é totalmente interrompida. Um exame interno está prestes a acontecer, o paciente — consciente ou inconscientemente — insistiu nisso. Ele não se deixaria dissuadir apenas com um remedinho, não dessa vez. Mas nesse ínterim surgem as dúvidas. Por que o médico está lavando e desinfetando as mãos e os antebraços *até os cotovelos*? Algo no corpo do paciente se contrai. Embora ele devesse relaxar o máximo possível. O relaxamento é o segredo de um exame interno suave.

Enquanto isso, me viro e seco as mãos, os antebraços, *os cotovelos*. Ainda sem olhar para o paciente, pego em uma gaveta um par de luvas. Rasgo a embalagem, aperto o pedal da lata de lixo com o pé e jogo o plástico fora. Apenas então, enquanto calço as luvas, olho para o paciente. A expressão em seus olhos é — como eu poderia definir? — *diferente* da que era antes de eu começar a lavar as mãos. Deite-se de lado, digo, antes que ele tenha a chance de enunciar seus temores. Olhando para a parede. Um corpo nu é menos vergonhoso do que um corpo com calças e roupa íntima arriada até os tornozelos. Menos desamparado. Duas pernas, com sapatos e meias calçados, presas nos tornozelos por calças e roupa de baixo. Como um prisioneiro acorrentado pelos pés. Uma pessoa com as calças nos tornozelos não consegue sair correndo. Você pode submeter alguém nessas condições a um exame interno, mas também poderia socá-lo na lateral da cabeça. Ou pegar uma pistola e descarregar o pente no teto. Eu já escutei essas mentiras

de merda por tempo suficiente! Vou contar até três... Um... Dois... Tente relaxar, digo novamente. Vire-se de lado. Puxo as luvas de látex para que fiquem bem esticadas sobre os dedos e sobre os pulsos. O som de látex estalando sempre me faz pensar em balões de festa. Balões de festa de aniversário que você enche na noite anterior para surpreender o aniversariante. Isso pode ser um pouco desagradável, digo. O importante é continuar respirando calmamente. O paciente está consciente demais de minha presença, bem atrás de seu corpo seminudo, mas já não pode me ver. Só nesse momento submeto aquele corpo, ou pelo menos a parte desnuda dele, a um exame mais demorado.

Até o momento, estou supondo que o paciente é um homem. No exemplo com o qual estamos lidando, um homem está deitado no leito, com calças e roupas de baixo arriadas. Mulheres são outra história; falarei sobre elas depois. O homem em questão vira a cabeça na minha direção, mas, como já mencionei, ele já não pode me ver direito. Só relaxe, digo. Você só precisa relaxar. Sem que o paciente perceba, desvio meu olhar para sua lombar nua. Já disse a ele que o que se seguirá poderá ser um pouco desagradável. Entre essa observação e a sensação desagradável em si, não há nada. Esse é um momento vazio. O momento mais vazio de todo o exame. Os segundos passam silenciosamente, como um metrônomo com o som desligado. Um metrônomo sobre o piano em um filme mudo. Ainda não houve qualquer contato físico. As costas nuas trazem a marca da roupa de baixo. Tiras vermelhas deixadas na pele pelo elástico. Algumas vezes há espinhas ou verrugas. A pele com frequência é pálida demais; um daqueles lugares que raramente vê a luz do sol. Contudo, quase sempre há pelos. Ao longo das costas, em direção à base, os pelos apenas aumentam. Eu sou canhoto. Coloco a mão direita no ombro do paciente. Através da luva, sinto o corpo dele enrijecer. O corpo inteiro tensiona e contrai. Ele deveria relaxar, mas o instinto é mais forte; o paciente se põe de prontidão, se prepara para resistir à invasão externa.

Nesse momento, minha mão esquerda já está onde deveria. A boca do paciente se abre, os lábios se separam, um suspiro escapa à medida que meu

dedo médio adentra. Algo entre um suspiro e um grunhido. Relaxe, digo. Vai acabar em um instante. Tento não pensar em nada, mas é sempre difícil. Então penso na noite em que deixei cair a chave do cadeado de minha bicicleta na lama, no meio de um campo de futebol. Era um atoleiro de um metro quadrado, e eu tinha certeza de que minha chave estava lá. Sente alguma dor? Agora meu indicador se junta ao dedo médio; usando ambos será mais fácil encontrar a chave. Um pouco... Onde? Aqui? Ou aqui? Estava chovendo, havia alguns holofotes ao redor do campo, mas, ainda assim, estava escuro demais. Quase sempre é a próstata. Câncer, ou só um alargamento. Normalmente não há como determinar nada ao certo depois do primeiro exame. Eu poderia voltar para casa andando e retornar no dia seguinte, quando houvesse luz. Mas meus dedos já estavam lá dentro, a lama já estava se metendo sob minhas unhas, então parar não fazia muito sentido. Ai! Aí, doutor! Puta merda! Desculpe... Ah, que merda! E sobrevém aquele curto momento em que meus dedos sentem algo duro em meio à gosma. Cuidado, pode ser apenas um caco de vidro... Eu o ergo à luz, à luz fraca do poste ao lado do campo, mas na verdade já sei o que é. Ele brilha, ele reluz, e não terei de caminhar para casa, afinal. Sem olhar para as mãos, tiro as luvas, piso no pedal da lata de lixo e as jogo fora. Pode se sentar agora. Pode se vestir. É cedo demais para tirar conclusões, digo.

Foi há dezoito meses que Ralph Meier apareceu de repente em minha sala de espera. Eu o reconheci de imediato, claro. Será que poderia conversar comigo por um minuto? Não era nada urgente, disse. Em meu consultório, ele foi direto ao ponto. Se era verdade o que fulano havia lhe dito, que eu era bastante liberal com receitas para... E então ele olhou ao redor com certo nervosismo, como se o lugar pudesse estar grampeado. “Fulano” era um paciente regular meu. A longo prazo, eles contam tudo uns aos outros, motivo pelo qual Ralph Meier viera parar em meu consultório. Depende, respondi. Terei de lhe fazer perguntas sobre sua saúde em geral, para que não tenhamos surpresas desagradáveis mais adiante. Mas e se fizermos isso?, ele insistiu. Se tudo estiver bem, você faria... Eu fiz que sim. Sim, disse. Isso pode ser acertado.

Já se passaram dezoito meses, e Ralph Meier está morto. E amanhã de manhã precisarei comparecer diante do Conselho de Medicina. Não pela ajuda que prestei a ele na época, mas por algo além, cerca de seis meses depois, algo que você poderia descrever como um “erro médico”. Não estou preocupado com o Conselho de Medicina; na área médica, todos conhecemos uns aos outros. Com frequência, encontramos colegas de faculdade. Não é como nos Estados Unidos, onde um advogado pode arruinar um médico depois de um diagnóstico equivocado. Aqui na Holanda, você precisa ter realmente ultrapassado os limites. E mesmo assim... Uma advertência, alguns meses de suspensão, não mais que isso.

Preciso apenas garantir que os membros do conselho enxerguem o caso como um erro médico. Vou precisar manter a calma. Tenho que continuar acreditando, cem por cento, no erro médico.

O funeral foi há dois dias. Naquele cemitério bonito e rústico em uma curva do rio. Grandes árvores antigas, o vento soprando por entre os galhos, agitando as folhas. Pássaros cantavam. Eu fiquei o mais afastado possível, o que pareceu suficientemente prudente, mas nada teria me preparado para o que aconteceu em seguida.

— Como se atreve a dar as caras aqui?

Um breve momento de silêncio absoluto, como se até mesmo o vento de repente parasse de soprar. Os pássaros também ficaram calados, de um instante para o outro.

— Seu merda! Como se atreve? Como *se atreve*?

Judith Meier tinha a voz de uma cantora de ópera profissional, uma voz capaz de chegar à plateia na última fila de um teatro. Todos os olhos se viraram na minha direção. Ela estava de pé ao lado da porta aberta da carroceria do carro fúnebre, de onde os carregadores haviam acabado de retirar o caixão contendo o corpo do marido dela para carregá-lo sobre os ombros.

Em seguida, ela trotava na minha direção, abrindo caminho por entre centenas de enlutados, que se colocavam de lado para dar passagem. Pelos

trinta segundos seguintes, seus saltos altos na calçada de cascalho foram o único som em um silêncio imperturbável.

Ela parou bem na minha frente. Eu já esperava que me desse um tapa. Ou começasse a socar minhas lapelas. Em outras palavras, que fizesse uma cena, algo em que sempre fora boa.

Mas ela não fez isso.

Olhou para mim. Os brancos dos olhos rendados de vermelho.

— Seu merda — disse novamente, muito mais baixo.

E então cuspiu no meu rosto.

2

A tarefa de um clínico geral é simples. Ele não precisa curar as pessoas, precisa apenas garantir que nenhum paciente passe por cima dele e vá diretamente aos especialistas e hospitais. Seu consultório é um posto avançado. Quanto mais pessoas puderem ser detidas no posto avançado, melhor o clínico é no que faz. É matemática simples. Se nós, médicos de família, deixássemos que todos com uma coceira, uma marca ou uma tosse chegassem a um especialista ou a um hospital, o sistema entraria em colapso total. Total. Alguém calculou isso uma vez. A conclusão foi de que o colapso se daria muito mais rapidamente do que o previsto. Se todo clínico geral encaminhasse mais de um terço de seus pacientes para os cuidados de um especialista, o sistema começaria a rachar e ceder em dois dias. Desmoronaria em uma semana. O clínico geral ocupa o posto avançado. Apenas um resfriado comum, ele diz. Pegue mais leve por uma semana, e se não tiver passado até lá, bem, não hesite em retornar. Três dias depois, no meio da noite, o paciente sufoca com o próprio muco. Isso pode acontecer, você diz. Uma rara combinação de fatores que acomete não mais do que um em cada dez mil pacientes.

Os pacientes não se dão conta de que os números têm força. Eles se permitem ser conduzidos a meu consultório, um a um. Lá, eu gasto vinte minutos com eles, convencendo-os de que não há nada de errado. Meu expediente vai de oito e meia a uma da tarde. Isso soma três pacientes por hora, de doze a treze por dia. Para o sistema, eu sou o médico de família ideal. Clínicos gerais que acreditam dar conta do atendimento com a metade do tempo recebem vinte e quatro pacientes em um dia útil. Quando se atende vinte e quatro pacientes por dia há mais chance de algo escapar do que quando se atende somente doze. Tem a ver com a maneira como eles se sentem. A sensação de estar sendo enganado chega mais rápido ao paciente que recebe apenas dez minutos de atenção do que ao paciente que assiste ao

mesmo espetáculo por vinte minutos. Este último fica com a impressão de que suas queixas estão sendo levadas a sério. Há menos chances de um paciente como esse insistir em novos exames.

Erros acontecem, claro. Nosso sistema não existiria sem erros. Na verdade, um sistema como o nosso prospera com os próprios erros. Afinal, mesmo um erro de diagnóstico pode levar ao resultado desejado. Mas normalmente nem é necessário um erro de diagnóstico. A arma mais importante que nós, clínicos gerais, temos à nossa disposição é a fila de espera. A simples menção à fila de espera costuma bastar. Para este exame, há uma fila de espera de seis a oito meses, digo. Com aquele tratamento seus sintomas poderão ser um pouco menos intensos, mas há a fila de espera... Metade dos pacientes desiste assim que a fila de espera é mencionada. Posso ver nos rostos deles: alívio. Um dia desses é o mesmo que dia nenhum, pensam. Ninguém quer ter um tubo da grossura de uma mangueira de jardim enfiado goela abaixo. Não é um procedimento particularmente confortável, digo. Você talvez pudesse esperar para ver se passa com um pouco de repouso e medicação. Daqui a seis meses, voltamos a checar.

Você poderia perguntar como pode haver filas de espera em um país rico como a Holanda. Para mim, a associação é sempre com gás. Com nossas reservas de gás natural. Eu levantei a questão certa vez em uma reunião informal com colegas. A fila de espera para operações de quadril: quantos metros cúbicos de gás você precisa vender para pagar por todas as cirurgias em uma semana? Como, pelo amor de Deus, é possível que, em um país civilizado como o nosso, pessoas morram antes de chegar sua vez na fila de espera? Você não pode ver dessa forma, disseram meus colegas. Você não pode comparar venda de gás com o número de operações de quadril adiadas.

A reserva de gás é enorme; mesmo os piores cenários preveem que haverá gás natural suficiente pelos próximos sessenta anos. Sessenta anos! É mais que as reservas de petróleo do golfo Pérsico. Este é um país rico. Somos tão ricos quanto a Arábia Saudita, o Kuwait, o Catar — mas, ainda assim, as pessoas morrem aqui porque precisam esperar demais por um novo rim, crianças morrem porque a ambulância que as está transportando às pressas

para o hospital fica presa no trânsito, vidas de mães são ameaçadas porque nós, clínicos gerais, as convencemos de que o parto em casa é seguro. Enquanto o que realmente deveríamos dizer é que é apenas *mais barato* — nesse caso, também, é claro que o sistema iria desmoronar em uma semana se todas as mães exigissem o direito de dar à luz em um hospital. O risco de bebês morrendo e de bebês tendo danos cerebrais porque não é possível administrar oxigênio durante um parto em casa simplesmente integra a equação. Muito de vez em quando aparece um artigo em uma publicação médica, e às vezes um resumo desse artigo chega aos jornais holandeses, mas mesmo esses resumos mostram que a mortalidade infantil na Holanda é a mais alta da Europa, e, de fato, do mundo ocidental. Mas ninguém nunca fez nada em relação a esses números.

Na verdade, o médico de família é impotente em relação a tudo isso. Ele pode transmitir tranquilidade a um paciente. Pode garantir que, pelo menos por ora, o paciente não precisa da ajuda de um especialista. Pode convencer uma mulher de que o parto em casa não oferece risco algum. Que é muito mais “natural”. Embora seja natural na mesma medida em que morrer também é natural. Podemos dar a eles analgésicos ou comprimidos para dormir, podemos queimar verrugas com ácido, podemos remover unhas encravadas. Tarefas nojentas, normalmente. Como limpar a cozinha usando uma esponja para esfregar a sujeira entranhada entre as bocas do fogão.

Em certas noites, fico deitado sem dormir. Penso nas reservas de gás. Às vezes, as imagino como uma bolha de sabão, logo abaixo da crosta da Terra, e você só precisa abrir um buraco, e então ela murcha — ou explode na sua cara. Em outras ocasiões, imagino o gás espalhado por uma superfície muito maior. Ele permeia a terra porosa. As moléculas de gás natural se misturaram ao solo de forma invisível. Sem cheiro. Acende um fósforo e tudo explode. O pequeno fogo se torna um inferno que em segundos se espalha por centenas de quilômetros quadrados. Debaixo da terra. O planeta se torna oco, não há mais apoio para pontes e prédios, nenhum terreno suficientemente sólido sob os humanos e os animais, cidades inteiras afundam nas profundezas calcinantes. Fico deitado ali no escuro, de olhos

abertos. Às vezes, a dissolução do meu país toma a forma de um documentário. Um documentário no National Geographic Channel, com gráficos e animações computadorizadas, o tipo de documentário no qual eles são tão bons: documentários sobre rompimentos de represas e tsunamis, sobre avalanches e quedas de barreiras que apagam do mapa cidades e vilarejos inteiros, sobre toda a lateral de um vulcão que se desprende de uma ilha e desliza para o mar, causando uma onda que, oito horas depois, e a milhares de quilômetros, atinge uma altura de quase mil metros. *O desaparecimento de um país*, amanhã às nove e meia da noite, neste canal. Meu país. Meu país consumido por suas próprias reservas de gás natural.

* * *

Em raras ocasiões, acordado à noite em minha cama, penso em Ralph Meier. Em seu papel como o imperador Augusto na série de televisão de mesmo nome. O papel era perfeito para ele; tanto seus fãs quanto seus detratores concordam. Primeiramente, claro, por causa de sua estrutura, a corpulência que ele cultivou ao longo dos anos. Uma obesidade conquistada por intermédio de sistemáticos espetáculos de voracidade em restaurantes com uma ou mais estrelas Michelin. Por intermédio de fartos churrascos em seu jardim: salsichas da Alemanha, presunto da Bulgária, cordeiros inteiros grelhados no espeto. Lembro-me desses churrascos como se fosse ontem: sua enorme figura ao lado do fogo, virando sozinho os hambúrgueres, filés e coxas. O rosto corado com barba por fazer, o garfo de churrasco em uma das mãos, uma lata de meio litro de cerveja belga na outra. A voz sempre se projetando pelo gramado. Uma voz de buzina de nevoeiro. Uma voz que petroleiros e navios de carga poderiam usar para se localizar em estuários distantes e portos estrangeiros. O último churrasco nem fora há tanto tempo, me ocorre agora, apenas cinco meses. Ele já estava doente. Ainda era ele que virava a carne, mas tinha puxado uma cadeira plástica de jardim, tinha de se sentar enquanto fazia aquilo. Sempre me fascinou o modo como uma doença — uma doença como a dele — ataca o corpo humano. É uma

guerra. As células más contra as boas. Inicialmente elas atacam o corpo de todos os lados, uma manobra de flanqueamento. Um pequeno ataque ordenado é o que basta, um golpe de relance, concebido apenas para desviar atenção da força principal. Você acha que venceu, afinal, repeliu essa primeira pequena agressão. Mas a força principal ainda está escondida nas profundezas do corpo, em um lugar obscuro onde os raios X, os exames de ultrassom e a ressonância magnética não conseguem encontrá-la. A força principal é perseverante. Espera até ter reunido poderio completo. Até a vitória estar assegurada.

O terceiro episódio passou na TV na noite passada. O imperador consolida sua autoridade. Muda seu nome de Caio Otaviano para Augusto e retira poder do Senado. Ainda há dez episódios inéditos. Não houve qualquer sugestão de cancelar ou adiar *Augusto* apenas porque seu astro principal está morto. Ralph Meier está formidável no papel, o único ator holandês em um elenco de italianos, americanos e ingleses, mas ele supera a todos.

Acredito ter sido o único a assistir à série de um modo diferente na noite passada. Com outros olhos, talvez seja a melhor forma de definir. Os olhos de um médico.

— Posso ir mesmo assim? — perguntou ele na época. — São dois meses de filmagens. Se eu tiver de sair no meio, vai ser uma tragédia para toda a equipe.

— Claro — respondi. — Não se preocupe. Normalmente não é nada. Vamos apenas esperar o resultado dos exames. Haverá muito tempo depois.

Observei o imperador Augusto enquanto ele falava ao Senado. Era uma coprodução ítalo-americana, e eles não tinham economizado. Milhares de soldados romanos, legiões inteiras saudando o imperador das colinas ao redor de Roma, dezenas de milhares de espadas, escudos e lanças erguidas, frotas de centenas de barcos diante do porto de Alexandria, corridas de bigas, lutas de gladiadores, leões rugindo e cristãos mutilados. Ralph Meier tinha a doença em sua forma mais agressiva. Era preciso agir imediatamente; do contrário, seria tarde demais. Intervenção radical: um

primeiro ataque, um bombardeio de saturação para derrubar as células malignas em um só golpe. Olhei para o rosto dele, o corpo. Dentro daquele corpo, muito provavelmente, a força principal já iniciara sua ofensiva.

— Senadores! — anunciou o personagem. — A partir deste dia sou seu imperador. Imperador... Augusto!

Como sempre, sua voz retumbou. Na ocasião, pelo menos. Se havia algo de errado, ele não dava sinais. Ralph Meier era um ator de verdade. Se necessário, era capaz de roubar o espetáculo de qualquer um e de qualquer coisa. Mesmo de uma doença fatal.

3

Ao longo dos anos, uma a uma, as pessoas normais desapareceram do meu consultório. Quer dizer, pessoas que trabalham em jornadas de oito horas. Ainda tenho dois advogados e o dono de uma academia de ginástica, mas a maioria dos meus pacientes trabalha nas chamadas “carreiras artísticas”. Por ora não estou contando as viúvas. Há um bom número delas. Posso até dizer que há um superávit de viúvas. Viúvas de escritores, atores, pintores... As mulheres duram mais que os homens; elas são feitas de outro material, *mais resistente*. À do artista, é possível alcançar o viço em uma idade avançada. Uma vida inteira fazendo café e indo à loja de vinhos para os gênios em seus estúdios. Salmão fresco da Noruega para os autores em seus escritórios, onde você sempre tem de andar na ponta dos pés. Parece um grande esforço, mas é claro que é fácil. As viúvas ficam velhas. Velhas como terra. Assim que os maridos morrem, elas com frequência passam por uma segunda floração breve. Presencio isso aqui em meu consultório. Estão tristes, enxugam os olhos com um lenço, mas também estão aliviadas. O alívio é uma emoção difícil de esconder. Eu observo com o olhar de um médico. Aprendi a ver através das lágrimas. Uma doença prolongada não é algo fácil de suportar. Cirrose hepática é uma coisa demorada e dolorosa. O paciente com frequência demora demais, tenta pegar o balde ao lado da cama, mas o sangue já está subindo. Trocar a roupa de cama três vezes por dia, lençóis e cobertores pesados com vômito e merda, isso é mais desgastante do que preparar café e garantir que haja gim suficiente na casa. Quanto tempo isso vai durar?, pensa a futura viúva. Será que vou conseguir resistir até o velório?

Mas então o dia finalmente chega. O tempo está bonito, céu azul com nuvens fofas, pássaros cantando nas árvores, o cheiro de flores frescas. Pela primeira vez na vida, a própria viúva é o centro das atenções. Ela usa óculos escuros. Para que ninguém possa ver suas lágrimas, é o que todos pensam. Mas, na verdade, as lentes escuras servem para esconder seu alívio. Os

melhores amigos dele carregam o caixão para o túmulo. Há discursos. Há álcool. Muito álcool. Nada de café ralo no velório de um artista, apenas muito vinho branco, vodca, um gim antigo. Nada de fatias de bolo ou doces de amêndoa com chá, mas ostras, arenque defumado e croquetes. Depois o grupo todo vai ao lugar preferido deles. “Bem, este é para você, garotão, onde quer que esteja! Velho filho da puta! Velho safado!” Brindes são feitos, vodca é derramada. A viúva tirou os óculos escuros. Ela sorri. Está radiante. Os lençóis vomitados ainda estão na cesta de roupa suja, mas amanhã irão para a máquina de lavar pela última vez. A vida como viúva, ela pensa, será sempre assim. Os amigos continuarão a fazer brindes durante meses (durante anos!). A ela. Ao novo centro das atenções. O que ela ainda não sabe é que, após alguns telefonemas gentis, tudo vai acabar. O silêncio que se seguirá é o mesmo silêncio que se abate após uma vida à sombra de alguém.

Normalmente é assim que acontece. Mas também há exceções. A raiva produz viúvas horrendas. Hoje de manhã de repente houve um tumulto na porta do meu consultório. Ainda era cedo; eu acabara de chamar meu primeiro paciente.

— Doutor! — chamou minha secretária.

Houve um som como o de uma cadeira sendo derrubada, e depois ouvi uma segunda voz.

— Onde você está, seu merda? — guinchou a voz. — Está com medo de dar as caras?

Dei um sorriso largo para o paciente.

— Poderia me dar licença apenas por um momento? — pedi, e me levantei.

Entre a porta da clínica e meu consultório há um corredor. Você primeiro tem de passar pela mesa onde fica minha secretária, depois pela sala de espera. Na verdade, está mais para uma área de espera do que uma sala de espera; não há uma porta separando-a do corredor.

Dei uma espiada enquanto passava. Como disse, era cedo, mas já havia três pacientes folheando exemplares velhos de *Marie Claire* e *National Geographic*. Contudo, àquela altura, eles tinham parado de folhear. Tinham

baixado as revistas para o colo e olhavam para Judith Meier. Judith não ficou nem um pouco mais bonita depois da morte do marido, digo isso com toda a gentileza possível. A pele do seu rosto ficara vermelha, mas não por completo, fazendo-a parecer manchada. Às costas dela, minha secretária gesticulava, tentando dizer que não fora possível detê-la. Mais ao fundo, atrás da secretária, havia uma cadeira no chão.

— Judith! — disse eu, abrindo os braços como se satisfeito em vê-la. — O que posso fazer por você?

Por dois segundos, mas não mais que isso, meu cumprimento pareceu chocá-la.

— Assassino! — berrou ela.

Espiei meus pacientes na área de espera; conhecia todos os três de vista. Um diretor de cinema com hemorroidas, um dono de galeria com disfunção erétil e uma atriz não-mais-com-cara-de-mocinha que esperava o primeiro filho — embora não do ator louro, corpulento e com barba sempre por fazer com o qual se casara sete meses antes em um castelo na Toscana (tudo pago pelo programa de “celebridades” do canal de TV que recebera os direitos exclusivos de transmissão de toda a cerimônia e da festa). Dei de ombros e pisquei para eles. Um caso de emergência, era o que o dar de ombros e a piscadela deviam dizer. Um caso típico de histeria aguda. Álcool ou drogas, ou ambos. Apenas para garantir que tinham visto, pisquei novamente.

— Judith — disse o mais calmamente possível. — Por que não vem comigo? Veremos o que posso fazer por você.

Antes que ela pudesse retrucar, eu me virei e voltei para meu consultório a passos largos. Coloquei as mãos nos ombros do meu paciente.

— Você se importaria de ir para a sala de espera? Minha secretária lhe dará a receita de um remedinho.

4

Judith Meier estava sentada à minha frente. Olhei para o seu rosto. As manchas vermelhas ainda estavam lá. Na verdade, era difícil dizer se o rosto era branco com manchas vermelhas ou vermelho com manchas brancas.

— *Vou acabar com você* — disse ela. — Esta espelunca vai fechar tão rápido que vai deixar você tonto.

Ela fez um gesto de cabeça na direção da entrada, a sala de espera lotada atrás da porta do consultório.

Coloquei os cotovelos na escrivaninha. Pus uma mão contra a outra, encostando a ponta dos dedos, e me inclinei ligeiramente para a frente.

— Judith — comecei, mas de repente não soube como continuar. — Judith — tentei de novo —, não é um pouco cedo para conclusões tão drásticas? Talvez eu tenha errado no diagnóstico da doença de Ralph no início. Já admiti essa possibilidade. E isso vai ser dito amanhã na audiência. Mas nunca intencionalmente...

— Por que você não poupa seu tempo e espera para ver como o Conselho de Medicina vai reagir quando eu contar minha versão da história?

Eu a encarei. Tentei rir, mas a sensação na minha boca era a mesma de quando quebrei o maxilar em um acidente de bicicleta. Um buraco. Homens trabalhando. Uma pequena barreira havia sido colocada para alertar os ciclistas de que havia um buraco na pista, mas algum idiota a retirara. Na emergência, eles prenderam meus maxilares superior e inferior com cabos; durante seis semanas, não pude falar e só conseguia consumir líquidos, e por canudinho.

— Você também vai estar lá? — perguntei, o mais calmamente possível. — Não é o costume...

— Não é, foi o que me disseram. Mas eles acharam que as acusações eram sérias o suficiente para abrir uma exceção.

Dessa vez realmente sorri. Ou, pelo menos, consegui contorcer a boca em algo que poderia lembrar um sorriso. Mas senti como se estivesse abrindo a boca pela primeira vez após permanecer um dia inteiro em silêncio.

— Por favor, espere um momento enquanto falo com minha secretária — pedi, levantando-me da cadeira. — Vou reunir todos os resultados de exames e arquivos.

Então Judith começou a se levantar também.

— Não se preocupe. Já falei tudo o que queria dizer. Nos veremos amanhã na audiência.

— Não, realmente será só um momento. Já volto. Tenho algo que pode lhe interessar. Algo que você também não sabe.

Ela já estava quase de pé. Olhou para mim. Tentei respirar com naturalidade. Ela se sentou novamente.

— Só um momento — falei.

Dessa vez, sem olhar para os pacientes esperando fora do consultório, fui direto à mesa da secretária. Ela estava ao telefone.

— É apenas a pomada ou também o creme? — perguntava ela.

— Liesbeth — chamei. — Você poderia...

— Só um momento — disse ela, e tampou o bocal do telefone.

— Você poderia mandar os pacientes para casa? E ligar para os outros e cancelar as consultas? Arrume alguma desculpa, não importa qual. Depois preciso que você vá embora também. Tire o resto do dia de folga. Eu e Judith temos de... Seria melhor se eu tivesse um pouquinho mais de tempo...

— Você ouviu do que ela o chamou? Você não pode simplesmente...

— Não sou surdo, Liesbeth — falei, interrompendo-a. — Judith está extremamente chateada. Ela não sabe o que está dizendo. Talvez eu tenha subestimado a gravidade da doença de Ralph. Isso já é ruim o bastante. Antes, eu vou... Vou fazer alguma coisa com ela, sair, tomar um café em algum lugar. Ela precisa de um pouco de atenção extra. Isso é compreensível. Mas não quero que os pacientes nos vejam saindo. Então mande-os para casa o mais rápido possível.

Quando voltei ao consultório, Judith Meier ainda estava sentada.

Ela se virou para me encarar. Olhou para minhas mãos vazias, e então, inquisitiva, para o meu rosto.

— Acho que o arquivo deve estar em algum lugar aqui — falei.

5

Um consultório como o meu tem as suas desvantagens. Você é convidado para tudo. Os pacientes acham que você é quase íntimo — com ênfase no “quase”. Exibições em galerias, lançamentos de livros, estreias de filmes e peças; não se passa um dia sem que chegue um convite pelo correio. Recusar não é opção. Quando eles enviam um livro, você pode mentir e dizer que só leu até a metade e não quer dar uma opinião antes de terminar. Mas uma estreia é uma estreia. E quando acaba, você precisa dizer algo. É o que eles esperam, que você diga algo. Mas nunca lhes dê sua verdadeira opinião. *Nunca*. Sua opinião é problema seu. Por um tempo tentei ser evasivo. Coisas como “Achei algumas partes realmente boas” ou “O que o restante do elenco acha?”. Mas essas amenidades não são suficientes, não para eles. Você tem de dizer que achou impressionante, que é grato pela oportunidade de presenciar esse momento histórico. Estreias no cinema normalmente são na noite de segunda-feira. Mas mesmo assim você não pode sair às pressas no final. Marcar presença é obrigatório. Você não quer chegar em casa tarde demais, você é o único proletário ali; ninguém mais começa a trabalhar em um horário normal no dia seguinte. Você se aproxima do astro ou do diretor e diz que achou impressionante. Uma excelente alternativa é dizer que achou “fascinante”. É o que você diz sobre o final do filme. Com uma taça de champanhe na mão, você olha nos olhos do astro ou do diretor. Você já se esqueceu como o filme termina, ou melhor: você teve sucesso em eliminar qualquer lembrança sobre o final do filme. Assume uma expressão séria. “Achei o final fascinante”, você diz. Então está autorizado a ir para casa.

Eu nunca sei o que desprezo mais: a obra em si, a atuação ou socializar após o término. Sei, por experiências amargas, que é mais fácil a mente divagar durante um filme que durante uma peça. Em uma peça, você está mais consciente de estar realmente lá. De estar lá e da passagem do tempo. Do seu relógio. Eu me presenteei com um relógio com mostrador luminoso,

especialmente para estreias. Algo acontece com o tempo durante uma peça. Algo que nunca consegui definir de forma exata. O tempo não se imobiliza não. Ele coagula. Você observa atores e atrizes, seus movimentos, escuta as falas saindo de suas bocas, e é como se estivesse mexendo alguma substância que fica cada vez mais densa. Em dado momento, a colher estanca por completo. Permanece aprumada na substância. Continuar a mexer é impossível. Pela primeira vez, confiro o relógio. Da forma mais discreta possível, claro. Durante uma peça, ninguém quer ser flagrado conferindo as horas. Ergo ligeiramente a manga do paletó, com extrema cautela. Mexo no pulso, como se estivesse coçando. Então dou uma espiada no mostrador brilhante. Cada vez que faço isso, sou prova viva de que o tempo real e o tempo do palco são duas entidades completamente diferentes. Ou melhor: dois tempos que correm em dimensões distintas, paralelas. Você acha (ou melhor, você anseia, você reza) que meia hora se passou, mas seu relógio lhe diz que só se passaram mais ou menos dez minutos desde que as luzes se apagaram. Durante uma peça você não pode gemer ou suspirar. Ao fazer isso, você desnecessariamente chama atenção para si mesmo. Aqueles que gemem ou suspiram alto demais podem quebrar a concentração dos atores. Mas abolir qualquer suspiro ou gemido é pedir demais. Seguindo a mesma ideia, essa é também a maior diferença entre um filme e uma peça: você não pode se levantar e sair durante uma peça. Ao longo de um filme, você pode se esgueirar no escuro sem ser notado. Mesmo durante uma estreia. As pessoas pensam: bem, ele deve estar precisando muito ir ao banheiro. E depois se esquecem de você. Elas nem notam que você não voltou. Você pode fazer isso. É possível. Fiz isso mais de uma vez durante uma estreia de cinema. Na primeira vez em que aconteceu, eu realmente fui ao banheiro, passei a última hora do filme sentado no vaso, a cabeça nas mãos, gemendo, suspirando e xingando. Mas também contente. Contente e aliviado. Qualquer coisa, qualquer coisa, menos o filme. Com o tempo me tornei melhor em me esgueirar. Eu caminhava na direção da saída, despreocupado, mãos nos bolsos. Só um pouco de ar fresco, diria, se deparasse com alguém no saguão. E então já estava do lado de fora. Rua, bondes, scooters, pessoas.

Pessoas com rostos normais, com vozes normais. Vozes que diziam coisas normais umas para as outras. “A saideira? Ou vamos embora?” em vez de “Temos de ser terrivelmente cuidadosos, Martha, para que a propriedade do pai não caia em mãos erradas.” Quantas frases assim uma pessoa consegue suportar no período de uma hora e meia? “Filha minha não sairá vestida como uma piranha! E se o fizer, não será mais minha filha!” Filmes têm trilha sonora. Eles aumentam o volume dela a cada ano. Você pode suspirar e gemer sem ninguém ouvir. É como quando você sente dor. Sua respiração se torna mais rápida e profunda. Quando o cachorro sente dor, ele arfa com a língua pendurada para fora da boca. Oxigênio. O truque é dirigir o máximo de oxigênio possível para o ponto de dor. Oxigênio é o melhor analgésico que existe. Estou na rua. Vejo as pessoas. Respiro ar fresco. Durante uma apresentação no palco, você não pode fazer nada disso. Não há cláusula de rescisão. Se quiser sair, precisa ser antes de a peça começar. Você não tem escolha, embora isso não careça dos riscos circunstanciais. Porque assim que você está na rua, pensamentos traiçoeiros o cercam. Não volte para dentro, esse é o mais tentador de todos. Vá para casa, tire os sapatos, coloque os pés para cima, ligue a TV e assista a algum filme B que você já viu cinco vezes. Qualquer coisa, qualquer coisa, menos a peça.

Também tem a ver com a minha profissão. Na minha profissão, o verdadeiro descanso é uma necessidade. Eu vejo e ouço coisas o dia inteiro. Coisas que é preciso tirar da cabeça à noite. O crescimento de fungos. As verrugas que sangram. As dobras de pele entre as quais fica quente demais. A mulher de cento e quarenta quilos que precisa ter certa parte do corpo examinada, uma parte que você não quer nunca mais olhar. Você não quer pensar em nada disso durante uma peça. As luzes mal diminuíram, e essas coisas começam a tomar liberdades com você. É escuro, elas pensam. Agora o pegamos! A única luz agora é no palco. E no mostrador luminoso do seu relógio. O tempo interminável começa. O Grande Coágulo. Durante um dia de trabalho, não há nada que eu anseie mais do que uma noite fazendo absolutamente nada. Uma refeição. Uma cerveja ou taça de vinho. O noticiário noturno da TV. Um filme na televisão ou uma partida de futebol.

Um dia de trabalho como esse começa com o pé direito. É um dia que promete. Com perspectivas, eu diria. Uma paisagem rural em que colinas suaves se sucedem, e a distância, o brilho do mar. Mas um dia que termina com uma peça é como um quarto de hotel com vista para uma parede de tijolos. Esse tipo de dia não respira. Não há ar suficiente, mas a janela está emperrada e não abre. O gemido começa às oito e meia da manhã, no momento em que penso nisso pela primeira vez. Normalmente, eu apenas *meio que* escuto meus pacientes, mas em um dia de trabalho que termina em uma peça eu simplesmente não escuto. Repasso na cabeça dez possíveis rotas de fuga. Doença. Gripe. Intoxicação alimentar. Um parente que se jogou na frente de um trem. Penso na cena de *Louca obsessão* em que Kathy Bates esmaga os ossos de James Caan com um martelo. Sinto vontade de fazer algo drástico comigo mesmo. Durante o cerco de Stalingrado, soldados de ambos os lados davam tiros na própria mão ou no pé para não serem enviados à frente de batalha. Se fossem apanhados, enfrentavam o pelotão de fuzilamento. Meu paciente não para de reclamar das dores na lombar, mas só consigo pensar em ferimentos a bala. No México, os esquadrões da morte dos cartéis sulcam uma cruz nas balas para que elas girem mais lentamente. Uma bala que gira mais lentamente causa mais danos ao atravessar o corpo. Ou não sai pelo outro lado. Penso em tomar atitudes drásticas. Sem meias-medidas. Com um dedinho quebrado, você ainda pode ir a uma estreia com o braço na tipoia. Uma febre de trinta e sete e meio é considerada uma desculpa covarde. Não, eu penso em outras coisas. Como uma faca de ostras escorregando e abrindo caminho através da palma da minha mão. A ponta da faca se projeta pela parte de trás. O sangramento realmente só começa quando você a extrai.

As piores peças são aquelas que “partem da improvisação”. Sempre há muitos resmungos. Fragmentos de narração e diálogo “tirados da vida cotidiana”. Os atores e atrizes usam figurinos produzidos por eles mesmos. Peças que partem da improvisação tendem a não durar tanto quanto peças com um roteiro, mas isso é como a sensação térmica. Algumas vezes parece muito mais frio ou quente do que o termômetro marca. Você olha para os

figurinos que eles mesmos fizeram. De acordo com o tempo da sensação térmica, meia hora já se passou, mas o mostrador do seu relógio não mente. Você leva o relógio ao ouvido. Talvez ele tenha parado. Mas ele tem uma bateria de lítio que dura até dezoito meses. O tempo passa inaudível. Você tem de contar até sessenta e olhar novamente.

Uma faca de ostra traz com ela o risco de contaminação sanguínea, claro. Pessoas normais deveriam ir ao pronto-socorro imediatamente. Mas tenho tudo de que preciso na prateleira do meu consultório. Para tétano. Febre amarela. Hepatite A. Tenho aqui pequenas ampolas, uma gota é suficiente para apagar você por doze horas. Outra gota e você pode simplesmente não acordar de novo. Cães e gatos recebem uma injeção do veterinário, mas seres humanos podem beber a taça envenenada eles mesmos. Um copo de dosagem. Noventa por cento água e aromatizante. A chance de dar um adeus digno a parentes e entes queridos. Fazer uma última observação inteligente. Eu vi e vivenciei isso com muita frequência. Raramente pessoas no leito de morte jogam fora essa última chance de fazer uma observação inteligente. Ninguém nunca as ouviu fazer uma observação inteligente durante toda vida, mas ainda assim. Dá para perceber que, na maioria dos casos, elas pensaram com antecedência. Talvez seja a maneira como querem ser lembradas. Últimas palavras. Últimas palavras debochadas. A aproximação da morte exige algum deboche, elas imaginam. Mas a morte não exige nada. A morte simplesmente vem pegar você. A morte quer que você a siga, de preferência sem muita luta. “Tome uma por minha conta já que está aqui”, dizem, e viram o conteúdo do copo. Um minuto depois fecham os olhos, mais um minuto e estão mortos. O último drinque raramente é tomado com lágrimas. Nunca ouvi ninguém dizer à esposa: “Você foi a mulher que eu mais amei no mundo. Vou sentir sua falta. E você provavelmente vai sentir a minha falta também.” Nunca. Deboche. Motivo de riso. É como os velórios. Espera-se, primeiramente e acima de tudo, que eles sejam *divertidos*. Há risos, bebida e palavrões. Para impedir que a coisa toda seja burguesa demais. Um funeral burguês é o maior pesadelo de um artista. “É exatamente como Hank queria”, eles dizem, e quebram suas

garrafas de uísque na tampa do caixão. “Uma grande festa. Sem choro e gemido, cacete!” Acho que eles começaram há uns quinze anos, os funerais divertidos. Caixões cor-de-rosa, caixões brancos, caixões decorados com dragões e dentes de tubarões, caixões da Ikea, caixões de plástico ou caixões embrulhados em sacos de lixo. Eu sempre lamento pelas crianças. Já é ruim sempre que há crianças envolvidas, mas quando um artista morre, espera-se que as crianças também deixem as coisas divertidas. Decorem o caixão do papai com adesivos ou poemas. Coloquem a caneca de café preferida dele no caixão, aquela com “Foda-se!” escrito. Para depois. Para o outro lado. Para o fim da sua longa, longa jornada. Para que ele também possa tomar café em sua caneca preferida, aquela com “Foda-se!” escrito, no além. Acima de tudo, espera-se que as crianças não chorem. Seus rostos estão pintados, elas recebem balões, apitos e chapéus de festa. Porque esse era o desejo do papai, que seus filhos se divertissem em seu velório. Que brincassem de esconde-esconde entre as lápides. Que depois houvesse ponche, bolo e uma grande travessa cheia de doces e barras de chocolate.

E todos querem ir para o mesmo cemitério. O cemitério na curva do rio. Há uma lista de espera para ele. Pessoas normais que trabalham em horário comercial sequer entram na lista. Considerando que o cemitério é na curva do rio, há pelo menos quatro velórios por ano nos quais o morto chega de barco. Com um barco você tem mais chance de estar nos jornais no dia seguinte. O barco sai do centro da cidade, percorre os canais e passa sob as pontes, o que rende algumas belas fotos. O barco também é sempre decorado com motivos festivos: buquês e coroas de flores, homens e mulheres vestindo mantos com estampas psicodélicas e chapéus pontudos. Mulheres com asas de borboleta às costas, homens com bigodes pintados de vermelho ou verde. No convés, com trajes de palhaço, quatro trompetistas da Funtime Brass Band tocam uma música divertida. A essa altura, todos no barco fúnebre e nos barcos que o seguem já estão cambaleando. As pessoas normais se colocam nas margens e observam a passagem do cortejo, mas os parentes bêbados nem sequer olham para as pessoas normais.

Tenho de dar o crédito a Ralph Meier ou, talvez, na verdade, a Judith: o velório dele foi mais ou menos normal. Nada de barco, apenas um velho carro fúnebre normal. Havia pelo menos mil pessoas lá. E equipes de reportagem de duas redes de televisão. Quando o carro que levava o caixão entrou na trilha de cascalho, eu só tive de dar dois passos para trás e já estava fora do campo de visão dos parentes mais próximos. Judith usava grandes óculos escuros e um lenço na cabeça, preto com pontinhos brancos. Foi provavelmente o lenço que então me fez lembrar, mais que em outros dias, de Jackie Kennedy, embora ache que Jackie Kennedy não teria cuspidido no rosto de um espectador indesejado na frente de mil pessoas em um velório.

Depois do incidente, não saí do cemitério na mesma hora. Caminhei até o portão, depois um pouco mais, até o rio. Um barco a remo passou; um homem de bicicleta seguia empunhando um megafone e gritando ordens para os remadores. Os dois cisnes com filhotes que balançavam na marola sublinhavam o sentimento de que “a vida continua”, como dizem. Após permanecer alguns minutos ali, me virei e caminhei de volta ao cemitério.

A capela não podia receber mil pessoas, portanto os discursos foram feitos do lado de fora. O prefeito falou, assim como o ministro da cultura. Colegas atores e diretores falaram sobre Ralph e contaram histórias picantes. Houve as eventuais risadas. Fiquei bem no fundo, parcialmente escondido entre os arbustos, a alguns metros da via de cascalho. Um comediante fez um discurso cujo tema principal era ele mesmo. Era menos um discurso do que um ensaio para seu próximo espetáculo. Houve risos, mas foram risos desconfortáveis, como se as pessoas achassem aquilo mais constrangedor que engraçado. Pensei nos últimos momentos de Ralph, no hospital, pouco menos de uma semana antes. O pequeno copo com o coquetel letal na mesinha de cabeceira, ao lado de um pote de iogurte de frutas pela metade ainda com a colher, o jornal matutino e uma biografia de Shakespeare que ele passara as semanas anteriores lendo. Havia um marcador quase na metade. Ele pediu a Judith e seus dois filhos para sair do quarto por um momento.

Quando saíram, ele fez um gesto para que eu me aproximasse.

— Marc — disse ele.

Pegou a minha mão, colocou-a sobre o cobertor e pousou nela sua outra mão.

— Quero lhe dizer que lamento — falou.

Fitei seu rosto. Era um rosto razoavelmente sadio, talvez um pouco mais para o magro. Se você tivesse visto como estava redondo e cheio apenas alguns meses antes, só então se daria conta de que aquilo era por causa da doença. Os olhos eram claros.

Sempre que eu via cenas assim, ficava fascinado. As pessoas escolhem uma determinada data na qual morrer, mas quando o dia chega elas de repente melhoram. Falam e riem mais que de hábito, como se estivessem esperando que alguém as impedisse. Que alguém de fato lhes dissesse que era absurdo simplesmente acabar com tudo daquele jeito.

— Eu não deveria... Eu nunca deveria ter... — começou Ralph Meier. — Lamento. É o que estou tentando dizer.

Não falei nada. Com os medicamentos certos e tratamentos extremamente desagradáveis, ele conseguiria adiar o fim por mais ou menos um mês. Mas ele optara pelo coquetel. Um adeus digno. O coquetel o impede de ser um fardo para sua família com lembranças que poderiam ser difíceis de apagar.

Mas mesmo assim era estranho. Uma morte autodeterminada. Uma data e uma hora autodeterminadas. A toalha jogada no ringue. Por que não amanhã? Por que não em uma semana? Por que não ontem?

— Como estão as coisas... Com ela? — perguntou.

Eu o vi hesitar; vi como engoliu o nome dela bem na hora. Não sei o que teria feito se Ralph Meier tivesse dito o nome dela em voz alta.

Dei de ombros. Pensei nas férias que havíamos tirado pouco mais de um ano antes. Na casa de praia.

— Marc — disse ele.

Senti a pressão da mão dele sobre a minha. Ele tentou apertar mais forte, mas eu via quão pouca força lhe restava.

— Poderia dizer a ela... Por mim... Poderia dizer a ela o que acabei de lhe dizer?

Desviei os olhos; sem esforço, tirei minha mão do aperto da mão dele — das mesmas mãos que um dia tiveram a força de levar outras pessoas a fazer coisas que elas não queriam. Contra a vontade delas.

— Não — falei.

6

Meia hora depois, aconteceu. Eu estava no corredor; os dois garotos tinham ido à lanchonete do hospital comer algo. Judith Meier voltou do banheiro feminino, onde passara batom e retocara a maquiagem.

— Estou feliz por você ter vindo — disse ela.

Eu anuí.

— Ele partiu com dignidade — falei.

Esse é o tipo de coisa que deve ser dita em momentos assim. Mesmo que não seja sua opinião. É como dizer que achou uma peça impressionante. Ou que o final de um filme foi fascinante.

Um homem caminhou até nós, um homem com jaleco branco de médico. Parou bem na nossa frente e estendeu a mão para Judith.

— Sra. Meier?

— Sim? — respondeu, apertando a mão dele.

— Meu nome é Maasland. *Doutor* Maasland. Tem um momento?

Ele carregava uma pasta de papel pardo sob o braço. No canto superior direito dela havia um adesivo com “Sr. R. Meier” escrito com caneta hidrográfica, e abaixo disso, em letras impressas menores, o nome do hospital.

— E o senhor é...? — perguntou Maasland. — Um parente?

— Sou o médico da família — disse, estendendo a mão. — Marc Schlosser.

Maasland ignorou minha mão.

— Dr. Schlosser — disse ele. — Isso é... Bem, é uma coincidência. Há algumas coisas que eu gostaria de... — falou, abrindo a pasta e começando a folhear. — Onde estava? Ah, aqui.

Algo na linguagem corporal de Maasland me deixou alerta. Como todos os especialistas, ele não se preocupava em disfarçar seu profundo desdém por clínicos gerais. Fosse um cirurgião ou um ginecologista, um internista ou

psiquiatra, todos lançavam o mesmo olhar. Você estudou o suficiente na época?, diz o olhar. Ou apenas foi preguiçoso demais para se dedicar por mais quatro anos? Ou talvez tenha medo do que realmente importa. Nós cortamos pessoas, estudamos os órgãos, a circulação, o cérebro, o centro de operações do corpo humano, conhecemos esse corpo assim como um mecânico conhece o motor de um carro. Tudo o que um clínico geral é autorizado a fazer é olhar sob o capô — e então balançar a cabeça de assombro e espanto com tal milagre de engenhosidade técnica.

— Ontem repassamos todo o histórico médico do sr. Meier com ele — falou. — É prática comum em um caso de eutanásia. Mas, se não me engano, não foi o senhor que finalmente encaminhou o sr. Meier até nós, foi, dr. Schlosser?

Fingi ter de pensar nisso.

— Não, é verdade — falei.

Maasland correu o dedo sobre a folha de papel que havia retirado da pasta.

— Pergunto porque aqui diz... Sim, aqui está — disse, o dedo parando. — Ontem o sr. Meier afirmou que em outubro do ano passado procurou o senhor para um check-up.

— Pode ser. Ele não aparecia com frequência. Apenas se tivesse dúvida sobre algo. Ou quisesse uma segunda opinião. Eu era... Sou um amigo da família.

— E por que ele o procurou em outubro, dr. Schlosser?

— Não saberia dizer. Teria de olhar o prontuário dele.

Maasland espiou Judith, depois voltou os olhos para mim.

— Segundo o sr. Meier, em outubro do ano passado o senhor lhe disse que não havia nada com que se preocupar. Embora, na época, ele já apresentasse os sintomas iniciais da doença.

— Eu não saberia dizer, não assim de cabeça. É possível que ele tenha me perguntado sobre algo assim. Talvez já estivesse sentindo alguma coisa e só quisesse uma palavra de conforto.

— Durante essa consulta específica em outubro, dr. Schlosser, o senhor coletou alguma amostra de tecido do corpo do sr. Meier? E depois nos enviou essa amostra para análise?

— Acho que me lembraria disso, se tivesse feito.

— Sim, eu diria que sim. Principalmente porque a remoção de tecido não é desprovida de risco. No pior cenário, pode até mesmo acelerar o desenvolvimento da doença. Acredito que esteja consciente disso, dr. Schlosser.

O capô. Eu estava autorizado a espiar sob o capô, mas não deveria ter tocado em mangueiras e fios.

— A coisa mais estranha é que o sr. Meier se lembra disso claramente — continuou Maasland. — Que o senhor ia enviar o tecido para exame. E que ele deveria ligar depois para saber o resultado.

Ralph Meier estava morto. Seu corpo, provavelmente um tanto mais frio agora, estava deitado a poucos metros de nós, atrás da porta verde com o aviso pedindo silêncio. Não poderíamos entrar e perguntar a ele se ele não teria se equivocado sobre as datas.

— Não consigo me lembrar, não agora — falei. — Lamento muito.

— Seja qual for o caso, aquela amostra nunca chegou aqui.

Está vendo?, eu quase disse. Veja, quase no último dia de sua própria vida, Ralph Meier já estava confundindo bastante as coisas! Por causa da medicação. Por causa da fraqueza. Mas não falei nada.

Então Judith Meier falou:

— Outubro.

Maasland e eu olhamos para ela, mas Judith só olhava para mim.

— Ralph estava preocupado — contou ela. — Ele precisava filmar na Itália, e ia durar quase dois meses. Partiria dentro de alguns dias. Ele me contou que você achou que não era nada sério, mas que iria enviar uma amostra de tecido ao hospital apenas para ter certeza. Para ele ficar mais tranquilo.

— Nunca recebemos nada aqui — disse Maasland.

— Bem, isso é realmente muito suspeito — falei. — Não é algo que eu fosse negligenciar facilmente, creio.

— Bem, de fato, é por isso eu queria conversar com a senhora, sra. Meier — falou Maasland. — Nós achamos isso grave demais para simplesmente deixar de lado. Gostaríamos de estudar com mais atenção o caso todo. Queremos pedir sua autorização para uma autópsia.

— Ah, não! — Judith disse. — Uma autópsia? Isso é realmente necessário?

— Em tempo, isso traria a todos nós, e também a você, sra. Meier, mais certeza sobre o que exatamente aconteceu. Podemos descobrir, por exemplo, se uma amostra de tecido foi retirada, e quando. Os métodos se tornaram muito sofisticados nos últimos anos. Finalmente podemos determinar com bastante precisão a época em que uma amostra de tecido foi retirada. Não apenas se foi em outubro ou depois, mas quase o dia exato.

7

Há cerca de dezoito meses, com quase três semanas transcorridas desde a primeira e repentina visita de Ralph Meier ao meu consultório, chegou pelo correio um convite para a noite de estreia de *Ricardo II*. Ao abrir o envelope, notei os sintomas físicos que sempre experimento quando chega um convite. Boca seca, pulso fraco, pontas dos dedos pegajosas, uma pressão atrás dos olhos e a sensação de estar em um sonho ruim: um pesadelo no qual você dirige pelo tráfego escasso de um novo bairro residencial; você vira à esquerda, vira à direita, mas não consegue encontrar a saída, e terá de dirigir em círculos pelo resto da vida.

— Ralph Meier? — indagou Caroline. — Mesmo? Não sabia que ele era um dos seus pacientes.

Caroline é minha esposa. Ela nunca vai às estreias. Nem a lançamentos de livros, aberturas de exposições ou festivais de cinema. Se eu já os considero enfadonhos, ela os considera ainda mais. Raramente a pressiono. Mas algumas vezes suplico a ela de joelhos para que vá comigo. Quando faço isso, ela sabe que é sério, e me acompanha sem mais objeções. Mas não abuso desse poder. Reservo as súplicas ajoelhadas para emergências de verdade.

— *Ricardo II* — disse ela, desdobrando o convite. — Shakespeare... Bem, por que não? Vou com você.

Estávamos tomando café da manhã na cozinha. Nossas filhas já tinham ido para a escola. Lisa, a caçula, para a escola de ensino fundamental logo na esquina, e Julia, de bicicleta, para a escola de ensino médio. Meu primeiro paciente chegaria em dez minutos.

— Shakespeare. Tem certeza? A peça vai durar pelo menos três horas.

— Claro, mas é Ralph Meier. Eu nunca o vi ao vivo.

Havia algo de sonhador no olhar da minha esposa quando ela disse o nome do ator.

— Está olhando o quê? — perguntou Caroline. — Não estou tentando esconder nada. Para uma mulher, Ralph Meier é um colírio para os olhos. Então três horas não é um grande problema.

* * *

Assim, duas semanas depois, comparecemos à estreia de *Ricardo II* no grande e antigo teatro municipal. Não era meu primeiro convite para uma produção de Shakespeare. Já vira umas dez peças dele. Uma versão de *A megera domada* em que todos os papéis masculinos eram interpretados por mulheres; *O mercador de Veneza* com os atores de fraldas e as atrizes vestindo sacos de lixo no lugar de vestidos e sacolas de compras nas cabeças; *Hamlet*, com todo o elenco formado por atores com síndrome de Down, ventiladores cenográficos e um ganso (morto) que era decapitado em cena; *Rei Lear* com órfãos do Zimbábue e ex-drogados; *Romeu e Julieta* no túnel nunca concluído de uma linha de metrô, com fotos de campos de concentração projetadas nas paredes por onde escorria esgoto; *Macbeth* em que todos os papéis femininos eram interpretados por homens seminus cujas únicas peças de roupa eram um fio dental entre as nádegas e algemas e pesos pendurados dos mamilos, e com uma trilha sonora consistindo de artilharia pesada, músicas do Radiohead e poemas de Radovan Karadžić. Além da falta de coragem para olhar e descobrir como as algemas e os pesos eram presos aos (ou através dos) mamilos, o problema mais uma vez era quão lentamente o tempo passava. Posso me lembrar de atrasos em aeroportos que devem ter durado facilmente metade de um dia, mas que foram dez vezes mais rápidos que qualquer uma dessas peças.

Em *Ricardo II*, o elenco vestia trajes de época. O cenário consistia de uma sala de trono em um castelo, recriada com a maior autenticidade possível. Quando Ralph Meier entrou no palco, algo aconteceu; a plateia, que inicialmente estivera apenas silenciosa, ficou imóvel. Quando Ricardo disse suas primeiras palavras, todos prenderam a respiração. Olhei para Caroline, mas ela só tinha olhos para o que acontecia no palco. Suas faces estavam

coradas. Três horas depois, estávamos no saguão, cada um com uma taça de champanhe. Ao nosso redor, havia homens em paletós azuis e mulheres com vestidos longos. Muitas joias: braceletes, colares e anéis. Em um canto, um quarteto de cordas tocava.

— Podemos...? — perguntei, e percebi que conferia o relógio pela primeira vez na noite.

— Vamos lá, Isis pode esperar um pouco — disse Caroline. — Vamos tomar mais uma taça.

Isis era nossa babá na época. Tinha dezesseis anos, e os pais não gostavam que voltasse muito tarde para casa. Na época, Julia tinha treze, e Lisa, onze. Em dois anos, não teríamos problemas em deixar a filha mais nova com a mais velha. Mas não na época.

Quando eu voltei do bar com mais duas taças de champanhe, vi, a cerca de dez metros, a cabeça de Ralph Meier assomando acima das outras. Ela cumprimentou com um gesto, o lado esquerdo e o direito. Ela *sorriu*, do modo como uma cabeça sorri quando está acostumada a ser parabenizada.

— Lá está ele — disse eu. — Vou apresentá-la.

— Onde?

Minha esposa não passa do meu ombro, e ainda não tinha visto a cabeça. Ela rapidamente arrumou o penteado e limpou migalhas ou fiapos imaginários na blusa.

— Marc — disse ele, apertando minha mão.

Era um aperto firme, o aperto de alguém deixando claro que usava apenas dez por cento de sua força. Depois se virou para Caroline.

— E esta é a sua esposa? Bem, bem, você certamente não exagerou.

Ele tomou sua mão, se curvou e a beijou. Depois se virou para o lado e colocou a mão no ombro de uma mulher cuja presença eu não havia notado por estar totalmente bloqueada pelo enorme corpo dele. Ela então se moveu, quase literalmente, para fora de sua sombra e estendeu a mão.

— Judith — disse ela.

Apertou primeiro a mão de Caroline, depois a minha.

Apenas muito depois, quando a vi sozinha pela primeira vez, me dei conta de que Judith Meier não era uma pessoa pequena. Só era pequena ao lado do marido, como uma aldeia aos pés de uma montanha. Mas naquela noite, no saguão do velho teatro municipal, olhei de Ralph para Judith e então de volta para Ralph e pensei as coisas que costumo pensar ao ver casais juntos pela primeira vez.

— E então, vocês gostaram? — perguntou Judith, falando mais para Caroline que para mim.

— Achei fantástico — disse Caroline. — Uma experiência fantástica.

— Talvez eu deva me afastar um pouco — falou Ralph. — Então você poderá dizer o que realmente achou.

Ele deu sua risada estrondosa; algumas pessoas viraram as cabeças e riram junto.

Como disse antes, no cumprimento do dever algumas vezes tenho de pedir que os pacientes se dispam. Quando todas as outras alternativas se esgotaram. Com apenas algumas poucas exceções, a maioria dos meus pacientes é de maridos e esposas. Eu observo seus corpos nus. Sobreponho as imagens. Vejo como um corpo se aproxima do outro. Vejo uma boca, lábios pressionados sobre outros lábios, mãos, dedos que procuram, unhas sobre uma área de pele nua. Algumas vezes a sala de exames está escura, mas com frequência não está. Algumas pessoas não têm problema em deixar as luzes acesas. Eu vi seus corpos; sei que, na maioria dos casos, seria melhor desligar as luzes. Olho seus pés, seus tornozelos, seus joelhos, suas coxas, e depois mais acima, a área ao redor do umbigo, peitoral ou seios, pescoços. Os órgãos sexuais propriamente ditos eu normalmente pulo. Olho, mas do modo como você poderia olhar para um animal morto na estrada. Meu olhar se sustenta apenas um momento, tão rápido quanto um pedaço de unha quebrada que arranha sem querer a roupa — não mais que isso. E ainda nem cheguei à vista dos fundos. A parte de trás dos corpos é algo totalmente diferente. Dependendo da forma, ou da falta de forma, as nádegas podem invocar ternura ou fúria cega. O ponto sem nome onde a fissura entre elas se funde com a base das costas. A coluna. As omoplatas. Os

pelos na nuca. O verso de um corpo humano é mais baldio que a frente. Na face oculta da lua, cápsula e módulo lunar perdem todo o contato de rádio com o centro de operações. Eu faço minha expressão de interesse. Também dói quando você deita de lado?, pergunto, o tempo todo pensando em casais com luzes acesas e luzes apagadas, tateando as costas um do outro. O que realmente quero, na verdade, é que acabe rápido. Que eles se vistam novamente. Que eu possa olhar apenas para suas cabeças falantes. Mas nunca me esqueço dos corpos. Conecto um rosto a outro. Conecto os corpos. Deixo que se entrelacem. Respirando pesado, uma cabeça se aproxima da outra. Línguas são enfiadas em bocas e vasculham lá dentro. Em cidades grandes, há ruas margeadas por arranha-céus onde o sol raramente brilha. Entre as pedras do calçamento cresce musgo ou grama que nasce quase morta. É frio e úmido lá. Ou, às vezes, até quente e úmido. Mosquinhas por toda parte. Ou nuvens de mosquitos. Pode se vestir. Já vi o bastante. Como vai seu marido? Sua esposa?

Olhei para Ralph Meier, depois para Judith. Como disse, ela não era pequena por si mesma. Era pequena para *ele*. Eu penso nas coisas. As coisas que as pessoas fazem umas com as outras no escuro. Olhei para a mão de Ralph agarrando uma taça de champanhe. Considerando tudo, era um espanto que o vidro não se partisse.

E então, de repente, houve o momento. O momento do qual eu mais tarde me lembraria — o momento que deveria ter sido um alerta para mim.

Judith tomara Caroline pelo cotovelo e a estava apresentando a alguém. Uma mulher cujo rosto pareceu vagamente familiar, provavelmente uma das atrizes de *Ricardo II*. Foi dessa maneira acidental que Caroline ficou meio distante de nós, de costas para mim e Ralph.

— De forma alguma, não fiquei entediado em nenhum momento — disse eu a Ralph. — Foi uma experiência única para mim também.

Demorei dois segundos para me dar conta de que Ralph Meier não estava mais me escutando. Não estava mais nem olhando para mim. E, sem precisar seguir seu olhar, soube imediatamente para o que direcionava sua atenção.

E algo estava acontecendo ao próprio olhar dele. Aos olhos. Enquanto examinava o verso do corpo de Caroline da cabeça aos pés, uma película deslizou sobre seus olhos. Em documentários sobre a natureza às vezes você vê isso com aves de rapina. Um predador localizou, de algum ponto elevado, das alturas do céu ou de um galho de árvore, um rato ou outra deliciosa iguaria. Era como Ralph Meier via o corpo da minha esposa: como se fosse algo comestível, algo que enchesse sua boca de água. Havia também um movimento ao redor da boca. Os lábios se entreabriram, os maxilares se remexeram, eu até pensei ouvir dentes trincando — e ele deu um suspiro. Ralph Meier estava vendo algo delicioso; sua boca já antecipava a apetitosa iguaria que, tendo uma chance, ele devoraria com algumas poucas mordidas.

Todo esse gestual sem o menor constrangimento talvez tenha sido o que mais me marcou. Como se eu não estivesse lá. Ele poderia muito bem ter aberto o zíper da calça e ficado ali, mijando em mim. Não seria nem um pouco diferente.

E então, em um instante, ele estava de volta. Como se alguém tivesse estalado os dedos: um hipnotizador o libertando do transe.

— Marc — disse ele.

Olhou para mim como se me visse pela primeira vez. Depois olhou para a taça vazia em sua mão.

— O que me diz? Mais um?

Mais tarde naquela noite, na cama, eu contei a Caroline sobre isso. Ela acabara de soltar o elástico dos cabelos. Pareceu mais entretida do que chocada.

— É mesmo? — comentou ela. — Exatamente que tipo de olhar foi? Conte de novo...

— Como se estivesse olhando para uma iguaria deliciosa — falei.

— Sério? Mesmo? Mas eu *sou* uma iguaria deliciosa, não sou? Ou você não acha?

— Caroline, por favor! Não sei como deixar mais claro... Eu... Eu achei aquilo *sujo*.

— Ah, querido. O modo como os homens olham para as mulheres é sempre sujo, não é? E as mulheres para os homens, aliás. Quer dizer, esse Ralph Meier é um verdadeiro sedutor, tudo nele é assim. Isso não deve ser muito legal para a mulher dele, mas enfim, foi escolha dela. Uma mulher sabe imediatamente o tipo de homem com o qual está.

— Eu estava bem ao lado dele. Ele cagou para isso.

Então Caroline se virou para me encarar, deslizou um pouco até estar colada a mim e colocou a mão no meu peito.

— Você não está com ciúmes, está? Está parecendo um marido ciumento.

— Não estou com ciúmes! Sei exatamente como os homens olham para as mulheres. Mas aquilo não foi normal. Aquilo foi... Foi *sujo*. Não sei como definir melhor.

— Meu maridinho ciumento — disse Caroline.

8

Em um consultório como o meu, o segredo é não se preocupar demais com padrões profissionais. Com o que é, estritamente falando, clinicamente responsável. Nas carreiras “artísticas”, o excesso é mais regra que exceção. Ao todo, meus pacientes são responsáveis, por semana, por dez caçambas de garrafas cheias. Eu poderia lhes contar a verdade. A verdade é algo entre dois ou três copos por dia. Dois copos para mulheres, três para homens. Ninguém quer realmente ouvir essa verdade. Com as pontas dos dedos, pressiono sobre o fígado. Testo a rigidez. Quantos copos de álcool você bebe por dia? Eles não podem me enganar. O álcool sai pela pele. Uma cerveja antes do jantar e não mais de meia garrafa de vinho depois, eles dizem. O álcool passa pelos poros e evapora na pele. Tenho um bom olfato. Posso farejar o que eles beberam na noite anterior. Pintores e escultores fedem a gim velho ou *eau de vie*. Escritores e atores, a cerveja e vodca. Escritoras e atrizes, quando respiram, liberam o cheiro azedo de chardonnay barato com gelo. Podem colocar a mão sobre as bocas, mas a eructação não pode ser detida. Claro que eu poderia dizer algo. Poderia tentar esclarecer as coisas, como dizem. Uma cerveja ou meia garrafa de vinho: não me faça rir! Os pacientes iriam embora. Da mesma forma como fugiram do médico de família anterior. Um médico que, como eu, pressionou o dedo sobre o fígado deles e sentiu a mesma coisa que eu — mas que então foi em frente e lhes contou a verdade. Se você continuar assim, seu fígado vai se romper em um ano. O final é extremamente doloroso. O fígado já não consegue processar os resíduos que se espalham pelo resto do corpo. Acumulam em tornozelos, ventrículos, no branco dos olhos. O branco dos olhos primeiro fica amarelo, depois cinza. Partes do fígado morrem. A real ruptura hepática é o estágio final. Então os pacientes vão embora e vêm a mim. Alguém — um bom amigo, um colega — lhes contou sobre um clínico geral que não se preocupa demais com a quantidade de álcool que você entorna por dia. Bem, escute,

essa coisa de número máximo de doses por dia é bastante relativa, eu digo. Só se vive uma vez. Uma vida regulada é uma das maiores causas de estresse. Olhe ao redor. Já lhe ocorreu quantos artistas chegam aos oitenta ou mais, embora sempre tenham levado uma vida agitada? Eu vejo meu novo paciente começando a relaxar. Um sorriso surge no rosto dele ou dela. Eu uso nomes. Pablo Picasso, digo. Pablo Picasso sabia entornar. Mencionar o nome serve a dois propósitos. Ao colocar o nome dos meus pacientes na mesma frase com o nome de um artista de fama internacional eles se sentem como o próprio Pablo Picasso, mesmo que apenas por um momento. Eu poderia falar algo diferente. Você é um beberrão muito maior que Pablo Picasso, eu poderia dizer, acontece que você não tem um décimo do talento dele. Examinando claramente as coisas, é simplesmente desperdício. Um desperdício de álcool, quero dizer. Mas não digo isso. E não menciono os outros nomes. Os nomes dos gênios que beberam até morrer. No final da tarde do último dia de sua vida, Dylan Thomas retornou ao seu quarto no Chelsea Hotel, em Nova York. “Eu tomei dezoito doses de uísque direto, acho que isso é um recorde”, ele disse à esposa. Depois perdeu a consciência. Na autópsia, descobriu-se que o fígado dele tinha quatro vezes o tamanho normal. Não digo nada sobre Charles Bukowski, sobre Paul Gauguin, sobre Janis Joplin. O importante é *como* você vive, digo. As pessoas que aproveitam a vida duram mais que as ranzinzas que só comem plantas e bebem iogurte orgânico. Conto aos pacientes sobre os vegetarianos com distúrbios intestinais fatais, os sóbrios que morrem de parada cardíaca com vinte e tantos anos, os não fumantes militantes cujo câncer de pulmão é detectado tarde demais. Veja os países mediterrâneos, digo. As pessoas lá bebem vinho há séculos, mas tendem a ser mais saudáveis que as pessoas aqui. Há certos países e pessoas que omito propositalmente. Não falo sobre a expectativa média de vida dos russos mergulhados em vodca. Se você não está vivo, nunca irá envelhecer, digo. Sabe por que os escoceses nunca ficam gripados? Não sabe? Vou lhe contar... Alcançado esse ponto, eu praticamente garanti um novo paciente. Recito de cor uma lista de destilarias de uísque: Glenfiddich, Glencairn, Glancadam — e então chego ao momento crucial

da nossa primeira consulta: insinuo que eu mesmo, às vezes, aprecio um drinque. Por isso, sou como eles. Um deles. Não completamente, claro. Eu conheço meu lugar. Não sou um artista. Sou apenas um simples médico de família. Mas um médico de família que por acaso valoriza mais a qualidade de vida que um corpo cem por cento saudável.

Entre meus pacientes está uma ex-secretária de Estado que pesa mais de cento e trinta quilos. Uma ex-secretária de Estado na área da cultura com quem eu troco receitas. Embora não devesse estar trocando absolutamente nada com ela. Algumas vezes não consigo respirar, doutor, ela me diz, após afundar na cadeira, ofegante. Peço que desabotoe a blusa, apenas desnude a parte superior das costas, e ergo meu estetoscópio. Os sons de dentro de um corpo gordo demais não são como os de um corpo com espaço suficiente para todos os órgãos vitais. Tudo trabalha com mais esforço lá dentro. Há uma luta por espaço. Uma luta que está perdida antes mesmo de começar. A gordura está por toda parte. Os órgãos são apertados por todos os lados. Pego meu estetoscópio e escuto. Escuto os pulmões, que precisam empurrar a gordura para o lado a cada inspiração. Expire bem devagar, digo. E ouço o modo como a gordura se move para retomar seu lugar. O coração não bate, ele golpeia. Ele está fazendo hora extra. O sangue tem de ser bombeado a tempo até os pontos mais distantes do corpo. Mas as artérias também estão cercadas por gordura. Agora inspire lentamente. A gordura se move de lado um pouco quando os pulmões tentam se encher de ar, mas nunca cede realmente o território. É uma luta por milésimos de centímetro. Invisível a olho nu, a gordura está se preparando para a ofensiva final. Passo o estetoscópio para a frente do corpo. Entre os seios da ex-secretária de Estado, brilha um riacho de suor, como uma queda d'água vista a distância, uma queda d'água em algum ponto no alto de uma encosta. Tento evitar olhar para os seios. Como sempre, tenho o tipo errado de pensamentos. Não consigo evitar. Penso no marido da ex-secretária de Estado, um “dramaturgo” que passa a maior parte do ano sem trabalhar. Em quem fica por cima e quem fica por baixo. Primeiro, ele por cima. Mas ele não consegue se firmar em lugar nenhum. Ele desliza do corpo dela como quem

escorrega de um colchão de água cheio só até a metade ou de um pula-pula mal inflado. Ou ele afunda demais. Suas mãos se agarram à carne. Na verdade, ele precisa de cordas e ganchos de escalada. Isso não está funcionando, arfa a mulher, e o afasta. Agora ele está embaixo. Imagino os seios sobre seu rosto, como eles descem devagar. Primeiro há um eclipse total. A luz se apaga. Depois não há mais espaço para respirar. O “dramaturgo” grita algo, mas todo o som é abafado pelos seios. Agora eles cobrem todo o seu rosto. São quentes demais, e também estão um pouco molhados. Um mamilo roxo do tamanho de um pires lacra boca e narinas. Então, com um estalo seco, a primeira costela se parte sob o peso do corpo de cento e trinta quilos da esposa. Ela não percebe nada. Apalpa em busca do pau dele e o enfia nela. Lá embaixo é tudo tão gordo quanto o resto, então demora um pouco até ter certeza de que ele realmente está dentro dela. Enquanto isso, mais costelas cedem. Parece um prédio de dez andares prestes a desabar; o empreiteiro não prestou muita atenção na planta, os operários começam a derrubar uma parede estrutural no térreo. Inicialmente, há apenas algumas rachaduras profundas, depois toda a construção começa a se inclinar. Finalmente, o prédio desaba. Ela começa a lambear a orelha dele. É a última coisa que ele sente. E ouve. Uma língua de são-bernardo enchendo seu pavilhão auricular. Expire mais uma vez, digo. Como está seu marido? Trabalhando novamente? Poderia dizer a ela que as coisas não podem mais continuar assim. Não se trata apenas de órgãos vitais com pouco espaço. As articulações também estão sobrecarregadas. Tudo está sendo destruído. As rótulas, os ligamentos do tornozelo, os quadris. Como um sótão abarrotado jogando todo o seu peso sobre a casa. Em um declive, os freios superaquecem, o caminhão se põe em perpendicular e despenca pela mureta em direção a uma ravina. Mas abro a gaveta da escrivaninha e tiro uma receita. Um assado de lombinho de porco com ameixas e vinho tinto. É uma receita que recortei de uma revista. A ex-secretária de Estado gosta de cozinhar. Cozinhar é seu único passatempo, nada mais lhe interessa. Mais cedo ou mais tarde, vai se cozinhar até a morte. Vai morrer com a cara em uma panela.

Ralph Meier também era gordo demais, embora de um modo diferente. Um modo “mais natural”, poderia se dizer. A princípio foi difícil identificar seu verdadeiro volume. O peso extra pendia do corpo todo, como um sobretudo grande demais. Porém, na primeira consulta, eu auscultei de novo barulhos raramente ouvidos em pessoas saudáveis. Coloquei meu estetoscópio em suas costas nuas. Para começar, havia a respiração. Soava pesada e difícil, como se o ar, já bastante escasso, tivesse de ser levado à superfície de um poço profundo demais. Havia um eco audível nas batidas do coração. Um eco como o badalar de um sino. E mais abaixo, em seus intestinos, na boca do estômago, ouvi fermentação e borbulhas. Ele tinha preferência por mariscos e aves de caça, como eu testemunharia mais tarde. Pequenos pássaros — codorna, perdiz —, ele desossava as aves e as enfiava inteiras na boca. Sugava o tutano das vértebras cervicais, esmagava a medula espinhal entre os dentes para retirar os últimos sucos.

— Estou no palco toda noite — disse ele. — E, à tarde, ensaiamos uma nova peça. Não consigo acompanhar o ritmo.

Disse que um colega dele citara meu nome. Um colega que fora meu paciente por anos. Fora quem contara a ele sobre os comprimidos. Sobre como eu era fácil na hora de receitar aqueles comprimidos — benzedrina, anfetaminas, metanfetamina —, o que eu, como seu médico, achava ser o melhor para ele. Curvei-me sobre o estetoscópio. E me perguntei seriamente que destruição os comprimidos faziam naquele corpo. Benzedrina, anfetamina, metanfetamina — na verdade, nomes diferentes para a mesma coisa. A pulsação acelera, as pupilas dilatam, e também os vasos sanguíneos. Por algumas horas conseguimos retomar a velocidade máxima. De fato, você poderia me chamar de “fácil” em relação a receitar certos remédios. Isso mesmo, sou fácil. Por que alguém deveria passar metade da noite acordado quando um miligrama de lorazepam o derrubaria até meio-dia? Remédios melhoram a qualidade de vida. Tenho colegas que alertam os pacientes sobre os perigos do hábito. Eles receitam Valium, mas, quando o paciente pede uma nova receita, de repente ficam cheios de dedos. Não sou assim. Algumas pessoas precisam de um empurrão; outras só precisam pensar

menos por duas horas. A beleza desses medicamentos é sua simplicidade. Cinco miligramas de Valium realmente acalmam; menos de três miligramas de benzedrina são suficientes para fazer alguém quicar nas paredes até cinco da manhã. Alguns homens têm medo de entrar em lojas ou conversar com garotas. Mas após duas semanas de Seroxat, o paciente voltará para casa com doze camisas Hugo Boss, uma luminária de mesa Alan Setscoe e cinco calças novas da loja ponta de estoque da G-Star. Depois de três semanas, estará conversando com todas as garotas na boate. Não uma nem duas; não, todas elas. Já não se deixa perturbar por risinhos bobos ou rejeições. Não tem tempo para risinhos ou rejeições. “A noite é uma criança” é para os perdedores, para os fracassados que circulam sete horas com cervejas nas mãos e depois vão para casa sozinhos. A noite não é uma criança — se o Seroxat lhe ensinou alguma coisa, foi isso. A noite começa agora. Quanto mais cedo começar, mais irá durar. Ele tem cantadas perfeitas. Ou melhor: ele não precisa mais pensar em cantadas. Tudo o que diz soa bem. Especialmente quando você já esqueceu o que disse trinta segundos depois. Elas se destacam por causa de sua simplicidade. Você está ótima, ele diz à garota que está ótima. Existe um *senhor* Mulder?, ele pergunta à mulher que se apresenta como Esther Mulder. Nunca fui capaz de dizer frases como essa, diz o usuário de Seroxat. Na sua casa ou na minha? Seus olhos ficam mais bonitos quando você sorri. Se sairmos agora, teremos a noite toda pela frente. Posso tocar você lá, ou você vai gostar menos de mim? Após cinco minutos com você, senti como se a conhecesse desde sempre. É — ele não sabe como definir de outra forma — *libertador* dizer frases assim. Simplicidade, isso é tudo. Simplicidade é dizer a uma mulher bonita que ela é bonita. Você nunca diz: sabia que é muito bonita? A mulher bonita já sabe disso. Você sabe que é muito bonita? é algo que você só diz a uma mulher que não é atraente. Uma mulher que nunca ouviu isso antes. Sua gratidão não terá limites. Mais tarde, ela aceitará qualquer coisa: um pau sujo, não lavado, bem no rosto. Uma piroca sem banho que joga em cima dela um mês de esperma acumulado. Sobre seu umbigo, seus lábios, suas pálpebras. Esperma amarelo. Amarelo como as páginas de um livro que ninguém

queria ler, motivo pelo qual foi deixado ao sol ao lado da espreguiçadeira. Esperma imundo e sem valor que cheira a bebida láctea fermentada deixada pela metade na garrafa e enfiada no fundo de uma prateleira da geladeira para ser então esquecida. Mas, por outro lado, isso às vezes *de fato* acontece. Não, vamos colocar de outro modo; você pode estar certo de que uma mulher bonita quase nunca ouve como é bonita. Que nenhum dos outros homens na festa teve a coragem de dizer isso. Você costuma ouvir mulheres bonitas reclamando disso umas com as outras: que sua aparência é considerada normal. Como se fosse comum, como a Mona Lisa, a Acrópole ou a vista do Grand Canyon a partir do Grandview Point. Não temos palavras para descrever mulheres bonitas. Ficamos sem fala. Com a língua presa. Contornamos a beleza delas. A língua pergunta: foi a algum restaurante bom nos últimos tempos? Tem planos para o verão? A mulher bonita responde normalmente. No início, fica aliviada por estarem falando com ela. Ter alguém para conversar com ela sobre coisas cotidianas. Tão normal. Tão comum. Como se ela não fosse nada bonita, apenas uma pessoa como qualquer outra. Mas depois de um tempo, algo começa a incomodá-la. Porque isso é meio estranho. A mulher bonita usa sua beleza como um arranjo de penas na cabeça. Então é meio esquisito quando alguém continua a falar sem fazer qualquer referência ao arranjo.

Ralph Meier, por exemplo, disse “Você tem uma esposa adorável” na primeira oportunidade que teve. Estava sentado à minha frente e, pelo menos, não ficou contornando a situação. Foi durante sua segunda consulta comigo, quase uma semana depois da noite de estreia de *Ricardo II*. Simplesmente apareceu de novo, sem se anunciar, sem marcar consulta.

— Será que eu poderia falar com ele um instante? — perguntou a Liesbeth, minha secretária. — Só vai levar um minuto.

Inicialmente pensei que tinha ido buscar uma nova receita, mas os comprimidos não foram sequer mencionados nessa segunda visita.

— Eu estava no bairro mesmo — disse. — Então pensei em passar e perguntar pessoalmente.

— Ah, sim?

Tentei olhar para ele do modo mais sereno possível, mas não consegui me conter: só conseguia pensar naquela expressão no rosto dele na semana anterior, quando examinou minha esposa dos pés à cabeça.

— Vamos dar uma festa no sábado — contou. — Em nossa casa. Se o clima estiver bom, será no jardim. Queria convidar você e sua esposa.

Olhei para ele e pensei comigo mesmo. Será que ele nos convidaria se eu fosse casado com outra mulher que não Caroline? Uma mulher menos saborosa?

— Uma festa? — reagi.

— Judith e eu. Sábado. É o aniversário de vinte anos do dia em que nos conhecemos — disse, e balançou a cabeça. — Inacreditável. Vinte anos! O tempo voa.

9

— Ele não perde tempo — disse eu. — Cai matando.

Estávamos sentados à mesa da cozinha. A lava-louças estava ligada. Lisa já tinha ido para a cama; Julia estava no quarto fazendo o dever de casa. Caroline dividiu o restante do vinho entre nós.

— Deixe disso, Marc! — retrucou ela. — Ele gosta de você, só isso. Você precisa parar de procurar segundas intenções em tudo.

— Gosta de mim! Ele não gosta nada de mim. Ele gosta de *você*. Ele me disse isso, com palavras. “Você tem uma esposa adorável.” Foi como olhou para você no teatro. Do modo como um homem olha para uma mulher *adorável*. Não me faça rir!

Caroline bebeu o vinho, depois inclinou a cabeça de leve e olhou para mim. Pude ver nos seus olhos: ela achava aquilo divertido, aquela atenção inesperada do famoso ator Ralph Meier. Eu realmente não a podia culpar. Para ser bem honesto, também achava divertido. Disse a mim mesmo que ao menos era muito mais divertido do que um ator famoso nem notar sua esposa. Mas então pensei no olhar sujo dele. O olhar de predador. Não, não era tudo apenas diversão.

— Está me dizendo que ele só nos convidou para a festa porque está a fim de mim? — perguntou Caroline. — Mas isso não faz sentido. Ele nos convidou para aquela noite de estreia, não? E nunca tinha me visto antes.

Nisso ela tinha razão, tive de admitir. Ainda assim, são duas coisas diferentes, um convite para uma estreia e um convite para uma festa na casa de alguém.

— Então inverta a situação por um momento — falei. — Seu aniversário é mês que vem. Você convidaria Ralph Meier para sua festa?

— Bem... — disse Caroline, olhando para mim de forma provocadora. — Certo, não. Acho que não. Você está certo. Só estou tentando dizer que não deveria sempre esperar o pior. Talvez ele realmente goste de nós. Quer dizer,

de nós dois. Poderia ser isso, não? Eu conversei com a esposa dele por um bom tempo naquela noite. Não sei, algumas vezes você tem aquela sensação de que se conecta com alguém imediatamente? Senti isso com Judith. Quem sabe, talvez ela tenha dito a Ralph para nos convidar.

Judith. Eu mais uma vez esquecera o nome dela. A primeira vez que esqueci foi menos de um segundo depois de apertar sua mão no saguão do teatro. A segunda vez fora naquela manhã, quando Ralph Meier começara a falar sobre a festa.

Judith, eu me censurei em silêncio. *Judith*.

Vou ser honesto. Quando ela estendeu a mão e se apresentou, olhei para ela com o olhar que todo homem lança para uma mulher que entra no seu campo de visão pela primeira vez.

Você pegaria?, perguntei a mim mesmo, olhando fundo nos olhos dela. *Sim* foi a resposta.

E Judith me devolveu o olhar. Extrapolamos o limite apropriado de tempo de um contato visual por apenas uma fração de segundos. Foi como Judith e eu olhamos um para o outro. Um pouco mais demorada, para ser preciso, do que uma troca de olhares inteiramente respeitável. E enquanto eu esquecia o nome dela, ela sorriu para mim. Para ser mais exato, não foi um sorriso com os lábios, mas um sorriso com os olhos.

Sim, os olhos disseram para mim. *Eu também pegaria você*.

Respeitável não é a palavra certa. Respeitável cabe em frases que você espera nunca se pegar dizendo em voz alta. Frases como: “Achei que as coisas aqui ficariam em um nível respeitável.” Não, respeitabilidade não é algo que eu possa reivindicar. Eu olho para as mulheres desse modo porque não tenho ideia de como olhar para elas de outro modo. Pode ser muito ruim para as mulheres “agradáveis”, para as mulheres “realmente simpáticas”, mas por garantia eu nunca olho para elas por tempo demais. Não sou grosseiro, terei uma conversa animada caso seja necessário, mas minha linguagem corporal não deixa espaço para erros de interpretação. *Não pegaria você*, minha linguagem corporal escreve em minha testa com grandes letras maiúsculas. *Não quero nem pensar nisso. Não com um varapau*. Mulheres

agradáveis compensam sua falta de atração física com talentos naturais ou adquiridos em outros setores. Em reuniões com mais de cem pessoas, por exemplo, elas mesmas fazem todos os sanduíches. Ou saem e alugam chapéus de festa e máscaras para todos os convidados. Ou chegam em um triciclo de entrega trazendo mais madeira para a lareira. “Wilma é tão adorável”, dizem todos. “Que pessoa adorável! Quem mais faria algo assim? Quem mais pensaria nisso?” Wilma, claro, ou é branca demais, ou magra demais ou simplesmente nada atraente, mas, ao mesmo tempo, faz tantas coisas adoráveis devido à bondade em seu coração que ninguém consegue ser um escroto tão completo a ponto de dizer algo negativo sobre ela. No final, em um daqueles encontros com mais de cem pessoas, sempre há um homem que termina rodeando Wilma. Com frequência, literalmente. É o mesmo homem que vimos na beirada da pista de dança. Ele se movia de acordo com as pessoas que estavam dançando, mas não entrou nos limites da pista de dança. A garrafa de cerveja na mão balança no ritmo da música. Mas essa era a única coisa nele que se movia com ritmo. “Lembra-se daquele cara?”, as pessoas se perguntam depois. “Aquele cara na festa? Sabia que ele e Wilma...” A partir de então é aquele cara que compra os duzentos pãezinhos de trigo integral na padaria e corta madeira para a lareira. Wilma tira uma folga depois de anos sendo “adorável”. E quem pode culpá-la? Depois vêm os filhos. Normalmente crianças sem graça. Muito talentosas e com problemas sociais. Crianças que realmente *gostam* de ir à escola. Que pulam alguns anos, mas sempre são as perseguidas. Mais tarde, quando os únicos empregos que conseguem encontrar são movimentando estrume em estábulos para um produtor de laticínios orgânicos, é basicamente culpa da sociedade. Enquanto isso, os amigos de Wilma ficam pensando no que ela poderia ter visto naquele cara com as habilidades motoras de um prendedor de roupas. Mas eles entendem. O que exatamente eles entendem, nunca dizem a Wilma. Mas dizem uns aos outros. “Quer dizer, é realmente legal para ela enfim ter *alguém*. Pode soar bizarro, mas de algum modo estranho, eles realmente combinam bastante.”

Pegaria essa? Durante meu tempo na faculdade de medicina, sempre perguntávamos isso uns aos outros na aula de autópsia. Sempre que um cadáver fresco era colocado na mesa de dissecação. Uma vez podia ser um velho emaciado que tinha doado seu corpo para a ciência; na outra, uma vítima de trânsito em cujo bolso interno fora encontrado um cartão de doador. Era nosso modo de reduzir a tensão. A tensão que precede cortar um ser humano. “Você pegaria?”, sussurrávamos uns para os outros sem que o professor ouvisse. Mencionávamos valores: “Por cem mil? Por um milhão? Não? E cinco milhões?”

E mesmo então já estávamos dividindo os cadáveres em categorias. “Ok” significava simplesmente feio; “atraente” era alguém com um rosto amistoso ou bonito, mas era melhor nem olhar para ver o que tinha embaixo; “boa aparência” significava que tínhamos nada menos que uma modelo deitada na mesa. O tipo de corpo que fazia você lamentar estar tão frio e não poder mais se mover.

Caroline olhou para mim.

— Do que você está rindo? Uma de suas piadas secretas, imagino?

Eu balancei a cabeça.

— Não — falei. — Apenas pensando em Judith. E em Ralph. No modo como ele olhou para você. Que ela provavelmente não faz ideia da bomba que vai ser acionada em seu aniversário de vinte anos quando você entrar na casa deles.

— Marc! Eu não vou arruinar a festa de aniversário deles.

— Não, eu sei que não vai. Mas tem de me prometer uma coisa: que não vai sair do meu lado o tempo todo.

Caroline não conseguiu conter o riso.

— Ah, Marc! É maravilhoso ter um marido como você. Um marido que me vigia. Que me protege.

Foi então a minha vez de inclinar a cabeça para o lado e olhar para ela, provocando.

— Então, o que você vai vestir? — perguntei.

10

Qualquer pai preferiria ter um filho a uma filha. Na verdade, qualquer mãe também. Nossas aulas de biologia médica eram dadas pelo professor Herzl. Em nosso primeiro ano na faculdade de medicina, ele nos ensinou sobre o instinto.

— O instinto não pode ser eliminado — disse ele. — Anos de civilização podem tornar o instinto invisível. Cultura, lei e ordem nos forçam a controlar nosso instinto. Mas ele nunca se ausenta. Está apenas esperando para nos atacar assim que a atenção fraqueja.

Professor Aaron Herzl. Esse nome talvez soe levemente familiar a você: de fato, era o mesmo Aaron Herzl que mais tarde foi expulso da universidade por causa de seus estudos sobre o cérebro criminoso. As conclusões apresentadas pela pesquisa de Herzl se tornaram amplamente aceitas hoje, mas na época — em meus anos de faculdade de medicina — opiniões assim só podiam ser sussurradas. Era um tempo em que as pessoas ainda acreditavam no bem que havia na humanidade. O bem em todo ser humano. A opinião da moda na época era de que uma pessoa ruim era passível de melhorias. Todas as pessoas ruins.

— Na verdade, “olho por olho, dente por dente” é muito mais próximo da natureza humana do que ousamos admitir publicamente — ensinava Herzl. — Você mata o assassino do seu irmão, castra com uma faca de açougueiro o homem que estuprou sua esposa, corta as mãos do ladrão que invadiu sua casa. Com frequência, o sistema judicial gera apenas intermináveis atrasos antes de chegar aos mesmos veredictos. Morto. Fim. Nunca queremos ver os assassinos e estupradores de novo na rua. Quando o pai morre, o filho assume. Ele persegue os invasores e mata os bárbaros que tentam estuprar sua mãe e suas irmãs. Quando uma criança nasce, não apenas o pai, mas também a mãe, dá um suspiro de alívio ao ver que o primogênito é menino. São fatos que dois mil anos de civilização não conseguem simplesmente

erradicar. Dois mil anos? O que estou dizendo? Esse foi o status quo até pouco tempo atrás. Há vinte, talvez trinta anos, no máximo. É importante que não esqueçamos de onde viemos. Homens doces, gentis, de *bom coração*, tudo muito bom. Mas esse é um luxo que a pessoa precisa conquistar. Em um campo de concentração, homens doces e gentis não são bons para ninguém.

Deixe-me ser absolutamente claro quanto a isso. Eu amo minhas filhas. Mais que qualquer coisa e qualquer um neste mundo. Estou apenas sendo franco. Eu queria um filho. Um desejo tão profundo que quase dói. Um filho. Um menino. Pensei no instinto humano enquanto cortava o cordão umbilical. Julia. Desde o dia em que nasceu, ela se tornou a coisa mais querida no mundo para mim. Minha garotinha. Foi amor à primeira vista. O tipo de amor que leva lágrimas aos olhos. Mas o instinto era mais forte. Mais sorte da próxima vez, sussurrou meu instinto. Em um ou dois anos você vai ter outra chance. Quando Lisa nasceu, foi o fim. Conversamos sobre isso algumas vezes, ter um terceiro filho, mas minha curiosidade sobre ter mais uma filha era apenas teórica. As coisas são do jeito que são. A chance de ter uma terceira filha era cem vezes maior do que a de ter um filho. Um homem com três filhas ou mais tende a ser motivo de riso.

Era hora de encarar os fatos. Aprender a conviver com eles. Comecei a fazer uma lista de vantagens e desvantagens, comparando-as enquanto prosseguia. Do modo como fazem para decidir entre se mudar para o campo ou continuar na cidade grande. No campo, você vê mais estrelas, é mais silencioso, o ar é mais limpo. Na cidade, você tem tudo de que precisa ao alcance da mão. É mais barulhento, verdade, mas você não precisa dirigir oito quilômetros para comprar um jornal. Há cinemas e restaurantes. No campo, há mais insetos, na cidade, mais bondes e táxis. Eu provavelmente não preciso explicar a você que na minha equação o campo era uma garota e a cidade era um menino. As pessoas que vivem no campo precisam se esforçar muito para apresentar as vantagens, principalmente quando são, na verdade, desvantagens. Uma hora de carro e estou na cidade, diz o morador

da área rural. Posso assistir a um filme lá, comer fora, mas sempre fico muito aliviado de voltar para a paz, o silêncio e a natureza.

Uma hora para ir e uma hora para voltar: não conheço melhor metáfora para a distância entre ter uma filha e ter um filho. Depois que Lisa nasceu, eu me resignei à vida no campo. Decidi aceitar as desvantagens e, acima de tudo, desfrutar das vantagens. Meninas são menos descuidadas. São mais doces. O quarto de uma menina cheira melhor que o de um menino. Você precisa cuidar mais das meninas, pelo resto da vida. Para uma menina, o toque de recolher depois de uma festa da escola é muito mais cedo do que o dos meninos. Entre escola e casa, há um labirinto de ciclovias mal iluminadas. Por outro lado, todas as meninas amam seus pais. A eterna batalha por espaço é travada com as mães. Para Caroline, era difícil, às vezes.

— Alguém pode por favor me dizer o que está acontecendo? — gritava ela, exasperada, quando Julia batia a porta do quarto na sua cara novamente. — E você está rindo de quê? — perguntava para Lisa, enquanto a garota olhava para o teto e piscava para mim. — Você nunca faz nada errado, não é mesmo? — falava para mim. — O que estou fazendo de errado? O que você faz que eu não faço?

— Eu sou o pai delas — respondia sempre.

* * *

— Mas o que ele faz de verdade, pai? — perguntou Lisa enquanto estacionávamos o carro a algumas ruas de distância da casa de Ralph Meier.

Tínhamos passado direto, ao longo de uma sebe, depois pelos arbustos que cercavam um jardim em um dos bairros mais tranquilos e exclusivos da nossa cidade. Através dos arbustos, era possível ver os convidados com copos e pratos de comida. Havia fumaça, provavelmente de um churrasco: pelas janelas abertas do carro sentimos um leve aroma de carne grelhada.

— As pessoas o conhecem principalmente como ator de teatro — expliquei. — Não costuma aparecer na televisão com frequência.

Para Lisa, um ator famoso atuava em *filmes*, ou, no mínimo, em uma novela. Um ator provavelmente também era jovem, nunca mais velho que Brad Pitt. Não alguém da idade de Ralph Meier, dando uma festa por ter permanecido casado com a mesma mulher por vinte anos.

— Alguém consegue ficar famoso atuando em peças? — perguntou ela, atônita.

— Lisa! Não seja idiota! Claro que pode — disse Julia.

Ela estava com os fones do iPod, mas aparentemente isso não a impedia de acompanhar a conversa.

— Perguntar não ofende, não é? — retrucou Lisa. — Isso é possível, pai? É possível ficar famoso atuando em peças?

Originalmente esse não era o plano, levar as duas garotas à festa de Ralph Meier. Mas era sábado à tarde, então perguntamos se queriam ir. De início nenhuma delas reagiu com muito entusiasmo. Mas, para nossa surpresa, meia hora antes de sairmos, anunciaram que iriam.

— Por quê? Não precisam ir, vocês sabem — falei. — E mamãe e eu estaremos de volta em algumas horas.

— Julia falou que pode haver pessoas famosas lá — disse Lisa.

Eu olhei para Julia.

— Bem, o que está olhando? É possível, não é? — falou Julia.

Depois de trancarmos o carro, enquanto passávamos pelos arbustos e pela sebe para chegar à porta da frente, tentei formular uma resposta para a pergunta da minha filha mais nova. Sim, pensei comigo mesmo, ainda era possível ficar famoso atuando em peças, mas era um tipo de fama diferente daquele de cinquenta anos antes. Haviam sido feitas várias tentativas de levar o talento de Ralph Meier para as telas — com graus de sucesso muito variados. Lembro da série policial que foi encerrada após apenas oito episódios, e a gravidade com que Ralph Meier tinha enunciado a fala “Diga isso a eles na delegacia, parceiro!” — uma gravidade que provocou apenas risos. Seu papel como combatente da resistência em *A ponte sobre o Reno*, o longa-metragem holandês mais caro já produzido, também não foi exatamente um sucesso. O que eu mais lembrava do filme era o ataque ao

escritório de registros em Arnhem, e a fala “Devíamos pegar aquela piranha nazista e meter uma bala na cabeça dela!”. Ralph Meier tentara parecer raivoso dizendo isso, mas sua expressão era principalmente de desorientação. Era difícil para as pessoas aceitarem um herói da resistência que pesasse mais de cem quilos, então Ralph Meier fizera dieta. Dava para ver que ele perdera bastante peso, mas isso não deixara seu corpo mais esguio, no máximo apenas mais murcho. Meia hora antes do final do filme, quando ele encarava o pelotão de fuzilamento, a expressão em seu rosto era principalmente de alívio. Provavelmente estava contente por tudo ter terminado, e ele enfim poder ir ao bufê pegar um sanduíche.

— Muitas pessoas ainda vão ao teatro — disse eu. — Para elas, Ralph Meier é famoso.

Lisa virou o rosto na minha direção e deu seu sorriso mais doce.

— Aham, está bem, pai.

11

Há momentos em que você repassa sua vida para ver se consegue identificar um ponto em que tudo poderia ter tomado um rumo diferente. Você diz *Aqui está!* e *Olhe ali...* É quando eu digo que estamos planejando passar as férias de verão mais ou menos pelas redondezas e que (Claro. É. Por que não? Quem sabe?) seria uma boa ideia aproveitar para visitá-los. Foi quando estávamos nos despedindo, bem no final do dia, algum tempo depois de escurecer, que Ralph e Judith mencionaram a casa de veraneio pela primeira vez.

Você congela a cena, depois retorna quadro a quadro. Aqui Judith está lançando os braços ao redor de Caroline e dando dois beijos nas bochechas.

— Ficaremos lá de meados de julho a meados de agosto — diz ela. — Então, se os quatro estiverem na área...

Um pouco antes, vê Ralph Meier rindo de alguma piada que você não consegue nem ouvir nem lembrar.

— Estamos alugando uma casa este verão — diz ele. — Uma casa com piscina, perto da praia. Se vocês quiserem, é só aparecer. Tem muito espaço lá — diz ele, e dá um tapinha nas suas costas. — E aposto que Alex também não se importaria.

Ele pisca e olha para a minha filha mais velha. Para Julia. Mas Julia dá as costas a nós e finge não ter ouvido.

Alex era o filho mais velho dele. Eu estava ali quando Alex e Julia foram apresentados. Ainda estávamos no corredor, tendo acabado de passar pela porta. Não é algo que você veja com frequência, e exatamente por isso você reconhece de imediato quando é real. A fagulha. A fagulha que surge no espaço entre os dois pontos.

— Vocês gostariam, meninas? — perguntou Caroline no carro na volta para casa. — De dar uma passada e visitá-los nas férias?

Não houve resposta do banco de trás. Vi, pelo retrovisor, Julia olhando sonhadora pela janela. Lisa estava com os fones do mp3.

— Julia? Lisa? — chamou Caroline, se virando e colocando o braço sobre o encosto de cabeça. — Eu fiz uma pergunta.

— É — disse Julia. — O que foi?

Minha esposa suspirou.

— Perguntei se vocês gostariam de ir visitá-los nas férias de verão.

— Pode ser — respondeu Julia.

— Ah... Achei que você tinha gostado do filho deles. Não vimos você a maior parte da tarde e da noite.

— Mãe...

— Certo, desculpe. Só achei que você poderia gostar de vê-lo novamente. Nas férias.

— Pode ser — disse Julia.

— E quanto a você, Lisa? — perguntou minha esposa. Quase teve de gritar para fazer Lisa tirar os fones. — Você gostaria de visitá-los nas férias de verão? Eles estão alugando uma casa perto da praia. Uma casa com piscina.

Lisa acompanhara o irmão caçula de Alex e alguns outros garotos até um canto da sala de estar, onde ficaram assistindo a DVDs e brincando com o PlayStation em uma enorme tela de plasma na parede. Thomas! Extraordinário que eu consiga lembrar do nome dele imediatamente. Thomas. Alex e Thomas. Thomas parecia ter a mesma idade de Lisa, mas Alex provavelmente era cerca de um ano mais velho que Julia. Catorze ou quinze. Era um garoto de boa aparência, com cabelos louros cacheados e uma voz bastante grave para a idade. Em todos os seus movimentos, no modo como andava e na maneira como virava a cabeça para olhar para você, havia um tipo de languidez proposital, como se ele estivesse tentando interpretar uma visão mais indolente e lenta de si mesmo. Thomas era mais o tipo TDAH: agitado, barulhento. Copos e tigelas de batatas fritas eram regularmente derrubados no canto junto à tela de plasma, e as outras crianças gargalhavam de suas piadas.

— É, piscina — disse Lisa.

* * *

Eu passara os primeiros minutos após nossa chegada na casa de Ralph andando sem direção pela sala de estar e a cozinha, depois saíra para o jardim. Havia muitas pessoas que eu reconhecia vagamente, sem saber por quê. Alguns de meus pacientes também estavam lá. A maioria deles provavelmente me via pela primeira vez em meu estado natural, com roupas normais e com os cabelos com gel, o que explicava por que olhavam para mim como se também me reconhecessem vagamente, mas não ligassem o nome à pessoa. Não fiz nenhum esforço para ajudá-los. Simplesmente cumprimentei com a cabeça e segui em frente.

Ralph estava de pé junto à churrasqueira, usando um avental que dizia I LOVE NY. Espetava salsichas, virava hambúrgueres e colocava asas de frango em uma travessa.

— Marc! — disse ele, se curvando, enfiando o braço em um isopor azul e tirando uma lata de Jupiler de meio litro. — E sua esposa? Você trouxe sua adorável esposa, espero.

Ele me deu a lata de cerveja gelada. Olhei para ele. Não consegui me conter: tive de rir.

— O que é tão engraçado? — perguntou. — Não vai me dizer que você convenceu a pobre garota a deixá-lo vir sozinho?

Olhei ao redor do jardim, como se tentasse encontrar Caroline. Mas estava procurando outra pessoa. E a achei quase imediatamente. Estava de pé ao lado das portas de vidro deslizantes pelas quais eu passara alguns minutos antes.

Ela também me viu. Acenou.

— Vou ver o que ela está fazendo — disse eu.

* * *

Antes de continuar, preciso dizer algo sobre minha aparência. Não sou nenhum George Clooney. Meu rosto não me daria um papel secundário em uma série sobre hospitais. Mas tenho um charme ou, mais precisamente, um olhar. O olhar comum a todos os médicos, altos ou baixos. Um olhar, e não sei de que outra forma definir, que *despe*. Um olhar que vê o corpo humano como ele é. *Esse seu corpo não tem segredos para nós*, diz nosso olhar. *Você pode coloca roupas sobre ele, mas por baixo delas você está nu*. É desse jeito que olhamos para as pessoas. Nem tanto como pacientes, mas como os habitantes temporários de um corpo que, sem manutenção periódica, pode simplesmente quebrar.

Eu estava de pé com Judith diante das portas de vidro. A música dentro de casa saía murmurando para o jardim. Algo sul-americano: salsa. Mas ninguém dançava. Havia pequenos grupos de pé conversando. Não chamávamos atenção, Judith e eu. Também éramos um pequeno grupo.

— Há quanto tempo moram aqui? — perguntei.

Ambos segurávamos pratos de plástico, que tínhamos acabado de encher no bufê da sala de estar. Eu pegara principalmente frios, queijo francês e coisas com maionese, e ela tinha mais tomates, atum e algo verde-acinzentado que parecia folhas de alcachofra, mas provavelmente não era.

— Era dos meus pais — disse Judith. — Ralph e eu moramos em um barco por alguns anos. Era engraçado, romântico, como queira chamar, mas, quando os garotos nasceram, se tornou apenas pequeno e apertado. Além de toda a água ao redor com crianças pequenas. Estávamos prontos para outra coisa. Totalmente cansados de balançar para cima e para baixo naquela casa flutuante.

Estritamente dizendo, ela não tinha falado nada engraçado, mas ri mesmo assim. Eu sabia, por experiência própria, que era assim que funcionava: quanto mais cedo você sorrisse durante uma conversa com uma mulher, melhor. Elas não estão acostumadas a isso, as mulheres, a fazer as pessoas rirem. Não se consideram engraçadas. Normalmente estão certas.

— E seus pais...? — falei.

Deixei a pergunta pairando no ar, e ao mesmo tempo descrevi um pequeno círculo acima do meu prato com o garfo de plástico. *Talheres pousados no prato*: só poderia significar que eu perguntava se seus pais ainda estavam entre nós. Entre os vivos.

— Meu pai morreu há alguns anos. Minha mãe achou que a casa era grande demais para ela, então se mudou para um apartamento no centro. Tenho um irmão que mora no Canadá. Ele não se importou que ficássemos com a casa.

— E isso lhe parece estranho? — perguntei, fazendo um gesto mais amplo com o garfo. *Fora do prato*. — É estranho morar na casa onde você foi criada? Quer dizer, deve ser como voltar no tempo. Quando você era menina.

Baixei um pouco o olhar quando disse a palavra “menina”. Para olhar para a sua boca. Sua boca, mastigando uma folha de alface. Olhei de modo evidente, do modo como um homem olharia para a boca de uma mulher. Mas também como um médico o faz. Com o olhar. *Não me fale sobre bocas*, dizia o olhar. *As bocas também não têm segredos para nós*.

— No início, foi — respondeu Judith. — No início foi meio esquisito. Era como se meus pais ainda morassem aqui. Eu não ficaria surpresa de esbarrar com eles em algum cômodo: no banheiro, na cozinha, aqui no jardim. Na verdade, mais meu pai que minha mãe. Quer dizer, minha mãe vem aqui o tempo todo, claro, então é diferente. Mas reformamos o lugar bem rápido. Derrubamos algumas paredes, juntamos alguns cômodos, instalamos uma cozinha nova, esse tipo de coisa. E aí a sensação desapareceu. Ainda assim, nunca por completo.

A boca é um mecanismo. Um instrumento. A boca inala oxigênio. Mastiga comida e a engole. Prova, sente se algo está quente ou frio demais. Àquela altura, eu estava olhando Judith nos olhos novamente. E continuei a olhar enquanto pensava essas coisas sobre sua boca. Um olhar diz mais que apenas palavras. Isso é um clichê, claro. Mas um clichê também diz mais que apenas palavras.

— E o seu quarto? — perguntei. — Quero dizer, seu antigo quarto, de quando era menina? Também derrubou as paredes?

Quando disse as palavras “o seu quarto”, semicerrei os olhos e os ergui em direção aos andares superiores da casa. Era um convite. Um convite para que ela me mostrasse seu antigo quarto. Imediatamente ou mais tarde. No seu antigo quarto olharíamos juntos as fotografias. Velhas fotografias, enfiadas em um álbum de fotos. Sentados na beirada da cama de solteiro que havia sido dela quando menina. Judith no balanço. Em uma piscina. Posando no pátio para o fotógrafo da escola com os colegas de turma. No momento certo, eu tiraria o álbum de fotos de suas mãos e a deitaria gentilmente na cama. Ela iria resistir, mas apenas para manter as aparências. Com um risinho, colocaria as duas mãos no meu peito e tentaria me afastar. Mas a fantasia sairia vencedora. Era uma fantasia antiga, tão antiga quanto o próprio quarto de menina. O médico faz um atendimento em casa. O médico tira sua temperatura. O médico coloca a mão em sua testa. O médico manda embora os pais preocupados e permanece sentado por um momento na beirada da cama.

— Não — disse Judith. — Meu antigo quarto agora é de Thomas. Ele mesmo pintou as paredes. Vermelho e preto. E, bem, se você realmente quer saber: as paredes eram pintadas de roxo e rosa.

— E você tinha uma cama cheia de travesseiros rosa e roxos e bichos de pelúcia. E um pôster de... — falei, e fiz uma aposta; um astro do rock ou do cinema era arriscado demais, datado demais. — Um bebê foca. Um lindo bebezinho foca.

Além de minha aparência, eu também deveria dizer algo agora sobre meu caráter. Eu sou mais encantador que a maioria dos homens. Naquelas listas de características masculinas cruciais que você vê em revistas femininas, a maioria das mulheres vota em “senso de humor”. Eu costumava achar isso uma mentira. Uma mentira para encobrir o fato de que, no final das contas, elas sempre escolheriam George Clooney ou Brad Pitt primeiro. Mas agora já aprendi. Por “senso de humor”, as mulheres não querem dizer que esperam gargalhar o tempo todo com as piadas de algum cretino. Elas

querem dizer outra coisa. Querem dizer que um homem deve ser “encantador”. Não engraçado; encantador. No fundo do coração, todas as mulheres têm medo de que, a longo prazo, ficarão entediadas com os homens extremamente bonitos. Que esses homens passem tanto tempo diante do espelho que saibam quão belos são. Que não precisem fazer nenhum esforço de verdade. Mulheres à disposição. Mas pouco depois da lua de mel, eles não têm mais coisas a dizer. O tédio se aproxima. E é cansativo passar o dia todo com um homem que só admira a si mesmo no espelho. Entra dia, sai dia. O tempo se torna uma longa estrada reta por uma paisagem bonita, mas tediosa. Uma paisagem imutável.

— Você é um amor — disse Judith.

— Um cavalo. Não, um pônei. Você lê livros sobre cavalos.

— Sim, às vezes eu leio livros sobre cavalos. Mas não havia um cavalo naquele pôster. Nem um pônei.

— Papai...

Senti uma mão em meu cotovelo e me virei para ver. Lá estava Julia com o garoto lânguido que apertara minha mão mais cedo e que eu já havia esquecido que se chamava Alex. Ligeiramente atrás deles estavam dois outros garotos e duas garotas.

— Podemos sair para tomar sorvete? — perguntou ela. — É bem perto.

Em termos de oportunidade, era um bom e um mau momento. Havia a chance de que o tom levemente lascivo de nossa conversa superficialmente inocente sobre quartos da infância, pôsteres de bebês foca e livros de cavalo se perdesse. Por outro lado, ali estava eu com minha filha de treze anos, prova viva de que aquele homem encantador — eu — era capaz de gerar uma filha. E não qualquer filha, mas uma loura de olhos sonhadores que produzia uma explosão de hormônios em garotos de quinze anos no instante em que a viam. Não vou tentar negar: tenho prazer de estar com minhas filhas em lugares onde todos podem nos ver juntos. Em um café com mesas na calçada, em uma loja de departamentos, na praia. As pessoas olham. Eu as *vejo* olhando. E também sei o que estão pensando. *Jesus Cristo, como são bonitas aquelas crianças! Como são adoráveis!* No instante seguinte, elas

pensam em seus próprios filhos. Seus filhos que não são tão bonitos. Sentem inveja. Eu sinto seus olhares rancorosos. Começam a procurar defeitos: dentes que não são totalmente alinhados, um problema de pele, uma voz esganiçada. Mas não conseguem encontrar nenhum. Então sentem raiva. Sentem raiva do pai que teve mais sorte. A biologia é uma força poderosa. Uma criança feia é uma criança que você também ama com todo o coração e toda a alma. Mas é diferente. Você também está contente com seu apartamento no terceiro andar de um prédio sem elevador, até alguém o convidar para jantar em uma casa com piscina no jardim.

— Onde? — pergunto com toda calma possível. — Onde vão tomar sorvete?

Eu olho para o garoto letárgico da maneira como todos os pais olham para garotos que querem tomar sorvete com suas filhas. Se você colocar um dedo nela, estará morto. Por outro lado, também há uma voz que sussurra que você precisa deixá-la ir. Há um ponto no qual o pai protetor precisa recuar, no interesse da preservação da espécie. Isso também é biologia.

— É perto mesmo — diz Judith. — Só é preciso atravessar uma rua movimentada para chegar lá, mas há um semáforo.

Olhei para ela. Lutei contra a ânsia de dizer: “Minha filha tem treze anos, minha querida, ela já vai de bicicleta sozinha para a escola.” Fingi que ainda estava me decidindo. Ceder. Um pai legal, preocupado. Mas, acima de tudo, um pai divertido.

— Certo — disse, me virando para o garoto. — Apenas tome cuidado e traga ela de volta inteira e sem nenhum arranhão.

E, então, estávamos sozinhos novamente, Judith e eu. Mas, de fato, o momento passara. Seria um erro tentar levar a conversa de volta a pôsteres de foca e livros de cavalo. Ao quarto adolescente. Como homem, isso me delataria imediatamente. Aparentemente ele ficou sem assunto, pensa a mulher, e inventa uma desculpa para ir embora. “Ah, desculpe, deixei um bolo no forno.”

Olhei para ela. Sustentei o olhar; assim é melhor. Eu tinha visto como Judith olhara para minha filha. Seu olhar também era tão antigo quanto o

próprio mundo. Um bom partido, seus olhos disseram. Um bom partido para meu filho. E naquele momento olhávamos um para o outro. Procurei as palavras certas, mas meus olhos já tinham dito. Judith não precisava sentir inveja ou raiva de mim. O filho dela também se saíra bem. Ele também era um bom partido. Ao deixar Julia ir com ele tão facilmente, eu apenas confirmara o que todos podiam ver com os próprios olhos. Noventa por cento das mulheres acham um homem casado mais atraente que um solteiro, nos ensinou na época meu professor de biologia médica, Aaron Herzl. Um homem que já tem alguém. Um homem que seja casado, preferivelmente com filhos, que já apresentou provas. Ele pode fazer isso. Homens solteiros à solta são como uma casa que ficou tempo demais vazia. Deve haver algo suspeito naquela casa, pensa a mulher. À venda há seis meses e ainda vazia.

Foi o modo como Judith olhou para mim no momento. Como um homem casado. A mensagem era clara. Nossos filhos eram ótimos. Nós, independentemente, tínhamos melhorado a espécie trazendo ao mundo filhos bem-acabados que tinham sólido valor de mercado. Nossos filhos nunca ficariam vagos.

— Ele tem namorada? — perguntei.

De repente, surgiu um rubor nas faces de Judith. Ela não ficou vermelho-brilhante, mas foi inconfundivelmente um rubor.

— Alex? Não.

Parecia que ela iria dizer algo mais, mas se conteve a tempo. Olhamos um para o outro. Estávamos pensando a mesma coisa.

12

Quando Julia e Lisa eram mais jovens, nós às vezes íamos acampar. Mas paramos. A iniciativa era principalmente de Caroline; ela acampava muito antes de nos conhecermos. E eu não queria desapontá-la. Quando sua esposa adora ópera ou balé, você vai junto à ópera ou ao balé, simples assim. Caroline adorava dormir em uma barraca. Então também tentei dormir em uma barraca. Mas na maior parte do tempo eu permanecia acordado. Não era tanto a ideia de estar ao ar livre — *desprotegido* e ao ar livre, separado do mundo apenas por um pedaço de lona — que me fazia ficar deitado de olhos arregalados encarando a escuridão. E não era a chuva na lona, o trovão que parecia explodir dentro de seu pavilhão auricular ou o cheiro de vestiário quando você acordava tarde demais e o sol ficara assolando a lona por horas. Não, não eram essas as coisas que me mantinham acordado. Eram *os outros*: os humanos que estavam logo do outro lado do tecido fino na barraca. Eu ficava acordado e ouvia coisas. Barulhos que você não *quer* ouvir outras pessoas fazendo. Não era a barraca que produzia minha insônia, mas o lugar onde ela estava montada: em um camping, em meio a outras barracas.

Certa manhã, algo aconteceu. Eu estava sentado em uma cadeira baixa dobrável em frente à barraca, as pernas esticadas na grama. Julia pedalava seu velocípede de um lado para outro ao longo do caminho para os banheiros. A alguns metros, à sombra de uma castanheira, Lisa brincava em seu cercadinho dobrável. Julia gritou “Papai, papai!” e acenou. Acenei de volta. Caroline fora à loja do camping comprar leite — naquela manhã, tínhamos encontrado duas moscas varejeiras flutuando no resto de leite do dia anterior.

Um homem descia o caminho. Vestia um short vermelho. Não um short normal ou uma bermuda, mas um tipo que expunha suas pernas brancas quase até a virilha. A cada passo, as sandálias ortopédicas que o homem calçava batiam com audível prazer nas solas dos seus pés igualmente brancas

como a neve. Ele levava na mão direita, explicitamente, para que todos vissem, um rolo de papel higiênico.

Foi um sentimento, nada mais. Uma repulsa. Senti repulsa pelo fato de que aquele homem pudesse estar caminhando a poucos passos de minha filha e seu velocípede. Vi Julia parar de pedalar por um momento e erguer os olhos para ele. Isso tornou tudo ainda mais repulsivo. A ideia de que os olhos com menos de três anos de idade de minha filha estavam vendo a exposição daquele corpo humano branco demais. Foi, não sei como definir melhor, uma *conspuração*. O homem estava conspurcando nossa vista com suas pernas nuas, suas sandálias de sola de madeira e seus pés brancos repulsivos. Diante de minha filha.

Eu me levantei de minha cadeira dobrável, com alguma dificuldade, e o segui em direção ao toalete, sem ter ideia do que iria fazer.

— Não saia dessa trilha, querida — disse eu a Julia ao passar.

Dei uma espiada em Lisa no cercado e entrei na construção. Logo encontrei o que estava procurando. Só tive de seguir o barulho. Individualmente, os reservados eram do tipo com um grande espaço entre o chão e a base da porta. Em conjunto, eles dividiam o mesmo espaço público na parte de cima, pois não tinham teto. Se alguém subisse sobre o vaso sanitário de um deles poderia espiar o interior do reservado vizinho. Primeiro fiquei de cócoras, depois me ajoelhei. O short vermelho do homem estava nos tornozelos. Vi os pés nas sandálias de solas de madeira, os dedos pálidos desproporcionalmente grandes. A unha em um dos dedões tinha um tom amarelado, como a da ponta dos dedos de um fumante. Mancha de nicotina. Respirei fundo. Havia tratamentos para unhas assim, eu sabia; não havia razão para andar por aí daquela forma. Por outro lado, algumas vezes esses tratamentos não faziam efeito. Mas qualquer um com um mínimo de decência pouparia os companheiros humanos daquela visão. Só um merdalhão, um merdalhão *repulsivo* e idiota, sem qualquer sentimento pelo próximo, deixaria seus pés doentes descobertos. Qualquer um que chamasse ainda mais atenção para eles calçando sandálias que estalavam ao caminhar

perdera todo o direito à clemência — à misericórdia de uma anestesia em um procedimento de emergência.

Eu ainda estava de joelhos diante do reservado. Olhava com os olhos de um médico. Pensei no que eu precisava fazer. Unhas dos pés como aquela não eram muito resistentes, eu sabia; elas se soltam facilmente assim que você consegue colocar algo debaixo delas: uma pinça, cotonetes, um palito de picolé usado, não faz diferença, mal precisa aplicar pressão. Olhei para o dedão e sua unha condenada. Não havia mais como parar. Pensei em um martelo. Não o martelo que Caroline e eu tínhamos usado para fincar as estacas da barraca no chão. Aquele era um martelo macio. Um martelo que *cedia*. Você não podia causar muito dano com um martelo de borracha arredondado como aquele. Não, era necessário um martelo de verdade. Um martelo de ferro que pulverizasse aquela frágil unha com um golpe certo. Que a partisse em mil pedaços. Havia tecido mais macio embaixo, eu sabia. Seria um banho de sangue. Pedacos de unha voariam em todas as direções, batendo nas paredes e na porta do reservado, como tártaro sendo dissolvido sob a broca de um dentista. Tudo ficou embaçado. *Vermelho de raiva*, as pessoas costumam dizer, mas minha raiva é cinza: o cinza de uma rajada de chuva ou de uma névoa repentina. Eu poderia agarrar o homem pelos tornozelos e puxá-lo por sob a porta. Mas ainda não tinha um martelo.

— Merda...

Tudo ficou imóvel por um momento, e precisamente porque estava consciente do silêncio, me dei conta de que fora eu quem acabara de xingar em voz alta.

— Oi? — soou uma voz de homem. — Tem alguém aí?

Um compatriota. Um holandês. Eu deveria saber. Mas na verdade, claro, eu já sabia desde o começo: desde o momento em que ele entrara no meu campo de visão com o rolo de papel higiênico debaixo do braço.

— Perverso! — xinguei.

Vi as mãos do homem pegando o short e começando a erguê-lo. Me levantei.

— Porco sujo. Devia ter vergonha. Há crianças neste camping. Elas também têm de olhar para a sua sujeira.

Do outro lado da porta, veio apenas silêncio. Ele provavelmente estava tentando decidir se saía ou não, ou se seria mais sábio permanecer onde estava até que eu tivesse ido embora. No final, foi o que fiz. Quando saí para o sol, pisquei — vi imediatamente que havia algo errado. Vi nossa barraca, vi o cercadinho sob a árvore com Lisa nele, mas Julia e seu triciclo não estavam em parte alguma.

— Julia? — gritei. — Julia?

Eu conhecia aquela sensação, já tinha perdido minha filha mais velha uma vez. Em um parque de diversões. Eu fingira estar calmo, tentara fazer minha voz sair normal, mas dentro do peito o baque frio do pânico já soava muito mais alto que a música do carrossel e os gritos das pessoas na montanha-russa.

— Julia!

Desci a trilha até o ponto em que ela fazia uma curva e desaparecia atrás de uma sebe alta. Atrás da sebe, havia outra área com barracas.

— Julia?

Em frente a uma pequena barraca azul, duas mulheres agachadas na grama lavavam pratos na bacia diante delas. Pararam por um momento e me lançaram um olhar inquisitivo, mas a essa altura eu já tinha me virado. Vindo do lado esquerdo da trilha, alguns metros abaixo, podia ouvir o rumor do riacho onde costumávamos nadar de tarde.

— Julia?

Torci o tornozelo tropeçando em uma grande pedra redonda. Um galho espinhento cortou minha bochecha logo abaixo do olho. Em três passos cambaleantes, quatro no máximo, cheguei à margem.

O triciclo estava em uma espécie de enseada rasa, a roda dianteira na água.

Comecei a correr pela água, escorreguei e despenquei de costas no leito rochoso do riacho, em meio a uma explosão de gotas.

Lá estava Julia, de pé. Não no rio, mas na margem. Estava jogando pedrinhas, mas quando me viu sentado na água de pernas abertas começou a rir alto.

— Papai! — gritou ela, erguendo os braços acima da cabeça. — Papai!

Em frações de segundo, eu estava novamente de pé. Mais um instante e estava ao lado dela.

— Merda! — disse, agarrando-a violentamente pelo pulso. — O que eu lhe disse, cacete? Fique na trilha. Fique na trilha, porra!

Pelo que deve ter sido um segundo inteiro, minha filha me fitou com olhos que ainda acreditavam ser tudo uma brincadeira — papai caíra na água só para fazer graça, e papai estava com raiva só para fazer graça —, mas então algo mudou em sua expressão. O rosto se contorceu de dor enquanto ela puxava o pulso.

— Papai...

Durante anos, pensei naquele olhar; e sempre que me lembrava, lágrimas me vinham aos olhos.

— Marc! Marc! O que você está fazendo?

Caroline estava de pé ali, entre as árvores. Segurava uma garrafa de leite. Olhou para mim, depois para Julia, e para mim outra vez.

— Marc! — gritou novamente.

* * *

Meia hora depois, Julia se acalmara e estava de novo sobre o velocípede subindo e descendo a trilha como se nada tivesse acontecido.

— Não aguento mais — desabafei.

Caroline olhou para mim. Tomou minhas mãos nas dela.

— Sabe aquele hotelzinho que vimos na vila? Perto do mercado? Que tal passar dois dias lá? — perguntou ela.

Desde aquele dia, só ficamos em hotéis. Ou alugamos uma casinha em algum lugar. Nos hotéis e nas casas, algumas vezes se viam os corpos expostos de outras pessoas nas piscinas, mas pelo menos era possível se

afastar delas. Era possível passar duas horas longe dessas visões. Duas horas deitado na cama de seu próprio quarto, com os olhos fechados. A sujeira humana não era mais empurrada garganta abaixo vinte e quatro horas por dia. Após algumas dessas férias em casas e hotéis, de vez em quando ficávamos olhando as vitrines de corretoras de imóveis. Víamos as fotos e os preços. Para Caroline, uma casa de veraneio seria um prêmio de consolação por abrir mão de acampar. Nós podíamos pagar. Desde que fosse distante do litoral, a maioria das casas não custava muito. Mas mesmo enquanto olhávamos com olhos embotados para uma foto de um velho moinho de água com um pomar de pereiras, também começávamos a pensar nos problemas. Seria uma vergonha se fôssemos apenas durante as férias, dizíamos. Passamos um longo tempo diante da foto de uma casa de fazenda reformada com piscina. Precisaríamos ter alguém para cuidar da piscina, dissemos. Alguém para tomar conta da casa. Do jardim também. Do contrário, passaríamos as férias inteiras cortando grama e arrancando urtigas.

Continuamos empurrando com a barriga nosso sonho de uma casa de veraneio, jogando mais para o futuro. De vez em quando, deixávamos que um corretor de imóveis local nos mostrasse uma. Nós nos curvávamos sob umbrais baixos e deteriorados; sentíamos o cheiro de água estagnada de uma piscina tomada por algas e cheia de sapos coaxando; nos encolhíamos para evitar teias de aranha no que antes havia sido um chiqueiro; víamos a curva do rio brilhando no longínquo vale; agachávamos para inspecionar um velho forno externo e víamos as andorinhas entrando e saindo dos ninhos sob os beirais da casa principal.

Vento demais, costumava ser o veredicto de Caroline durante essas visitas. Quente demais. Frio demais. Pouca vista. Devassada demais. Perto demais dos vizinhos. Distante demais.

— Ligaremos para o senhor — dizia eu ao corretor. — Minha esposa e eu precisamos pensar um pouco.

* * *

Mal pude acreditar nos meus olhos quando vi a barraca na mala do carro na manhã anterior à nossa viagem nas férias de verão. Estava enfiada no fundo, então talvez eu não a visse. Mas nesse instante Caroline apareceu à porta, carregando dois sacos de dormir enrolados.

— Arrá — falei. — O que isso significa?

— Nada. Só pensei que talvez esbarrássemos com algum lugar bonito onde a única possibilidade é acampar. Quero dizer, um lugar em que não há hotel.

— Arrá — disse eu, novamente.

Uma abordagem bem-humorada parecia a melhor opção: discutir o assunto como se minha esposa realmente só pudesse estar brincando.

— Então terei de ir do hotel para o camping toda manhã?

Caroline colocou os sacos de dormir na mala, junto à barraca.

— Marc, sei qual é sua opinião sobre acampamentos. Não tentarei obrigar você a nada. Mas às vezes é um desperdício ficar em um hotel. Eu olhei na internet; há campings lá com toda a infraestrutura. Com restaurantes. E apenas a cem metros da praia.

— Hotéis também têm restaurantes — disse eu, mas sabia que era uma batalha perdida.

Caroline sentia falta de acampar. Eu poderia apresentar argumentos. Poderia dizer que a barraca e os sacos de dormir ocupavam metade do espaço na mala, mas estaria ignorando o fato simples de que minha esposa ansiava por fincar estacas no chão, esticar as cordas da barraca e acordar de manhã em um saco de dormir coberto de sereno.

E me dei conta de algo mais. Depois da festa na casa de Ralph e Judith Meier, eu perguntara a Caroline se ela tinha conversado com Ralph. E, mais especificamente, se ele a assediara.

— Você estava totalmente certo — dissera ela.

— Em relação a quê?

— A ele ser um velho sujo.

— Mesmo?

Estávamos deitados na cama, abajures ligados, mas não olhávamos um para o outro. Eu realmente não saberia qual expressão surgiria em meu rosto caso estivéssemos nos encarando.

— É, você estava certo. Não sei, acho que comecei a prestar atenção depois que você disse aquilo: o jeito como ele olhava para mim. Algo nos olhos dele... Ele lambia os lábios enquanto olhava para mim. Estalava os lábios. Como se eu fosse um hambúrguer. Estávamos de pé ao lado da churrasqueira, ele estava enfiando o garfo na carne para ver se estava pronta e virando os hambúrgueres. Então baixou os olhos. Como um ator ruim em um filme que deveria ser engraçado. Revirou os olhos um pouco enquanto olhava para meus seios. Não me entenda mal: isso pode ser bom. Algumas vezes uma mulher gosta quando um homem admira seu corpo. Mas aquilo... Aquilo foi diferente. Aquilo foi, como você chamou? Obsceno? É, é isso. Um olhar obsceno. Não soube como reagir. E então ele começou a contar uma piada. Não lembro como era, mas era suja. Não suja-divertida, suja-suja. E você deveria ver a expressão no rosto dele enquanto contava! Sabe como algumas pessoas, quando contam uma piada, riem como se tivessem acabado de criá-la? Bem, foi assim que ele riu.

— E agora suponho que você não queira visitá-los na casa de veraneio — disse eu, um pouco rápido demais.

— Marc! Como pode pensar nisso? Não, muito obrigada, não. E não gosto muito de visitar outras pessoas quando estou de férias, ainda mais agora, sem chance. Eu não teria um momento sequer de tranquilidade ao lado da piscina com Ralph por perto.

— Mas quando saímos você agiu como se achasse uma ótima ideia. À porta, quando nos despedimos. E no carro você até perguntou a Julia e Lisa sobre isso. O que elas achavam da ideia.

Caroline suspirou.

— Todos bebemos um pouco demais — retrucou ela. — E você não disse que não tinha a intenção de visitar a casa de veraneio deles. E, no carro, eu só estava pensando em Julia. Por causa do garoto de quem ela gostou. Bom que ela também não tenha ficado entusiasmada.

— Bem, veremos — falei. — Não há nenhuma obrigação.

Durante toda a conversa, estávamos de pé ao lado do porta-malas aberto do carro. Percebi uma oportunidade, mas isso significava que eu precisava deixar de lado minha resistência em levar a barraca. E quanto mais rápido, melhor.

— Sabe, já faz alguns anos. Às vezes eu também sinto falta: acampar um pouco. Vamos tentar novamente. Mas não quero lidar com panelas e fogareiros. Vamos jantar fora todos os dias.

Foi a vez de minha esposa me olhar desconfiada, como se eu estivesse brincando. Mas, no momento seguinte, jogou os braços sobre mim.

— Marc? Isso é muito, muito gentil da sua parte!

Eu a abracei com força. No entanto, não pude evitar; estava pensando na última meia hora daquela festa. Eu a procurara em toda parte, e finalmente encontrara Judith em um canto do jardim, onde estava recolhendo copos e tigelas de batatas fritas e amendoins meio vazias.

Eu a pegara pelo pulso. Ela olhara para mim, assustada. Mas quando me reconheceu, um sorriso quase sonhador apareceu em seu rosto.

— Marc... — dissera ela.

— Preciso encontrar você de novo — dissera eu.

13

Partimos em um sábado. Passamos a primeira noite em um hotel. A segunda também. Como de hábito, não tínhamos planos específicos. Ou, para ser mais preciso: no que tange a aparências, não tínhamos planos específicos. A um observador externo, pareceríamos um casal comum com duas filhas. Uma família sem planos específicos, seguindo para o sul. Na realidade, estávamos avançando quase imperceptivelmente na direção da casa de veraneio onde Ralph e Judith passavam suas férias.

Na terceira manhã, ainda deitado na cama do hotel, folheei o guia de camping que tínhamos pegado em cima da hora. Havia três locais nas imediações da casa de veraneio, todos em um raio de dez quilômetros.

— O que vocês acham? — perguntei. — Vamos montar a barraca em algum lugar amanhã?

— Êêêêê! — comemoraram Julia e Lisa em uníssono.

— Mas só se o clima estiver bom — disse Caroline, piscando.

Esse era o plano. Meu plano. Íamos acampar. Passaríamos alguns dias, uma semana, se necessário, no mesmo camping. Em algum lugar — na praia, no supermercado, em um café com mesas na calçada na cidade mais próxima —, iríamos nos deparar com os Meier, totalmente por acaso.

Algumas semanas antes de partirmos, eu fora a uma livraria de guias de viagem e comprara um mapa detalhado da área. Tão detalhado que mostrava cada casa isolada. Não podia ter certeza, mas usando o endereço e as indicações que Judith nos enviara por e-mail alguns dias depois da festa, achava que conseguiria discernir qual casa do mapa era a dos Meier. Fui ao ViaMichelin e digitei o endereço. Depois, no Google Earth, dei tanto zoom que pude ver o azul da piscina e até o trampolim.

Dos três campings, um ficava na estrada para a praia, a mesma estrada que levava à casa de Ralph e Judith Meier. Mas, para meu horror, vi que o guia se referia a ele como um camping “verde”. Um camping com “animais

de fazenda”, “banheiros que preservam o meio ambiente” e “instalações simples para quem realmente ama a natureza”. Quase pude sentir o fedor. Mas a vantagem inesperada de um camping em que sabão em pó e desodorantes provavelmente eram tabu era que isso tornaria ainda maior o contraste com a casa de veraneio. Um mergulho, e Julia e Lisa nunca mais iriam querer partir.

No e-mail, Judith me enviara seus dois números de telefone. Uma semana depois da festa, tentei ligar para o celular algumas vezes, mas caiu na caixa postal. Inicialmente ninguém atendeu também na linha fixa. Pensei em deixar uma mensagem, mas decidi não fazer isso.

Três dias depois — quando na verdade já tinha desistido e estava prestes a desligar —, uma mulher com uma voz que não reconheci atendeu o telefone fixo.

Eu disse meu nome e pedi para falar com Ralph ou Judith.

— Eles não estão no país no momento — disse a voz, que não era muito jovem. — E, por ora, infelizmente não sei informar quando vão estar de volta.

Perguntei para onde tinham ido.

— Quem é o senhor? — perguntou a voz.

— Sou o médico da família.

Houve um silêncio de dois segundos.

— Ralph recebeu um convite repentino — continuou a voz. — Dos Estados Unidos. Um papel em uma nova série de TV. Ele foi para lá. E minha filha gostou da ideia de acompanhá-lo. Então, no momento, estou tomando conta dos meninos.

A mãe de Judith. Lembrei vagamente de uma mulher na casa dos setenta circulando pela festa, parecendo bastante perdida. O destino de todos os pais idosos. Os amigos dos seus filhos trocam algumas palavras por cortesia, depois tentam dispensá-lo o mais rápido possível.

— Quer... — disse a mãe de Judith. — Quer deixar um recado?

Lutei contra a vontade de dizer “Lamento, mas é uma questão de sigilo profissional”. Achei melhor deixar a ideia de lado.

— Estou com os resultados de alguns exames — falei. — Sua filha teve uma consulta há algumas semanas. Não é nada sério, mas seria bom se entrasse em contato. Tentei falar com ela pelo celular, mas não atendeu.

— Ah, sim, isso também. Judith ligou para me avisar que tinha esquecido o telefone. Está na cozinha agora. Posso vê-lo de onde estou.

* * *

Nas primeiras horas da manhã seguinte, Judith ligou. Meu primeiro paciente do dia acabara de se sentar à minha frente. Um homem com cabelos grisalhos ralos e vasos sanguíneos rompidos no rosto. Estava sofrendo de disfunção erétil.

— Não posso falar por muito tempo — disse ela. — O que é?

— Onde exatamente nos Estados Unidos vocês estão? — perguntei.

Olhava para o rosto do meu paciente. Um rosto que mais parecia uma terra arrasada, um lugar onde nada mais seria construído.

— Estamos na Califórnia agora. Em Santa Barbara. Já passa da meia-noite aqui. Ralph está no banheiro. Falei com a minha mãe. Ela achou estranho. Pode ser idosa, mas lembra que me consulto com uma mulher. Tive de inventar uma desculpa correndo, que o procurara para uma segunda opinião. Mas isso apenas a perturbou ainda mais.

Imaginei Ralph Meier no banheiro. Seu grande corpo despido. Os jatos de água do chuveiro. As gotas que respingam ao atingir aquele corpo: os ombros, o peito — sua barriga, que pende como um telhado sobre os genitais. Tentei invocar uma imagem da barriga de Ralph, da primeira vez que me procurara e eu pedira que tirasse a camisa. Fiquei me perguntando se ele conseguia ver alguma coisa quando olhava para baixo ou se aquela barriga bloqueava a visão.

— Também não posso falar muito — disse. — Só queria saber como está. E quando vão voltar.

Enquanto dizia isso, olhava diretamente para o homem com disfunção erétil. Há comprimidos que combatem disfunção erétil. Mas eles continuam

a ser um subterfúgio. Aqueles comprimidos simplesmente fazem com que ele se erga, seja por um cavalo doente, uma lata vazia ou a vitrine de uma papelaria. Se eu fosse mulher, nunca iria querer saber quando meu parceiro estava sob efeito de medicamentos.

— Não sei — respondeu Judith. — Ralph ainda tem de fazer dois testes. Seria ótimo se isso desse certo. Será uma grande série. Na HBO. Eles fizeram *The Sopranos*. E *The Wire*. Serão treze episódios. Ambientada na Roma antiga nos dias de César Augusto. Querem Ralph para o papel principal. Como o imperador.

— Recebi seu e-mail, com o endereço da casa de praia.

— Marc, eu realmente tenho de desligar agora. Deveremos estar lá no começo de julho. Dependendo do que acontecer por aqui. Podemos até ir direto daqui. E então minha mãe vai levar os meninos depois. Assim que começarem as férias de verão.

Quis dizer algo mais. Uma insinuação. Um flerte. Algo que fizesse Judith lembrar imediatamente como eu era um homem encantador. Mas a presença do rato morto do outro lado da escrivania só me permitia dizer amenidades.

— Estaremos nos arredores — falei. — Quero dizer, nós já planejamos ir para aquela região. Seria divertido se nós...

— Tchau, Marc.

Eu fiquei sentado lá por uns cinco segundos com o fone no ouvido. O fone não produzia som de ligação, simplesmente estática. Pensei no dia que tinha pela frente. Era como se esse dia também estivesse cheio de estática.

— Pode ir para a sala de exame e baixar as calças — disse finalmente ao meu paciente, pousando o telefone. — Chegarei em um instante.

* * *

O camping verde era melhor do que eu poderia esperar. Tenho de admitir que era um local adorável e com muita sombra, cercado por pinheiros. A distância, por entre as árvores, era possível ver uma faixa estreita de mar

azul. Mas eu sentia um cheiro estranho. O cheiro de animais doentes. Caroline respirou fundo algumas vezes. Julia e Lisa pareceram em dúvida. E não havíamos passado do portão de entrada. Ainda podíamos dar meia-volta e partir. O portão em si foi construído com um simples tronco de árvore sem pintura. Como na natureza, não era um tronco totalmente reto. Ao lado dele, havia uma espécie de escritório, que mais parecia uma cabana feita de troncos. Tínhamos saltado do carro e estávamos apoiados no portão, um pouco indecisos. Claro que eu sabia que aquele camping era o mais perto da casa de veraneio, mas há limites para o que uma pessoa pode suportar. O cheiro de animais doentes já estava produzindo uma raiva contida dentro de mim. Era um odor que eu às vezes sentia em meu consultório. Vindo de pacientes que viviam “em comunhão com a natureza”, como eles mesmos definiam. Pacientes que se recusavam a remover pelos de lugares onde não deveria haver nenhum. Que preferiam se lavar com água de poço ou de uma fonte e que se recusavam, “por uma questão de princípios”, a usar produtos químicos ou cosméticos em sua higiene pessoal. Como se fosse possível falar em higiene em casos assim. Por todos os seus poros, por todos os orifícios, saía o cheiro de água estagnada. Água misturada com terra e folhas mortas em uma vala sem escoamento. Quando eles se despiam, o cheiro era pior. Como tirar a tampa de uma panela. Uma panela que foi esquecida no fundo da geladeira. Eu sou médico. Fiz um juramento. Eu cuido de todos, sem distinção. Mas nada nem ninguém produz o grau de raiva e desgosto que sinto com o fedor ecológico agudo dos ditos amantes da natureza.

— Então, o que acham? — perguntei à minha família. — Há outros campings por perto.

— Não sei... — disse Caroline.

Julia deu de ombros. Lisa perguntou se tinham piscina. Estava prestes a informá-la que não quando um homem saiu da cabana de troncos. Olhou para a placa do carro, depois foi na nossa direção estendendo a mão.

— *Goedemiddag!* — disse em holandês, sem qualquer sotaque.

Ele se dirigiu primeiro a Caroline e segurou sua mão antes que ela tivesse tempo de recuar.

Um holandês. Holandeses no exterior. Aqueles holandeses que se estabelecem no exterior. Eles transformam uma ruína completa em um hotel ou pensão, abrem um restaurante holandês de panquecas na praia mais adorável de todo o litoral ou criam um camping em um trecho calmo de um bosque. Nunca consegui eliminar a sensação de que estão se apropriando de algo que, na verdade, pertence à população local. Algo que poderia muito bem ser feito por essa mesma população. A maioria deles não dura muito. Ou os locais os ignoram, ou simplesmente os atormentam até que partam. As telhas para o telhado da pensão chegam tarde demais, a autorização para o campo de minigolfe se perde no correio, a coifa do restaurante de panquecas ao estilo holandês não atende às exigências locais de segurança e proteção contra incêndios. Os empreendedores holandeses reclamam em alto e bom som das obscuras maquinações da burocracia do país em questão. “O que eles querem, afinal?”, perguntam retoricamente. “Ninguém estava fazendo nada com aquela porcaria”, “Aquele bosque é totalmente deserto”, “Ninguém nunca foi àquela praia”, “Fomos nós que colocamos mãos à obra”, “Nós holandeses sabemos como fazer as coisas”, “Então por que estão criando tantas dificuldades?”, “As pessoas daqui não conseguiriam organizar um porre em uma cervejaria”. Após dois ou três anos xingando a população local e estrangeiros preguiçosos em geral, eles fazem as malas e voltam para casa bufando.

Enquanto estendia a mão para apertar a que o dono do camping oferecia, tentei ler sua expressão, definir em que fase ele estava. É como uma doença maligna. Primeiro, você tem esperança. Depois vem a negação. E só no final há resignação.

— Bem-vindos, bem-vindos! — disse o homem.

Seu aperto de mão era firme, mas planejado; ele estava claramente se esforçando para me olhar do modo mais aberto e alegre possível, mas eu via em seus olhos os sintomas de falta de sono crônica. Pequenas veias vermelhas no branco dos olhos, sem dúvida causadas por noites em claro por conta de dívidas ou produtos entregues tarde demais, ou nunca entregues.

Dei a ele um ano, no máximo. Antes do verão seguinte, sacrificaria os animais de fazenda e voltaria para a Holanda.

No pequeno casebre de madeira ele primeiro começou a folhear repetidamente um livro que continha um mapa do camping. Balançou a cabeça e suspirou fundo algumas vezes enquanto passava o indicador pelo mapa, mas era mau ator.

Após mais suspiros e coçadas no queixo, escolheu um espaço para nós.

— Posso perguntar como nos descobriu? — perguntou ele. — Só estamos abertos há dois anos, e ainda não constamos em todos os guias.

Dois anos. Não consegui conter um sorriso. Eu avaliara muito bem. Depois da negação, vem a resignação. A contagem de dias.

— Desenvolvemos um faro para este tipo de lugar — falei. — Para campings onde a verdadeira experiência ao ar livre é de importância fundamental. Acampar sob as estrelas, sem luxos como mesas de sinuca, fliperamas ou piscinas com escorregas gigantescos.

14

Algumas vezes as coisas simplesmente acontecem rápido demais. Rápido demais para ser coincidência. Eu tinha me preparado para alguns dias de paz e tranquilidade. Dias sem grandes acontecimentos. Um livro. Uma partida de badminton. Uma caminhada. Primeiro um vácuo precisava se instalar. O vazio dos primeiros dias de férias de verão. Depois desse vazio, você fica muito contente quando algo finalmente acontece. Está aberto a novos encontros. Mudança. Novas pessoas. Naquela primeira noite, iríamos comer camarão e lula em um restaurante na praia. Estávamos cansados da viagem. Iríamos cedo para a cama. Eu passaria horas acordado. Escutaria a respiração regular da minha família adormecida. Mas as coisas aconteceram de outra forma. As coisas aconteceram, acima de tudo, rápido demais.

Com a benção de Caroline (“Vá em frente. Aqui você só iria atrapalhar, não é mesmo?”), fui caminhar pelo camping enquanto ela e as meninas montavam a barraca. Entre as árvores, peguei a primeira trilha que encontrei. Não havia muitas outras barracas. Nenhum trailer. Passei pela pequena construção de madeira que abrigava os “banheiros ecologicamente corretos”. Isso é, para mim, o maior pesadelo de acampar: ter de sair da barraca à noite para fazer xixi. Sempre adio o máximo que posso. Tanto que chega a doer. Então aperto meus pés em meus calçados molhados. Nem com uma arma apontada para minha cabeça seria possível me forçar a ir até o banheiro no meio da noite. Aquele banheiro, onde mariposas se debatiam contra as luzes externas, as asas agitadas. Onde todas as partes expostas de seu corpo eram mordidas por insetos que nunca dormem. Eu abria a barraca e dava no máximo alguns passos. Às vezes havia estrelas. Às vezes a lua estava cheia. Tenho de admitir que às vezes também tive momentos felizes, de pé entre as árvores, ouvindo meu próprio mijo chiando na grama, sobre os caules de urtigas. Então olhava para cima. Para milhares de estrelas. É isso, eu pensava em momentos assim. Isso é o que há. O resto é besteira.

Tudo o que acontecera até aquele momento não importava. E o que aconteceria depois também não. Compramos a barraca em nossa primeira viagem aos Estados Unidos. Era grande o bastante para quatro. Mas, na época, só havia dois de nós. Juntávamos os sacos de dormir e nos aninhávamos. Havia muito espaço extra ao lado. Espaço deixado para o futuro. Depois de mijar, eu sempre esperava um pouco antes de voltar para a barraca. Olhava para a lua no céu e o luar sobre a grama. Dentro, ao lado de minha esposa, minhas duas filhas dormiam. Eu estava de pé do lado de fora. Só quando sentia o primeiro arrepio de frio percorrer minhas costas que rastejava de volta para o calor do saco de dormir.

Os banheiros ecologicamente corretos consistiam de nada além de algumas tábuas de madeira com buracos redondos. Era escuro dentro do buraco; não dava para ver o fundo, mas era possível sentir o cheiro. Por dentro e por fora, a porta estava coberta com moscas azuis graúdas que não alçaram voo quando as tentei espantar com a mão. Fechei a porta e deixei o banheiro para trás. Depois cheguei à área cercada onde eram mantidos os “animais de fazenda”. Vi uma lhama, duas galinhas e um burro. Não havia grama, apenas lama. Bosta por todo lado. O pelo marrom-escuro da lhama estava manchado de fezes e lama. O burro era esquelético. Estava mais perto da cerca. Eu podia ver suas costelas; o animal tremia todo e balançava a cauda com ferocidade para espantar as moscas. As galinhas estavam juntas em um canto, encolhidas e imóveis.

Senti uma raiva viscosa brotar dentro de mim. Senti vontade de caminhar de volta para onde Caroline e as crianças estavam montando a barraca, vontade de anunciar que estávamos partindo naquele minuto, quando senti um toque suave em minha mão esquerda.

— Papai...

— Lisa.

Minha filha mais nova tinha entrelaçado os dedos entre meu indicador e meu dedo médio. Juntos, olhamos por um momento, em silêncio, os animais do outro lado da cerca.

— Papai?

— Sim?

— Aquele burro está doente?

Eu respirei fundo antes de responder:

— Não sei, querida. É que há muitas moscas. As moscas o incomodam, está vendo?

Olhei para o burro trêmulo; no mesmo instante, o animal deu dois passos inseguros para a frente e passou a cabeça por sobre a cerca. Senti meus olhos ficando úmidos.

— Posso fazer carinho nele, papai?

Não falei nada. Engoli alguma coisa. Um nó na minha garganta. É o que dizem sobre momentos assim. Mas é mais macio que um nó. Mais macio e fluido.

Lisa colocou a mão na cabeça do burro. Uma nuvem de moscas decolou. O burro piscou. Desviei os olhos e mordi com força o lábio inferior.

— Papai?

— Sim, querida?

— Podemos comprar alguma coisa para ele depois? Cenouras ou algo assim?

Coloquei as mãos nos ombros da minha filha e a puxei para perto de mim. Primeiro, pigarreei. Não queria que o som da minha voz a assustasse desnecessariamente.

— Essa é realmente uma boa ideia, querida. Cenouras, alface, tomates. Você vai ver como ele gosta disso.

* * *

Só havia um restaurante na praia, com mesas e cadeiras dispostas na areia. Estava lotado, mas tivemos sorte e conseguimos a última mesa. Pedimos duas cervejas para mim e Caroline, uma Fanta para Lisa e uma Coca Diet para Julia. O sol já se pusera atrás das pedras, mas o clima ainda estava quente e agradável.

— Podemos ir até a água? — perguntou Lisa.

— Podem, sim — respondeu Caroline. — Mas primeiro olhem o cardápio e escolham alguma coisa. Vamos chamar vocês quando chegar.

Elas deram uma olhada rápida no cardápio. Lisa escolheu macarrão com molho de tomate e Julia, apenas uma salada.

— Julia, você também precisa comer alguma coisa mais consistente. Pelo menos peça uma carne para acompanhar, ou macarrão, como Lisa.

— Não precisa — respondeu Julia, e se levantou. — Você vem? — perguntou à irmãzinha.

— Tomem cuidado — disse Caroline. — E não entrem na água sem a gente por perto. Fiquem na areia.

Julia suspirou e revirou os olhos. Lisa já tinha traçado o caminho por entre as outras mesas e corria em direção ao mar. Então, levando os chinelos em uma das mãos, Julia foi atrás da irmãzinha. Vestia apenas camiseta e a calcinha do biquíni vermelho que comprara pouco antes das férias, e vi dois homens a algumas mesas de distância virarem as cabeças para vê-la passar.

— De uns tempos para cá, ela não está comendo o suficiente — disse Caroline. — Ela precisa parar com isso.

— Ah, deixa disso — falei. — Não é tão ruim assim. Antes pouco do que muito. Ou você preferia ter uma filha rechonchuda com pneus por toda parte?

— Não, claro que não. É que às vezes fico preocupada. Ela também faz a mesma coisa em casa. Come a salada primeiro, depois diz que não está mais com fome.

— Acho que é a idade. Está imitando as modelos das revistas. Kate Moss também não come muito. Mas melhor assim do que o oposto. E isso não é o pai falando, mas o médico.

Pedimos outra cerveja e uma garrafa de vinho branco. O sol já havia se posto por completo. Rochas assomavam altas atrás do restaurante. Havia duas vilas ali, luzes já acesas. Eu conseguia ouvir a rebentação, mas a faixa de areia quebrava em uma descida íngreme até a água, então, sentados à mesa, não era possível ver as meninas.

— Devo ir lá ver como estão? — perguntou Caroline.

— Vamos esperar a comida chegar. O que poderia acontecer?

Na verdade, eu sempre me preocupava tanto quanto ela. Mas foi assim que nossa divisão de papéis se estabeleceu. Primeiro, Caroline expressava sua preocupação, depois eu dizia que ela não devia exagerar. Se estivesse sozinho ali com minhas filhas, já teria descido três vezes para conferir se não tinham sido arrastadas para o mar.

Caroline pegou minha mão.

— Marc, você acha que aguenta o camping? — perguntou. — Quero dizer, este é um camping *radical*, está na cara. Poderíamos ter ido para um com alguns confortos a mais.

— Fui ver os animais esta tarde. Estão subnutridos. E provavelmente doentes.

— Quer ir para outro camping? Podíamos passar a noite aqui e ir para outro lugar amanhã.

— O que a gente devia fazer é colocar um inspetor de saúde em cima daquele desgraçado. Fechariam o lugar na hora. Mas os animais provavelmente seriam sacrificados.

Um garoto de camiseta e jeans trouxe o vinho. Tirou a rolha e colocou na mesa a garrafa em um balde de gelo simples. Não perguntou antes se queríamos provar. Mas isso se mostrou desnecessário. O vinho estava gelado e tinha gosto de uvas deixadas dentro de um córrego à noite em uma montanha.

— Poderíamos sair amanhã, sabe — disse Caroline. — Você realmente denunciaria aquele homem por causa de animais doentes? Isso provavelmente acabaria com o negócio.

— Eu trouxe algum material médico comigo. Principalmente de primeiros socorros. Mas também alguns antibióticos, esse tipo de coisa. Vou dar uma olhada amanhã, ver o que posso fazer.

— Mas Marc, estamos de férias. Não se meta em um projeto assim tão cedo, já no primeiro dia. Embora realmente seja um belo projeto, claro, ajudar animais doentes.

E estas eram as acusações que Caroline às vezes fazia. De fato, era o nosso único motivo de discussão: que eu sempre tinha algum trabalho a fazer quando estávamos de férias. Caroline conseguia passar horas lendo um livro junto à piscina. Ou deitar de óculos escuros em uma espreguiçadeira na praia e apenas olhar o horizonte. Quanto a mim, nem meia hora se passava e eu já precisava fazer algo. Na praia, eu construía represas e castelos de areia; na casa alugada, tirava as ervas daninhas da entrada, desde a rua até a porta da frente. Às vezes até minhas filhas se cansavam de mim. Inicialmente ajudavam a cavar o canal que reteria a água da maré e protegeria nosso castelo, mas, depois de uma hora, costumavam desistir.

— Hora do descanso, pai — diziam elas.

— Marc, venha e deite um pouco. Fico exausta só de olhar para você — acrescentava Caroline.

Eu estava prestes a protestar que considerava ajudar animais doentes meu dever como profissional da saúde e que isso não tomaria muito tempo quando ouvimos a voz de Julia:

— Pai! Mãe!

Caroline pousou a taça na mesa com um baque e levantou de um pulo.

— Julia! — gritou. — O que aconteceu?

Mas não era nada. Julia caminhava pela praia na nossa direção. À luz das lanternas da varanda nós a vimos acenar. Também vimos que não estava sozinha. Um garoto caminhava ao lado dela. Eu o vira apenas uma vez, mas ainda assim sabia exatamente quem era. Os cachos louros. E ainda mais que isso, algo no modo como caminhava: seu passo lânguido, como se andar pela areia fosse difícil demais para ele.

— Adivinhem quem encontrei aqui? — gritou Julia, mesmo antes de chegar à nossa mesa.

15

Às vezes as coisas simplesmente acontecem rápido demais.

— Você sabia disso? — perguntou Caroline.

Foi muito mais tarde naquela noite, enquanto tomávamos uma última taça de vinho em frente à barraca. Julia e Lisa já estavam dormindo.

— Sim, você sabia — falou, sem esperar resposta.

Estava escuro. Fiquei feliz por não ter de olhar para ela.

— Por quê, Marc? Por quê?

Não disse nada. Brinquei com minha taça, depois tomei um gole rápido. Mas a taça estava vazia. Estávamos sentados em cadeiras dobráveis, as pernas esticadas sobre um leito de agulhas de pinheiros. De vez em quando, sentia algo fazendo cócegas em meus tornozelos. Uma formiga. Uma aranha. Mas não me movia.

— Achei que você manteria Ralph longe de mim o máximo possível — continuou Caroline. — Eu mesma disse. Disse que não queria ir. E então você escolhe um camping que fica ao lado da casa de veraneio deles.

Caroline pendurara uma lanterna na vara que se projetava pela frente da barraca. Um daqueles porta-velas com pequenas janelas de vidro. Mas a vela morrera, e estávamos sentados na escuridão. Sobre nós, milhares de estrelas cintilavam entre as copas das árvores. A distância, era possível ouvir as ondas quebrando suavemente.

— Sim, eu sabia — falei. — Mas não achei que fosse razão para não vir para cá. Como se fosse proibido, só porque podemos esbarrar com pessoas que realmente não queríamos ver.

— Mas Marc! Há centenas de lugares como este pelo litoral. Centenas de outras praias onde os Meier não alugaram uma casa de veraneio.

— Eu tive outra conversa com Ralph sobre a região. Logo depois da festa. Ele me contou que era muito bonito aqui. Um lugar quase intocado. Meio que fiquei curioso.

Caroline suspirou profundamente.

— E agora? O que vamos fazer? Agora temos de ir lá amanhã. Vai ser muito esquisito se não formos.

— É só um jantar. Eles provavelmente farão um churrasco de novo. Se você quiser, podemos ir embora logo em seguida. Ir a alguma outra praia. Algum outro camping. Mas se você realmente não quiser ir ao jantar, não vamos. Arrumaremos uma desculpa. Que você não estava se sentindo bem. Ou que eu não estava. E então iremos embora, depois de amanhã.

Permanecemos calados por algum tempo. Passei a ponta da língua sobre o lábio superior, que estava seco e tenso.

— É o que você quer? — perguntei. — Como eu disse, não ligo nem um pouco. Arranjamos uma desculpa.

Ouvi minha esposa suspirar algumas vezes. Ouvi espantar alguma coisa em sua perna nua. Um inseto. Uma agulha de pinheiro, caída de uma árvore. Ou talvez nada.

— Ah, bem. Realmente não importa. Só estava ansiosa por passar alguns dias ou uma semana sozinha com vocês, apenas nós quatro. Se isso tivesse acontecido mais tarde nas férias não teria me importado tanto. Visitar outras pessoas. Mas foi muito de repente. Não estou com nenhuma vontade de socializar. Essa coisa de longas conversas no pátio com muito vinho.

Estiquei a mão e a pousei em sua coxa.

— Eu também não, de verdade. Também não estou com vontade de me encontrar com outras pessoas. Desculpe. É culpa minha.

— Isso mesmo, é culpa sua — falou ela. — Então é você que vai dizer a eles que não iremos.

Fechei os olhos. Engoli, mas minha garganta estava seca. Exceto pelas ondas quebrando a distância, só ouvia um leve zumbido nos meus ouvidos.

— Certo — respondi.

— Estou brincando — disse Caroline. — Não, seria ridículo cancelar agora. Para ser honesta, estou meio curiosa. Sobre a casa deles. E será divertido para as meninas. Pelos garotos. E pela piscina.

* * *

Naquela noite mais cedo na praia, foi assim que aconteceu: Julia levou Alex à nossa mesa seguida de perto por Lisa e Thomas, o caçula. Depois o restante da família Meier subiu. Ralph, Judith e a mulher na casa dos setenta que eu vira na festa: a mãe de Judith. E duas outras pessoas. Um homem de cinquenta e tantos anos e cabelos grisalhos compridos, marcados por uns poucos cachos pretos — um rosto que parecia conhecido, mas que eu não consegui identificar de onde, não imediatamente. E uma mulher. Uma mulher que supus estar com o homem, embora fosse pelo menos vinte anos mais jovem.

— Que surpresa! — disse Ralph.

Caroline mal começara a se levantar da cadeira quando Ralph a agarrou pelos ombros e a beijou três vezes nas bochechas.

— Oi — disse Judith.

Nós também nos beijamos. Depois olhamos um para o outro. *Isso mesmo, eu realmente apareci*, disse com os olhos. *Sim, estou vendo*, olhou ela de volta.

— Por que não ligaram para dizer que vinham? — perguntou Ralph. — Poderíamos ter jantado juntos. Compramos um leitão inteiro no mercado hoje. Isso é que é comida de verdade, leitão no espeto!

Caroline deu de ombros e olhou para mim.

— Na verdade, acabamos de chegar — falei. — Não estávamos planejando... Estamos no camping.

— No camping! — rugiu Ralph, como se fosse a coisa mais engraçada que tinha ouvido em anos.

Nesse momento o homem grisalho se adiantou.

— Ah, me desculpe. Esqueci das apresentações. Stanley, esse é Marc. Ele é meu médico. E esta é sua deleitável esposa, Caroline.

O homem que Ralph apresentou como “Stanley” apertou primeiro a mão de Caroline.

— Stanley Forbes — disse, depois repetindo apenas o prenome ao apertar a minha.

De repente soube por que seu rosto parecia conhecido. Stanley Forbes não era seu nome real. Ele tinha outro quando trocara a Holanda pelos Estados Unidos uns vinte e cinco anos antes. Jan? Hans? Hans Jansen? De qualquer modo, um desses nomes holandeses básicos, eu apenas não consegui lembrar de imediato. Nos primeiros anos, soube-se muito pouco dele, mas então o diretor de cinema holandês que então chamava a si mesmo de Stanley Forbes de repente ficara famoso em Hollywood.

— E essa é a namorada de Stanley, Emmanuelle — disse Ralph, colocando a mão de leve no ombro da jovem. — Emmanuelle, estes são amigos nossos da Holanda. Marc e Caroline.

Dizer que Emmanuelle era linda não faria jus a sua imensa beleza. Ela apertou a mão de Caroline, depois a minha — era como se aquela mão atravessasse a capa da *Vogue* para cumprimentá-lo. Uma mão pequena e frágil, quase a de uma criança. De perto eu vi que ela não podia ser muito mais que cinco anos mais velha que Julia. Dezesete? Dezoito? Não mais que vinte, nem um dia sequer. Olhei do rosto dela para o do homem grisalho. Eu estivera errado sobre as idades. Ela não era vinte anos mais jovem que Stanley Forbes, era *quarenta* anos mais jovem. Será que tinha ido para a cama com o diretor só para garantir um papel no próximo filme dele? Olhei para o rosto de Stanley, quarenta anos mais velho que o dela. Para seu corpo quarenta anos mais velho, vestindo calças de linho branco com laço para amarrar na cintura, quase transparentes, e uma camisa do mesmo tecido. Pelos grisalhos no peito saíam luxuriantes do colarinho aberto.

Por alguns segundos, imaginei como ele teria forçado aquele corpo velho sobre ela. Como se arrastara para o lado dela e deixara a mão deslizar sobre a barriga. Até chegar ao umbigo. Como ele desenhara um círculo com o dedo ao redor do umbigo dela, e depois escorregara a mão mais para baixo. O cheiro de homem velho sob os lençóis. A pele flácida. Como ela tivera de pensar em outras coisas enquanto acontecia. No papel que lhe havia sido prometido, acima de tudo. Fora com isso que Hans (?) Jansen (?) sonhara ao deixar a Holanda? Com jovens que, por admiração pelo seu talento ou em

troca de um papel em um de seus filmes, estivessem dispostas a brincar com seu pau?

E então, a última da fila, a mãe de Judith se adiantou. Enquanto eu apertava sua mão, dei uma boa olhada no rosto dela, mas não me pareceu que a idosa tenha ligado minha pessoa à conversa pelo telefone que tivera com ela algumas semanas antes.

— Sr. Schlosser — repetiu ela, depois que a filha nos apresentou.

— Marc — falei.

Olhei ao redor para descobrir se alguma mesa vagara enquanto conversávamos, mas só havia algumas cadeiras vazias. No mesmo instante o garoto de jeans voltou com nossos pedidos.

— Ah, vocês ainda não comeram — disse Ralph.

— Poderíamos... — falei. — Talvez vague mais uma mesa daqui a pouco. Ou algumas cadeiras.

— Vamos deixar esse pessoal comer em paz — disse Judith. — Além do mais, mamãe está cansada. Se vocês três quiserem ficar... — falou para Ralph e Stanley Forbes, repetindo tudo em inglês para Emmanuelle. — Mas acho que é melhor minha mãe ir para casa agora. Ela está muito cansada.

O que se seguiu foi um breve momento de indecisão. Ralph olhou ao redor novamente, em busca de cadeiras ou mesas vazias. Caroline olhou para mim, depois baixou os olhos. Julia se inclinou para Alex, que estava sentado em frente a ela na cadeira de Lisa, e sussurrou algo em seu ouvido. Thomas correu pela praia atrás de Lisa. Stanley Forbes tinha o braço na cintura de Emmanuelle, e a puxou para si. A mãe de Judith ficou de pé entre as mesas como se nada daquilo tivesse a ver com ela.

— Vocês vão ficar alguns dias, não? — perguntou Judith. — Por que não vão jantar conosco amanhã?

16

Foi o professor Aaron Herzl quem primeiro nos explicou a razão da diferença entre o relógio biológico de um homem e o de uma mulher. Sobre como os ponteiros do relógio mostram a mesma hora, mas isso tem significados diferentes.

— É como o tempo real — ensinou. — Algumas vezes quinze para as sete pode ser cedo. E às vezes seis e vinte já é bastante tarde.

Toda semana tínhamos duas horas de biologia médica, que naquela época ainda era eletiva. Entre os alunos, normalmente havia no auditório mais mulheres que homens. Aaron Herzl estava chegando aos sessenta, mas as garotas sempre davam risinhos e ruborizavam quando ele se dirigia a elas diretamente. Nesse sentido, ele era a prova viva de suas teorias. As mesmas teorias pelas quais, alguns anos depois, ele seria expulso da cidade em opróbrio.

— O que vou lhes dizer provavelmente não é muito agradável para minhas alunas — disse, olhando para o auditório. — Por outro lado, é um fato. Nada pode ser feito quanto a isso. Talvez seja injusto, mas há uma vida longa e feliz reservada às mulheres capazes de aceitar essa injustiça em vez de resistir a ela.

Já era possível ouvir risos abafados vindos do auditório. Nós, os alunos do sexo masculino, tínhamos nossos próprios sentimentos sobre o professor de biologia médica. Sentimentos dúbios, acima de tudo. O fato de que a maioria das garotas considerava atraente aquele velho careca invertia certos princípios biológicos. Éramos jovens. Tínhamos esperma jovem. A chance de ter um filho saudável era oitocentas vezes maior com esperma jovem; já tínhamos aprendido isso nas palestras de ginecologia. Mas ainda assim *reconhecíamos* isso. Reconhecíamos o professor Aaron Herzl como um sério rival. No plano intelectual, sempre que havia garotas por perto tentávamos ridicularizar o professor aludindo a seus genitais indubitavelmente

enrugados e com manchas senis, mas havia algo nele — uma aura, ou melhor ainda, uma vibração carismática — que colocava em alerta máximo os receptores hormonais das garotas. À nossa custa.

O professor Herzl tossiu algumas vezes e pigarreou. Vestia jeans e um suéter cinza de gola polo. Sem paletó. Antes de ir ao atril, enrolou as mangas. Depois passou as mãos pelos cabelos grisalhos que só cresciam nas laterais da cabeça.

— Para começar, todos temos de aceitar que tudo é orientado à preservação da espécie humana. Ou pelo menos poupá-la da extinção. E quando digo tudo, quero dizer *tudo*. A atração entre os sexos, a paixão, o tesão, como queiram chamar. Prazer. O orgasmo. No conjunto, tudo isso faz com que sintamos atração pelo outro. Que queiramos tocar esse outro. Que queiramos nos fundir a esse outro. A criação é muito, muito mais perfeita do que alguns pensadores progressistas atualmente gostariam que acreditássemos. Comida cheira bem. Merda fede. O fedor serve de alerta para que não comamos nossas fezes. Mijo também fede, mas menos, porque em uma grave emergência, um naufrágio, um pouso forçado no deserto, temos de ser capazes de beber nosso próprio mijo. Nove por cento da população é homossexual, nove por cento é canhota. Ao longo de cinquenta mil anos de evolução, essas porcentagens nunca mudaram. Por quê? Porque é o tolerável. Percentuais maiores ameaçariam a continuação da espécie. De fato, um homossexual não é nada mais que um contraceptivo ambulante. Sem falar nos homossexuais canhotos, uma categoria não incluída nas estatísticas.

Risos no auditório, dessa vez talvez mais dos rapazes que das meninas.

— A perpetuação da espécie. Tudo diz respeito a isso. Não estou falando agora sobre *por que* a espécie deveria continuar a existir. As bactérias também lutam para sobreviver. Células cancerígenas se reproduzem à vontade. A sobrevivência é a única força motriz por trás da criação. Mas por que é assim? Em outras palavras: qual juízo de valor devemos atribuir a isso? Os humanos já pousaram na Lua. Nada cresce lá. Nenhuma vida foi detectada no satélite. Mas o que há de errado com uma Lua estéril? Uma

Lua sem plantas, animais e engarrafamentos? E o que haveria de errado com uma Terra estéril? Ou, novamente: qual *juízo de valor* devemos atribuir a uma Terra estéril?

Nesse momento, o professor Herzl parou para tomar um gole de água do copo no atril.

— Qualquer um que deseje refletir sobre o sentido da criação, o sentido da vida, caso queiram, deveria primeiro parar e pensar no dinossauro — prosseguiu ele. — Os dinossauros habitaram nosso planeta por cento e sessenta milhões de anos. Depois morreram repentinamente. Um milhão de anos depois, os humanos entraram em cena. Sempre me perguntei o porquê. Qual o sentido daqueles cento e sessenta milhões de anos? Que desperdício de tempo! Nunca foi apresentada qualquer relação evolucionária entre o dinossauro e a espécie humana. Se a humanidade e a continuidade da raça humana eram realmente tão importantes, qual a lógica dos dinossauros? E por que eles viveram por tanto tempo? Não mil anos, ou um milhão, não: *cento e sessenta milhões de anos!* Por que não o contrário? Por que não os humanos primeiro? Por que as coisas não começaram com a evolução dos peixes em mamíferos e humanos bípedes? E então, em algumas dezenas de milhares de anos, do morador das cavernas ao inventor da roda, dos tipos móveis, do rádio transistorizado e da bomba de hidrogênio? E então seguiram assim por alguns milhares de anos, ou mesmo alguns poucos milhões, quem sabe, até de repente, tão de repente quanto surgiu, a humanidade se extinguir. Por causa de um meteorito, uma erupção solar ou um inverno nuclear, seja lá qual for a causa. A espécie humana acaba. Seus ossos serão soterrados sob uma grossa camada de pó, junto com suas cidades, seus carros, seus pensamentos, suas memórias, suas esperanças e seus desejos. Tudo acabado. E então, após outros vinte milhões de anos, surgem os dinossauros. Eles têm todo o tempo de que precisam. Não importa mais, não estamos mais por aqui. Eles ganham cento e sessenta milhões de anos. Dinossauros não são escavadores, não estão interessados no passado. Nunca receberam um diploma de arqueologia. Não vão investigar aquela camada de poeira, não do modo como faríamos. Então não

encontram cidades desaparecidas. Nada de rodovias de quatro pistas, televisores, máquinas de escrever. Nenhum Mercedes seminovo, pronto para rodar, enterrado sob a poeira. No máximo encontram, por acaso, um crânio humano. Um crânio que eles farejam e então, por não mais conter nada comestível, jogam o mais longe possível. Dinossauros não têm interesse em saber o que percorreu a Terra antes deles. Eles vivem no presente. Isso é algo que poderíamos muito bem aprender com os dinossauros. Eles vivem no presente. Aqueles que ignoram a história estão condenados a repeti-la, nos dizem *ad nauseam*. Mas a essência da existência não está precisamente na repetição? Nascimento e morte. O sol que nasce toda manhã e se põe toda noite. Verão, outono, inverno, primavera. Uma nova primavera, dizemos. Mas não há nada de novo nela. Falamos sobre a primeira neve, mas é a mesma neve que caiu um ano antes. Os homens saem para caçar. As mulheres mantêm a caverna aquecida. Em um dia, um homem pode fecundar várias mulheres. Mas por nove meses inteiros uma mulher grávida não está mais disponível para perpetuar a raça humana. Atualmente podemos calcular quantas vezes uma mulher pode dar à luz antes de se ver incapacitada. A resposta é vinte. Depois disso, os riscos se tornam grandes demais. A mulher se torna menos atraente. Nessas condições, o homem é alertado a não engravidar a mulher novamente. Logo depois a fertilidade chega ao fim. É dessa forma inteligente que o mundo funciona. O esperma do homem permanece viável por muito mais tempo. Os riscos de saúde para um recém-nascido cujo pai é velho são mínimos. Atualmente costumamos rir de um homem de setenta e cinco anos tendo um filho com uma mulher de vinte. Mas, na verdade, não há nada engraçado nisso. Uma criança é uma criança. Mais uma criança. Uma criança que, do contrário, não estaria entre nós. Um homem envelhece, mas sua atratividade mal declina. Isso também é engenhosidade da natureza. Comida fresca cheira bem. Comida podre fede. Farejamos uma embalagem de leite para determinar se o prazo de validade já venceu. Também é assim que vemos um ao outro. Não aquele, dizemos. Aquele é velho demais. Deus, nem em mil anos. Uma mulher com prazo de validade vencido não nos é mais desejável, porque não há motivo para que

seja. Ela não faz nada para promover a continuação da espécie. Gostaria de tomar um breve momento para considerar tal injustiça. Eu simpatizo com aquelas mulheres que acham que tudo isso é injusto. As mulheres são os astros do futebol da criação. Aos trinta e cinco anos, estão prontas para a aposentadoria. Elas precisam garantir que tiveram sucesso antes disso. Um teto sobre sua cabeça, um marido, filhos. As mulheres são mais rápidas para se ligar a um homem. Qualquer homem. Você vê isso em mulheres que se aproximam da idade perigosa. Mulheres bonitas, que poderiam ter o homem que quisessem, de repente escolhem um babaca feio e chato. O instinto é mais forte. A continuação da espécie. Um babaca feio e entediante com carro, casa e seguro de vida. Um teto sobre sua cabeça. Não tanto para elas, mas para o filho. O berço precisa estar em um espaço seco, aquecido. O babaca chato oferece mais garantia de que a hipoteca será paga todo mês, mais do que o homem bonito que sabe que pode selecionar e escolher. O homem bonito e mulherengo pode fazer as malas de repente e ir embora. O instinto é tão poderoso que a mulher não está agindo sequer em interesse próprio. Ela também preferiria se aninhar àquele homem bonito toda noite. Mas o homem bonito tem outros planos. Engravidar o maior número de mulheres possível e transmitir seus genes fortes e saudáveis, essa é a meta número um em sua agenda. É o relógio biológico. Os ponteiros marcam a mesma hora. Para a mulher, é hora de assentar. O homem sente que ainda é cedo demais para ele. Então, concluindo: há culturas que cuidam das mulheres que ficam desamparadas. Tendemos a ver com maus olhos essas culturas. Aqui, no Ocidente, uma mulher abandonada esmaece com a solidão. Mas nos consideramos superiores. Essas mesmas culturas das quais falo também garantem que as garotas se casem ainda muito novas. Vocês podem achar injusto que o homem não possa engravidar. Mas nunca vão ouvir um homem se queixar disso. Estamos muito aliviados de não precisarmos circular por nove meses com uma barriga enorme. Uma barriga que apenas atrapalharia nosso instinto de cumprir sua missão. Vocês são jovens. Façam o que quiserem fazer. E façam na quantidade e na frequência que quiserem. Não pensem no futuro. Assegurem-se de ter algo do que se

lembrar. E deixem que a injustiça cozinhe em seu próprio caldo. Por hoje é só.

* * *

A casa de veraneio era em uma encosta em meio a outras casas de veraneio, a pouco menos de cinco quilômetros da praia. Pouco mais de três quilômetros de nosso camping. Longe demais para ir a pé, então pegamos o carro.

— Ahn, eu estava esperando algo diferente — disse Caroline.

Tínhamos aberto as janelas e tentávamos ler os números das casas, o que não era fácil, pois a maioria tinha caído ou estava encoberta por hera ou outras trepadeiras.

— Antes era cinquenta e três, depois cinquenta e cinco, mas agora os números estão diminuindo novamente — falei.

Pisei nos freios e enfiei a cabeça para fora da janela.

— Trinta e dois, maldição! O que quer dizer, algo diferente?

— Não sei. Talvez algo mais artístico? — respondeu Caroline.

Quando chegamos ao *cul-de-sac*, dei meia-volta com o carro. Dali era possível ver uma faixa azul de mar e a estrada ziguezagueando até a praia. Olhei para minha esposa. Anos antes ela também estivera prestes a se casar com um babaca chato. A primeira vez que a vi foi em uma festa. Festa de aniversário de um amigo. Caroline e a esposa do aniversariante eram amigas desde a infância. O babaca chato não tinha amigos. O babaca chato estava com ela.

— Não conheço mais ninguém aqui — disse ele.

Estávamos junto aos *hors-d'oeuvres*. Ele pousou seu copo de refrigerante e pegou um cachimbo.

— Vim com a minha namorada — comentou.

Fiquei olhando seus dedos enquanto enchiam o cachimbo de fumo. Me perguntei que tipo de mulher iria querer um homem que fuma cachimbo. No momento seguinte, Caroline apareceu ao lado dele.

— Podemos ir? — perguntou ela ao babaca chato. — Não estou me sentindo muito bem.

Às vezes o contraste entre um homem e uma mulher é tão enorme que você começa a imaginar que outros fatores mantêm a relação. Fatores financeiros, por exemplo. Ou fatores como status e fama. A modelo de vinte anos e o milionário de sessenta. A beldade arrasadora com o jogador de futebol mais feio que você pode imaginar. Não um jogador da terceira divisão, nem mesmo um jogador da terceira divisão com a aparência de David Beckham. Não, um astro internacional. Um astro internacional com cabelos finos oleosos e um sorriso que revela mais gengiva que dentes. É um acordo. A modelo fica bem sob os holofotes. Pode fazer compras até cair morta em Milão e Nova York. O jogador feio e o milionário podem mostrar a todos que fisgaram as mulheres mais bonitas do mundo. Mas às vezes o acordo não é óbvio. Como pode ser assim, pelo amor de Deus? O que ela vê nesse babaca chato?

— Ah, me desculpe — disse Caroline, estendendo a mão.

— Marc — me apresentei, tomando sua mão.

Inicialmente, tive de lutar contra o desejo de segurar aquela mão por um tempo maior, mais do que seria considerado respeitável. Depois contive o desejo de dizer algo “encantador”. Espiei o babaca chato, que nesse meio-tempo acendera o cachimbo e soltara duas densas nuvens de fumaça. Foi pura intuição. Eu não precisei dizer nada “encantador”. Eu *era* encantador. No mínimo, era muito mais encantador que aquele babaca chato.

Já mencionei minha aparência. O que deveria acrescentar é que, à primeira vista, não pareço um médico. Pelo menos, não em festas de aniversário. As pessoas perguntam se há um médico na casa quando alguém desmaia ou corta a mão com vidro quebrado. Seus olhares se desviam de mim, olham além. Um homem de tênis já um pouco gastos, com calças jeans não tão limpas e uma camiseta pendendo sobre o cinto. Cabelos cuidadosamente despenteados. Tenho o tipo de cabelo que é possível pentear assim. Antes de uma festa de aniversário eu me coloco diante do

espelho. Posiciono os dedos na cabeça e os movo brevemente para cima e para baixo. E fica do modo como deveria.

Olhei para a mulher que se apresentara como Caroline. De repente me dei conta de por que ela estava com o babaca chato. O relógio biológico. Ela conferira o relógio e percebera que restava pouco tempo. Mas isso seria um desperdício. Olhei novamente para o babaca chato. Vi genes fracos. Talvez até crianças medonhas. Crianças medonhas cujo pai, que fumava cachimbos, pegaria na escola. Ela dissera que não estava se sentindo “bem” e meu coração acelerou de repente. E se fosse tarde demais para mim? A ideia era tão apavorante que passei por cima de todas as formalidades e fui direto ao cerne do problema.

Para mim, como homem, uma mulher grávida não seria mais interessante. Com uma mulher grávida, eu trocaria gentilezas e depois a deixaria com o babaca chato. A criança cresceria em uma casa onde o fedor de fumaça de cachimbo impregnaria roupas, móveis e cortinas.

— Algumas mulheres acham que não podem beber álcool quando grávidas — disse eu. — Mas uma taça de vinho tinto não faz mal algum. Na verdade, é melhor. Não só para os nervos, mas também para a criança por nascer.

Caroline enrubesceu. Por um momento, tive medo de meu palpite estar certo, depois ela olhou para o babaca e para mim.

— Eu... Nós... Estamos tentando. Engravidar — disse ela. — Mas ainda não deu certo.

Suspirei fundo. Um suspiro de alívio.

— Desculpe-me — falei. — Provavelmente está pensando que não é da minha conta. É meio que um distúrbio ocupacional. Quando mulheres dizem estar enjoadas eu imediatamente penso... Bem, eu penso isso.

Ele me encarou através dos cílios. Os olhos perguntavam. Distúrbio ocupacional? Qual ocupação é essa?

— Sou clínico geral — falei.

Sem tirar os olhos dela, passo os dedos pelos cabelos e os penteio para trás despreocupadamente, desarrumando-os ainda mais. Já parei totalmente

de olhar para o babaca chato. Finjo que ele não está lá. Que estamos sozinhos, só nós dois. Retrospectivamente, acho que isso era verdade.

— Clínico geral — disse Caroline, e sorriu.

Também não fez nada para esconder o rápido olhar de avaliação que lançou sobre o resto do meu corpo. Aparentemente gostou do que viu, pois seu sorriso ficou mais largo, revelando os adoráveis dentes brancos.

Mais tarde eu lhe perguntei o que estava pensando naquela hora. Não apenas uma, mas duas vezes por ano. Muito depois de nosso primeiro beijo, ambos ainda gostávamos de repassar nosso primeiro encontro.

Caroline sempre respondia que médico era a última coisa em que teria pensado. Clínico geral! Que clínico bonitinho, pensei. Com os cabelos desgrenhados e as roupas gastas. E você? O que pensou?

Eu pensei: que diabo ela está fazendo com esse babaca chato? Uma bela mulher, que desperdício. Uma coisinha jovem e doce como essa, sentada respirando fumaça de cachimbo.

— Se você realmente não está se sentindo bem, Caroline — ouvimos a voz do babaca fumante de cachimbo surgir de fora do enquadramento —, seria melhor irmos embora agora.

— Acho que vou ficar um pouco mais — retrucou. — Acho que vou tomar outra taça de tinto.

* * *

— Olhe, papai! Ali! — gritou Lisa no banco de trás.

— O quê? — perguntei, pisando nos freios. — Onde?

— Ali! Aquele garoto andando lá. É o Alex.

17

— Alguém quer mais sardinhas? Temos muitas.

Ralph limpou os dedos na camiseta e lançou um olhar suplicante para nós, um a um.

— Você, Caroline? Emmanuelle, quer mais? Pode comer. Não, espere, como se diz isso em inglês? — falou e piscou para Stanley. — Ela pode comer. Temos de tomar cuidado. Marc, pronto para mais uma? Vamos lá, você é médico. Sardinhas são boas para você. Gorduras boas, certo?

— É, definitivamente — falei, esfregando a barriga. — Mas estou cheio, Ralph. Obrigado.

Estávamos todos sentados no pátio, as duas mesas brancas de plástico juntas. O pátio era cercado por um muro circular de pedra falsa que se erguia até a altura de nossa cintura, e tinha conchas e fósseis de animais marinhos encrustados na massa. A churrasqueira ficava em um nicho na parede, e tinha até mesmo uma chaminé decorada com telhas vermelhas. Contudo, a despeito da chaminé, o cheiro de sardinhas na brasa pairava gorduroso e denso entre nós, como fumaça de uma fogueira. Era um odor que grudava em tudo: nossas roupas, nossos cabelos, nas trepadeiras e palmeiras acima de nossas cabeças. Eu tinha esperanças de comer carne vermelha. Cordeiro ou porco. Mesmo coxas de frango, se necessário. Tenho total aversão a sardinhas. Não à sardinha em lata, em que todos os ossinhos estão dissolvidos no vinagre, mas às frescas, em que retirar as espinhas leva mais tempo que comer. Você acha que retirou todas as espinhas, mas parece que ainda há umas vinte delas a cada bocado. Ossinhos que se cravam cruelmente em suas gengivas ou no céu da boca, ou dão um jeito de travar na garganta. E há o cheiro. Ou talvez seja melhor dizer, o fedor. O fedor que me alerta que é melhor manter distância desse tipo de comida. Permanece em seus dedos por dias. Sob suas unhas. Suas roupas precisam ir direto para a máquina de lavar. E os cabelos também precisam ser lavados. Mas mesmo

quando tudo isso foi feito, são os arrotos que continuam a lhe recordar, durante a madrugada inteira e a manhã seguinte, o que você jantou na noite anterior.

— Vera? — chamou Ralph, se dirigindo à mãe de Judith. — Você não vai me decepcionar, espero.

Era a primeira vez que ouvia alguém chamá-la pelo nome. Tinha cabelos grisalhos curtos. Cabelos práticos. Vera, repeti o nome para mim mesmo. Os cabelos pareciam mais de uma Thea ou Ria. Tinha um rosto doce, mas distante, com muito poucas rugas para a idade. Uma mulher prática e saudável que, muito provavelmente, levava uma vida cuidadosa, sem grandes excessos, e que começou a cochilar depois da primeira taça de vinho branco. Esperava que ela deixasse a mesa a qualquer momento, pedisse licença e fosse para o quarto.

Pouco depois de chegarmos, Judith nos mostrou a casa. O piso superior tinha as salas de estar e jantar, a cozinha e três quartos. Mesmo sem a visita guiada, não era difícil adivinhar a quem pertencia cada quarto. Aquele com cama de casal e pilhas de livros e revistas nas mesinhas de cabeceira era dela e de Ralph; outro quarto, ligeiramente menor, com duas camas de solteiro, piso tomado por roupas, calçados, bolas de tênis e óculos de natação era de Alex e Thomas, e o menor de todos, com uma só cama, era o quarto da mãe. Não sei por quê, mas foi no umbral desse último que me detive por um tempo, após Judith e Caroline já terem voltado à sala de estar. O cômodo estava praticamente vazio, quase como a alcova de uma freira. Pendurado no encosto da única cadeira, um suéter marrom; sob o móvel, dispostos rigidamente lado a lado, um par de chinelos. Na parede acima da cama, um desenho a carvão de um barco de pesca sendo puxado para a areia da praia. Havia uma fotografia em um porta-retratos — ou pelo menos eu supunha que fosse uma fotografia; estava de costas para mim — na mesinha de cabeceira. Escutei as vozes de Judith e da minha esposa. Eu poderia. Poderia ter dado dois passos para ver quem (ou o quê) estava na fotografia, mas me contive. Depois, disse a mim mesmo. Depois, ainda há muito tempo. Na frente da casa havia uma grande janela panorâmica por toda a extensão da

sala de estar. A vista dava para as colinas que delineavam o litoral naquela região, mas não era possível ver o mar. A mobília da sala de estar era em sua maioria feia. Um sofá verde com duas poltronas verdes, estofados em plástico ou couro sintético, difícil dizer. Uma mesinha de vime com tampo de vidro fumê. A mesa de jantar era pesada, de madeira escura, os encostos do jogo de cadeiras cobertos de veludilho vermelho.

— Os donos são britânicos — disse Judith.

No primeiro piso havia uma garagem e um apartamento separado com entrada própria. Era onde Stanley e Emmanuelle estavam hospedados. Tinha uma vaga esperança de dar um passeio também pelo apartamento, mas Judith apenas entreabriu a porta e gritou algo, e então Stanley apareceu à porta. Tinha ao redor da cintura uma toalha de banho que cobria os joelhos.

— Emmanuelle está tomando uma chuvairada — disse ele.

Olhei para a parte nua de seu corpo. Para sua idade, a barriga era firme. Firme e bronzeada. Mas a pele em si era baça. Os pelos do peito e abaixo do umbigo eram quase brancos.

— Vocês vão se juntar a nós para um drinque? — perguntou Judith.

E finalmente demos um passeio pelo jardim. Ao lado da casa havia uma área coberta com uma mesa de pingue-pongue. Acima da porta da garagem, uma cesta de basquete. No jardim, os trechos do solo que não eram pavimentados com pedras estavam secos e seu tom ia do marrom ao quase vermelho. Do pátio, um lance de degraus azulejado levava à piscina.

— Ou talvez queiram dar um mergulho antes — ofereceu Judith.

Caroline e eu nos entreolhamos.

— Bem, talvez mais tarde — respondeu Caroline.

A piscina tinha a forma de um oito. No meio havia uma ilha de pedras com menos de um metro de diâmetro. Um jato de água jorrava dela. Flutuavam na água colchões de ar, boias e um crocodilo inflável verde com empunhaduras dos dois lados da cabeça. Na outra extremidade, no círculo mais largo do número oito, ficava o trampolim.

— É aqui que passamos a maior parte do tempo — disse Judith. — Conseguir levá-los à praia é uma provação.

Nesse instante, Lisa e Thomas saíram correndo da casa. O filho mais novo de Judith sequer desacelerou ao chegar à beirada da piscina. No último momento, pareceu que não conseguia se decidir entre mergulhar de ponta ou como uma bala de canhão. Meio caindo, meio escorregando sobre os azulejos molhados, desabou na piscina levantando muita água.

— Thomas! — gritou Judith.

— Vem, Lisa! Vem! — chamou ele.

O garoto bateu os braços na água e tivemos de recuar para não nos molharmos.

— Lisa! Lisa! Vem!

E lá estava minha filha mais nova. Ela parou um instante na beirada, mas depois se jogou na água.

— Lisa — chamou Caroline. — Lisa, onde está Julia?

A menina subira no crocodilo, mas Thomas a puxara imediatamente.

— O que você disse, mãe? — perguntou quando voltou à superfície.

— Onde está Julia?

— Não sei. Eles estão lá dentro, acho.

* * *

Depois das sardinhas, veio a raia. Era tão grande que quase cobria a churrasqueira inteira. Fumaça subia em ondas. Em uma mesinha de ferro ao lado da churrasqueira, Ralph colocara uma travessa com mais criaturas marinhas. Principalmente lula, pela aparência. Todas as variações possíveis de lula: lula com corpos brancos redondos e tentáculos na frente, lulas com corpos em forma de cogumelo do qual os apêndices pendiam em cacho e uma lula mais parecida com polvo, com as familiares ventosas em tentáculos compridos pendurados sobre a beirada da travessa.

— Compramos os frutos do mar aqui em uma loja da vila, que os recebe diretamente do barco — disse Ralph, abanando a fumaça dos olhos com

uma das mãos. — De fora nem parece uma loja. Tem aquelas portas de enrolar, aquelas de metal, sabe, e só abrem quando chega o carregamento. Não tem como ser mais fresco que isso.

Eu estava tentando retirar, o mais discretamente possível, uma espinha de sardinha que abrira caminho até o céu da boca em um local impossível, atrás dos incisivos. Apenas grunhi para indicar que o ouvira. Por estar sentado mais perto da churrasqueira, recebia a maior parte da fumaça no rosto. A fumaça da raia fedia menos que a das sardinhas, mas eu já tinha perdido o apetite. Enchi novamente a taça com vinho branco e tomei um grande gole. Enquanto saboreava a bebida, tentei ao mesmo tempo usar a ponta da língua para soltar a espinha de sardinha; como resultado, minha língua foi arranhada dolorosamente algumas vezes.

— Aparentemente serão treze episódios — Ralph estava contando a Caroline. — Treze vezes cinquenta minutos. Será provavelmente a produção mais cara da história da televisão.

Caroline e eu estávamos sentados um ao lado do outro, em frente a Stanley e Emmanuelle. Emmanuelle acendera um cigarro de filtro longo e batia as cinzas em seu prato com restos das sardinhas. Embora já estivesse escuro, ainda usava óculos de sol. Suas lentes desproporcionalmente grandes tornavam impossível saber para onde estava olhando.

— Você viu *The Sopranos*? — perguntou Stanley a Caroline. — Ou *The Wire*?

— Temos quase todas as temporadas dos *Sopranos* em DVD — disse Caroline. — Acho fantástico. Grandes atuações. E muita gente me disse que *The Wire* é muito bom. Mas ainda não chegamos a essa. E *Desperate Housewives*? Conhece *Desperate Housewives*? Temos duas caixas de DVDs desse também.

— *The Wire* é realmente a melhor. Você tem de ver, vai logo ficar viciada. A maioria do elenco é negra. Por isso a audiência é tão inferior à dos *Sopranos*. Mas *Desperate Housewives*... Desculpe, mas costumo achar um pouco forçado. Engraçadinho demais. Mas talvez seja uma série mais

feminina. Emmanuelle, por exemplo, acha ótima. Não é, Emmanuelle? Você gosta muito de *Desperate Housewives*, não gosta?

Ele precisou dar um tapinha em seu antebraço, para que ela se desse conta de que lhe dirigiam a palavra. E então teve de repetir a pergunta.

— *Desperate Housewives*... É legal — disse finalmente, para ninguém em especial.

— Certo, então esclarecemos isso — falou Stanley, sorrindo para Caroline. — Seja como for, essa série do Ralph está sendo produzida pela HBO, que fez *The Sopranos* e *The Wire*. A série mais cara de todos os tempos. Eu já disse isso?

— Já — falou Caroline. — Mas tudo bem.

— Acompanha a ascensão do Império Romano. Toda a era de ouro, sabe do que estou falando, não sabe? De Júlio César até o imperador Nero. É a única coisa que ainda não foi definida. Como vai se chamar. Eles não conseguem decidir entre *Roma* e *Augusto*. Mas como sete dos treze episódios se passam durante o reinado de César Augusto, acho que será *Augusto*.

— E quanto a Ralph? — perguntei.

— Ralph será o imperador — respondeu Stanley. — César Augusto.

— É, sei disso. Não foi o que quis dizer. Estava pensando em como chegaram a Ralph. Como você pensou em Ralph para o papel.

— Eu trabalhei com ele há vários anos, quando ainda morava na Holanda. Não sei, mas você já viu *Sweet Darlings*?

Tive de pensar. Então me lembrei. Pelo que conseguia recordar, não vira quando foi lançado nos cinema, mas muito depois, na TV. *Sweet Darlings*... Algo sobre garotos circulando em motonetas, sexo bastante explícito para a época e violência igualmente explícita. Tinha uma daquelas cenas sobre as quais as pessoas ainda conversam anos depois. O tipo de cena que pode immortalizar até mesmo um filme ruim. Dois garotos esticando um arame através da rua. À altura do pescoço. Uma motoneta chega, em alta velocidade. E então a cabeça rolando pelo asfalto. A cabeça que termina em um bueiro. Não, em uma vala. A cabeça mal se ergue acima da água. Você vê um olho de aparência chocada em meio às algas. Um olho que pisca. Então

o ponto de vista muda. Vemos para o que o olho estava olhando. Para um sapo sentado na margem. Um sapo chocado. Um sapo que olha para a cabeça com o mesmo espanto com que a cabeça olha para ele. Então o sapo coaxa e a tela fica borrada, depois preta. A sugestão era clara. A cabeça cortada pelo arame ainda estava *viva* quando caiu na vala.

— Meus pais não me deixariam assistir — disse Caroline.

— Mesmo? — disse Stanley, parecendo se divertir. — Era tão jovem assim?

— Ralph atuou nele? — perguntei. — Em *Sweet Darlings*? Não consigo me lembrar de jeito nenhum.

— Meu pescoço *ainda* dói por causa daquela cena! — gritou Ralph, que claramente estivera escutando. — Rá rá rá!

— Era ele? — perguntei a Stanley, e depois para Ralph. — Era você naquela vala? Nunca me dei conta disso.

— Bom saber que você acompanha os clássicos, Marc — disse Ralph. — E então, o que acha, Stanley? Não é ótimo saber que as pessoas ainda se lembram de uma cena como aquela?

— Ah, Deus, irc, agora eu lembrei! — disse Caroline. — A cabeça decepada na vala! Ah, eu morri de medo de olhar. Depois me dei conta de que meus pais estavam certos em não me deixar assistir.

Ralph soltou uma gargalhada poderosa. Stanley também riu. Emmanuelle ergueu a cabeça por um momento. Surgiu em seu rosto um sorriso sonhador, mas ela não perguntou do que todos estavam rindo. Eu não conseguia deixar de pensar nos filmes que Stanley Forbes dirigira depois. Os que fizera em Hollywood. Não vira todos, mas também nesses longos o diretor se valera fortemente do explícito. Eram películas que *mostravam tudo*, como as pessoas gostavam de dizer. Em um polo, os membros cortados e os cotos sangrando, e no outro, os órgãos sexuais com veias azuis inchadas. Você se esquecia sobre o que eram os filmes logo depois do fim, mas as cenas explícitas tinham se tornado sua marca registrada.

— Onde está Judith? — perguntou Ralph. — Estou morrendo de sede.

E, de fato, onde estava Judith? Alguns minutos antes ela se levantara da mesa para pegar um pouco mais de vinho, e ainda não tinha voltado. A mãe de Judith, sentada na extremidade mais distante da mesa, levou a mão à frente da boca e começou a bocejar.

— Ai, ai — disse ela.

Foram as únicas palavras que tinha pronunciado na meia hora anterior.

Recostei na cadeira e olhei ao redor. Primeiro para os degraus de pedra levando ao primeiro andar. Depois para a área coberta ao lado da casa onde Lisa e Thomas jogavam pingue-pongue sob a luz fluorescente amarelada. Seu primeiro prato de sardinhas havia sido suficiente, e eles foram autorizados a levantar da mesa. Assim como Julia e Alex. Mas onde esses dois estavam, eu não sabia. Olhei para a piscina, onde a luz subaquática estava acesa. A noite não tinha sequer uma brisa. O crocodilo inflável verde estava de lado, imóvel. Enquanto eu estivera lidando com as sardinhas, não ousara olhar para Judith. E ela não pareceu se esforçar para estabelecer contato visual comigo. Em uma ocasião ela rira alto demais de um comentário não tão engraçado de Caroline e colocara a mão no seu antebraço. Comecei a me perguntar se teria perdido algum detalhe. Um olhar. Um gesto. Algo que poderia ter dito que eu deveria esperar um minuto antes de segui-la para dentro de casa. *Devo ir procurar Judith?* Ensaiei a frase algumas vezes de cabeça, mas ela continuou a ser uma fala de um filme ruim.

Então, de repente houve movimento no alto das escadas. Primeiro vi Alex, depois Julia descendo, com Judith alguns degraus atrás. Os cabelos de Julia estavam despenteados, notei enquanto ela se aproximava, e as faces, ruborizadas. Eu não conhecia Alex o suficiente para dizer se seus cabelos também estavam despenteados.

— Papai? — perguntou Julia.

Ela descera e estava de pé perto de mim, as mãos dos dois lados de meu pescoço, gentilmente massageando meus ombros. Era o que ela sempre fazia quando queria algo de mim: um extra na mesada para um suéter caro que vira na cidade; o “pobrezinho” do hamster na vitrine da pet shop que ela

queria comprar mais do que tudo; a festa da escola em que “todo mundo” ia ficar até meia-noite.

— Ahn? — respondi.

Peguei a mão esquerda dela com a minha direita e apertei gentilmente. Também olhei para Caroline. Julia nunca pedia nada primeiro a Caroline. Ela sabia que eu era mais fácil. *Frouxo*, Caroline sempre dizia. *Nunca ousa dizer não*.

— Podemos ficar aqui? — perguntou Julia.

— Ficar aqui? O que quer dizer com ficar aqui? — perguntei.

Tentei fazer contato visual com Judith, mas ela acabara de colocar duas garrafas de vinho branco na mesa e estava entregando o saca-rolhas a Stanley. Senti meu rosto queimar. Meu coração acelerou.

— Quer dizer que você quer passar a noite aqui? Acho que não há espaço suficiente.

— Não, estou falando de todos nós — disse Julia, apertando meus ombros um pouco mais forte. — Todos nós podemos ficar aqui. E não mais naquele camping idiota.

Judith se colocou de lado, longe da mesa, logo atrás de minha esposa. Olhou para mim.

— Nós convidamos vocês na noite da festa — falou. — Mas então Stanley e Emmanuelle apareceram vindo dos Estados Unidos, e não há mais espaço livre na casa. Mas pensei: vocês têm uma barraca. Por que não a montam aqui no jardim?

Eu olhei para trás. O modo como ela estava de pé ali, o rosto fora do alcance do candelabro, não me deixava ver seus olhos claramente.

— *Por favor?* — pediu Julia em voz baixa no meu ouvido. — Por favor?

— Não sei — respondi. — Onde faríamos isso? Quero dizer, parece incômodo demais para vocês. Vocês já têm convidados. Seria gente demais de repente.

— Absurdo! — falou Ralph. — Quanto mais, melhor... — disse, rindo alto. — Ou seja como for. Há espaço suficiente aqui.

— Eu estava pensando ali, na lateral da casa — atalhou Judith. — Onde está a mesa de pingue-pongue. Há espaço suficiente ali para uma barraca. E vocês podem tomar banho na casa e tudo mais.

Houve um estalo alto. Todos olharam para Stanley, que havia tirado a rolha da garrafa.

— Desculpem — falou. — Desculpem por chegar aqui antes de vocês. Não sabíamos que haviam sido convidados.

— Isso não me parece uma boa ideia — disse Caroline. — O terreno lá é duro como pedra. Não dá para montar a barraca. Vamos voltar para o camping mais tarde — acrescentou, olhando para mim, depois falou com Julia: — Vocês duas podem vir quando quiserem. E podemos nos encontrar na praia. Mas no camping temos mais espaço. É mais confortável para todos.

— Eu acho aquele camping idiota — retrucou Julia.

— Escute, o solo não é um grande problema — falou Judith. — E não tem vento aqui. Há uma pilha de tijolos na garagem, vocês não precisam sequer usar estacas. Não há risco de o vento derrubar a barraca.

— Podemos, papai? — pediu Julia, apertando meus ombros com tanta força que quase doeu. — Podemos, por favor?

18

Era quase meia-noite quando voltamos para o camping. Caroline não disse uma palavra sequer a viagem toda, mas depois de termos dado boa-noite às meninas, ela anunciou que iria se sentar fora da barraca e fumar um cigarro.

Eu estava cansado. Tomara vinho demais. O que queria era engatinhar para meu próprio saco de dormir, ao lado de minhas duas filhas. Mas Caroline parara de fumar dois anos antes. Ela não me respondera mais cedo, quando eu perguntara o que achava de transferir a barraca para o jardim da casa de veraneio. Simplesmente pegara um cigarro do maço de Emmanuelle e o acendera em silêncio. Mais tarde, depois da raia e da lula, fumara mais alguns. Não contei. Mais de cinco, avalio. Quando nos despedimos, Emmanuelle tinha dado a ela o maço quase vazio.

Em outras palavras, me parecia uma boa ideia me juntar à minha esposa do lado de fora da barraca por um tempo.

— Então me diga, o que eu deveria responder? — perguntou, logo depois de eu ter afundado em minha cadeira dobrável.

Ela tentou sussurrar, mas soou mais alto que um sussurro. Cuspiu as palavras. Pensei ter sentido saliva em minha bochecha.

— Se você simplesmente fica sentado ali e diz que isso parece bom, acampar no jardim daquelas pessoas? E então, *só depois disso*, pergunta o que penso!? Com as crianças ali! O que eu deveria dizer? A única coisa que posso fazer é estragar tudo para Lisa e Julia. O que faz de mim a mãe megera que sempre estraga as coisas. E faz de você o pai divertido que sempre pensa que está tudo bem. Que merda, Marc, era como se eu tivesse me encolhido em posição fetal e morrido!

Eu não disse nada. Vi a ponta de seu cigarro arder na escuridão. Arder *de fúria*. Quando nos conhecemos, ambos éramos fumantes. Na cama, acendíamos os cigarros um do outro. Eu tinha parado dois anos antes dela.

E mesmo assim, depois que as crianças nasceram, só tínhamos fumado no jardim.

— Eu lhe disse que quando estou de férias não gosto de ter outras pessoas por perto. Especialmente não na primeira semana. E você disse certo, tudo bem, podemos ir embora amanhã se você quiser. E nos sentamos lá uma noite comendo peixe e escutando toda aquela afetação sobre uma série de TV cara e você muda completamente de opinião.

— Foi por causa de Julia — falei. — Eu sei, eu sou frouxo. Não consigo dizer não. Mas é porque vi como elas estavam se divertindo na piscina e com a mesa de pingue-pongue. Os garotos são legais. É algo que temos de levar em conta, não é? Também acho mais relaxante só nós quatro de férias. Mas não faz mal, de vez em quando, ver as coisas do ponto de vista delas. Quão divertido pode ser para nossas filhas ficar só com os pais?

— Marc, essa não é a questão! Não comece a agir como se você fosse o único que pensa em como tornar as férias divertidas para as meninas. Eu vi que elas se divertiram com aqueles garotos. Mas isso não significa que temos de mudar tudo e desistir da nossa privacidade assim. O que realmente me incomoda é o modo como aconteceu. Do jeito que você fez, não havia como eu dizer não.

Senti uma abertura. A proverbial luz no fim do túnel. Uma cortina foi puxada para o lado: fora da janela, o dia amanhecia. Durante uma discussão normal, eu teria teimosamente insistido em que ela não poderia resmungar sobre a própria privacidade quando estávamos de férias com duas adolescentes. Que, como mãe, ela não deveria sempre tentar se colocar no papel de vítima. Mas aquela não era uma discussão normal.

— Desculpe — falei. — Eu realmente não me dei conta disso. Deveria ter perguntado de outra forma. Ou em outro momento. Desculpe.

Depois ambos ficamos em silêncio. Por alguns segundos, tive a impressão de que ela estava chorando. Mas era ela tragando o cigarro com filtro.

Eu me inclinei e encontrei seus pulsos na escuridão. Envolvei meus dedos nele suavemente.

— Quantos cigarros você ainda tem? — perguntei.

— Marc, por favor. Não seja ridículo.

— Não, sério. Qual é o problema, um cigarro? Estou com vontade de fumar um cigarro. Aqui fora. Com você.

— Quer saber? Ultimamente tenho me preocupado de verdade. Com você. Com o modo como você vê seus pacientes.

Eu tateei no escuro, tentando achar o maço. Finalmente encontrei, em meio às agulhas de pinheiro sob a cadeira de minha esposa.

— Você sempre falou sobre eles de um modo que deixava claro que estava acima de tudo aquilo. Acima de todos aqueles artistas e pretensos artistas. Você se considerava melhor que eles. E estava certo. Odiava aquelas estreias, vernissages e lançamentos de livros tanto quanto eu. Toda aquela bobagem vazia de pessoas que se acham superiores ao resto da humanidade só porque fazem algo relacionado a arte. Os supostos pintores que nunca vendem uma pintura, diretores que fazem filmes que têm talvez cem espectadores. Mas que, enquanto isso, desprezam as pessoas que conseguem ganhar a vida. Mesmo pessoas que conseguem curar outras pessoas. Como você.

— Caroline...

— Não, espere, ainda não terminei. É isso que mais me magoa. O modo como eles olham para você. Às vezes fico pensando se você mesmo nota. Eu noto. Eles o desprezam, Marc. No fundo do coração, eles pensam que você é apenas um doutorzinho idiota e medíocre. Um médico que não vale nada porque não consegue fazer uma porra de uma pintura idiota que ninguém quer comprar. Que se recusa a suplicar por dinheiro para produzir outra peça nojenta ou um filme lamentável que ninguém quer ver. Eu vejo essa atitude em tudo o que eles fazem. Mesmo no modo como olham para mim. Aos olhos deles, claro, eu sou ainda inferior a você. A *esposa* do médico. O lixo da terra. Quão mais baixo você consegue chegar? É isso que eles estão pensando. E então eles olham ao redor para encontrar companhia mais interessante com a qual conversar. Quanto mais rápido puderem se livrar da esposa idiota e tediosa do médico, melhor.

— Caroline, você não deveria...

— Cale a boca. Ainda não terminei. Quero que você me escute. Depois nunca mais vou falar sobre isso de novo. Nunca. Prometo.

Peguei o cigarro da mão de Caroline e o usei para acender o meu.

— Estou escutando — disse.

— Eu não suporto mais. Ou melhor: eu poderia suportar, desde que você soubesse no fundo do coração que está acima deles. Mas isso ainda é verdade? Você ainda acha que está acima de tudo isso, Marc?

Pensei naquilo. Pensei no que sentia no fundo do coração, e soube a resposta. Eu fantasiara bastante sobre isso, em momentos em que se tornava excessivo. O que realmente se perderia se eu simplesmente desse uma injeção em todos eles? Fantasiei isso de tempos em tempos. Quais filmes “que decididamente precisam ser feitos”, como um paciente disse uma vez, permaneceriam sem ser feitos? Quantas pinturas não seriam pintadas? Quantos livros não escritos? Seria realmente uma grande perda? Será que alguém iria notar?

Às vezes, entre consultas, eu passava trinta segundos sentado sozinho à minha escrivaninha. Depois imaginava como poderia ser. Eu os chamaria, um a um. Braço esquerdo? Braço direito? Poderia enrolar a manga. É só uma pontada, bem rápido. Em uma semana eu terminaria o serviço. Os cronogramas de filmagem seriam arquivados. As apresentações, canceladas. Os livros permaneceriam não escritos. Algo realmente seria perdido? Ou logo se instalaria uma sensação de alívio?

— Do que você está rindo? — perguntou Caroline.

— Não, estava imaginando como seria se eles não estivessem mais por aí. Meus pacientes. Quer dizer, se eu tivesse de montar meu consultório novamente. Um aviso na porta: a partir de hoje, só aceitamos pacientes normais. Pacientes que trabalham das nove às cinco.

Ergui o cigarro e dei um trago. Foi bom. Pareceu a primeira vez. A primeira vez no pátio da escola. E, como na primeira vez, tive um ataque de tosse.

— Cuidado, Marc — disse Caroline. — Você não está mais acostumado.

— Mas o que você quer dizer exatamente sobre eu não estar mais acima deles? Por que acha isso?

— Não sei. Mas comecei a pensar nisso depois de você conhecer esse Ralph Meier. É como... É quase como se você o *admirasse*. Você nunca tinha feito isso antes, admirar um paciente. Você odiava tudo isso. Todas essas noites de estreia a que tinha de ir. Achava que era perda de tempo, foi o que sempre disse.

Dei um segundo trago no cigarro. Com um pouco mais de cuidado dessa vez, para não ter outro acesso de tosse.

— Bem, talvez “admirar” seja um pouco de exagero, mas você precisa admitir: Ralph tem talento. Pelo menos ele é diferente daqueles supostos artistas que se acham tão interessantes. Ele realmente *sabe* atuar. Quer dizer, você também achou que ele era bom. Em *Ricardo II*.

— Claro, eu achei que ele era muito bom, apesar de sua personalidade repulsiva. Você precisa ser capaz de distinguir essas coisas, até onde eu sei. O talento de uma pessoa e como ela age na vida privada. Mas estou falando de outra coisa. Não é porque você admira o talento dele, mas porque parece que você acha a vida deles interessante. Já tinha notado isso naquela festa. E agora essa situação. Todo o trabalho que você teve para encontrar um camping perto deles. E como ficou entusiasmado com a ideia de acampar no jardim deles. Como se, conscientemente ou não, você estivesse ávido para ficar por perto. Acho isso bizarro. Você não é assim, Marc. Você *não era* assim. Esse não é o Marc que eu conheço. E esse não é o Marc que eu admiro... ou *admirava*. O Marc que nunca, jamais, cogitaria passar as férias na casa de praia de um de seus pacientes. Nem mesmo se esse paciente fosse um ator famoso. *Principalmente* se fosse um ator famoso.

Ouvi atrás de mim o som da barraca sendo aberta. Depois Lisa de pé ali, de pijama. Esfregava os olhos para afastar o sono.

— Vocês estão brigando?

Estiquei o braço e a puxei para mim.

— Não, querida. Não estamos brigando. Por que você acha que estamos brigando?

— Dava para ouvir vocês falando o tempo todo. Não consigo dormir.

Passei o braço pela cintura dela e a trouxe para mais perto de mim. Lisa colocou a mão no alto da minha cabeça e passou os dedos pelos meus cabelos.

— Papai!

— O que é, querida?

— Você está fumando!

Por reflexo, fiz um movimento para apagar o cigarro no chão, mas isso apenas fez com que parecesse mais culpado.

— Você não fuma nunca, fuma? — perguntou Lisa.

— Não — falei.

— Então por que está fazendo isso agora?

Vi no escuro a ponta brilhante do cigarro de Caroline saltar para o chão e então se apagar.

— Escute, foi só uma vez, por uma razão realmente...

— Mas você não pode fumar! Fumar faz muito mal. Se você fuma, você morre. Não quero que você fume, papai. Não quero que você morra.

— Não vou morrer, querida. Olhe, já estou apagando.

Esmaguei o cigarro com firmeza no chão.

— Vocês dois nunca fumam — disse Lisa. — Mamãe nunca fuma. Então por que estão fumando?

Eu respirei fundo. Senti os olhos ardendo, mas não era por causa da fumaça.

— Papai também nunca fuma — respondeu Caroline. — Ele só queria experimentar, ver como o gosto é ruim.

Nenhum de nós falou. Abracei minha filha com mais força e acariciei suas costas.

— Nós vamos para a piscina amanhã? — perguntou Lisa.

Eu não disse uma palavra. Na escuridão, contei os segundos. Um, dois, três... Ouvei Caroline suspirar fundo.

— Sim, querida — respondeu ela. — Amanhã nós vamos voltar para a piscina.

19

Foi assim que começou nossa estadia na casa de praia dos Meier. *Junto à casa de praia*, eu deveria dizer. *Ao lado da casa de praia*. A terra não era tão dura para as travas da barraca, afinal. Assim que desenrolei a base, enquanto começava a montar as varas, lancei um olhar interrogativo a Caroline.

— Não, meu amor — disse ela. — Dessa vez, é tudo por sua conta.

Depois foi em direção à piscina.

Tínhamos colchões de ar finos que enchiam automaticamente. O chão não era tão duro quanto achávamos, mas era duro. Era possível sentir através dos colchões cada caroço e cada pedra que eu ignorara enquanto montava a barraca. E nosso lugar era mais ou menos junto à mesa de pingue-pongue. Depois de uma noite de sono, acordei com o toc-toc das bolas. Alex e Thomas não tinham hora certa para dormir. Quando não estavam jogando pingue-pongue, você os ouvia saltar do trampolim até bem depois de meia-noite.

Caroline não dizia nada. Ela não dizia: “Então, está feliz agora? Era isso que você queria, não era?” Ela apenas olhava para mim. E depois sorria.

Íamos aos mercados locais com os Meier. Mercados onde Ralph pechinchava em alto e bom som os preços de peixe, carne e frutas.

— Todos me conhecem — dizia ele. — Eles sabem que não sou um turista comum. Você não precisa me dizer quanto custa de verdade um quilo de camarões.

Íamos a restaurantes onde ele sempre fazia questão de dispensar o cardápio.

— Em lugares assim, você não pede o cardápio. Você pergunta a eles o que está fresco.

E era o que ele então fazia. Dava tapinhas nas costas dos garçons e beliscava suas barrigas com camaradagem.

— Em nenhum outro lugar você encontra algo assim — dizia para nós.

Travessas de frutos do mar eram colocadas à nossa frente. Sempre frutos do mar. De todas as formas e tamanhos. Frutos do mar, alguns dos quais eu nem sequer sabia que existiam. Frutos do mar, alguns dos quais você nem saberia por onde começar a comer. Eu gosto de carne vermelha. Ralph nem me dava tempo de olhar o cardápio. Algumas vezes eu consegui chamar a atenção de um garçom e apontar para um prato que eu vira em uma mesa vizinha. Um prato de carne vermelha. Um prato coberto com um molho marrom-escuro, com ossos se projetando.

— O que você pediu agora? — esbravejava Ralph, balançando a cabeça.
— Este é um lugar onde se come frutos do mar. Amanhã vamos comprar carne para o churrasco. Há uma fazenda onde vendem cordeiro e porco trazidos direto do quintal. A carne daqui vem do supermercado. Este é um restaurante de *frutos do mar*. Então, *bon appétit!*

Nos dias em que não estávamos na piscina, íamos à praia. Ou, mais precisamente: íamos a pequenas praias. A praia normal onde havíamos nos encontrado na primeira vez não era boa o bastante.

— Todos vão lá — dizia Ralph, sem se preocupar em explicar o que havia de errado com isso.

As pequenas praias aonde Ralph nos levava eram acima de tudo difíceis de chegar. De onde estacionávamos os carros, normalmente demorava uma hora passando por trilhas pedregosas quase intransitáveis, tomadas de cardos e espinheiros que arranhavam nossas pernas desprotegidas e as deixavam sangrando. Insetos com abdômens listrados em vermelho e amarelo zumbiam pelo ar quente e nos picavam na panturrilha ou no pescoço. Bem abaixo, era possível ver o mar azul.

— Ninguém nunca vem aqui! — gritava Ralph. — Espere e verá. É um paraíso!

Sempre íamos abarrotados de coisas. Ralph e Judith levavam *tudo*: cadeiras, guarda-sóis, um cooler com vinho branco gelado e latas de cerveja, e uma cesta de piquenique cheia de pão francês, tomates, azeite, embutidos, queijo e latas de atum, sardinha e uma inevitável variedade de lulas. Uma vez

na praia, Ralph imediatamente tirava toda a roupa e mergulhava na água entre as rochas.

— Meu Deus, não é maravilhoso? — falava cuspidando água. — Alex, jogue meus óculos! Acho que há caranguejos aqui. E ouriços do mar. Ai! Merda! Pode olhar para mim, Judith? Acho que meus chinelos estão naquela bolsa azul. Marc, o que você está esperando?

De fato, o que eu estava esperando? Já expliquei o que penso sobre corpos nus. Os corpos nus do meu trabalho diário. Um corpo nu no consultório de um médico é algo diferente de um corpo nu ao ar livre. Olhei para Ralph quando ele emergiu da água e deslizou os pés para os chinelos que Judith pegara na bolsa azul. Notei as gotas de água caindo do seu corpo. Ele balançou a cabeça como um cachorro molhado, e ainda mais água voou dos seus cabelos. Assoou o nariz ruidosamente com os dedos, depois os limpou na coxa. Há muito tempo os primeiros animais passaram para terra firme. Depois disso, a maioria adentrou ainda mais para o interior. Depois os humanos, inicialmente em pequenos números, começaram a retornar à praia. Olhei para a virilha peluda de Ralph, de onde pingava tanta água que você não sabia dizer se era água do mar ou se ele simplesmente urinava ali mesmo, sem vergonha alguma.

— Marc, entre, homem. Aqui dá até para ver o fundo.

Pousou as mãos nos quadris e olhou ao redor, contente, para sua “pequena praia”, de cuja existência apenas ele tinha conhecimento. Por alguns segundos bloqueou o sol com seu enorme corpo. Depois virou e, com alguns passos gigantescos, os chinelos estalando ruidosamente nos calcanhares, voltou para o mar.

Eu não sou acanhado, não é isso. Não, deixe-me reformular: eu *sou* acanhado, eu me orgulho de ser acanhado quando isso significa que você não sai ostentando seu pau e outras partes do corpo por toda parte ao ar livre. Em outras palavras, sinto que certa circunspeção deveria ser observada quando corpos estão nus. Praias de nudismo, campings de nudismo e outros lugares onde os nus por princípio se reúnem são lugares que evito como se fossem a peste. Qualquer um que já tenha visto pessoas

nuas jogando vôlei na praia sabe que a nudez não produz qualquer atração erótica, para dizer o mínimo. Também em sepulturas coletivas as pessoas com frequência ficam nuas, umas em cima das outras. A questão é preservar um mínimo de dignidade humana. Os nudistas não entendem isso. Sob o pretexto de que é mais natural tirar todas as roupas, eles o obrigam a uma visão desimpedida de seus paus balançando, peitos sacudindo, lábios oscilando e regos úmidos, bem na sua cara. Eles apontam os dedos, acusando. Dizem que *você* é limitado quando argumenta que seria melhor não ver nada disso.

Olhei ao redor para ver o que os outros estavam fazendo. Os dois garotos tinham colocado shorts de praia multicoloridos. Shorts que iam abaixo do joelho. Caroline tirara a blusa e estava deitada de biquíni em uma toalha que estendera na praia de seixos. Minhas duas filhas estavam de biquíni. Lisa, estritamente falando, ainda não precisava do sutiã, mas era compreensível que não quisesse ser superada pela irmã mais velha.

Por fim, olhei para Judith. Estava agachada diante da mesma bolsa azul de onde tirara os chinelos de Ralph. Pegou um frasco de bronzeador e começou a passar nos braços. Vi tudo com clareza. Vestia apenas a calcinha do biquíni. Só olhei rapidamente. Tive medo de que me flagrasse olhando para seus seios, então desviei os olhos depressa, e voltei minha atenção para o mar. Nenhum sinal de Ralph. Procurei de novo, mas não o encontrei em lugar algum. Aquela praia específica ficava em uma enseada. No ponto em que a enseada se abria para o mar, havia projeções rochosas contra as quais as ondas quebravam. E me ocorreu que seria um começo de férias estranho se Ralph se afogasse na praia logo no primeiro dia. Ou talvez não afogar completamente, mas ter de ser arrastado para os seixos, tossindo, vomitando e tentando respirar. Sim, havia um médico na área. Eu era o candidato óbvio para fazer respiração boca a boca. Deitá-lo de costas e massagear seu estômago, fazer com que vomitasse a água do mar que tinha engolido. Pensei em minha boca na de Ralph. Sem dúvida teria gosto de lula. *Este é um restaurante de frutos do mar!*, pensei, e caí na gargalhada.

— Marc! Marc!

Lá estava ele, de pé no ponto mais alto das rochas. Tinha erguido óculos e snorkel para a testa. Acenava.

Tomei uma decisão. Era uma decisão que teria grandes consequências para o resto das nossas férias, entendi na época. Tirei camiseta, short e roupa de baixo. De costas para a praia, o mais perto possível da linha entre terra e mar, no ponto onde as ondas escorriam sobre os seixos. Dessa forma, por cerca de cinco segundos, qualquer um que quisesse poderia ver meu corpo completamente nu, embora apenas de costas. O lado menos ofensivo, e talvez alguém agradecesse por isso. Peguei meu calção enrolado na toalha e me curvei para vesti-lo. Era uma bermuda de praia simples; terminava logo acima dos joelhos. Nada de cores brilhantes. Mas com uma espécie de padronagem floral. Embora em preto e branco. Eu a vesti e dei o laço no cordão que a impedia de cair. Vestir bermuda naquele primeiro dia na praia significava que a partir de então eu *sempre* usaria bermuda — mesmo junto à piscina.

— Aqui, Marc. Aqui, dê uma olhada nisto.

Depois que eu tinha escalado a projeção rochosa, Ralph me deu óculos e snorkel.

— Bem aqui embaixo, cara. Preso na pedra, é enorme — disse, mostrando o tamanho com as mãos. — Um polvo. Gigantesco. Vai ficar ótimo na churrasqueira hoje à noite.

* * *

Stanley e Emmanuelle nunca nos acompanhavam a essas enseadas distantes e praias de seixos. Normalmente ficavam na casa de veraneio; Stanley sentava a uma mesa no pátio e trabalhava nos roteiros de *Augusto*, enquanto Emmanuelle dava voltas preguiçosas na piscina. Ou saíam em excursões por cidades e aldeias vizinhas, para visitar museus, igrejas e mosteiros. Stanley tinha uma câmera digital com tela grande. Quando voltavam, nos mostrava as fotos que haviam tirado no dia. Fotos de torres de igrejas, conventos e jardins de mosteiro. Eu tentava fingir interesse, mas era difícil. Também

havia muitas fotos de Emmanuelle: Emmanuelle agachada abraçando os joelhos em uma parede baixa ao lado de uma estátua equestre; Emmanuelle parecendo se divertir ao lado de um lago com uma fonte em forma de carpa; Emmanuelle a uma mesa ao ar livre coberta por uma toalha branca, o gargalo de uma garrafa envolto em um guardanapo branco e emergindo de um balde de gelo a seu lado; Emmanuelle sugando a perna de um siri ou uma lagosta. Numericamente, as fotos de Emmanuelle superam em muito as outras. Algumas vezes, Stanley fazia uma pausa um pouco mais longa quando uma foto dela aparecia na tela.

— Aqui — dizia então, um sorriso sonhador brotando no rosto. — Ela não é deslumbrante?

Ele estava certo. Na frente da câmera, algo acontecia a Emmanuelle. Ela se abandonava. Abandonava sua presença física, que basicamente transmitia letargia e desinteresse. Eu via como Stanley parecia se esquecer de si mesmo ao olhar as fotos. Como se a tivesse arrancado de uma revista. O tipo de revista que um adolescente esconde sob o colchão.

Também havia dias que passávamos todos os minutos, de manhã até de noite, ao lado da piscina. Por volta do meio-dia, Ralph acendia a churrasqueira e Judith trazia as primeiras cervejas e garrafas de vinho branco da geladeira. Então fazíamos uma “refeição leve” no pátio. Passávamos o resto da tarde jogados nas cadeiras ao redor da piscina, onde a maioria cochilava. Os garotos tinham amarrado uma corda do segundo andar até o trampolim. Saíam da janela e desciam pela corda com as mãos até estarem sobre a piscina, e se jogavam na água sob fortes aplausos de nossas garotas, que proibíamos de usar a corda. Ralph ficava de short quando estava na churrasqueira, mas dava para perceber que ele aguardava ansioso o fim do almoço para poder tirá-lo novamente. Ele mergulhava na piscina com um grito alto, a água sacudia e espirrava pelas beiradas. Eu sempre observava esse primeiro mergulho com interesse especial. Observava como um médico. Vinte anos atrás, as pessoas eram advertidas a não entrar na água logo depois de comer. Essa ideia saíra de moda. A escola de pensamento naqueles dias era que você, na verdade, não deveria esperar demais. A digestão só

começa mesmo depois de uma hora. Depois de uma hora realmente há riscos. O sangue se desloca para estômago e intestinos. A atividade neural diminui. A capacidade de raciocínio reduz, e finalmente é suspensa. Da mesma forma, muito pouco sangue flui para outras partes do corpo. Muito pouco oxigênio. As pernas sofrem com a falta de oxigênio e não conseguem mais aplicar força. Os braços começam a formigar e perder a sensibilidade. Qualquer um que entre no mar durante a digestão corre o risco de se tornar um joguete nas ondas. De ser arrastado para o mar por correntes traiçoeiras. Mas logo depois de comer, não há muito com o que se preocupar. O estômago está cheio, verdade. Não é totalmente desprovido de riscos. Pratos com queijo derretido podem coagular de repente. O queijo esfria rápido demais e se torna um bolo sólido. A abertura entre o estômago e o duodeno se fecha. O fluxo para os intestinos é bloqueado. Molhos podem começar a girar, como óleo no porão de um superpetroleiro. O petroleiro tem problemas durante uma tempestade, atinge as rochas e se parte em dois. Um molho pode fazer marola sobre as paredes do estômago e subir pelo esôfago. O nadador corre o risco de sufocar em seu próprio vômito. O vômito escorre pela traqueia. Pela última vez, ele ergue a mão acima da água e grita por ajuda. Mas da praia ninguém consegue vê-lo. Ninguém consegue ouvi-lo. Ele afunda entre as ondas e reaparece apenas dias (às vezes até mesmo semanas) depois, em alguma praia a quilômetros de distância.

Era o que eu pensava sobre Ralph quando ele mergulhava na piscina. Eu sempre considerava a possibilidade de que ele não voltasse à superfície. Ou que batesse o crânio bêbado no fundo e ficasse paralisado da cabeça aos pés. Mas toda vez ele emergia novamente, tossindo, espirrando e pigarreando, e se arrastava escada acima. Depois estendia uma toalha sobre uma espreguiçadeira e deitava ao sol para secar. Nunca se cobria. Ficava deitado com as pernas abertas, o corpo grande demais para a espreguiçadeira, os pés pendurados na beirada: tudo solto e preguiçoso, bronzeando ao sol.

— Isso é que são férias, hein? — dizia, arrotando e fechando os olhos.

Um minuto depois, a boca se abria e ele roncava alto. Eu olhava para sua barriga e suas pernas. Para seu pau, caído de lado, apoiado na coxa. E então

olhava para minhas duas filhas. Para Julia e Lisa. Não pareciam nem um pouco ofendidas. Estavam brincando na piscina. Brincavam de pique-pega com Alex e Thomas. Ou Caroline jogava moedas na água e elas mergulhavam para resgatar. Fiquei me perguntando se eu de fato era limitado. Se era culpa minha que o pau exposto de Ralph Meier, tão perto de minhas jovens filhas, parecesse algo tão obsceno. Eu não conseguia chegar a uma conclusão — e enquanto não concluísse, continuaria achando obsceno. Lembro-me de certa tarde quando um funcionário da imobiliária apareceu. Surgiu um problema com a pressão da água: à noite, a água apenas pingava do chuveiro. Sem colocar o short ou pegar uma toalha, Ralph levantou da espreguiçadeira e apertou a mão do homem. Eu vi o modo como o funcionário olhou. Ou melhor: o modo como ele *não* olhou. Era pelo menos sessenta centímetros mais baixo que Ralph. Estava mais perto daquilo do que alguém de estatura normal estaria, seu rosto devia estar a cerca de vinte centímetros do pau balançante de Ralph; ele só teria de baixar os olhos um centímetro para ter uma visão em close. Ralph calçou chinelos e conduziu o técnico escada acima. Eles desapareceram dentro da casa, e quando voltaram, cerca de quinze minutos depois, Ralph ainda não tinha vestido calças ou se enrolado em uma toalha.

— É a caixa d'água no telhado — anunciou. — Está bloqueada. Para piorar ainda mais as coisas, há meses não chove.

Na manhã seguinte, não caiu água alguma do chuveiro. As torneiras e o chuveiro ao lado da piscina também tinham secado. Ralph xingou e pegou o celular.

— Estamos pagando uma maldita fortuna pelo aluguel deste lugar — disse. — Eles vão ter de resolver isso de algum modo. Falta de chuva é o cacete.

Mas ninguém atendeu na imobiliária. Ralph calçou os chinelos novamente e dessa vez, para variar, também colocou calças.

— Estou indo lá — anunciou. — Vou dizer a eles exatamente o que acho da caixa d'água.

Nesse momento, Caroline sugeriu que nós dois poderíamos ir à imobiliária. Ralph protestou.

— Não, escute, Marc e eu podemos também fazer compras — disse ela.
— Esta noite *nós* faremos o jantar.

Ela olhou para mim enquanto falava isso. Estava sorrindo, ao menos era o que aparentava, mas eu sabia pela expressão em seu olhar que ela falava totalmente sério. Murmurei alguma coisa, depois fui à barraca procurar as chaves do carro.

20

Na descida para a cidade, Caroline permaneceu em silêncio. Quando estava prestes a virar à esquerda na entrada principal, em direção ao escritório da imobiliária na periferia da cidade vizinha, ela colocou a mão no meu antebraço.

— Não, primeiro vamos tomar café da manhã. Na praia — falou.

Alguns minutos depois, estávamos no terraço do mesmo restaurante em que tínhamos nos deparado com os Meier naquela primeira noite. Caroline mergulhou seu croissant em uma grande xícara de *café au lait* com espuma.

— Finalmente a sós — disse, com um suspiro. — Já não era sem tempo.

Ela estava certa, eu não podia negar. Sem ser capaz de resistir, fomos arrastados para a dinâmica típica de férias em grupo. Aqueles jogos de forças que o levam sem que você note, como uma correnteza invisível. Aqueles jogos de força nos quais você raramente ou nunca está só. A privacidade foi escondida no forno. Algumas vezes eu tentara ir comprar pão sozinho na cidade, mas sempre havia alguém querendo me acompanhar. Normalmente Ralph. “Está indo à cidade, Marc? Ótimo. Hoje é dia de feira. Podemos comprar peixe fresco e frutas enquanto estamos lá.” E então eu me via de pé ao lado do carro por pelo menos meia hora, chave na mão. “Os garotos também vão”, Ralph dizia quando finalmente aparecia no alto dos degraus. “Podem nos ajudar a carregar as compras. Só um minuto, Alex está terminando a chuveirada.”

— Você está certa, já não via a hora — respondi a Caroline. — Foi uma boa ideia.

Observei um pai empinando pipa com o filho pequeno. Era uma daquelas pipas com dois pares de linhas, do tipo que você pode girar e fazê-la mergulhar no ar. Sempre que o pai dava as linhas ao filho, a pipa batia com tudo na areia. Àquela hora, dava para ver eventuais velas brancas no mar.

Um transatlântico branco se movia quase imperceptivelmente da esquerda para a direita ao longo do horizonte.

— Por quanto tempo mais teremos de aturar? — perguntou Caroline.

— Aturar o quê?

— Marc... Você sabe do que estou falando. É divertido para Julia e Lisa, mas quanto tempo *nós* teremos de aturar? Quanto tempo antes que possamos ir embora sem sentir culpa?

— Vamos lá, é tão ruim assim? — comecei a dizer, mas então vi a expressão no rosto dela. — Não, desculpe. Você está certa. É ruim. Quero dizer, também é difícil para mim às vezes. Todas aquelas pessoas, Ralph... — admiti, e olhei para ela, intrigado. — Ele ainda a incomoda? Isso ainda a incomoda, o modo como ele olha para você?

— Graças à nossa deslumbrante modelo, não mais.

Identifiquei algo no tom: uma sutileza não tão óbvia e descomplicada enquanto ela dizia as palavras “deslumbrante” e “modelo”. As mulheres acreditam que os homens as consideram misteriosas, mas, em geral, elas são todas muito transparentes.

— Então Ralph a trocou por uma modelo mais jovem — disse eu, rindo. — E, apesar de tudo, você lamenta o fato. Que você, como uma mulher de muitas primaveras, não receba mais assovios de pedreiros e atores famosos.

Caroline fez um movimento com a colher na minha direção, e algumas gotas de leite espumante me acertaram no rosto.

— Marc! Não faça piadinhas! Eu realmente estou contente por não ser alvo por um tempo. Estou mesmo. Mas você notou como ele olha para Emmanuelle?

Eu dei de ombros.

— Ontem? — continuou Caroline. — Antes que o funcionário chegasse? É como se ele não se importasse com quem nota. Stanley estava trabalhando na mesinha, e Emmanuelle, deitada em sua espreguiçadeira. Sabe quando Ralph estava circulando com o vinho branco? Primeiro ele se curvou quase em cima dela para pegar a taça. E então simplesmente ficou ali olhando enquanto servia. Para tudo, menos para o rosto dela. Começou pelos pés e

subiu lentamente. Depois fez o mesmo caminho de volta. Era como se não notasse o que estava fazendo, ou não ligasse. Passou a ponta da língua sobre os lábios. Como se tivesse um peixe saboroso no prato. Mas então... Então. Ah, não, foi terrível demais!

Caroline cobriu o rosto com as mãos e se inclinou até a testa quase tocar o tampo da mesa.

— O quê? — perguntei. — O quê?

— Ele estava com a garrafa em uma das mãos e a taça na outra. Mas depois de ter pousado a taça, ficou com a mão livre. Primeiro a passou lentamente sobre a barriga. Ao redor do umbigo. E depois simplesmente a baixou. Para o pau. Ele o agarrou, Marc. Meio que o apertou. Com um jeito muito descontraído, como se fosse a coisa mais normal do mundo. Se alguém o tivesse flagrado, ele provavelmente teria fingido uma coceira. Bem, acredite em mim, ele fez isso! Menos de um minuto depois pousou a garrafa no chão e mergulhou na piscina. Quase dava para ouvir a água chiando!

Eu ri. Caroline também não conseguiu conter a gargalhada. Mas ficou séria quase imediatamente.

— Claro, é engraçado — disse ela. — Mas eu ainda acho obsceno. Repulsivo.

— Ah, mas Emmanuelle meio que provoca. Não acho que ela realmente se importe. O velho Stanley come na palma da mão dela... E ela por acaso é uma garota muito bonita. Não se pode esquecer isso.

Caroline apertou os olhos para mim.

— Você acha que ela é bonita, Marc? Acha que é uma garota bonita? Você olha para ela como Ralph olha?

— Sim, eu acho que ela é uma garota bonita. Qualquer homem acharia isso. E sim, algumas vezes eu olho para ela. Sou homem, Caroline. Seria quase suspeito se eu *não* olhasse para ela.

— Certo, tudo bem. Mas não é isso que eu acho obsceno quando Ralph olha para ela. Você mesmo disse. Uma *garota* bonita. Emmanuelle é apenas uma garota. Como são as coisas entre ela e Stanley, eu não preciso saber. É problema deles. Mas também há outras garotas na piscina.

Eu a encarei. Eu também achava obsceno: a proximidade do pau de Ralph enquanto Julia e Lisa brincam na piscina, mas ainda não havia pensado dessa forma.

— Tenho prestado atenção — continuou. — E admito que ainda não o flagrei olhando para elas. Mas ainda assim... Ele não é idiota. Talvez se controle enquanto estamos por perto. Não sei como se comporta com elas quando não estamos.

Não falei nada. Pisquei por causa do reflexo brilhante da luz do sol na praia. Vi pontos pretos. Pontos pretos dançando da esquerda para a direita em meu campo de visão.

— Elas ainda são crianças, nossas meninas — observou Caroline. — Pelo menos é o que dizemos a nós mesmos. Mas veja Julia. Quanta diferença há entre Julia e Emmanuelle? Dois anos? Quatro? A algumas centenas de quilômetros ao sul daqui, Julia já poderia estar casada agora.

De repente me lembrei de uma coisa. Alguns dias antes. Ralph jogando pingue-pongue com Alex, Thomas, Julia e Lisa. Não era uma partida de pingue-pongue de verdade. Todos tinham raquetes e corriam ao redor da mesa. Você tinha que devolver a bola para o outro lado, depois era a vez do seguinte, e assim por diante. Se você errasse a bola, saía. Quem mais se destacava na minha memória era Ralph. Reconheço que, ao contrário do habitual, ele vestia shorts, mas era uma visão bizarra, aquele corpo grande correndo ao redor da mesa de pingue-pongue entre aqueles corpinhos, que eram muito menores e, acima de tudo, mais esguios. Uma visão *cômica*, pode-se dizer. Ele estava descalço, e havia uma poça de água no chão. Ele escorregou e caiu, aterrissando no chão com toda força. Eu acabara de levantar de minha espreguiçadeira e ia na direção da mesa de pingue-pongue com uma lata de cerveja na mão. No momento em que Ralph caiu sobre o ladrilho foi possível sentir o piso tremer. Como se um caminhão estivesse passando pela rua.

— Merda! — berrou ele. — Merda! Caralho! Filho da puta! Caralho de merda! Ai! Ai! Merda...

Ele estava sentado na poça de shorts, esfregando o joelho. Era possível ver um esfolado feio nele. Um esfolado com listras de sangue onde a pele fora arrastada sobre os ladrilhos ásperos.

— Puta que pariu! — gritou.

As crianças tinham parado de correr ao redor da mesa instantaneamente. Mantiveram alguma distância dele e olhavam para o grande corpo no chão com um certo assombro, mas também admiração, do modo como alguém olharia para a carcaça de uma baleia jogada na praia. Mas depois do último xingamento, acredito que foi Alex quem começou a rir. Depois Thomas deu um soluço e começou a rir também. Foi o sinal para que Julia e Lisa caíssem na gargalhada. Elas olharam mais uma vez para Ralph, depois se renderam totalmente à gargalhada libertadora. Era um riso que uivava, guinchava de um modo que só garotas conseguem. Riso de rolar, histérico. O tipo de riso que soa como se não fosse nunca acabar. E mortal. Um riso mortal para nós, meninos. Elas jogam as mãos sobre as bocas e explodem com ele: frequentemente às nossas costas, às vezes bem na cara. Como então.

Não era apenas Ralph o motivo de riso, eram todos os homens. O homem como espécie. Normalmente aquele homem era grande e forte. Mais forte que uma mulher. Mas às vezes ele caía. Devido a uma força maior que a sua. A força da gravidade.

— Ai, vou fazer xixi nas calças! — guinchou Lisa, lágrimas correndo pelas faces.

Eu olhei para Ralph, seu grande corpo desajeitado sobre os ladrilhos, o machucado no joelho. Era — não sei de que outro modo descrever — um machucado *infantil*. O machucado de um garotinho que caiu do velocípede. Um joelho esfolado que você corre para mostrar à mãe: por um lado, orgulhoso de tanto sangue, por outro, com medo de que ela pudesse passar mercurocromo. Era o que você ouvia no riso de Julia e Lisa — se prestasse atenção. O riso de todas as mães. As mães que riem da eterna falta de jeito dos meninos. Ralph examinou o corte no joelho uma última vez, o rosto contorcido de dor, e balançou a cabeça. Depois fez a única coisa que se pode fazer em tal situação: começou a rir com eles. Ele riu com os filhos. Com as

minhas filhas. Riu de si mesmo. Ou, pelo menos, parecia que estava rindo de si mesmo, que tinha a capacidade de debochar de si. Na realidade, claro, era acima de tudo um riso para salvar sua imagem. Um riso de contenção de danos. Um homem adulto que cai com força é risível. Um homem que consegue rir de si mesmo é muito menos.

— Merda — disse Ralph enquanto ria, tentando se levantar. — Seus pivetes! Como podem rir de um velho!?

E então aconteceu. Foi um detalhe, não mais que isso. Um detalhe no qual você inicialmente não presta atenção. Que só ganha sentido depois. Retrospectivamente.

Ralph Meier se ergueu parcialmente, apoiado no joelho intacto. Ainda fingia rir, mas não era mais real — caso tenha sido em algum momento.

— E você, é melhor tomar cuidado! — disse ele, se colocando de pé e apontando o indicador para minha filha mais velha. Para Julia.

— Não! — guinchou ela — Não!

E agarrou a calcinha vermelha com as duas mãos. A calcinha do biquíni.

Eu vi claramente. O gesto só podia ser explicado de uma forma. Ralph Meier estava de alguma forma ameaçando minha filha. Estava ameaçando fazer alguma coisa. Algo que já tinha feito antes. Tudo era uma brincadeira. Tudo com uma piscadela. Mas mesmo assim.

Foi, como eu disse, um mero detalhe. Você percebe, mas deixa para lá. Ou melhor: algo em você o faz deixar para lá. Você não quer pensar nessas coisas. Você não quer procurar coisas que não são visíveis. Você tem vivido ao lado de alguém por anos. Um bom vizinho. Um vizinho amigável. Um vizinho *normal*, acima de tudo. É exatamente o que você diz à polícia quando ele aparece querendo mais informações sobre seu vizinho. “Bem normal”, você diz. “Muito simpático. Não, nunca notei nada diferente.” Enquanto isso, na casa do vizinho, restos mortais foram encontrados. Restos mortais que talvez sejam de catorze mulheres desaparecidas. No congelador dele. No jardim. E então você de repente se lembra de algo. O detalhe sem sentido. Você algumas vezes viu seu vizinho ir para o carro carregando sacos de lixo. Sacos de lixo que ele então colocou no porta-malas. Não depois de

escurecer ou em algum outro momento “suspeito”. Não, à luz do dia. Ele nem mesmo olhava ao redor ao colocar os sacos de lixo no carro. Fazia tudo abertamente, para que todos pudessem ver. Depois erguia a mão e o cumprimentava com um aceno. Ou se aproximava e conversava um pouco. Sobre o clima. Sobre os novos moradores do outro lado da rua. Um homem normal. “Tenho a sensação de que você se lembrou de algo de repente”, diz o policial. E então você conta a ele sobre os sacos de lixo.

A reação de Julia só podia significar que Ralph Meier tinha tentado baixar sua calcinha antes. Durante um jogo, na piscina... Eu não tinha pensado muito naquilo no momento, mas então, ali na praia com Caroline, fiquei me perguntando se fui leviano ao deixar o assunto de lado.

— Tenho a sensação de que você está pensando em alguma coisa — disse Caroline.

Olhei minha esposa nos olhos.

— É, estava pensando no que você acabou de dizer. Sobre Emmanuelle e Ralph. E sobre Julia.

Agora eu estava pensando em algo mais. Como Emmanuelle teria reagido se Ralph tivesse baixado a calcinha do seu biquíni? Ou Stanley? Pisquei novamente, mas os pontos pretos continuaram ali.

— Você deveria saber — retrucou Caroline. — Você é homem. Como você olha, Marc? Você algumas vezes olha para sua filha como uma mulher? Como a mulher que ela será?

Encarei minha esposa. E pensei nisso. Ela me fizera uma pergunta. Eu não achava que fosse uma pergunta bizarra. Na verdade, de modo algum. Parecia a única pergunta sincera a fazer.

— Sim — respondi. — Não apenas para Julia. Também para Lisa.

Um homem tem duas filhas. Desde quando são pequenas elas se sentam em seu colo. Jogam os braços ao redor dele e dão beijos de boa-noite. No domingo de manhã, se metem na cama com ele, se aconchegam sob as cobertas. São meninas. As meninas dele. Você está lá para protegê-las. Você sabe que, mais tarde, serão mulheres. Que já são mulheres. Mas você nunca olha para elas do modo como um homem olha para uma mulher. Nunca.

Sou médico. Eu sei o que deveria acontecer àqueles que cometem incesto. Só há uma solução. Uma solução que não pode ser discutida em um governo regido pela lei. Mas é a única solução.

— Eu, na verdade, quis dizer outra coisa — disse Caroline. — Você consegue imaginar como homens que não você, que não o próprio pai delas, olham para nossas filhas? Não, espere, vamos nos limitar a Julia. Como um adulto olha para Julia?

— Qual é, você sabe. Você mesma disse. Há culturas nas quais ela já poderia estar casada. E veja Alex. Os dois estão totalmente apaixonados. O que sabemos sobre o que irão fazer juntos depois? Ou o que já podem estar fazendo? Quer dizer, não deveríamos conversar sobre isso? Alex tem quinze anos. Espero que eles tenham noção do que poderia acontecer.

— Querido, não estou falando de garotos de quinze anos. Acho adorável ver o modo como aqueles dois giram um ao redor do outro. Ontem eles estavam de mãos dadas. Sob a mesa, no jantar. Quer dizer, eu acho Alex um pouco lento, mas é um menino bonito. Entendo perfeitamente. Eu sei o que faria no lugar dela.

— Então, como chamamos isso? Mulheres de certa idade que se sentem atraídas por garotos bonitos de quinze anos? Será que também pode ser chamado de pedofilia? Ou há um nome mais específico para isso?

Eu ri enquanto falava, mas Caroline não respondeu.

— Só é pedofilia quando você realmente *faz* algo — disse ela. — Não sou cega. Percebo quando garotos de quinze anos são bonitos. Eu gosto de olhar para eles. Mas paro por aí. Não dou o passo seguinte. E é assim que homens olham para meninas, claro. A maioria dos homens. Talvez eles fantasiem um pouco mais. Mas não *fazem* nada. Certo? Quer dizer, homens *normais* não fazem nada. É isso que realmente estou tentando lhe perguntar. Como homem. Até que ponto você, como homem, considera Ralph normal?

— Acho que ele é tão normal quanto todos os outros homens que vão para países onde o turismo é baseado em sexo com meninas menores de idade. E então estou falando sobre... O quê? Dezenas de milhares, talvez centenas de milhares de homens?

— E você acha que Ralph é um entre essas centenas de milhares. Se você pensa assim, então quero ir embora daqui hoje mesmo. Eu não vou expor mais minha filha aos olhos lascivos de um turista sexual. Ou minhas filhas, pois não se sabe quão doente ele é. Blerg! Só de pensar nisso...!

Pensei novamente nas mãos de Julia agarrando a calcinha do biquíni. *Não!*, ela tinha gritado. *Não!* E depois disso, pensei no olhar predatório com que Ralph despira minha esposa naquela vez no saguão do velho teatro municipal. Como movera os maxilares. Como trincara os dentes, como se já pudesse sentir o gosto dela em sua língua. Homens olham para mulheres. Mulheres olham para homens. Mas Ralph olhava para mulheres como se folheasse um exemplar da *Playboy*. Ele apertava o pau enquanto olhava. Em seus pensamentos ou de verdade. Ele baixava calcinhas de garotas de treze anos. Ou não? Afinal, eu não vira com meus próprios olhos. Sempre era possível, claro, que minha filha apenas *pensasse* que ele iria fazer isso. Talvez os quatro — Julia, Lisa e os garotos — tivessem ficado arrancando os trajes de banho uns dos outros na piscina mais cedo. Como uma brincadeira. Uma brincadeira *inocente*. Inocente para crianças com idades entre nove e quinze, censurável para homens de quarenta e tantos.

Talvez, pensei então, em minha cabeça, eu tivesse acusado Ralph sem provas. Mas havia algo mais: Caroline acabara de dizer que se Ralph representasse uma ameaça às nossas filhas, ela queria “ir embora daqui hoje mesmo”. Talvez estivesse se precipitando um pouco.

— E o que você realmente acha de Stanley? — perguntei.

— O quê?

— Stanley e Emmanuelle. O que devemos pensar disso? Quantos anos você acha que ela tem? Dezenove? Dezoito? Dezessete? Quer dizer, tecnicamente falando, ela pode ser maior de idade, mas isso é normal? É saudável?

— Mas essa não é a maior fantasia de todo homem de mais de quarenta? Uma gatinha? E... Nem todo homem. Eu não acho, por exemplo, que isso seja um problema para você.

— Não é sobre ser um problema. Stanley pode fazer isso. Ele é uma celebridade. As gatinhas fazem fila por ele. Ele só precisa escolher. Talvez recebam algo em troca. Um pequeno papel em um de seus filmes. Mas talvez não. Ele sequer precisa fazer isso. Desfilando pelo tapete vermelho com uma celebridade, talvez isso seja suficiente para qualquer gatinha.

— Mas então é assim, Marc? Um médico de família comum não pega adolescentes porque não consegue? Nunca tive a impressão de que você sequer estivesse interessado.

— Não, você está certa. Isso me deixaria infeliz bem rápido. Eu estaria disposto a levar uma garota assim a um parque, mas não à boate, não mais.

Caroline começou a rir. Depois apertou minha mão.

— Você prefere mulheres da sua própria idade, certo, querido?

— É — respondi sem olhar para ela; voltei os olhos para a praia e o mar.

— Isso me parece mais justo.

21

Após meia hora de espera na imobiliária, nos disseram que o funcionário iria tentar passar lá naquela tarde para consertar a água. A garota atrás do balcão consultou um calendário.

— Hoje é sexta-feira — disse. — Faremos o possível. Mas fechamos no fim de semana. Então, pode ser que ele vá apenas na segunda.

Ela era uma garota extremamente sem graça. Com quase trinta quilos a mais e muitas espinhas e outras irregularidades em seu rosto estufado. Mais que irregularidades, eram áreas de terra de ninguém onde nada acontecia, que não se moviam quando ela falava, que permaneciam embotadas quando o resto do rosto assumia uma expressão. Talvez tivesse sofrido um acidente. Talvez quando criança tivesse batido o rosto contra o lado de dentro de um para-brisa.

Eu me inclinei um pouco mais sobre o balcão. Antes de abrir a boca, lancei um olhar, claramente visível a ela, na direção de Caroline, que estava junto à porta, olhando para as fotos de outras casas de veraneio.

— Você vai fazer alguma coisa este fim de semana? — perguntei. — Esta noite? Amanhã?

A garota piscou. Eram olhos bonitos, é verdade. Olhos doces. Ela enrubesceu. Pelo menos as partes vivas de seu rosto ficaram vermelhas, o sangue sob as áreas mortas provavelmente encontrando resistência demais para chegar à superfície da pele.

— Eu tenho namorado, senhor — disse em voz baixa.

Eu pisquei para ela.

— Seu namorado é um homem de sorte. Espero que ele se dê conta da sorte que tem.

Ela baixou os olhos.

— Ele... Ele é ocupado demais. Mas ainda assim pedirei a ele para passar esta tarde para ver a água da sua casa.

Eu a encarei. O funcionário! O pequeno funcionário que subira para o teto com Ralph pelado. Aparentemente ele era um faz-tudo, concluí, e sabia como liberar mais do que caixas d'água bloqueadas. Tentei unir as duas figuras, mas não imaginar mais do que o técnico e a garota assistindo à TV juntos no sofá: estavam de mãos dadas. Com a mão livre, ele levava aos lábios a garrafa de Coca de um litro; o braço livre dela estava até o cotovelo em um saco de fritas tamanho família.

— Marc, dê uma olhada nisto. Olhe — chamou Caroline. — Não é a nossa casa?

Olhei para onde ela apontava. Havia três fotos em um quadrado de papelão: uma da casa, uma com uma parte do jardim e uma da piscina.

À VENDA

Casa de praia com piscina

Sob as fotos havia um resumo do número de quartos e da metragem quadrada de casa e jardim. Na base estavam preço, um número de telefone e um endereço de e-mail.

— Me parece bem razoável — disse Caroline.

— É bem no meio de um bairro residencial e a três quilômetros da praia. Se eu fosse comprar alguma coisa aqui, iria querer que fosse na praia.

Caroline passou o indicador pelos outros anúncios.

— Aqui está. Esta é na praia.

Essa casa também era anunciada como “casa de praia com piscina”. A diferença era que ficava no alto de uma colina acima de uma das baías; da piscina tinha-se vista do mar bem abaixo. O preço pedido era cinco vezes mais alto que o da casa onde tínhamos passado os dias anteriores.

— É disso que estou falando — retruquei.

Caroline pegou minha mão, a expressão séria.

— O que vamos fazer? — perguntou.

— Comprar essa casa. Depois veremos o que acontece.

— Não, quero dizer agora. Quando iremos embora. Eu realmente quero sair daquela casa, Marc.

Pensei nisso. Ou melhor: fingi estar pensando nisso. Na verdade, já sabia o que iria dizer quando Caroline me fez a pergunta.

— Hoje é sexta-feira — falei. — O tráfego estará um inferno amanhã, e também domingo. E provavelmente será difícil encontrar um lugar para ficar. Em um camping ou qualquer outro lugar. Então eu diria para irmos na segunda.

— De verdade, certo?

— Vamos embora na segunda-feira — falei.

22

Foi na manhã de sábado que Lisa encontrou o passarinho. Estava deitado ao lado da barraca, e provavelmente caíra da oliveira plantada ali.

— Papai! — chamou, puxando meu saco de dormir. — Papai, vem ver. Um passarinho caiu no chão.

O filhotinho estava de lado, tremia e tentava ficar de pé, sem resultado.

— Acho que caiu do ninho — constatei, esfregando os olhos para afastar o sono.

Espiei os galhos, mas não consegui ver um ninho.

— Estou com pena dele — disse Lisa. — Mas você é médico, papai. Vai fazer com que fique melhor.

Peguei o filhote com cuidado. Ele bicou minha mão, mas quase sem força. Não tinha pernas quebradas ou outros ferimentos, ao menos nada visível. Do fundo do coração, lamentei este fato. Um passarinho com a perna quebrada seria “um projeto”. Eu já tinha feito esse tipo de coisa em férias anteriores. O gato com o rabo cortado naquela ilha grega dois anos antes. Enquanto eu desinfetava o coto ensanguentado, ele me mordera com tanta força no antebraço que tive de aplicar em mim mesmo uma antitetânica e uma série de dolorosas injeções contra raiva. Mas valeu a pena. A gratidão do gato não tinha limites. No segundo dia, Lisa o batizara de “Bert”, o nome de um professor arrogante dela na escola. No terceiro dia, ele estava comendo carne de cordeiro nas nossas mãos. Quando os curativos foram tirados, houve um período de adaptação. O ferimento sarara, mas o gato tinha dificuldade de manter o equilíbrio com apenas três centímetros de cauda. Subiu em uma amendoeira e não conseguiu descer. Escalei a árvore para tentar ajudá-lo, mas ele me deu uma patada e cortou minha pálpebra esquerda. Depois acabou caindo, com um baque, na varanda de concreto quatro metros e meio abaixo. Mas nunca mais foi embora. Ele nos seguia por toda parte. Na casa, no jardim, na cidade, onde esperava pacientemente

por nós do lado de fora da padaria ou do açougue até termos acabado as compras — e também sempre caminhava conosco o quilômetro que percorríamos até a praia.

Foi uma despedida difícil. Julia e Lisa caíram em lágrimas. Não, não podíamos levar o gato conosco. Ele não seria aceito no avião, um gato sem as vacinas exigidas acabaria passando meses em quarentena.

— E, além disso, o gato não vai ficar mais feliz em sua própria ilha? — dissemos Caroline e eu, tentando convencer as meninas. — Com sua família e seus amigos? Onde poderá caçar ratos e lagartos? Onde o clima é sempre bom?

— Mas onde está a família dele? — perguntou Julia, chorando. — Por que ela não apareceu para ver como ele está?

Sempre que penso naquele último dia, meus olhos ficam úmidos. O gato achou que iria junto, estava pronto para pular no banco de trás. Trotou atrás do carro enquanto sacolejávamos pela estrada de terra irregular até a rodovia. No final, a única coisa que pude fazer foi sair do carro e jogar pedras nele. Nossas filhas se recusaram a olhar e ficaram chorando no banco de trás. Caroline secou os olhos delas com um lenço de papel. E eu também chorei. Chorei como uma criança quando peguei a primeira pedra na estrada. Por um momento, o gato achou que era brincadeira, mas eu mirei bem, a pedra o acertou na cabeça. Sibilando e com os pelos arrepiados no coto de rabo, ele saiu correndo para a casa.

— Desculpe, Bert, voltaremos um dia para ver como você está.

Eu então olhei para o filhote em minha mão — e lamentei que não estivesse ferido. Só era pequeno. Pequeno e vulnerável demais para cuidar de si mesmo.

— Entre na casa em silêncio, não acorde ninguém — disse eu a Lisa. — Uma caixa de papelão, uma caixa de sapatos, algo assim. E um pouco de algodão e uma toalha de rosto do banheiro.

* * *

— Eles têm uma espécie de zoológico na região — disse Judith. — Antes de chegar à praia, se entrar à esquerda, a estrada que sobe a colina. Passamos por ele uma vez. Há um muro, uma cerca e algumas bandeiras. Uma placa dizendo “zoológico” acima do portão e imagens de animais pintadas na parede.

Já era hora do café da manhã, estávamos no pátio. O filhotinho estava em uma caixa de papelão que antes contivera garrafas de vinho. As laterais da caixa na verdade eram altas demais; quando você olhava pela beirada e via o passarinho lá embaixo, encolhido na toalha, não conseguia evitar pensar em um pátio de prisão.

— O que você acha? — perguntei a Lisa. — Ele não está doente nem ferido. Só é muito pequeno. Pequeno demais para cuidar de si mesmo. Vamos levá-lo para o zoológico?

Lisa estava séria. A caixa com o passarinho estava na cadeira ao seu lado. A cada trinta segundos ela espiava. “Está bebendo”, dizia. Ou “Está tremendo de novo”.

Minha expectativa, ou melhor, minha *esperança* era que Lisa se recusasse a levá-lo ao zoológico, que dissesse que queria tomar conta do passarinho ela mesma. Até ele ser grande o bastante para ficar de pé. Então o soltaríamos. Não era como um cachorro ou um gato, que se apegam a você. Com um pássaro, você só espera que ele queira voar, que um dia queira ir embora.

Seria um belo momento. Um momento que eu teria prazer em partilhar com minha filha caçula. Você segura o pássaro com cuidado. Ergue a mão. O pássaro agita as asas e decola, inicialmente hesitante, desajeitado. Mas então recupera o equilíbrio em um galho baixo. Fica um tempo sentado ali. Agita as penas e olha ao redor. Para nós, que o resgatamos. Ele está grato, dizemos a nós mesmos. Ele então inclina a cabeça para o lado, fixa o olhar no céu e sai voando.

O plano era partir na segunda. Eu duvidava que o passarinho estaria forte o bastante em dois dias. Mas seria possível levá-lo junto, raciocinei, na caixa, no banco de trás.

Esse era o cenário ideal. *Meu* cenário ideal.

— Será que vão achar que ele é especial o bastante lá no zoológico? — perguntou Lisa.

— O que quer dizer com especial o bastante?

Lisa mordiscou o lábio inferior, depois suspirou fundo.

— Em um zoológico eles têm tigres, elefantes e coisas assim, certo? E este é só um passarinho comum. Talvez não o achem especial o bastante.

E com isso todo mundo caiu na gargalhada. Judith, Ralph, todos — até mesmo Emmanuelle riu por detrás dos óculos escuros, mas sem se preocupar em perguntar a alguém do que estávamos rindo.

* * *

O tratador do zoológico usava bermuda cáqui e uma camiseta branca. Quando espiou dentro da caixa, um sorriso terno surgiu em seu rosto.

— É realmente gentil de sua parte trazê-lo para cá — disse ele a Lisa. — Um passarinho pequeno não sobrevive nem um só dia sem a mãe.

— O que ele está dizendo? — perguntou Lisa.

Eu traduzi o que o tratador dissera. Lisa anuiu, séria.

— Então o que vocês vão fazer com ele?

— Vamos mantê-lo aqui por alguns dias — respondeu o tratador. — Por uma semana, se necessário. Até recuperar as forças. Mas às vezes pássaros assim não querem retornar à natureza. Eles se apegam demais às pessoas. Se esse for o caso, ele poderá ficar o resto da vida aqui.

O tratador nos levou ao aviário, para que Lisa pudesse ver onde o passarinho ficaria. Não vi muitos animais espetaculares no caminho. Alguns cervos, carneiros-selvagens com grandes chifres, um porco negro imenso de gordo e casais de pavões e cegonhas. Um lobo esfregava o pelo nas grades de uma jaula pequena demais para ele.

— Vocês também têm lhamas? — perguntei ao tratador.

Ele negou com um meneio de cabeça.

— Todos os animais aqui são bastante comuns, como pode ver. Temos um corço e duas gazelas, mas é tudo.

— Vamos supor que alguém por aqui tenha uma lhama e de repente não possa mais cuidar dela — falei. — Ou de seus outros animais. Vocês os receberiam?

— Ficaríamos muito contentes de receber uma lhama. Mas não fazemos distinções. Damos abrigo a qualquer animal abandonado. Temporária ou permanentemente. Às vezes encontramos outro dono para eles. Mas tomamos muito cuidado com isso. Sempre investigamos primeiro para descobrir se a pessoa realmente ama os animais.

— Bom saber — falei. — Se me der seu telefone, avisarei vocês caso saiba de algo.

De volta à casa de veraneio, encontramos Alex, Julia e Thomas na piscina.

— Sua esposa foi para a cidade com meu pai, Stanley e Emmanuelle — respondeu Alex quando perguntei pelos outros. — Minha mãe e minha avó são as únicas aqui.

Eu olhei para o segundo andar da casa. Vi a mãe de Judith sentada à janela da cozinha. Estava de costas para mim. Lisa já fora correndo até nossa barraca colocar a roupa de banho.

— Você sabe quando eles vão voltar? — perguntei a Alex.

— Não. Mas acabaram de sair. Acho que há uns dez minutos.

* * *

Judith e sua mãe estavam sentadas à mesinha da cozinha. Judith pintava as unhas da mãe. Nada espalhafatoso, algo rosado, quase transparente — uma cor adequada a uma velha senhora.

— Então? — perguntou Judith. — Encontrou o zoológico?

Havia um bule de café no fogão e uma panela com um pouco de leite fervido. Conferi o relógio acima da porta da cozinha. Onze e meia. Por que não? Eu não sentia muita vontade de café, de qualquer modo.

— Eles foram muito gentis — contei, abrindo a geladeira e pegando uma lata de cerveja. — Tornou mais fácil para Lisa dar adeus ao passarinho.

Havia uma cadeira vazia à mesa da cozinha, mas, de algum modo, achei que seria inadequado me sentar ao lado das duas mulheres com uma cerveja na mão. Então permaneci de pé. Apoiei-me no balcão e abri a lata. Após apenas dois goles, ela já estava leve em minha mão.

— Você também é o novo médico da minha filha? — perguntou a mãe de Judith, sem olhar para mim.

— Não, mãe — atalhou Judith. — Eu já lhe disse. Ele é o novo médico de Ralph, apenas isso.

A mãe de Judith então virou a cabeça para olhar para mim.

— Mas quando você ligou daquela vez, disse mais alguma coisa. Você disse...

— Posso? — falei, avançando rapidamente e pegando um maço de cigarros e um isqueiro na mesa.

— Mãe, poderia ficar sentada quieta? Ou vou acabar passando esmalte fora da unha — pediu Judith.

— Ele disse que era seu médico — insistiu a mãe de Judith.

Acendi um cigarro e joguei a lata de cerveja no lixo. Depois abri a geladeira e peguei outra. Judith me olhou inquisitivamente. Dei de ombros.

— Tenho certeza de que está certa — falei, olhando o tempo todo para Judith. — Devo ter cometido um erro. Devo ter dito que era médico de sua filha.

Eu sabia, por experiência profissional, que isso sempre funcionava: parabenizar idosos por sua memória impecável.

— Está vendo? — retrucou a mãe de Judith, cheia de certeza.

Judith piscou para mim. E eu pisquei de volta.

— Viu só? Eu não tenho Alzheimer.

— Você é jovem demais para isso, Vera — falei.

Talvez a cerveja tivesse me deixado confiante demais. Eu nunca chamara a mãe de Judith pelo primeiro nome até o momento. Mas isso também sempre funcionava, eu sabia, não apenas no consultório, mas sobretudo fora do contexto profissional: chamar as mulheres pelo primeiro nome. Com a maior frequência possível. Preferencialmente em todas as frases.

A mãe de Judith — Vera — deu um risinho.

— Ele é um doce — disse à filha.

As unhas estavam prontas. Ela se levantou e sacudiu as mãos.

— Não, ele é realmente um doce. Eu vi como ele trata as filhas.

Só então ela olhou para mim. Vi o vermelho em suas faces, ruborizadas. Faces que eram quase livres de rugas. Uma vida regrada. Sem excessos. Uma vida com hora certa para as refeições. De longos passeios de bicicleta por reservas naturais.

— Ah, sim — continuou ela, agora me olhando direto nos olhos. — Eu também tenho olhos. Vi como você é doce com suas filhas. Nem todos os pais são assim. E vi como suas filhas mostram quanto o amam. Elas não estão fingindo. É de verdade.

Foi minha vez de ruborizar levemente. Para começar, eu não me lembrava de ter ouvido a mãe de Judith dizer tantas frases em sequência — muito menos dirigidas a mim. Em segundo lugar, detectei um tom crítico, uma entonação levemente sarcástica quando disse “Nem todos os pais são assim”. Eu podia estar imaginando coisas, mas ela pareceu lançar um olhar para a filha quando disse isso.

Também a olhei nos olhos. Tentei alertá-la contra mim. Talvez estivesse desapontada com a escolha da filha. *Nem todos os pais são assim*. Ela achava que eu era “doce”. Mais doce que Ralph Meier, pelo tom. Mas eu não era *tão* doce — pelo menos não do jeito que ela pensava.

Risos vieram do jardim. Alguém bateu palmas. Outra pessoa usou os dedos para assoviar. A mãe de Judith se virou para a janela, e Judith também olhou para fora.

— Ah, veja aquilo! — disse ela.

Dois passos e eu estava junto à janela. Tinha uma escolha entre o lado esquerdo da mesa da cozinha, junto à mãe de Judith, ou o lado direito, onde Judith ainda estava.

Escolhi ficar ao lado da mãe.

Abaixo de nós, na piscina, Julia e Lisa estavam de pé junto ao trampolim. Alex e Thomas, sentados na beirada da piscina, pés na água. Primeiro Julia

avançou até o fim do trampolim. Parou um momento ali, ficou na ponta dos pés e levantou os braços no ar como uma bailarina. Depois baixou os braços ao lado do corpo, deu dois giros e caminhou de volta. Alex aplaudiu, Thomas assoviou alto três vezes por entre os dedos.

Depois foi a vez de Lisa. Ela caminhou muito mais rápido que a irmã mais velha, em um instante estava no final do trampolim, onde girou tão rápido que perdeu o equilíbrio e caiu de costas na água. Os dois garotos bateram palmas. Alex pegou a mangueira de jardim que estava enrolada ao lado da piscina e voltou o jato para Julia. Esperei que minha filha saísse correndo, mas ela ficou parada. Até ficou na ponta dos pés quando a água bateu no biquíni e na barriga exposta. Colocou as mãos atrás da cabeça, ergueu os cabelos molhados como se fosse prendê-los, depois os sacudiu.

— Vocês estão tomando cuidado, meninos? — gritou Judith pela janela.

Era um alerta desnecessário: era totalmente claro que jogar água da mangueira era consensual. Fascinado, olhei para minha filha mais velha. Não, eu não estava errado: atrás do jato d'água, ou melhor, atrás do espaço onde a água criava uma fina névoa de gotinhas, dançavam as cores de um arco-íris em miniatura.

— Estamos brincando de Miss Camiseta Molhada, mãe! — gritou Thomas com as mãos junto à boca. — Julia está ganhando!

— Não está, não! — gritou Lisa, que acabara de subir a escada na lateral. — Agora você vai ter de me molhar, Alex! Agora vai ter de me molhar!

Judith virou a cabeça e olhou para mim. Eu via pela sua expressão que ela estava se esforçando muito para não rir. Dei de ombros e sorri de volta.

— Elas são meninas muito doces — disse a mãe de Judith. — Você é um homem de sorte, Marc, de ter filhas tão adoráveis. Eu cuidaria muito bem delas se fosse você.

Ela se afastou da janela.

— Mas agora estou cansada. Acho que vou ficar um pouco no meu quarto.

23

Estávamos sentados um de frente para o outro na mesa da cozinha. Judith servira uma taça de vinho e acrescentara dois cubos de gelo. Eu pegara minha terceira cerveja na geladeira. Na mesa entre nós, um prato com azeitonas. Ambos acendemos outro cigarro.

Por um tempo não dissemos nada. Olhamos pela janela, para o jardim e a piscina onde o concurso de Miss Camiseta Molhada chegara ao fim. Alex e Julia estavam deitados juntos em uma espreguiçadeira. Julia apoiava a cabeça no antebraço de Alex, a mão aberta sobre a barriga dele, logo abaixo do umbigo. Thomas e Lisa estavam fora de vista, mas podíamos ouvir atrás da casa o som de uma bola de pingue-pongue quicando.

Pela primeira vez desde nossa chegada, Judith e eu estávamos a sós. Olhei para ela. Deslizei a mão sobre a mesa, peguei seus dedos médio e anelar entre meus polegar e indicador e puxei sua mão para mim gentilmente.

— Marc... — falou, colocando o cigarro no cinzeiro.

Deu um suspiro profundo, olhou para fora, depois para mim.

— Não sei, Marc... Não sei se...

— Podemos dar uma caminhada — atalhei. — Ou ir à praia. No meu carro.

Ainda segurava os seus dedos. Acariciava as costas de sua mão. Eu poderia dirigir até algum lugar, pensei. Não para a praia, mas para as colinas, por uma daquelas estradas de areia ao longo da costa assoladas pelo vento. Lembrava de uma clareira na mata e um estacionamento quase deserto para onde tínhamos ido uma vez. Dali era mais de uma hora de caminhada até uma das praias de Ralph. Mas não precisaríamos ir à praia. O estacionamento seria bom o bastante.

— Não sei se minha mãe... — disse Judith. — Não sei o que ela vai pensar se acordar e não estivermos aqui.

— Deixaremos um bilhete. Que saímos para comprar qualquer coisa — retruquei, então ergui minha lata e sorri. — De repente percebemos que a cerveja tinha acabado.

Judith lançou um olhar para a porta da cozinha, que estava entreaberta.

— Marc, é esquisito — falou, bem baixo então, quase em um sussurro. — Acho esquisito. Eu me sinto desconfortável. Minha mãe. As crianças. Sua esposa... Quero dizer, eles podem voltar a qualquer momento.

Pousei minha lata de cerveja e também coloquei o cigarro no cinzeiro.

— Judith... — disse eu, me inclinando sobre a mesa, meu rosto mais próximo ao dela.

Ela olhou pela janela, para a piscina.

— Espere um minuto — falou.

Soltou seus dedos dos meus, levantou e foi na ponta dos pés até a porta da cozinha. Ali ela se virou e levou o dedo aos lábios.

— Só vou dar uma conferida.

Deixou a porta aberta. Observei enquanto ela ia, em completo silêncio, à sala de estar, então virou à esquerda, seguindo pelo corredor onde ficavam banheiro e quartos. Peguei o cigarro no cinzeiro e dei um trago. O cigarro que eu fumara pouco menos de uma semana antes, no camping, ainda guardava a sensação de ter sido o primeiro de todos os cigarros. Eu sentira a mesma tontura de décadas atrás, um garoto de onze anos no parquinho. Mas, com o tempo, os cigarros começaram a ter o gosto que tinham há quinze anos, logo antes de parar. Normal. Como cigarros. Alguns dias antes havia comprado meu próprio maço.

Ouvi vozes abafadas vindas dos quartos. Suspirei e me levantei. Ainda havia uma lata de cerveja na geladeira. De fato, era hora de alguém fazer compras.

Abri a última lata e a levei à boca. Ainda estava de pé junto à geladeira quando Judith voltou. Foi muito rápido. Coloquei os braços ao redor da sua cintura e a puxei para junto de mim. Primeiro beijei seu pescoço. Pousei a lata no balcão. Com a mão livre, eu a aproximei ainda mais de mim e a beijei novamente, dessa vez mais perto da orelha. Ela deu um risinho; colocou as

mãos no meu peitoral e agiu como se tentasse me afastar. Mas quase não aplicou força alguma. Deixei que minhas mãos deslizassem para suas nádegas. Ela vestia apenas uma blusa fina desabotoada sobre o biquíni, e deslizei os dedos sob o elástico da calcinha.

— Marc — sussurrou. — Minha mãe... Minha mãe está acordada. Ela...

— Judith — disse no ouvido dela. — Minha doce e adorável Judith.

Então senti sua mão. Seus dedos. Estava fazendo algo na frente do meu corpo, ao redor de minha barriga. Eu usava uma camiseta de botões que pendia frouxamente sobre meu short. Ela ergueu a camisa e ao mesmo tempo soltou dois dos botões. Com as unhas, acariciou a área logo abaixo do umbigo, depois os dedos deslizaram para baixo. De sua orelha aos seus lábios, era uma curta distância para minha boca. Uma curta distância que tentei fazer durar uma eternidade. Enquanto isso, estava com a mão inteira dentro da calcinha do biquíni. Estiquei os dedos sobre sua bunda e pressionei, primeiro suavemente, depois com mais força. Ela inclinou a cabeça e enfiou a ponta da língua entre meus lábios. Lambeu um pouco a ponta da minha língua, depois recolheu a sua. Vi que estava de olhos fechados. Como todas as mulheres. Mantive os meus abertos. Como todos os homens. E como estava de olhos abertos, também vi a porta da cozinha. Atrás dos cabelos de Judith. Atrás de meu próprio antebraço e da mão (minha outra mão, a que não estava apertando sua bunda) que ainda tinha os dedos naqueles cabelos.

Às vezes isso acontece com um livro que você deixou na mesa. Você sai do aposento por um minuto, e quando volta há algo diferente. Da mesma forma, eu tinha certeza de que Judith deixara a porta da cozinha ligeiramente entreaberta ao voltar. Não fechada, ligeiramente entreaberta.

E lembrei que a porta estava semiaberta no momento em que a puxara para mim, e agora estava apenas um pouco mais aberta. Ainda uma fresta, mas uma fresta *maior*.

No mesmo instante vi algo se mover do outro lado da fresta. Uma sombra no chão, não mais que isso. Não houve som. Algumas vezes os segundos se prolongam e se tornam uma nova unidade de tempo. Uma unidade que

corresponde exatamente à batida do seu coração. Fixei meu olhar na porta. Talvez estivesse imaginando coisas. Mas então a sombra se moveu de novo. Não havia como se enganar com aquilo. Havia alguém atrás da porta.

Tirei minha mão de dentro da calcinha de Judith e a espalmei sobre sua barriga. Eu a afastei gentilmente, ao mesmo tempo tirando a mão dos cabelos.

Pelo jeito, Judith pensou que tudo fosse parte de uma espécie de preliminar provocante: que eu só estava tentando uma nova variação. Atraindo. Repelindo. Postergando. Ela fez um sonzinho, algo entre um gemido e um suspiro, sorriu e colocou a mão sobre a minha, que pressionava sua barriga.

Mas abriu os olhos. Olhou para minha boca. Para meus lábios, que, sem som, formaram as palavras.

A porta. Há alguém atrás da porta.

Judith ainda estava na ponta dos pés, mas baixou devagar até ficar oito centímetros mais baixa novamente. Ergueu os olhos para mim e vi suas pupilas, dilatando e contraindo. Soltou minha mão e me empurrou.

— Gostaria de outra cerveja, Marc? — perguntou. — Vou dar uma olhada. Espero que ainda tenhamos algumas.

A voz dela soava normal. Normal *demais*. Do modo como uma voz soa quando está fazendo o máximo para soar normal. Usou as duas mãos para ajeitar os cabelos. Baixei a camisa sobre o short e a abotoei.

E então ficamos ali, como dois adolescentes flagrados. Vi o rubor nas faces de Judith. Meu rosto sem dúvida também mudou de cor. Nossos cabelos poderiam estar arrumados, nossas roupas, o mais esticadas possível, mas era o rubor que nos denunciava.

Judith deu alguns passos na direção da porta. Ao mesmo tempo fez um gesto para mim: *abra a geladeira*.

Mas não foi isso que fiz. Fiz outra coisa. Tempos depois, com frequência me perguntaria por quê. Uma premonição, dizem as pessoas, mas foi mais forte que isso. Um estremecimento. Um coração acelerado. Ou mais como um coração que perde uma batida. Um momento de filme de terror: o lençol

ensanguentado é puxado e, de fato, há alguém embaixo. Um cadáver. Um cadáver com um crânio esmagado, braços e pernas habilidosamente serrados e divididos entre vários sacos de lixo.

Fui até a janela e olhei para fora. Não havia mais ninguém na piscina. A espreguiçadeira onde Alex e Julia estavam deitados pouco antes encontrava-se vazia.

— Mãe?

Eu me virei e vi Judith abrir a porta da cozinha.

— Mãe?

Eu me inclinei para fora da janela, mas era uma daquelas com estrutura baixa; eu me inclinei tanto que quase perdi o equilíbrio. Meu coração batia mais forte a cada momento. Pânico. Adrenalina. O coração se preparando para lutar, como médico eu sabia. Para lutar ou fugir. Ele bombeia muito rápido para levar oxigênio a todas as partes do corpo o mais rápido possível. As partes onde o oxigênio é mais necessário: os pés para correr, as mãos para permitir que punhos sejam projetados com força máxima no rosto de um oponente.

Não vi ninguém. Escutei. Ergui as orelhas, como dizem, mas apenas animais conseguem erguer as orelhas. Não ouvi nada. Não havia sequer uma brisa. As folhas pendiam imóveis e flácidas das árvores. Normalmente se ouve cigarras em dias como aquele, mas parecia estar quente demais até para elas.

Faltava algo, embora inicialmente eu não soubesse o quê. Um som no silêncio. Um som que havia estado ali um momento antes.

Bolas de pingue-pongue! O som de bolas de pingue-pongue quicando.

Prendi a respiração. Mas não estava enganado. Atrás da casa, onde ficava a mesa de pingue-pongue, tudo também estava silencioso.

— Mãe?

Judith passara pela porta e estava de pé na sala de estar.

— Mãe?

Era minha vez de ir até a porta da cozinha. O mais calmamente possível. O mais normalmente possível. Nada tinha acontecido, disse a mim mesmo.

Não ainda. Tentei sorrir. Um sorriso de coração leve. Mas meus lábios estavam tão secos que doeu.

Passei por Judith e fui em linha reta para a porta da frente.

— Marc...

Ela estava de pé junto à porta do banheiro, tentando abri-la, mas estava trancada.

— Mãe? Está aí dentro?

— Vou dar uma olhada do lado de fora primeiro — disse.

Saí, passei pela porta da frente, descii a escada e peguei o caminho ladrilhado para a piscina.

Um pouco rápido demais, percebi bem a tempo. Não havia nada errado. Nada inadequado acontecera. Se minhas filhas ainda estivessem no jardim, era crucial que eu não parecesse alarmado. Um pai ofegante de rosto vermelho daria um sinal errado. *O que está errado, papai? Seu rosto está todo vermelho! Você está ofegante! Parece que viu um fantasma.*

Desacelerei. Parei ao lado da piscina deserta. Olhei para ela por um segundo. A água cintilante refletia as copas das árvores e o céu azul brilhante. Estreitando os olhos, examinei o fundo da piscina. Mas não havia nada lá. Nenhum corpo imóvel com cabelos abertos em leque. Apenas os azulejos azuis.

Caminhei, contornando os fundos da casa. Também não havia ninguém na mesa de pingue-pongue. As raquetes estavam dos dois lados da rede. Uma delas apoiada na bola.

A barraca. O zíper estava fechado. Eu não queria surpreender ou assustar minhas filhas. Então tossi.

— Julia? Lisa?

Agachei e abri o zíper, mas a barraca estava vazia. Caminhei mais, dando a volta completa na casa, até enfim voltar aos degraus da frente. Novamente, tive de me obrigar a não subir os degraus de dois em dois.

— Minha mãe está tomando banho — disse Judith, ainda de pé junto à porta do banheiro.

— E as crianças? Viu as crianças?

Sem esperar a resposta, fui para o corredor onde ficavam os quartos. Bati na porta do que Alex e Thomas dividiam. Não houve resposta, mas ouvi algo: um murmúrio vago, como se um rádio tocasse bem baixo.

Abri a porta. Alex, Thomas, Lisa e Julia estavam deitados nas duas camas de solteiro, que haviam sido juntadas. Thomas, no meio, tinha um notebook no colo.

— Oi, olá! — disse, alegremente; um pouco artificial, percebi no mesmo instante, mas já era tarde demais. — Então é aqui que vocês se esconderam.

O que eu mais queria era dar um soco na minha cara. Do modo como você dá um tapa na TV quando a imagem falha. Queria tirar a falsa alegria da minha voz.

Lisa olhou para mim; Julia agiu como se ninguém tivesse entrado no quarto. Apenas Alex se ajustou um pouco nos travesseiros, de modo que o braço ficou um pouco mais frouxo sobre os ombros da minha filha mais velha.

Thomas riu de algo na tela. Alex, Julia e Lisa não riram com ele.

— O que estão vendo? — perguntei.

Tive de repetir a pergunta antes que alguém respondesse. Foi Alex.

— *South Park*, sr. Schlosser.

Ele já tinha me chamado de sr. Schlosser? Não que eu soubesse. Não que conseguisse lembrar. Ele sempre chamava Caroline de “senhora”, embora tivéssemos lhe dito várias vezes que isso não era necessário.

Respirei fundo. Chega de alegria!

— Querem jogar pingue-pongue mais tarde? Um torneio? Todos nós?

Novamente, de início não tive resposta.

— Pode ser — disse Alex finalmente.

Olhei para Lisa e Julia. Talvez fosse apenas minha imaginação, mas parecia que Julia não estava interessada na tela do computador. Como se estivesse fazendo de tudo para me ignorar completamente.

— Julia?

Meu coração começou a bater forte de novo. Molhei os lábios com a ponta da língua. A ponta da minha língua *culpada*, me ocorreu naquele

mesmo instante. Tentei apagar o pensamento, mas não fui totalmente bem-sucedido. Tentei a todo custo garantir que nada tremesse. Minha voz. Meu lábio inferior. Meus braços e minhas pernas. Meu corpo inteiro.

— Julia!

Então ela enfim olhou para mim. Letargicamente. Um olhar neutro.

— Julia, estou falando com você!

Ela sustentou meu olhar.

— Estou ouvindo. E o que você quer?

De fato, o que eu queria? Não tinha ideia. Algo sobre um torneio de pingue-pongue. Não, eu já tinha dito isso. Olhei direto nos olhos da minha filha. Não vi nada. Nenhuma acusação. Nenhuma tristeza. Talvez ela simplesmente achasse irritante eu ficar de pé ali no umbral.

— Está bebendo líquido suficiente, Julia? Quer dizer, está muito quente lá fora. Você tem de tomar cuidado para não ficar desidratada. Todos vocês. Querem que eu faça limonada?

Era um pouco demais, toda aquela besteirada que eu estava soltando. Óbvio demais. Julia voltou a olhar para a tela do computador.

— Tanto faz — respondeu ela.

— Sim, por favor, sr. Schlosser — disse Alex. — Ou talvez pudesse apenas nos trazer uma Coca.

Fiquei de pé ali mais dois segundos. Eu poderia dizer algo. Poderia erguer minha voz. *Isso não é modo de falar com seu pai!* Mas algo dentro de mim sussurrou que aquele não era o momento certo. *Que eu não tinha o direito...* Essa era a outra voz que sussurrava para mim, a voz da *língua culpada*.

Voltei para o corredor, onde a mãe de Judith estava saindo do banheiro. Vestia um roupão branco e tinha uma toalha enrolada na cabeça.

— Olá, Marc — disse ela.

Olhou-me por um momento e sorriu. Depois passou por mim e foi para o seu quarto.

Olhei para Judith. Ela deu de ombros e fez um gesto com as mãos. Um gesto que queria dizer *também não sei*. No mesmo instante ouvimos uma porta de carro bater lá fora. Depois outra. Quatro portas de carro no total.

— Meu Deus! — exclamou Judith. — Eles não perderam tempo.

Fui até ela. Coloquei a mão no seu braço.

— Calma — disse. — Vamos agir normalmente. Nada aconteceu.

Fui até a porta da frente e a abri. Na base da escada, Caroline, Stanley e Emmanuelle estavam de pé ao lado do carro de Ralph. Ele se curvava sobre o porta-malas aberto.

— Olá, pessoal — falei.

Mais uma vez alegre, mas pelo menos dessa vez souu natural. Eu os cumprimentei com um aceno. Apenas Caroline olhou para mim.

— Olá — respondeu.

— Marc! — disse Ralph. — Dê uma mãozinha. Você e Stanley. Isto é meio pesado.

Ele começou a tirar algo da mala. Vi a cauda de um peixe. Um peixe gigantesco.

— Um espadarte, Marc! — gritou Ralph. — Não tinha como deixar este passar. Ele vai para a brasa hoje. É isso aí, companheiro!

24

Naquela noite de sábado, a cidadezinha celebrava a chegada do solstício de verão. Com fogos de artifício e fogueiras na praia. Era possível ouvir as explosões o dia todo. Em nada se pareciam com os fogos de artifício aos quais estávamos acostumados. Nada de rajadas que explodiam em dezenas de cores — apenas detonações escuras e pesadas. Soavam menos como fogos de artifício e mais como disparos de artilharia ou um bombardeio. Baques que você sentia no fundo do peito. Sob as costelas. Atrás do coração.

O plano era irmos todos juntos à praia. Mas primeiro, claro, tínhamos de comer. Ralph cortou o espadarte em postas. Com uma machadinha sobre os ladrilhos do pátio. Inicialmente as crianças acharam fascinante, mas a cada golpe da machadinha, elas recuavam alguns passos. Órgãos apareciam: o fígado, porções de ovas, a bexiga natatória e um órgão marrom-escuro e brilhante do tamanho de uma bola de rúgbi que ninguém reconheceu. Em certo momento, a machadinha atravessou o peixe e cacos de ladrilho voaram em todas as direções.

— Tome cuidado, querido — disse Judith. — Ainda temos de resgatar o depósito caução da imobiliária.

Mas o prazer de Ralph em cortar o peixe era tão intenso que ele nem sequer pareceu ouvir a esposa. Estava acorado e sem os chinelos. Olhei para seus pés descalços; de tempos em tempos, a machadinha chegava assustadoramente perto dos dedos do pé. Pensei como médico. Só por garantia, tentei planejar o que precisaria ser feito. Se resfriados, dedos de mãos e pés podem ser reimplantados no hospital. Se Ralph cravasse a machadinha em um ou mais dedos, alguém precisaria manter a calma. Havia um médico na casa. Caberia ao médico estancar o fluxo de sangue e envolver os dedos em uma toalha com cubos de gelo. Mulheres e crianças poderiam desmaiar; talvez apenas o médico conseguisse manter a frieza. *Judith, gelo do congelador! E uma toalha! Caroline, me ajude a fazer um torniquete na*

panturrilha, ele está perdendo sangue demais! Stanley, ligue o carro e dobre o banco de trás! Julia, Lisa, Alex, Thomas, vão para dentro, vocês estão no caminho. Deixem Emmanuelle onde ela está, apenas coloquem um travesseiro sob a cabeça, e ela retomará a consciência... Seria a minha oportunidade de brilhar em um papel principal, o papel para o qual eu era perfeito, mas depois que a machadinha caiu a milímetros do próprio dedão, Ralph ficou mais cauteloso.

— Para o que está olhando, Marc? — perguntou ele. — Ah, começando a ficar com fome, não é? Escute, me faça um favor e pegue outra cerveja para mim.

Escureceu. De vez em quando as chamas da grelha se intensificavam. Estávamos sentados no pátio, bebendo cerveja e vinho branco. Judith servira travessas de azeitonas, anchovas e salsichinhas picantes. Postas de espadarte chiavam na churrasqueira. Sempre que olhava para Judith, para seu rosto iluminado pelo fogo em um tom amarelo-dourado, ela baixava os olhos. Caroline olhava para o horizonte e tomava pequenos goles de vinho. Também parecia fazer de tudo para não olhar para mim. *Estou sentada aqui*, dizia sua linguagem corporal. *Estou sentada aqui, mas preferiria estar em outro lugar.*

Thomas e Lisa jogavam pingue-pongue. Alex e Julia tinham voltado para a espreguiçadeira na piscina. Cada um tinha em um ouvido um fone branco do iPod de Julia. Nas horas anteriores, tentei algumas vezes estabelecer contato direto com minha filha mais velha, inutilmente. Sempre que lhe fazia uma pergunta, ela dava de ombros e suspirava fundo.

— Animada com a praia mais tarde? — perguntei só por perguntar. — Para ver os fogos?

E ela deu de ombros. E suspirou.

— Escute, se vocês não quiserem ir, podemos ficar aqui — disse, sentindo meu rosto começar a enrubescer. — Podemos jogar War ou outro jogo... Banco Imobiliário...

Julia ergueu os cabelos para o alto da cabeça e os deixou cair novamente.

— Talvez — respondeu, depois deu as costas e foi embora.

Sem sequer me olhar. Era como se todas as mulheres estivessem brincando de não olhar para mim. As únicas exceções foram Lisa e a mãe de Judith. Enquanto a refeição era preparada, Vera lançou para mim alguns sorrisos. E enquanto Ralph fatiava o espadarte, balançara a cabeça para mim, ainda sorrindo. E Lisa? Lisa ainda olhava para mim do modo como filhas de onze anos de idade olham para seus pais. Como se olhassem para o homem ideal. Aquele com quem querem se casar um dia.

Eu precisava olhar nos olhos de Julia, disse a mim mesmo. Os olhos dela não conseguiriam mentir. Uma olhada seria suficiente. Nos olhos de minha filha, eu conseguiria ler a assustadora verdade. Ou não. Ainda era possível, claro, que estivesse imaginando tudo. Talvez algo tivesse acontecido entre ela e Alex. Talvez ela tivesse passado por um processo rápido de “crescimento”, como dizem, e já não sentisse qualquer desejo da presença maléfica de um pai rabugento. Era biologia. Não havia como contornar a biologia.

— Achei muito interessante o que você nos contou esta tarde, Stanley — disse Ralph enquanto distribuía os primeiros pedaços de espadarte grelhado. — No carro. Acho que Marc também vai gostar.

Olhei para Stanley, mais por educação que por interesse. Se notasse a menor má vontade em sua expressão, não tentaria mais. Ele enfiou o garfo no espadarte, produzindo uma poça de suco no prato, depois cortou um pedaço grande e o colocou na boca.

— Bem, sim — falou.

Naquele exato instante, em um jardim vizinho, decolou um rojão. Tínhamos visto rojões sendo disparados antes, mas nunca de tão perto. Todos prenderam a respiração enquanto o projétil abria caminho pelo céu com um chiado e uma trilha luminosa de fagulhas. Depois houve o estrondo. O estrondo e o clarão. Ou, na verdade, o contrário. A luz viaja mais rápido que o som. O foguete explodiu no céu logo acima da casa, nossos rostos deixados brancos pela luz gerada pela detonação, enquanto o som demorou um pouco mais para chegar até nós. Foi um estrondo como os anteriores. Pesado e duro. Um trovão. Um golpe direto de um morteiro. Um carro-bomba. Mas dessa vez tão perto que parecia preencher seu corpo

inteiro. De dentro para fora. Começou na boca do estômago, subiu como um trovão pelo lado interno das costelas, para finalmente deixar o corpo apenas por maxilares e tímpanos. Mulheres e crianças gritaram. Homens e meninos xingaram. Uma garrafa caiu e se quebrou no pátio. Em algum lugar na rua um alarme de carro disparou.

— Cacete! — disse Ralph, que deixara uma posta inteira de espadarte cair nos ladrilhos.

O estrondo ecoou entre as montanhas algumas vezes. Depois morreu.

— Uau!

Isso veio de Alex. Ele e Julia tinham tirado os fones brancos dos ouvidos e saído da espreguiçadeira. Julia olhava ao redor, assustada. Olhou para a mãe. Para Ralph. Para Judith. Até para Stanley e Emmanuelle. Olhou para todos, exceto para mim.

— Pai, pai! Podemos arrumar alguns desses fogos também? — pediu Thomas, vindo correndo da mesa de pingue-pongue. — Pai! Vamos explodir uns assim?

— Isso é absolutamente ultrajante — disse Judith. — Que tipo de prazer alguém pode ter com isso?

Olhei para o rosto de Judith. Ela irradiava uma sincera indignação. Caroline colocou a mão no peito e respirou fundo algumas vezes. Naquele momento, pensei nas diferenças entre homens e mulheres. As diferenças irreconciliáveis. As diferenças que você nunca consegue explicar.

Os homens querem a explosão mais alta. Quanto mais alto, melhor. Aos olhos das mulheres, isso os torna pueris. Infantis. Tão pueris e infantis que isso faz com que as mulheres riam de pena. *Eles nunca crescem*, dizem umas às outras. E estão certas. Lembro agora de como, na época em que era apenas um menino de dezesseis anos, eu desrespeitava todas as regras para soltar fogos de artifício. Nunca usava varetas em brasa para acender os rojões. Sempre uma chama viva. Uma chama de verdade. A chama de um fósforo ou isqueiro. Era o fogo que eu queria ver, não uma brasinha fumegante. Não colocava os foguetes em uma garrafa vazia a uma distância segura. Eu os acendia na mão. Queria sentir o poder do foguete entre meus

dedos. Dessa forma, parte desse poder se tornava minha. Na primeira vez, segurei o foguete com tanta força que farpas da vara de madeira se cravaram em meus dedos quando ele se libertou e disparou para o céu. Depois aprendi o modo certo de fazer. Segurar frouxamente. Você tem de oferecer o mínimo de resistência possível. O foguete tinha vontade própria. Ele queria subir. Em momentos assim, eu nunca pensava na natureza festiva da noite. Muito menos no novo ano que estava a caminho. Eu pensava em guerra. Em mísseis e artilharia antiaérea. Em rebeldes com bazucas nos ombros, derrubando os helicópteros e aviões de carga de um inimigo tecnologicamente superior. Com frequência não conseguia resistir e apontava o foguete em um ângulo mais oblíquo do que era considerado prudente. Então ele explodia nas janelas dos vizinhos do outro lado da rua. “Desculpe!”, eu gritava quando uma janela se abria e um vizinho assustado colocava o corpo para fora. “Desculpe, foi na direção errada.” Eu adotava minha expressão mais hipócrita. A expressão do jogador de futebol que passa pelo adversário com a perna esticada e o aleija para o resto da vida. *Desculpe, acho que escorreguei...* Eu apontava o foguete seguinte para um grupo indo a uma festa mais abaixo na rua. Era guerra. É melhor vencer uma guerra do que perdê-la. A história nos ensina isso. E a biologia. Você fica melhor matando alguém de pancadas do que sendo morto a pancadas. Desde tempos imemoriais, o homem protege a entrada da caverna. Intrusos são expulsos. Pessoas. Animais. Um invasor persistente não pode dizer depois que não foi avisado. “O homem só evita uma briga quando os riscos são grandes demais”, nos ensinou o professor Herzl em biologia médica. “Quando o oponente é igual ou mais fraco, ele avalia suas chances. Cerra os punhos. Avalia o peso da espada em sua mão. Ou da pistola. Gira a mira do canhão apenas uma fração de segundo mais rápido que o inimigo. Ele aponta e dispara. E sobrevive.”

Ralph se curvou, enfiou o garfo de churrasco no pedaço de espadarte que caíra no chão e o recolocou na grelha. Um largo sorriso surgiu em seu rosto.

— Vá dar uma olhada no barracão, companheiro — disse ele. — Aquela porta depois da mesa de pingue-pongue. Você também, Alex.

Enquanto os dois garotos corriam para a casa, senti um súbito vazio. Um vazio em algum lugar atrás do coração. Ralph comprara fogos de artifício. Eu não. No dia anterior eu passara por uma das barracas onde eram vendidos. Era feita de ferro corrugado e ficava no limite da cidadezinha. Eu hesitara. Reduzira a velocidade. *Dê só uma olhada no que eles têm.* Mas não havia onde estacionar, então segui em frente.

Se eu tivesse dois filhos, como Ralph, teria estacionado o carro mesmo que precisasse andar oito quilômetros de volta à barraca, me dei conta então. Mas eu tinha duas filhas. Lembrei especificamente das comemorações de uma certa virada de ano. Contra meu próprio bom senso, eu saíra e comprara uma caixa de fogos e bombinhas. À meia-noite, coloquei o primeiro rojão em uma garrafa de vinho diante de nossa porta. Amarrei os pavios de três bombinhas, acendi e as joguei no ar. Mas Julia e Lisa só ficaram sentadas no umbral. Na primeira explosão, elas se enfiaram dentro de casa. Depois Caroline apareceu à porta. As três ficaram ali me olhando. Acendi mais rojões. Coloquei uma lata vazia sobre uma bombinha para fazer um estouro maior. Enquanto isso, Caroline dera a cada uma das garotas uma estrelinha, mas elas não saíram depois da primeira explosão. De pé no umbral, esticaram os braços o máximo possível, para que as centelhas não caíssem no capacho de boas-vindas. De lá elas olhavam para o pai. Um pai que, falando gentilmente, estava agindo de modo peculiar. *Como um garoto de doze anos.* Em tempos de guerra, as mulheres costuram os uniformes. Enchem granadas nas fábricas de munição. Contribuem para o esforço de guerra, como dizem. Mas *jogar* as granadas, isso elas deixam para os homens.

— Pai, pai! Podemos soltar um agora?

Alex e Thomas tinham voltado do barracão carregando dois fardos de rojões, alguns dos quais eram maiores do que eles. Era muito para que carregassem. Dois ou três rojões caíram no pátio.

— Não acham que deveríamos esperar um pouco? — perguntou Ralph.
— Iremos para a praia em mais ou menos uma hora.

— Mas o pessoal aqui do lado já soltou um — disse Alex.

— Ah, vamos lá, pai — insistiu Thomas. — Por favor?

Ralph balançou a cabeça. Rindo, pegou uma garrafa vazia na mesa.

— Tá, mas só um — falou.

Olhei para a pilha de rojões no chão do pátio entre os garotos. De quase um metro, mesmo os menores entre eles. Empilhados organizadamente nos ladrilhos, eles lembravam um estoque de armas apreendido. O depósito de munição secreto de guerrilheiros ou de uma célula terrorista. O inimigo tecnologicamente superior tinha tanques e aviões. As forças de ocupação tinham helicópteros que podiam disparar mísseis guiados por laser. Mas os primitivos foguetes Qassam, disparados contra alvos civis aleatórios, causavam maior dano psicológico.

— Não, não aqui — disse Ralph. — Não tão perto dos outros. Uma faísca e vamos todos explodir, junto com a casa. Vamos fazer isso perto da piscina.

— Tem certeza de que é uma boa ideia? — perguntou Judith.

— Melhor esperar até chegarmos à praia — comentou Caroline.

— Eu vou entrar — disse a mãe de Judith.

Mas Ralph simplesmente riu.

— É sério que vocês não são capazes de perceber? Esses carinhas não conseguem esperar.

Desviei os olhos do rojão que Alex e Thomas estavam colocando dentro da garrafa na beirada da piscina, na direção das minhas filhas. Quando o pavio queimou, elas taparam os ouvidos com os dedos, Julia gritou quando o rojão decolou com um chiado alto, e a garrafa tombou e quebrou. Alguns cacos caíram na piscina.

A explosão ocorreu muito antes do esperado. O som era alto e grave, mais alto e mais grave que o do rojão que os vizinhos tinham soltado apenas alguns minutos antes. Começou sob as solas dos pés e ribombou para cima, usou o espaço dentro do peito para conseguir envergadura máxima e terminou na cabeça. Houve um breve instante em que a respiração foi interrompida. Dessa vez alguns alarmes de carro começaram a uivar. Cachorros passaram a latir histericamente. Julia e Lisa gritaram. Uma voz de mulher disse: “*Merde!*” Quando nos viramos, vimos Emmanuelle, segurando

apenas a base e a haste partida de sua taça de vinho. O resto estava em pedaços a seus pés. Havia grandes manchas roxas em sua blusa branca.

— Bem, está satisfeito agora? — gritou Judith.

— Mais um! Mais um! — implorou Thomas.

— Essa porra é nota 10! — disse Alex, assoviando baixo por entre os dentes. — Pesado para cacete!

— Certo, mais um — respondeu Ralph.

— Nem pense nisso — cortou Judith. — Façam-me um favor, levem essas coisas com vocês para a praia e divirtam-se! Ralph, espero que tenha me escutado.

Ralph ergueu as duas mãos em um gesto de pacificação.

— Certo, certo, vamos para a praia.

Fui tomado por uma profunda sensação de arrependimento. Arrependimento por não ter trazido meus próprios foguetes. Eu não teria me rendido tão rapidamente quanto Ralph. Tentei olhar nos olhos de Caroline. Minha própria esposa talvez não fosse fã de explosões altas, mas eu não me lembrava, em todos os anos que estávamos juntos, de tê-la ouvido dizer “Marc, espero que tenha me escutado”.

Ao mesmo tempo olhamos nos olhos um do outro. Caroline estava de pé junto a Emmanuelle, tinha uma das mãos no ombro dela, e com os dedos da outra espanava as manchas de vinho na blusa da moça. Depois virou a cabeça e olhou para mim.

Não havia dúvida: minha esposa piscou para mim. Não estava totalmente certo se a piscadela era só por causa da camiseta manchada de vinho ou por toda a situação e o aborrecimento de Judith, mas isso não importava muito. Acima de tudo, Caroline via o lado *engraçado* daquilo. Sim, ela queria ir embora na segunda, assim dissera, mas em sua cabeça aparentemente já dera adeus aos Meier e sua casa de veraneio. Não, não fora adeus: ela dera um passo para trás. Enquanto eu devolvia a piscadela, pensei no que havia acontecido na cozinha mais cedo naquele dia. Na ponta da minha língua nos dentes de Judith, minha mão em sua bunda. Pensei nos dedos dela puxando meu short.

Os foguetes foram recolhidos, alguns do grupo entraram para pegar suéteres ou casacos, caso ficasse frio na praia mais tarde, e depois nos encontramos nos carros. Emmanuelle anunciou que não queria ir, e Stanley não se esforçou muito para fazê-la mudar de ideia. A mãe de Judith também ficou em casa.

Julia e Lisa quiseram ir com Alex e Thomas na traseira do carro de Ralph. Houve um momento, pouco antes de Judith se acomodar no banco do carona ao lado de Ralph, em que ela se apoiou na porta aberta do carro e olhou para mim. Devolvi o olhar, mantive contato visual com ela, um olhar de quem tem segundas intenções com uma mulher. Motivos ocultos. Vi a luz da lâmpada acima da porta da garagem refletida em seus olhos. Pensei nas possibilidades da praia. Haveria muita gente ao redor. Poderíamos nos separar. *Algumas pessoas* poderiam se separar. Outras decididamente poderiam se encontrar.

— Eu estava pensando: acho que vou ficar também — disse Caroline, que aparecera ao meu lado e colocara a mão no meu braço.

— Mesmo? — reagi, virando a cabeça um pouco para o lado, para que a luz acima da porta da garagem não mais iluminasse meu rosto. — Bem, não há motivo para ir se não quiser. Eu não ligo. Se estiver cansada, vou sozinho.

25

Às vezes você repassa sua vida para descobrir em que ponto ela poderia ter seguido um rumo diferente. Mas em outras situações não há nada para repassar — você mesmo ainda não sabe, mas o único botão que ainda funciona é o de avançar. Você gostaria de poder congelar a imagem... *Aqui, diz a si mesmo. Se eu tivesse falado outra coisa... Feito outra coisa.*

Fui à praia naquela noite. E quando voltei era uma pessoa diferente. Não por algum tempo ou por dois dias; não: para sempre.

Você fica com uma mancha nas calças. Suas calças preferidas. Você as lava dez vezes seguidas em água quente. Mas a mancha não sai. Se você esfregar e raspar demais, ela apenas vai ser substituída por outra coisa. Por uma área de tecido mais fina e clara. O tecido mais claro é a lembrança. A lembrança da sujeira. Então há duas coisas que você pode fazer. Pode jogar as calças fora ou pode seguir pelo resto da vida com a lembrança da mancha. Mas o pano mais claro traz mais memórias que a mancha. Também relembra a você da época em que as calças ainda estavam limpas.

Se você rebobinar o filme o suficiente, as calças limpas finalmente aparecem. Mas você sabe que elas não irão permanecer imaculadas. Sei que continuarei voltando no tempo pelo resto da minha vida. Eu me perguntarei repetidamente: *Foi aqui que aconteceu? Ou foi mais atrás? Lá?* Eu aperto *pause*.

Aqui ainda está limpo.

E aqui, não mais.

* * *

Mal tínhamos descido a entrada de terra até a rua quando Stanley Forbes pegou um maço de Marlboro no bolso da camisa e o colocou diante de meu rosto. Grato, peguei um.

— Cuidado — disse ele.

— Com o quê?

— Você está jogando o carro muito para a direita, quase arrancou o retrovisor daquela van.

Eu pertencço àquela categoria de homem que não sabe muito bem aceitar críticas ao seu modo de dirigir. *Que absolutamente não aceita*, deveria dizer. Mas, sendo razoável, eu sabia que Stanley provavelmente estava certo. Sabia pelo menos que tinha bebido demais para estar dirigindo um carro. Houve um momento de hesitação. Stanley estivera prestes a ir à praia no carro que ele alugara, estava de pé ali com as chaves na mão, mas finalmente deu de ombros e foi como meu único passageiro.

— Obrigado — falei. — Você fica de olho na direita, eu cuido da esquerda.

Reduzi a velocidade. Uns trinta metros à frente, eu via as luzes traseiras vermelhas do Volvo de Ralph desaparecerem em uma curva. Tomei cuidado ao levar o carro para o acostamento. Ainda assim, ouvi as calotas raspando no meio-fio com um som que parecia de dentes trincando.

— O que está fazendo? — perguntou Stanley.

— Escute, eu estava pensando: hoje é feriado. Pode haver alguma blitz na estrada principal para a praia. Eu realmente bebi demais, e tomariam minha carteira imediatamente.

— Certo.

— Mas há outro modo de chegar à praia. Uma estrada de areia. Nós ficamos em um camping nos primeiros dois dias, lembra? Se a partir daqui eu conseguir encontrar aquele camping, chegaremos lá por um caminho mais seguro.

Não foi fácil. Entramos em dois becos sem saída, mas finalmente achamos a estrada de areia que eu estava quase certo que nos levaria ao camping. Havia árvores de ambos os lados da estrada, eu abri a janela e coloquei o farol alto.

— São árvores do lado direito, Marc — disse Stanley. — Na verdade, à esquerda também.

Demos gargalhadas e, para mostrar como eu estava no controle da situação, pisei mais fundo no acelerador. As rodas giraram em falso na areia, o carro derrapou e disparou para a frente.

— É! — disse Stanley. — Zebra Um, estamos a caminho!

Essa provavelmente era uma fala de algum filme que eu deveria ter reconhecido, mas não tinha ideia. E não queria perguntar isso a Stanley. Por outro lado, eu tinha algumas outras coisas a perguntar ao diretor. *Quantos anos Emmanuelle realmente tem? Ela trepa com a mesma preguiça com que faz todo o resto, ou é, como dizem, um caso em que as aparências enganam; ela realmente deixa um velho como você arrasado? Fica de óculos escuros até na cama?* Mas essas foram perguntas que não fiz.

— O que afinal era aquilo? — disse eu. — Ralph falou alguma coisa. Pouco antes do jantar. Que você contou a ele algo que provavelmente me interessaria.

— Ah, aquilo — retrucou Stanley.

— Não precisa me contar agora, se não quiser. Em alguma outra hora.

Enquanto isso, a estrada de areia se tornara um declive acentuado; de vez em quando era possível vez luzinhas bem abaixo, entre as árvores, provavelmente dos bares e restaurantes ao longo da praia. Estávamos na estrada certa.

Stanley também baixou o vidro de sua janela. Jogou o cigarro fora e acendeu outro.

— Alguns meses depois do 11 de Setembro, o governo Bush convidou certos diretores de cinema à Casa Branca — começou ele. — Principalmente diretores de ficção científica. Steven Spielberg, George Lucas, James Cameron. E eu. Eu tinha dirigido dois filmes de *sci-fi*. Um deles só foi lançado na Europa em DVD, mas o outro foi um verdadeiro sucesso aqui. *Tremor*. Você viu?

O título soava familiar, mas acredito que o último filme do gênero que vi tenha sido *O dia depois de amanhã*.

— Não, acho que não.

— Não importa. A questão é a ideia por trás do convite. Ficamos sentados lá no Salão Oval com o pessoal todo. O próprio George Bush, claro, Dick Cheney e Donald Rumsfeld. George Tenet, da CIA, estava lá, e alguns outros caras: o conselheiro de Segurança Nacional e dois generais. E os cineastas. Serviram amendoins e salgadinhos. Café e chá. Mas também cerveja, uísque e gim. Afinal, aquilo deveria ser sobre imaginação. Sobre *nossa* imaginação.

A estrada de areia ficou mais estreita. E mais sinuosa. Fazia curvas fechadas, cujo fim você não via. Reduzi a marcha e podia ouvir pela janela aberta pedrinhas batendo no fundo do carro. Senti o cheiro acolhedor de agulhas de pinheiro. E do mar. Pensei em Caroline, que ficara para trás na casa de veraneio. No momento em que nos despedimos e ela me beijou no rosto. *Tem certeza de que não bebeu demais? Ainda consegue dirigir?*

— O motivo pelo qual fomos convidados era para dar asas à imaginação — continuou Stanley. — À fantasia. Não sei quem teve a ideia, se foi o próprio Bush ou um dos conselheiros. Não importa. Começamos com café e chá, mas logo passamos para cerveja e uísque. O presidente também. Virou dois uísques duplos. Dick Cheney e Donald Rumsfeld tomavam gim. Alguém colocou música. Primeiro Bob Dylan, depois Jimi Hendrix e Dixie Chicks. Pensando em retrospecto, era inacreditável, cacete. Mas fizemos o que nos pediram: fantasiámos. Antes do 11 de Setembro, nunca ocorrera a ninguém que terroristas pudessem usar um avião de passageiros como arma. Tudo se concentrava na segurança do próprio avião. Para impedir um atentado a bomba ou sequestro. Aviões batendo em prédios era simplesmente *inimaginável*. Então foi o que eles nos pediram para fazer: imaginar o inimaginável. Com nossa imaginação, a mesma imaginação que usamos para fazer alienígenas pousarem na Terra e vingadores do futuro aparecerem no presente para acertar as contas, eles queriam que imaginássemos o que os terroristas do futuro poderiam inventar. Mas há outra coisa que eu esqueci de lhe contar. *Tremor* foi baseado em um livro. Um livro de um escritor americano, Samuel Demmer. Já ouviu falar dele?

— Não, acho que não.

— Certo, não importa. O importante é: eu tinha lido esse livro. *Tremor*, de Samuel Demmer. E imediatamente vi um filme nele. Comecei a ler à meia-noite e às seis da manhã tinha terminado. Liguei para Demmer às oito. Eu mesmo. Normalmente peço ao meu agente para fazer esse tipo de ligação, mas estava tão entusiasmado que pensei: quero expressar meu entusiasmo eu mesmo. Demmer tinha fama de difícil. Nunca aparecia na TV, nunca dava entrevistas. Se quer saber, esse é o tipo mais simpático de escritor. Enfim, inicialmente ele foi meio cauteloso pelo telefone, parecia estar cagando se alguém tinha interesse em transformar seu livro em um filme. Mas eu também ouvi algo mais do outro lado da linha. Algo que você escuta com mais frequência quando fala com pessoas reclusas. Que, no fundo do coração, bem no fundo, elas estão contentes por alguém ligar. Por poderem conversar com alguém um pouquinho, mesmo sendo alguém que elas não conhecem. Ou talvez *especialmente* se for alguém que elas não conhecem. Quer dizer, personagens assim com frequência precisam lidar com a própria imagem. Precisam justificar a reputação, como dizem nos Estados Unidos. Ele, por exemplo, não se incomodou nem um pouco por eu ter telefonado tão cedo. Resumindo: criamos uma ligação. Batemos um pouco de papo sobre o livro e as possibilidades de filmar e, em dado momento, ele perguntou algo que me pegou totalmente de surpresa. Algo que me fez parar e que nunca esqueci. Na verdade, isso se tornou meu mantra pessoal: “Por que você mesmo não cria algo?” Tenho de admitir que aquilo me fez parar. Não soube o que dizer. Perguntei a ele: “O que quer dizer?” E ouvi um suspiro fundo do outro lado da linha. “Quero dizer exatamente o que disse”, Samuel Demmer falou. “Você parece ser criativo. Quer dizer, tem um número suficiente de ideias originais. Então por que quer fazer um filme inspirado na ideia de outra pessoa? Por que não faz seu próprio filme?” Conversamos por mais meia hora depois disso. Sobre todo tipo de coisa. Sobre livros de que gostávamos. Sobre filmes. Mais tarde, nos encontramos. Foi uma cooperação extremamente agradável e inspiradora. E a pergunta de Demmer mudou minha vida para melhor. Eu fiz *Tremor*. Mas apenas levemente baseado no livro, e ele achou que tudo bem. “Baseado no

romance de Samuel Demmer”, foi o que acabou aparecendo nos créditos. E depois de *Tremor*, nunca mais adaptei outro livro. Nunca. Levei a sério o que Demmer tinha dito e comecei a filmar minhas próprias criações.

Os faróis mostraram uma placa na lateral da estrada. Uma plaquinha com o desenho de uma barraca e o nome do camping onde tínhamos passado as duas primeiras noites. Mais uns oitocentos metros. Depois disso, pelo que me lembrava da primeira noite, a estrada ficava ainda mais íngreme, mas após três ou quatro curvas fechadas, chegava-se à praia. Aquele era o trecho final da estrada. Acelerei um pouco.

— E o que todos vocês imaginaram lá na Casa Branca? — perguntei. — Onde será desferido o próximo golpe?

— Bem, exatamente isso — disse Stanley. — Talvez não haja golpe algum. Quero dizer, também pode haver um golpe, mas naquela tarde as coisas foram muito mais longe. O problema é que tudo é classificado como secreto. Todos tivemos de jurar que nada do que discutimos sairia daquele salão. Spielberg foi o único que depois revelou alguma coisa. Nem lembro o que foi, acho que de qualquer forma foi algo bastante inócua, porque essa foi nossa principal conclusão no final daquela tarde de bebedeira: que tudo seria muito pior do que qualquer um ousava sonhar. Ou talvez não ousar, mas ter medo de sonhar. De qualquer forma, era horrível. A porra de um pesadelo. Estamos às vésperas de uma nova era. Em pouco tempo, nada mais será seguro. Literalmente. *Nada*. O Renascimento começou com um novo tipo de canhão. Um canhão capaz de disparar através das muralhas de um castelo. Aquele canhão acabou com o mundo que as pessoas então conheciam. O poder mudou dramaticamente. Em poucas décadas, o status quo de mil anos chegou ao fim. É o que também está acontecendo agora. Nós, o mundo moderno, Europa Ocidental, América, partes da Ásia, nós somos esse castelo. Passamos muito tempo mandando no galinheiro. Mas no futuro imediato, surgirá algo capaz de disparar através das muralhas.

— E o que será?

— Como disse, não posso falar sobre isso. Mas é diferente daquele canhão. Não é um evento único. É uma série de eventos, tudo ao mesmo

tempo.

Não consegui evitar; a história de Stanley inicialmente me interessara pouco, mas depois fiquei curioso, mesmo não querendo.

— Mas você pode me contar *alguma* coisa, não pode? — pedi. — Honestamente, juro que nunca contarei a ninguém.

Na tentativa de reforçar minhas palavras, soltei uma das mãos do volante, encostei dois dedos na boca e depois os ergui, como se fazendo um juramento, olhando para ele enquanto fazia o gesto.

— Eu prometo — falei.

— Cuidado!

Um carro saiu de repente da direita e disparou pela estrada de areia. Surgiu do nada. Pisei no freio e virei o volante para a esquerda. Talvez devagar demais, quem sabe? Dizemos a nós mesmos que ainda somos capazes de dirigir. Mas a distância de frenagem se relaciona com o tempo de percepção e o tempo de reação. Houve um som de metal raspando quando os dois carros fizeram contato. Chamar de colisão seria um exagero. Mas houve contato. Metal contra metal. Depois paramos em diagonal na estrada. Melhor dizendo, apenas *nós* paramos. O outro carro simplesmente seguiu em frente. Em um piscar de olhos, as luzes traseiras vermelhas desapareceram na curva seguinte.

— Que escroto! — berrou Stanley. — Você viu isso? Meu Deus! Que escroto! Escroto filho da puta!

Soltei uma das mãos do volante e limpei a testa. Mão e testa estavam molhadas de suor.

— Merda — falei. — Merda.

— Aquele babaca nem estava de farol ligado! Você viu aquilo? Ele simplesmente se meteu na estrada sem farol.

— Mas eu vi as luzes traseiras. Agora mesmo, quando ele freou.

— É, exatamente! Ele tocou nos freios. Mas não estava com o farol ligado. Sério.

Só então notei que o motor morrera. Tudo ficara silencioso de repente. Dois estalos secos soaram sob o capô. Era possível ouvir, bem abaixo, as

ondas quebrando na praia. Juntamente com o odor de agulhas de pinheiro e sal, eu passara a sentir o cheiro de borracha queimada.

— Vamos lá, Marc. Vamos ensinar uma lição a esse filho da puta! Sim! — disse Stanley, cerrando os punhos e socando o porta-luvas.

Soltei o ar. Apertei o volante com as duas mãos. O volante também estava molhado.

— O que está esperando? Vamos lá, ligue o motor!

— Stanley. Não é uma boa ideia. Bebi demais. Deveríamos estar felizes pelo filho da puta não ter parado. Eu acabaria ficando com a culpa por causa desse álcool todo no meu sangue.

Stanley não disse uma palavra. Abriu a porta e saltou.

— O que está fazendo? — perguntei, mas antes que me desse conta, ele dera a volta no carro e estava abrindo a porta do meu lado.

— Pula para o outro banco — disse.

— Stanley, não é uma boa ideia. Quer dizer, você também bebeu. Talvez ainda mais que eu. Com certeza não foi menos.

— Três taças. Pode parecer que eu bebo tanto quanto os outros, mas me demoro mais em cada taça.

— Stanley...

— Vamos lá, Marc. Pula para o outro banco, por favor? Temos de nos apressar. Se aquele escroto chegar à praia antes de nós, não poderemos fazer nada.

Enquanto eu me esforçava para passar pela alavanca de marcha e afundar no banco do carona, pela primeira vez tive consciência do peso em minha cabeça. O peso que o arrasta para baixo quando o álcool começa a perder efeito. Eu sabia como funcionava. O corpo exige umidade. Água. Mas, na verdade, quando sobrevém essa sensação, já é tarde demais. Você então precisa seguir em frente. Em linha reta. Pensei em um copo de cerveja. Grande. Com cerveja você ataca essa sensação por trás, onde ela menos espera.

Stanley ligou o motor e pisou no acelerador. Areia voou de sob os pneus.

— Isso! — disse ele quando finalmente nos lançamos à frente. — Se segura, Marc.

Na primeira curva, ouvi o fundo do carro raspar nas pedras que havia aqui e ali na estrada. Na segunda curva, ele escapou por pouco de uma árvore.

— Stanley — falei. — Stanley!

— Ali está ele!

A menos de trinta metros diante de nós, eu vi as luzes traseiras vermelhas freando na curva seguinte. Stanley piscou os faróis.

— Vamos deixar ele cego — disse ele. — Nós o pegamos, Marc, nós o pegamos.

Ele reduziu e acelerou. O motor gemeu.

— Já viu *Demônios da velocidade*? — perguntou, sem esperar resposta. — Foi provavelmente meu primeiro sucesso nos Estados Unidos. Uma história de merda, francamente, mas o único roteiro que consegui na época. Sobre corridas da Nascar. Um piloto com câncer que quer brilhar uma última vez. Mas o tiram da pista e ele morre em chamas.

— Stanley, por favor.

— Há um pequeno papel para o irmão, o irmão do piloto doente. Eu mesmo interpretei o papel. E foi a única coisa divertida de toda a filmagem, poder disparar em um daqueles *stock cars*. Duzentos e noventa, trezentos e vinte quilômetros por hora. E depois dar uma encostadinha no carro da frente para ele sair rodopiando.

Estávamos logo atrás do outro carro, um velho Renault 4, eu vi. Stanley enfiou a mão na buzina, e continuou buzinando.

— Ele precisa continuar ou não vai funcionar. Vamos lá, seu escroto! Acelere!

Ele deu um puxão no volante e apontou para o lado direito do para-choque traseiro. Houve novamente o som de metal sobre metal, mais alto que da primeira vez. E ouvi vidro se quebrando.

— Peguei!

O Renault derrapou na areia e girou sobre seu eixo. Por um momento pareceu que iria capotar, as rodas de um dos lados a um metro do chão,

suspensas por um segundo no ar, mas então caiu novamente sobre as quatro rodas.

Achei que Stanley seguiria em frente, mas ele engrenou a ré e manobrou até ficar ao lado do Renault.

— Seu arrombado do caralho! — gritou ele para o motorista, que estava com a janela aberta e olhava para nós, os olhos arregalados de medo. — Espero que o tumor no seu cérebro exploda hoje, seu escroto!

Depois Stanley saiu em disparada. Gargalhando, conduziu o carro pelas últimas curvas antes da praia.

— Por Deus, Marc! Viu o rosto dele? Ah, que beleza, por esses momentos a vida vale a pena. E para completar, ele ganhou uma aula grátis de idiomas.

Não falei nada. Quando o motorista se virou e nos encarou, eu joguei a cabeça para me esconder o máximo possível atrás de Stanley. Os cabelos do motorista estavam bastante desgrenhados. Na verdade, um pouco mais desgrenhados que na primeira vez que o vira. Mas o reconheci imediatamente como o dono do camping “verde” que cuidava tão mal de seus animais de fazenda.

Stanley continuava a gargalhar. Virou para mim e ergueu o braço. E demorei um momento até me dar conta de que ele queria um *high five*.

— Duas garrafas — disse ele.

— O quê?

— Eu tomei duas garrafas de vinho. Sem contar as duas cervejas antes do jantar ou os três conhaques com o café. Você tem de admitir que, considerando tudo isso, não sou um motorista ruim!

26

A praia estava lotada. Tão lotada que de início não conseguimos encontrar os outros. Começamos procurando nos bares abertos decorados com lanternas, depois fomos mais longe, além das fogueiras, na direção do mar. Por todos os lados, rojões eram disparados. Nos intervalos entre as explosões, era possível ouvir uma batida eletrônica pesada ecoando pela areia.

— Ali — disse Stanley.

Ralph e Judith estavam perto da água, e quase imediatamente vi Lisa sendo perseguida por Thomas. Lisa gritou e caiu na areia, e Thomas pulou em cima dela.

— Vocês chegaram bem na hora — falou Ralph.

Ele enterrara na areia um tubo de papelão cheio de explosivos; tinha aproximadamente o tamanho de uma banana de dinamite, e ele estava colocando uma panela em cima. Era uma panela de cobre pesada com fundo redondo, que aparentemente trouxera da casa — uma antiga panela de sopa, imaginei, do tipo que você vê pendurada em uma corrente acima de uma fogueira.

— Para trás — disse Ralph.

Por um momento não aconteceu nada. Uma fração de segundo depois houve um estrondo, e a panela tinha sumido. Não a vimos disparar pelo ar; não, ela simplesmente sumiu. No local em que estivera havia agora uma enorme cratera de trinta centímetros de diâmetro, com fumaça subindo.

— Veja! — berrou Ralph. — Ali!

Ele apontou. Contra o céu noturno, iluminado pelos clarões e foguetes explodindo, vimos a panela. Era difícil dizer a que altura estava. Noventa metros? Cento e oitenta? Ela subia girando, um ponto girando, ainda subindo. Pouco depois de quase a perdermos de vista novamente, ela começou a descer. A trajetória era bastante regular, e começou a despencar

sobre o mar. Por um momento sumiu de vista, depois ela surgiu pela última vez uns nove metros acima das ondas.

— Lá se vai nosso depósito — observou Judith enquanto a panela desaparecia pela última vez.

— Meu Deus — disse Ralph. — Viram aquilo? Vocês viram aquilo? Que explosão. Aqui, olhem esta cratera. Cacete, cara. Senti pedaços de conchas nos meus olhos.

— E como vamos explicar isso à imobiliária? — perguntou Judith.

— Ah, pare de reclamar, por favor. Achei aquela panela no barracão, eles nem vão notar que desapareceu.

Espiei Judith. Uma pequena ruga surgira em sua testa, logo acima do nariz. Nas bochechas e nos olhos, tremeluzia o brilho dourado das fogueiras.

Eu pegaria, pensei. Eu pegaria. Essa mulher. Hoje mesmo.

No momento seguinte, lembrei o que havia acontecido mais cedo na cozinha. Senti uma pontada no peito. O peso em minha cabeça — que sumira depois de Stanley ter jogado o dono do camping para fora da estrada — voltou. Pensei em minha filha, em Julia, que provavelmente nos flagrou. Quem mais teria sido, se não Julia? A mãe de Judith? Talvez. Era possível. Thomas ou Alex? Lisa? Tirei Lisa da lista imediatamente. Afinal, ela estava agindo normalmente comigo. De fato, era praticamente a única. Tentei imaginar o *que* exatamente a pessoa atrás da porta da cozinha poderia ter visto. Ou ouvido. Talvez quase nada, disse a mim mesmo por um breve segundo. Talvez quase tudo, me dei conta no instante seguinte.

Pensei no que precisaria ser feito. Julia. A melhor coisa era ser honesto. Bem, não exatamente honesto: direto. *Não sei exatamente o que você viu, mas a mãe de Alex estava muito, muito triste com algo. E eu estava tentando consolá-la. Estava triste porque ela... Por causa de algo com que mulheres adultas às vezes ficam tristes, eu explico em outra hora.*

— Judith? — chamou Ralph. — Judith, para onde está indo?

Judith dera meia-volta e estava dando grandes passos raivosos pela areia na direção dos restaurantes da praia. Não olhou para trás. Ralph sorriu e deu de ombros.

— Não ligue para ela, Marc — falou. — Quando está com esse humor, é melhor ficar fora do seu caminho.

Por um momento, pensei em seguir Judith até os restaurantes, mas desisti da ideia. Seria exagero. Um sinal óbvio demais. Mais tarde. Uma oportunidade adequada surgiria. Eu faria Judith acreditar que eu era mais sensível que Ralph. No que eu estava pensando? Eu *era* mais sensível que Ralph. Por isso respondi ao sorriso dele com um gesto que deveria significar algo como *mulheres, um dos grandes mistérios da vida*.

— Vê se pode, todos esses resmungos por uma panela velha? — continuou Ralph. — Quero dizer, quem consegue entender?

— Bem, é — concordei. — Caroline também tem esses ataques. E depois *nós* devemos nos sentir culpados e tentar descobrir o que fizemos de errado.

Ralph foi até mim e colocou um braço sobre os meus ombros.

— Parece que você sabe como é, Marc. Em relação às mulheres. Mas você as recebe em seu consultório todos os dias.

De perto, eu podia sentir algo no hálito de Ralph. Espadarte... Na metade do jantar eu cobrira minha porção com um guardanapo, e depois só comera alguns pedaços de pão francês. Podia sentir o vazio em meu estômago. Precisava comer algo primeiro. Comer algo e depois tomar uma cerveja para me livrar daquela sensação de peso.

— Todo mundo para trás!

Era Stanley. Ele tirara os sapatos e estava até os joelhos na espuma das ondas. Tinha um rojão em cada mão e os apontava para nós, rindo. Eu podia ver as faíscas brilhando nos pavios.

— Vira isso para lá! — berrou Ralph. — Vira isso, idiota!

Só no último instante Stanley deu uma volta de cento e oitenta graus e apontou os rojões para o mar. Não em ângulo, não: horizontalmente. Quase no mesmo instante, os projéteis saíram voando de suas mãos. Um deles desapareceu em uma onda a uns cinco metros da faixa de areia. O outro deslizou pouco acima da superfície da água. Havia pessoas nadando ali, dava para ver. Não muitas, talvez cinco, mas ainda assim... O foguete abriu caminho entre as cabeças que balançavam na água. Por alguns segundos,

nada aconteceu, absolutamente nada. Depois houve uma explosão abafada e um jorro de água subiu no ar. Os nadadores começaram a gritar e agitar os braços, mas Stanley simplesmente acenou de volta e riu.

— *Apocalypse Now! Apocalypse Now!* — gritou, levando as mãos à boca como um megafone. — Ralph, Ralph. Outro desses. Vamos explodi-los na água!

Não que tivéssemos esquecido do primeiro rojão. Apenas tínhamos parado de pensar nisso. Houve uma explosão. Um baque profundo. Um som como o de uma âncora sendo lançada. Uma âncora batendo em uma grande rocha debaixo d'água. Água do mar, areia e pedrinhas saíram voando. Algo pousou em meu olho esquerdo. Stanley, que estava mais próximo da explosão, perdeu o equilíbrio e caiu de cara em uma onda. Por um momento foi ao fundo, depois levantou, tossindo e engasgando.

— Cacete! — gritou, tirando uma alga marinha imaginária da língua. — Fogo amigo! Fogo amigo!

Ele riu, a única coisa que você pode fazer em uma situação dessas. Assim como Ralph rira de si mesmo ao cair de joelhos ao lado da mesa de pingue-pongue. Ralph e eu também rimos alto enquanto Stanley voltava para a areia com bermuda e camiseta encharcados.

Alguém me agarrou pelo pulso.

— Papai? — chamou Lisa. — Papai, Thomas e eu podemos tomar sorvete?

— Sim, claro — respondi.

Usei os dedos da outra mão para esfregar o olho esquerdo, e pisquei. As lágrimas começaram a correr novamente, e senti uma dor aguda. Havia algo no meu olho. Um pedaço de concha ou grão de areia.

— Onde está Julia? — perguntei a Lisa.

Naquele momento, Thomas veio correndo por trás e bateu nela, jogando-a para a frente na areia.

— Thomas! Escroto!

— Lisa! — falei. — Não quero que você... Você não deveria falar...

Thomas bateu no peito com os dois punhos e deu meio que um grito de Tarzan.

— Onde está Julia? — perguntei novamente.

— Como eu vou saber? — retrucou Lisa.

Ela se colocou de pé e acertou a cara de Thomas com a base da mão. Muito forte: pelo menos mais forte do que ela havia pretendido.

— Droga! — gritou Thomas. — Sua piranha traiçoeira!

Ele tentou agarrá-la, mas Lisa já estava disparando pela areia.

— O que acha de tomar uma cerveja? — perguntou Stanley.

Ele estava todo molhado, os cabelos grisalhos molhados grudavam na testa, e era possível ver o brilho refletido pelo couro cabeludo branco em certos pontos.

Ralph ainda soluçava de rir.

— Que cena, Stanley! Você deveria ter filmado isso!

— Onde está Julia? — perguntei a Ralph.

Stanley tateou os bolsos.

— Bosta! Acho que todo o meu dinheiro... Ah, não, aqui está — disse, tirando do bolso algumas notas encharcadas, grudadas. — Um secador! Meu reino por um secador! — gritou.

— Onde estão Julia e Alex? — insisti.

— Eles foram à boate na outra praia — disse Ralph, apontando. — Lá...
Dá para ver as luzes, depois da curva.

— Sozinhos? Só os dois? — perguntei.

Vi as luzes a que Ralph se referira. Era difícil dizer a que distância estavam. Pelo menos oitocentos metros, imaginei. Talvez o dobro. Entre aquele trecho de praia com restaurantes iluminados e fogueiras e aquela boate do outro lado da baía não havia nada. Apenas um trecho de praia vazio e escuro.

— Marc, você não pode manter os garotos com rédea curta. A última coisa que aqueles dois querem é ficar aqui com os pais.

— Não, só estava pensando... Julia poderia pelo menos ter me esperado chegar.

Tentei esconder minha irritação por Ralph ter autorizado minha filha a ir para a outra praia. Sem se preocupar ou pensar se eu me importaria. Perguntei a mim mesmo: será que eu estava sendo infantil? Ou faria mais sentido se ele tivesse dito “Por mim tudo bem, mas antes vamos ter de esperar seu pai e ver o que ele diz”?

— O que há no seu olho? — perguntou Ralph.

— Nada. Bem, há alguma coisa. Areia ou algo assim.

— Cerveja para todos? — perguntou Stanley, erguendo as notas molhadas.

Como todas as mesas estavam ocupadas, bebemos apoiados em um balcão de bar montado na própria praia, provavelmente para aquela festa. Judith fora embora. Ralph não pareceu muito preocupado por perder contato com a esposa. Nem ao menos tentou encontrá-la.

— Merda! Como um homem pode resistir? — disse ele, batendo a caneca de cerveja no bar.

Segui seu olhar e vi três garotas de biquíni entre as mesas do café, a uns cinco metros. Estavam de costas para nós, tentando achar uma mesa vazia. Ralph balançou a cabeça.

— Bem, Marc, o que os olhos não veem o coração não sente. Ah, para conseguir um pedacinho daquilo ali, eu até cometeria um crime. Só um pedacinho.

Ele passou a língua pelo lábio superior. Gemeu e brincou com o botão do short, os dedos deslizando sobre o zíper. Vi novamente o olhar predatório: o mesmo olhar com que uma vez ele despira Caroline no saguão. E também dessa vez um filme passara por sua cabeça enquanto examinava as garotas da cabeça aos pés, o olhar finalmente pousando em suas bundas.

— Ei! — gritou Stanley.

Nós nos viramos e vimos Stanley acenando para as garotas.

— Ei! Venham! Venham aqui!

Ralph balançou a cabeça, olhou para sua cerveja, depois sorriu para mim.

— Nós só pensamos em fazer isso, mas ele realmente corre atrás — falou.

As garotas pareciam debater sobre o que fazer. Estavam com as cabeças próximas. Dando risinhos. Tentei imaginar o que elas viam: três homens de meia-idade, de bermuda, segurando canecas de cerveja — o mais velho deles tomando a iniciativa. Se eu fosse elas, teria me virado e ido embora.

Mas, para meu grande espanto, após um momento de hesitação, elas vieram em nossa direção. Às vezes você avalia mal as mulheres quando as vê

de costas. Você vê cabelos compridos sobre ombros nus, mas quando se viram para encará-lo, de repente têm quinze anos a mais. Ali, contudo, não foi o caso: todas as três poderiam ter saído direto das capas de *Vogue* ou *Glamour*. Tentei avaliar quantos anos tinham. Dezenove? Vinte? Não mais de vinte e cinco, certamente, e na verdade estavam mais para garotas do que jovens mulheres. Dei uma olhada em Ralph, que tomou um gole rápido de sua caneca, estalou os lábios e passou a mão sobre a barriga. Como se estivesse com fome. Era também como ele olhava para as três garotas: como se estivesse em uma festa onde os garçons passavam com bandejas de croquetes, espetinhos e iscas de filé. Uma porção saborosa estava indo na sua direção, e ele já começara a lamber os lábios.

— Impecáveis — disse ele. — Cacete, são lindas.

— Boa noite, meninas. Bebidas? O que vão querer? Vinho branco? Margaritas? Coquetéis? — perguntou Stanley, olhando malicioso para nós.

Ele trabalhava rápido. Ao mesmo tempo que lia a carta de bebidas, pousara a mão de leve no ombro nu da garota mais próxima. Elas riram novamente, mas não foram embora. Estenderam as mãos e se apresentaram uma a uma. Disseram seus nomes, e Stanley perguntou de onde eram. Duas eram da Noruega, entendemos, e a terceira era letã. Depois Stanley perguntou se estavam lá a trabalho ou de férias. Não, ele não usou a palavra “férias”. *Prazer*, essa foi a palavra que usou. *Trabalho ou prazer?*, perguntou em um tom de voz sugestivo, como se a diferença entre trabalho e prazer fosse de pouca importância. A mim pareceu uma última oportunidade para que as garotas se afastassem de nós. Mas elas simplesmente ficaram ali, rindo. A essa altura, as duas norueguesas já usavam os canudos de suas margaritas. A garota da Letônia tinha virado sua vodca dupla em um gole só.

— Então, Marc — disse Ralph. — Você é o sortudo, com sua carametade segura em casa. Assim como ele — disse, apontando para Stanley. — Mas eu preciso ter muito cuidado. Judith teria um ataque.

Ele olhou ao redor, e eu o acompanhei.

— A baixinha está completamente bêbada — continuou Ralph. — Você é quem manda, Marc.

Ele apontou com a cabeça para a garota letã da vodca. Depois voltou os olhos para as pernas das norueguesas e estalou os lábios novamente. Enquanto isso, Stanley tinha o braço sobre os ombros da garota mais próxima. Fez como se tentasse colocar os lábios no canudo da margarita dela, depois fingiu tropeçar e enfiar o nariz no seu pescoço. A garota o empurrou com um riso e disse algo em norueguês para a amiga, que então agarrou Ralph pelo pulso e o puxou para si.

— Ôa, ôa — disse Ralph. — Espere um minuto! Caramba, elas estão animadas, Marc. O que fizemos para merecer isso?

Mais uma vez o vi olhar ao redor rapidamente, depois passar o braço pela cintura da garota e a puxar para si. Ou não, não pela cintura: mais abaixo, logo acima do elástico da calcinha do biquíni. Em segundos os dedos dele estavam sob o elástico. Olhei para sua mão. Para seu pulso. Era tudo totalmente desproporcional. O pulso de Ralph parecia mais grosso que a cintura da garota. Vi como ele deslizou os dedos grossos entre as nádegas dela, e pensei nas outras partes do corpo. Partes do corpo que também eram desproporcionais. Mas não tive tempo de prosseguir com essa fantasia. A garota tentou empurrar Ralph para longe, não meio que brincando, como a amiga fizera com Stanley; não, muito sinceramente. Ralph não conseguia ver a expressão dela. Eu, sim. A boca estava retorcida, como se sentisse um gosto nojento ou uma dor repentina, mas como Ralph não conseguia ver isso, a puxava ainda mais forte, tentando ao mesmo tempo colocar a boca no seu pescoço.

Eu ouvi um grito, mais provavelmente um xingamento ou agressão. Uma agressão em norueguês que soava como *Varkensfetter!* Depois ela disse mais uma coisa, dessa vez em inglês, com forte sotaque: *Fok of!* E quase simultaneamente lançou o joelho com força na virilha de Ralph.

A boca de Ralph ficou escancarada. Ele tentou respirar e agarrou a frente da bermuda (com a mesma mão que acabara de estar sob o elástico da calcinha do biquíni), para proteger seus genitais.

— Ai, porra! — foi tudo o que conseguiu dizer.

Então a garota jogou o resto de sua margarita, com copo e tudo, em seu rosto. Não ficou claro se ela realmente quisera fazer isso ou se apenas já bebera demais e não estava muito consciente, mas, seja como for, a beirada do copo acertou Ralph no lábio superior. Contra os dentes. Houve o som de algo se partindo. Um pedaço de dente ou um pedaço de vidro, não ficou claro. Ralph levou a mão à boca. Passou a língua sobre os dentes da frente, depois olhou para os dedos ensanguentados.

— Sua piranha de merda! — uivou.

Antes que Stanley ou eu conseguíssemos impedir, ele deu o golpe. Tentou acertar a garota no rosto. Mas a joelhada na virilha acabara com ele, e ele errou o golpe por pouco.

— Ralph! — gritou Stanley. — Calma, homem!

— Piranha desgraçada! — berrou Ralph. — Primeiro chega provocando e de repente vira a Madre Teresa. Ah vá! Eu cago para piranhas como você.

Ele segurava a garota pelo pulso. Puxou o braço para baixo com força, ela perdeu o equilíbrio e caiu na areia. Gritou. Eu vi Ralph jogar a perna para trás. Como se fosse bater um pênalti. Em cima da hora, me dei conta de que ia chutar a garota na barriga.

— Ralph! — gritei.

Eu me apoiei nele, ombro com ombro. Ao mesmo tempo chutei seu joelho. Com toda a força. Ele estava em desvantagem. Apoiado em apenas uma perna. Se estivesse apoiado em ambas, eu nunca teria conseguido derrubá-lo, mas ele ficou vacilando no lugar por um segundo inteiro. Depois desabou lentamente, como um prédio sendo demolido por explosivos. Bateu com a nuca no balcão, produzindo um estalo alto. Não soube dizer se o estalo era do crânio ou do tampo de madeira do balcão.

As pessoas vinham até nós de todas as direções. Principalmente homens. Homens que agarraram Stanley e eu. Homens que se curvaram para ajudar a garota norueguesa, que começara a se levantar.

— Ei, calma! — ouvi Stanley gritar, mas não consegui mais vê-lo, não estava mais de pé no bar onde estivera um momento antes.

— Stanley! — gritei.

Enquanto isso, dois homens me empurraram para a areia. Um terceiro estava sobre meu peito, todo o seu peso sobre minhas costelas. Eu podia sentir o ar sendo expulso dos meus pulmões.

— Calma! Calma, por favor — fui capaz de murmurar.

Mas não consegui ar suficiente para dizer isso muito alto.

Vi de soslaio a garota norueguesa sobre Ralph. Ela o socou algumas vezes no rosto até que dois homens fortes chegaram para tirá-la de cima dele.

Eu estava no banheiro masculino do restaurante onde havíamos comido naquela primeira noite, me encarando no pequeno espelho acima da pia. Tentava manter meu olho esquerdo aberto e olhar dentro dele ao mesmo tempo. Não conseguia uma imagem muito clara, mas, o que podia ver, via muito bem: mais de um terço do meu globo ocular estava vermelho de sangue. Um edema. Algo — um grão de areia, um pedaço de concha, uma pedrinha — caíra no meu olho. E atingira a córnea. Ou, quem sabe, pensei com minha respiração acelerando e meu coração começando a bater com mais força, quem sabe, talvez o grão de areia ou pedrinha tivesse de fato *perfurado* a córnea e estivesse então mergulhado no fluido dentro do globo ocular.

Eu tinha essa coisa com olhos. Eu posso olhar para tudo — feridas abertas e fraturas expostas, uma serra circular cortando um osso gasto do quadril, com direito a sangue jorrando para o teto da sala de cirurgia, uma portinhola serrada em um crânio, cérebros expostos, um coração batendo em uma bandeja cromada, rolos de gaze ensanguentados enfiados em um peito aberto da clavícula ao umbigo — consigo lidar com tudo, exceto coisas relacionadas a olhos. Particularmente coisas que não pertencem aos olhos: cacos de vidro, areia, poeira, lentes de contato que escorregaram para trás do globo ocular... Por causa do meu juramento como médico, encaminho o menor número possível de pacientes a um especialista, mas pacientes que se sentam em minha sala de espera piscando espasmodicamente nem entram no meu consultório. Eu digo à minha secretária: “Está vendo aquele homem com um lenço ensanguentado sobre o olho? Tire-o daqui. Imediatamente. Mande-o para a emergência. Ou o encaminhe a um oftalmologista. Eu nem tomei café da manhã. Não posso lidar com isso agora.”

Não sei por quê, mas deve ter a ver com algo que aconteceu há muito tempo. Algum acontecimento que reprimi. A maioria das fobias tem origem

nos primeiros quatro anos de vida: o medo de aranhas, de água, de mulheres, de homens, de amplos espaços abertos ou de enormes cordilheiras que bloqueiam o sol, de sapos e gafanhotos, de cabeças de peixe no seu prato ainda com os olhos, de toboáguas enormes, lojas de móveis, túneis para pedestres — sempre há algo a que culpar. Uma experiência traumática, dizem as pessoas, e marcam uma consulta para uma conversa inicial com um psiquiatra. Após anos cavando e vasculhando, finalmente algo sobe à superfície: uma mãe perdida no supermercado, uma vela pingando, uma lesma no seu tênis, um tio “engraçado” que conseguia soprar anéis de fumaça através de um jornal enrolado, mas que queria brincar com seu pinto à noite, uma tia com verrugas e um bigode áspero que lhe dava um beijo de boa-noite... Um professor tomando uma chuva em um acampamento de verão da escola... não há um limite claro entre base das costas e nádegas, depois do cóccix a pele desaparece em uma fissura escura apertada, e ele fica ali esfregando seu pau branco e magro com um pano rosa — depois que o acampamento termina você tem de se esforçar para não vomitar toda vez que ele desenha um triângulo equilátero no quadro-negro.

Um olho arregalado e úmido me lembra um ovo frito. Um ovo frito que ainda não está pronto, gema e clara ainda basicamente líquidas, se sacudindo ali na frigideira como uma água-viva na praia.

Alguém estava sacudindo a maçaneta da porta do banheiro.

— Vá embora — digo em holandês. — Não vê que tem gente?

Eu conseguia abrir o olho ferido por dois segundos de cada vez. Não apenas por parecer tão hediondo, mas também por causa da dor lancinante. Como se alguém estivesse apagando um cigarro no branco do olho, no ovo frito — eu não conseguia deixar de pensar nisso.

Sacudiram a porta novamente. E já não era só uma sacudida. Alguém esmurrou três vezes. Ouvei uma voz. Uma voz de homem murmurando em um idioma que não consegui identificar.

— Por Deus — resmunguei.

Pisquei o olho úmido algumas vezes. Mas não adiantou. Eu não conseguia mantê-lo aberto sem sentir uma dor insuportável. Xinguei. Peguei

papel higiênico do rolo, dobrei e molhei um pouco na torneira. Houve um breve momento de frescor e alívio quando pressionei a compressa molhada sobre o olho.

— Finalmente é a sua vez — disse ao homem que esperava no corredor mal iluminado além da porta do banheiro.

Ele vestia bermuda e uma camiseta sem mangas. Bochechas, queixo e lábio superior estavam suados e com barba por fazer. Comecei a andar, mas depois dei outra olhada. O rosto me parecia vagamente familiar, mas não consegui identificar. E ao mesmo tempo, vi algo mais. O homem também olhava para mim, como se me reconhecesse de algum lugar: um leve brilho nos olhos, como se tentasse ligar meu rosto a alguma lembrança.

— Desculpe — disse ele com um sotaque forte. — Pressa.

Ele sorriu. Meu olhar baixou para seus ombros e braços nus. Em um braço ele tinha uma tatuagem: uma ave, aparentemente uma águia, prendendo nas garras um coração vermelho pingando. No outro braço, havia algumas faixas vermelhas. Como se ele tivesse coçado um ferimento. Um corte ou mordida de mosquito.

Ele seguiu meu olhar e esfregou o ferimento com as pontas dos dedos. Esfregou, e o braço estava molhado de suor, e quando tirou os dedos deu para ver duas linhas finas vermelhas. Trocamos novamente um aceno de cabeça, do modo como fazem os quase desconhecidos, e depois ele desapareceu no banheiro.

À porta da frente do restaurante, dei uma boa olhada ao redor antes de sair para o pátio. Olhei com especial cuidado para o bar da praia, onde menos de quinze minutos antes eu havia sido empurrado sobre a areia por um grupo de homens. Mas já não havia mais ninguém lá. Nenhum sinal de Ralph, Stanley ou das três garotas. Ainda pressionando o bolo de papel higiênico molhado sobre o olho, passei pelas mesas. Podia estar imaginando coisas, mas parecia que o olho começara a latejar — não exatamente o olho em si, mas o espaço *atrás* do olho. O lugar onde os músculos e tendões mantinham o olho em sua órbita, de acordo com o que eu recordava da faculdade de medicina. Das aulas de oftalmologia que eu apenas *fingia*

escutar. A cada slide que o professor projetava na tela, eu me afundava mais na cadeira. Um dos slides mostrava um olho pendurado da órbita, ligado ao crânio apenas por veias ensanguentadas. Eu gemera tão alto que o professor interrompera a palestra para perguntar se alguém precisava de assistência médica.

Naquele momento eu podia sentir o latejar atrás do olho, um latejar que se fundia de modo impecável com o ritmo do baixo que saía dos alto-falantes instalados pelo pátio — tão impecável que não havia como separar os dois.

Talvez eu não estivesse prestando atenção, ou talvez caminhar com um olho fechado tivesse afetado minha percepção de profundidade; qualquer que fosse o caso, quando a garota se levantou da cadeira na beirada do pátio, o fez de modo assustadoramente rápido e desajeitado. Seu ombro esquerdo me acertou sob o nariz, eu recuei alguns passos trêmulos e quase recuperei o equilíbrio antes de cair no colo de um homem praticamente nu.

— Desculpe — disse eu ao homem.

Limpei o nariz e olhei para os dedos: nada de sangue.

— Desculpe — falou a garota.

Ela olhou preocupada para a mão segurando o bolo de papel higiênico sobre o olho.

— Certo, está tudo bem — falei, antes que ela pudesse tirar conclusões precipitadas. — Sem problema.

A garota não era grande, mas era gorda. Dei uma olhada mais detida nela e, pela segunda vez no espaço de cinco minutos, vi um rosto levemente familiar. Dessa vez levei apenas alguns momentos para localizar: a garota da imobiliária... A garota que nos prometera que o mecânico passaria o mais rápido possível para resolver o problema com a água.

De repente também soube quem era o homem, aquele mexendo na porta do banheiro. O funcionário! O funcionário que subira ao telhado para desbloquear a caixa d'água. Eles eram um casal, não eram? Olhei para os olhos dela e só então notei que estavam cheios de lágrimas. Úmidos e vermelhos. Ela piscou algumas vezes e gaguejou outro pedido de desculpas.

Ergui a mão, como se dizendo *sem problema*. Talvez o funcionário tivesse acabado de terminar o relacionamento. Havia manchas vermelhas em suas bochechas. Ela tinha chorado. Chorado e esfregado os dedos sobre olhos e bochechas com força. Era injusto que garotas com aquela aparência fossem frequentemente abandonadas? Foi essa a pergunta que passou pela minha cabeça. Ou será que elas já contavam com isso? Era o que esperavam, e ficavam contentes quando algum operário suado pressionava os lábios sobre seu pescoço por algumas semanas (ou horas) e sussurrava banalidades doces em seu ouvido?

— Eu... Eu tenho de ir — falei. — Você está bem?

Ela anuiu. Era difícil dizer com todas as manchas vermelhas nas bochechas, mas ela parecia estar ruborizando novamente. No momento seguinte, passou por mim e seguiu para a área mais movimentada do restaurante.

Quando passei pelo bar da praia, ninguém pareceu me notar. Os homens que tinham jogado a mim e a Ralph na areia aparentemente tinham ido procurar diversão em outro lugar. Algumas centenas de metros mais adiante, encontrei Lisa e Thomas ainda perseguindo uma bola de futebol, com um grupo de crianças da mesma idade. Felizmente não tinham notado a briga no bar. Pouco antes de me trancar no banheiro para examinar o olho, eu fora falar com Lisa.

— Fique por perto, ok? — pedi. — Estarei lá no banheiro se precisar de mim — acrescentei, apontando para o restaurante, mas Lisa não estava prestando atenção.

— Tudo bem — respondeu ela, sem olhar para mim, depois saiu correndo pela areia, perseguindo Thomas e três outros garotos que chutavam a bola.

No final, Ralph conseguira se libertar dos homens que o prendiam. Resmungando e xingando, ele agarrara o saco plástico de fogos de artifício e fora a passos largos na direção do mar. Àquela altura eles já tinham me soltado.

— Vamos embora, Marc! — gritara Ralph por sobre o ombro. — Vamos deixar esses merdas posarem de cafetões de um bando de piranhas se isso faz

com que eles se sintam bem.

Mas eles não olharam para trás para ver se eu os seguia.

Enquanto isso, o paradeiro de Stanley era desconhecido. Eu me levantei, espanei a areia da bermuda e da camisa e olhei ao redor (com o olho bom).

Então a garota letã da vodca desmaiou. Num minuto ela estava de pé ao nosso lado, copo vazio na mão, e no seguinte desabou. Sem um ruído sequer. Uma folha caindo de uma árvore, não mais que isso. Os homens se inclinaram sobre ela. Mãos deram tapinhas nas faces. Alguém colocou um pimenteiro sob seu nariz. Outro pegou um pano molhado no bar e o passou em sua testa. Uma pálpebra estava aberta, mas só era possível ver o branco do olho. Eu me virei rápido e automaticamente conferi meu próprio olho.

— Um médico! — chamou alguém. — Precisamos de um médico.

Eu estava no âmbito da possibilidade. Poderia ter ido embora. Ninguém estava mais prestando atenção em mim. Respirei fundo e olhei para o mar. Os fogos de artifício já estavam no fim, o mar negro e escuro sob o céu negro salpicado de estrelas. Nas pausas entre as notas do baixo, era possível ouvir o chiado da espuma.

— Eu sou médico — falei.

Depois pensei com frequência se as coisas teriam sido diferentes caso a garota da Letônia tivesse permanecido de pé. Se eu teria chegado a tempo. Somei e subtraí os minutos, mas nunca consegui uma resposta clara. Era como pensar depois sobre um comentário que você fez com alguém. Um comentário terrível. Pelo menos é o que você pensa: que foi terrível. Você passa a noite acordado, relembrando a conversa. Mas as horas correm e as palavras se tornam cada vez mais vagas. No dia seguinte, você reúne toda a sua coragem. E pergunta: “Eu disse alguma coisa horrível ontem à noite?” E a resposta é: “Do que você está falando?”

O fato é que demorei quinze minutos para fazer a garota da vodca recobrar os sentidos. Tomei o pulso, auscultei o peito para avaliar se talvez tivesse fluidos (vodca!) nos pulmões. *Entre* seus seios, eu deveria dizer. Era uma questão de vida ou morte, eu sabia por amargas experiências. Garotas do tamanho dela — sem dúvida não pesava mais de quarenta quilos, notei depois quando a levantei da areia — podem morrer quase imediatamente de overdose de álcool. O corpo não sabe onde colocar todo aquele destilado. Não há espaço para ele. O coração faz hora extra e bombeia a overdose por toda parte, mas o sangue apenas continua a correr desesperadamente pelas veias. Não há para onde ir. Depois de um tempo, o coração desiste. Bombeia com força cada vez menor. E enfim para. Eu não tinha tempo de me preocupar com o que os homens inclinados sobre nós achariam quando coloquei meu ouvido entre seus seios. Eram seios pequenos que mal abafavam o som do coração batendo. Ele batia devagar e com esforço. A fase final. Poderia parar nos cinco minutos seguintes. Coloquei o braço esquerdo sob a cabeça e a ergui um pouco. Ao mesmo tempo coloquei a mão direita espalmada sobre a barriga. Quando pus minha boca sobre a dela pude sentir o gosto da vodca. Respiração boca a boca. Não tinha muita experiência com a técnica. Certa vez com um homem afogado, pai de três, em um camping.

Ele descera pelo escorrega gigantesco, batera a nuca com força na beirada da piscina e afundara imediatamente. Em outra ocasião foi com um escritor idoso em meu consultório. Enquanto eu removia cera incrustada de seus ouvidos, ele perdeu a consciência. Lembro claramente: num instante, eu olhava para a tigela metálica em minha mão, para o bolo de cera preta flutuando na água. Depois olhei para o escritor. Ele caíra de lado no leito de exame. Como faço com frequência, naquele momento pensei em minhas decisões médicas. Sobre quem você ajuda primeiro. Mais cedo ou mais tarde, todo médico se defronta com tais escolhas. Embora todos neguemos isso. De fato, elas envolvem considerações muito simples. Considerações sobre as quais você nunca fala. O pai de três tem mais direito à respiração boca a boca que o escritor cuja obra está mais ou menos concluída. Que está “descendo a ladeira”, como dizem, sem muita chance de aparecer com algo novo. Quando um navio está afundando, são as mulheres e crianças que vão primeiro para os botes. Em um mundo ideal, o velho ofereceria seu lugar no bote salva-vidas à mãe jovem e seu filho. O homem velho está no fim de sua corda biológica. Para uma jovem bonita, seria um desperdício sair da Letônia e morrer de overdose de álcool em uma praia distante. Eu sabia a impressão que os espectadores deviam estar tendo. Eles não estavam vendo um médico fazendo manobras para salvar uma vida; eles viam um adulto curvado sobre uma garota pressionando seus lábios sobre os dela. A mão livre dele paira em algum lugar perto do umbigo...

Apertei seu nariz e soprei ar para dentro dos pulmões. Ao mesmo tempo, fiz força sobre a barriga. Só tive de fazer uma vez, e tudo saiu. Mal tive tempo de afastar os lábios dos dela. Uma onda de vodca correu para minha boca. E não apenas vodca. Uma mistura venenosa de vodca, comida semidigerida e sucos gástricos. Eu a ergui com um puxão, para impedir que engasgasse com o próprio vômito. Lambi os lábios e cuspi algumas vezes na areia. O resto escorreu sobre sua barriga e pernas. Mas ela abriu os olhos. Fez ruídos. Inicialmente um ruído indefinível, um som de gargarejo vindo das profundezas, como um ralo que de repente desentope. Depois sons e palavras, palavras em sua própria língua, pelo som que tinham. Letão. Eu me

levantei, peguei seus pulsos e ergui os braços acima da cabeça. Ar. Oxigênio. Era o que ela mais precisava no momento. Alguns dos homens que tinham prendido Ralph, Stanley e eu no chão um pouco antes começaram a aplaudir. Em geral, esse é sempre o melhor momento. O médico. O médico acabou de salvar a vida de alguém. Por alguns minutos, ele fica sob os holofotes. O pai de três passa no dia seguinte para me dar uma garrafa de vinho. Eles se dão conta de repente de que podia ter sido muito pior. E então se esquecem novamente de você.

A multidão se abriu quando fui para o restaurante, meu olho esquerdo ainda bem apertado. No caminho, algumas pessoas deram tapinhas em meu ombro. Alguém levantou o polegar e piscou. Elogios murmurados em vários idiomas. Mas o que eu mais sentia era uma sensação persistente de desconforto. Talvez eu tivesse aceitado tudo com serenidade demais, me dei conta: o fato de que minha filha de treze anos fora para uma boate na praia a um quilômetro e meio com um garoto de quinze anos. Eu não quisera ser chato. Fiquei irritado por Ralph não ter me esperado e simplesmente ter dado permissão a Alex e Julia. Mas depois me esqueci disso imediatamente. Eu tinha — e só com dificuldade admitia isso a mim mesmo — *outras coisas* em mente. Essas outras coisas tinham empurrado para o fundo o fato de que uma menina de treze anos atravessara um trecho escuro de praia até uma boate distante. Tentei impedir que minha imaginação me dominasse. Fiz de tudo para que minha imaginação parasse ali. *Cuide desse olho primeiro*, disse a mim mesmo. Com um olho dolorido e fechado por inchaço, eu não passava de um quase inválido. Mas depois de ir ao banheiro e fazer uma primeira tentativa de olhar no espelho, não havia como parar. Pensei nas coisas que todo pai pensa mais cedo ou mais tarde. Todo pai de uma filha, melhor dizendo. O trecho escuro de praia. O trecho escuro de praia, entre a escola e a casa, depois da festa na escola. Havia muitos homens bêbados circulando naquela noite. Pensei em Alex. Minha filha provavelmente não tinha muito com que se preocupar quanto a ele. Alex era um garoto doce e bastante indolente que gostava de segurar sua mão — e quem sabe: talvez mais que isso. Também doce e indolente demais para ser de grande utilidade quando

os homens bêbados desagradáveis tentassem se jogar sobre a minha filha. Em algum ponto daquele trecho escuro de praia ou na boate. Eu não pensava em outra coisa. Não me parecia que ela iria se entregar como a garota letã da vodca. Quando estávamos de férias e íamos a um restaurante, ela podia tomar um gole de nosso vinho ou cerveja. Mas isso realmente não a interessava muito. Levava a taça aos lábios e fazia uma careta, quase como se fizesse aquilo mais para agradar a nós que a si mesma. Não, eu estava pensando principalmente em homens bêbados desagradáveis que veriam uma menina de treze anos como presa fácil. Homens sujos. Ralph passou pela minha cabeça.

E também pensei em outra coisa. Caroline. Eu já falei sobre como às vezes desempenho o papel de pai que cede, o pai que dá toda a liberdade do mundo — bem, talvez não toda, mas de qualquer forma mais liberdade do que a mãe sempre excessivamente preocupada. Esse papel me cai muito bem, desde que Caroline e eu estejamos juntos. Mas assim que estou sozinho, o pânico se instala. Em um restaurante aberto ou loja de departamentos, *na praia!* — sempre que há muita gente, ou talvez até muito pouca gente, ou em lugares mal iluminados, eu fico olhando ao redor para ter certeza de que não as perdi. Um pouco mais quando as meninas ainda eram pequenas, mas ainda assim... Esse pânico tinha duas faces. A primeira era o medo objetivo de que algo poderia acontecer a qualquer momento: uma bola rolando para uma rua movimentada, um molestador de crianças, uma grande onda que as arrastasse para o mar. A segunda era o rosto de Caroline. Ou melhor: sua voz. A voz dizia: *Por que não cuidou melhor delas? Como pôde deixá-las lá com todo aquele trânsito?* Certa vez fiquei me perguntando se eu sentiria tanto pânico se tivesse feito tudo sozinho. Realmente sozinho. Um pai solteiro. *Um viúvo.* Mas sempre que essa palavra aparecia, o filme parava. Minha imaginação simplesmente travava. Eu dizia a mim mesmo que não podia pensar nisso — e a fantasia murchava e morria.

Dessa vez também ouvi a voz de Caroline. *Como você pôde deixá-la ir sozinha com aquele garoto para a boate na praia?* Olhei no espelho do

banheiro. Para meu olho cheio de sangue. *Não pude fazer nada quanto a isso, foi como formulei minha resposta em meus pensamentos. Eles já tinham ido quando cheguei lá. Ralph e Judith disseram que podiam...*

Eu sabia que era uma resposta frouxa demais. Uma desculpa nada convincente.

E antes mesmo que a voz de Caroline tivesse a chance de pronunciar a frase seguinte — *Se eu estivesse lá, isso não teria acontecido* —, eu já estava convencido.

30

A primeira coisa que fiz, claro, foi tentar o celular. Quando ela passara para o ensino médio no ano anterior, demos um aparelho a Julia. Por segurança, dissemos a nós mesmos. Para ela sempre poder nos ligar. E podermos ligar para ela, pensamos. Mas desde o início Julia demonstrara grande habilidade em ligar o telefone apenas quando lhe interessava. Estava na bolsa, acho que foi por isso que não ouvi, dizia. Ou: a bateria acabou.

Então não fiquei nada surpreso quando a ligação caiu na caixa postal após tocar três vezes. Deixar uma mensagem era inútil, eu sabia. Ela nunca, jamais, ouvia os recados. Não me surpreendeu em nada, mas, por outro lado, também não me deixou preocupado. Era bem possível que não tivesse trazido o telefone, que tivesse deixado na casa. E se por acaso estivesse com ele, bem, aquela seguramente era a noite na qual ela não o ligaria: na praia com um garoto bonito sob as estrelas; que garota de treze anos iria querer ser interrompida por pais cronicamente incômodos em uma noite como aquela?

— Você viu Judith? — perguntei a Lisa depois de enfim chamar sua atenção e ela caminhar na minha direção com um suspiro.

— Quem?

Ela não estava escutando; nunca tinha realmente tirado os olhos dos garotos jogando futebol.

— Judith. A mãe de Alex.

Não houve resposta. O rosto estava suado, e ela afastou alguns cachos de cabelo da frente dos olhos.

— Lisa...

— O quê?

— Eu perguntei uma coisa.

— Desculpe, o que foi? — falou, me olhando pela primeira vez. — O que aconteceu com seu olho, pai?

Eu apertei o olho, depois tentei abrir. Em vão. Ele começou a lacrimejar novamente.

— Nada — falei. — Uma... Uma coisa qualquer caiu nele, um inseto ou algo assim...

— A mãe de Thomas está lá — disse Lisa, apontando para o trecho de praia que estavam usando como campo de futebol.

Lá, onde a praia subia logo depois das ondas, Judith estava sentada na areia com os joelhos colados no peito. De início não me viu quando acenei, mas depois retribuiu.

Eu estava prestes a mandar Lisa voltar para o jogo, mas ela já tinha saído correndo. Atravessei o grupo de jogadores para chegar ao outro lado.

— E aí? — disse ela. — Dispararam muitos rojões?

Ela fumava um cigarro. Enfiei a mão no bolso e tirei meu maço. Abaixei para que ela pudesse acender um para mim.

— Estou indo à boate na outra ponta da praia dar uma olhada — anunciei. — Ver onde Alex e Julia estão.

Tentei adotar o tom mais relaxado possível, mas talvez ainda houvesse alguma preocupação em minha voz.

— Quer que eu vá também? — perguntou Judith.

Dei um trago no cigarro. A menos de cinco metros de nós, as ondas quebravam na areia. Gotinhas do mar caíam no meu rosto.

— Não sei — respondi, e apontei com a cabeça sobre o ombro, para onde nossos caçulas jogavam futebol.

— Ah, eles não estão realmente prestando atenção em nós. Há muita gente ao redor. Desde que fiquem aqui... — disse ela, se levantando. — Vou avisar Thomas que voltaremos logo. O que há com o seu olho?

* * *

O trecho escuro de praia era menos escuro do que eu imaginara. Aqui e ali, atrás e no alto das dunas, havia casas de veraneio, pátios iluminados. Após uns dez minutos, as batidas de tambor atrás de nós morreram e o som da

boate da praia à frente ficou mais alto. Música diferente: salsa ou algo latino. Judith tirara os chinelos e os levava na mão.

Minha inquietação de pouco antes desaparecera totalmente. Disse a mim mesmo que estava novamente me preocupando sem razão. O que poderia acontecer ali, ora? Grupinhos de pessoas passavam por nós de tempos em tempos, andando na outra direção; principalmente jovens, adolescentes com bermudas de praia até os joelhos e biquínis, eventuais casais grudados que paravam para se beijar a cada cinco metros.

— Desculpe ter simplesmente ido embora daquele jeito — disse Judith. — Mas não suporto quando Ralph age daquele modo. Ele é um criança. Às vezes esquece que tem filhos. Sinto muita raiva quando se comporta daquele modo perto deles.

Não disse nada. Caminhei um pouco mais perto dela, de modo que nossos antebraços se tocavam. Cheirei algo indistinto: maresia misturada com um toque de perfume ou desodorante. Sabia que era só uma questão de tempo. Ou melhor, uma questão de momento. Agarrá-la pela cintura naquele momento seria acelerar demais as coisas. Estimei a distância até as luzes da boate na praia. Dez minutos. Em dez minutos ela seria toda minha. Mas eu teria de ser sutil. Não realmente sutil, claro: apenas sutil aos olhos dela.

— Na verdade, às vezes não consigo deixar de rir — falei. — Do modo como Ralph se dedica às coisas. Esteja fazendo mergulho ou cortando um espadarte em pedaços, ele faz com o mesmo tipo de entusiasmo. O mesmo tipo de energia. Às vezes quase me dá inveja. Eu não tenho esse tipo de energia.

Mulheres reclamam dos seus homens. Todas as mulheres. De vez em quando, só precisam explicitar suas queixas. Mas você nunca deve se juntar a elas nisso. Nunca. Você não pode levá-las a pensar que fizeram a escolha errada. Pelo contrário. Você tem de defender o homem que está sendo criticado. Ao fazer isso, você indiretamente elogia a mulher por seu bom gosto.

— Você realmente acha isso? — perguntou Judith. — Eu às vezes acho muito cansativo. Toda essa energia.

Na praia, um pouco antes, depois de mandar a panela de cobre para o céu, Ralph chamara a esposa de resmungona. Se você quer saber, ele estava absolutamente certo. Judith *era* resmungona. Mesmo antes, quando eles dispararam os foguetes no jardim da casa de veraneio, ela reclamara e resmungara *por nada*. Mas era bonita, e tinha um cheiro bom. Não era uma boa ideia se casar com uma mulher como Judith. Se você fizesse isso, teria de tirar os pés da mesinha de centro sempre que ela entrasse. Teria de aparar a grama na hora certa e não beber cerveja na cama. Quando você arrotasse ou peidasse, ela adotaria a mesma expressão séria de quando a panela foi lançada. Mas eu não era casado com ela. Felizmente. Eu só a teria naquela noite. Ou no máximo algumas vezes depois disso, após o término das férias.

Era difícil admitir, mesmo para mim, que podia ser meio inconsciente, mas algo na rabugice dela me excitava. Uma mulher que não consegue rir quando homens peidam. Que, se tivesse a oportunidade, expulsaria esses homens *para fora da sala de aula*. Teríamos de esperar no corredor até sermos chamados de volta. Eu podia sentir meu pau na bermuda buscando espaço com essa fantasia. Lutei contra a ânsia de agarrá-la bem ali e jogá-la na areia sem mais delongas. Tomar a iniciativa. Um quase estupro, as mulheres sempre gostam disso. Todas as mulheres.

— Posso imaginar você cansada disso — falei. — Por outro lado, você provavelmente não fica entediada com um marido como Ralph. Quero dizer, ele está sempre aparecendo com algo novo.

Eu mesmo ficaria entediado até a morte, eu sabia. Depois de um único dia. Mas eu não era mulher. Não era uma mulher como Judith. Rabugenta. Uma verdadeira chata. Chata e safada, verdade, mas era como todas as fantasias masculinas sobre mulheres em posição de autoridade (garçonetes, professoras pudicas, putas), acima de tudo tão terrivelmente *transparente*. Era essa transparência, eu sabia, o que mais me excitava. Mulheres que reclamam de tudo. De rojões, de fazer barulho demais para os vizinhos, de mandar panelas de sopa a centenas de metros pelo ar, de seu próprio marido

agindo como uma criança, mas enquanto isso... Enquanto isso elas arrancam seu pau de dentro das suas calças e querem que você meta até o fim — até o talo.

— É só que grande parte do tempo ele não me trata com respeito — disse Judith. — É quando há outras pessoas por perto que isso me incomoda mais. Ele sempre consegue fazer parecer que sou alguém que resmungue de tudo. E como isso me enlouquece na frente dos outros, simplesmente vou embora.

— Sei — falei.

Sei, essa era a expressão da vez. A princípio eu tinha protestado fracamente quando comecei a ouvir minhas filhas repetirem-na demais, mas, como costuma ser o caso, é acima de tudo contagioso. Seu duplo sentido era o que a tornava muito útil: você ao mesmo tempo dizia *sim* e indicava que entendia exatamente o que a outra pessoa queria dizer.

— Comecei a prestar atenção — continuou Judith. — Ele não faz isso apenas comigo. Faz com todas as mulheres. Quer dizer, por um lado ele é bastante encantador, mas por outro considera as mulheres naturalmente mais idiotas que os homens. Não sei, algo no seu tom, no modo como olha para elas...

— Sei — disse eu de novo.

— Não me entenda mal: Ralph é um homem sedutor. Por isso me apaixonei por ele. O modo como ele olha, o modo como olhava para mim, como mulher, simplesmente faz você se sentir atraente. Desejável. Isso é maravilhoso para uma mulher, ver um homem olhar para você assim. Mas demora um pouco para você se dar conta de que um homem sedutor não olha assim apenas para *você*, mas para todas as mulheres.

Dessa vez decidi não dizer nada. Pensei em Ralph, o sedutor. Em como babara por Caroline.

— Caroline não lhe disse nada sobre isso? — perguntou Judith. — Quero dizer: você tem uma esposa muito bonita, Marc. Não me surpreenderia nada.

— Não, na verdade não. Acho que não. Pelo menos nunca a ouvi mencionar isso.

Olhei diretamente à frente, para as luzes da boate da praia, se aproximando. Teria de ser rápido, mais alguns minutos e seria tarde demais — mas era o momento errado. A conversa errada, acima de tudo.

— E tem mais uma coisa — disse Judith.

Tinha parado de andar. Isso era bom. Enquanto não estivéssemos andando, o tempo também parava.

— Mas você tem de me prometer que não contará a ninguém. Ninguém. Nem mesmo à sua esposa.

Olhei para ela. Não podia ver seu rosto claramente, apenas a silhueta dos seus cabelos contra o fundo do mar escuro murmurante. Apenas isso, e algo que se refletia em seus olhos: uma luzinha, um cintilar, não mais que a chama de uma vela.

— Prometo — falei.

A praia estava deserta naquele ponto. Tudo o que eu teria de fazer seria dar um passo à frente. Um passo e poderia correr os dedos por aqueles cabelos, pressionar meus lábios contra os dela, e então mais embaixo — primeiro nos jogaríamos de joelhos na areia, e o restante simplesmente aconteceria.

— Às vezes, não com frequência, mas às vezes, ele me assusta — disse Judith em voz baixa. — Temos uma briga, por exemplo, e de repente vejo nos olhos dele: agora ele vai me bater, penso. Veja bem, ele nunca encostou um dedo em mim. Já jogou aparelhos de jantar inteiros na parede, mas nunca me bateu. Eu apenas vejo em seus olhos. Em seu pensamento, ele está me batendo neste instante, penso. Em seu pensamento, ele está me jogando na parede.

— Sei — falei, mas de repente aquilo pareceu estranho. — Mas desde que ele só faça isso em pensamento, não é tão terrível, é? — acrescentei.

Judith suspirou fundo. Segurou meu pulso. Lutei contra a ânsia de puxá-la para mim.

— Não, mas isso deixa uma pessoa insegura. Nunca consegui me livrar da sensação de que um dia isso poderia acontecer. Que ele iria perder o controle e de repente me dar um soco no rosto. Às vezes acho que ele também sabe disso. Quero dizer, que eu penso assim. E é por isso que ainda não aconteceu.

— Vocês dois nunca conversaram sobre isso? Quer dizer, não seria melhor conversar sobre isso? Antes que realmente aconteça?

Eu estava sendo babaca. E tinha muita consciência disso. Na verdade, eu estava cagando para o assunto todo. Mas, claro, nunca poderia deixar que ela percebesse isso. Precisava continuar fingindo ser o homem atencioso, simpático. Continuar fingindo interesse. Apenas o homem simpático conseguiria aquilo a que tinha direito.

— O que você acha? — perguntou Judith. — Acha que Ralph poderia se tornar violento assim?

Pensei na garota norueguesa cujo pulso ele havia torcido um pouco menos de uma hora antes, até ela cair na areia, e como então tentara chutar sua barriga. Em minha cabeça podia ouvi-lo gritar: *Sua piranha de merda!*

— Não, isso me parece muito improvável — disse, segurando o pulso de Judith. — Quer dizer, Ralph tem energia de sobra. Pessoas assim às vezes sentem muita raiva. Precisam gastar essa energia. Mas se quer saber, ele se preocupa em gastá-la ao longo do tempo. Com todas as coisas que faz. O modo como se joga em tudo. Acho que violência contra a mulher, contra a própria esposa, não faz parte disso — falei, acariciando seu pulso com o polegar. — Ele é gentil demais para isso — acrescentei, como um bônus.

— Mãe?

Não tínhamos visto ou ouvido Alex chegar. Então, de repente, ele estava de pé a poucos metros.

Judith e eu nos soltamos ao mesmo tempo. Rápido demais, percebi imediatamente: flagrados no ato.

— Oi, Alex — disse ela.

— Mãe...

Ele deu dois passos na nossa direção. Alguns cachos louros pendiam diante dos olhos. Era difícil ver na semiescuridão, mas parecia haver um brilho em seu rosto. Suor? Ou lágrimas?

— Onde está Julia? — perguntou Judith.

— Mãe... — disse ele novamente; então eu pude ouvir em sua voz: estava chorando.

Ele deu um último passo na direção da mãe e lançou os braços ao redor dela. Era quase tão alto quanto a mulher. Judith colocou a mão atrás da sua cabeça e a pressionou contra si.

— Alex, o que há de errado? Onde está Julia?

31

Onde está Julia? Quando repasso minha vida e aperto o play, normalmente começa com essas palavras. Não faz sentido recuar mais. Você vê uma praia e uma casa de veraneio, uma piscina, fogos de artifício, postas de espadarte chiando na grelha. Instantâneos normais de férias. Instantâneos sem significados ocultos. Sem carga emocional. Minha vida avança apenas a partir de *Onde está Julia?* Não que os instantâneos de férias de repente ganhassem sentido ou algum aspecto emocional depois do fato. Não, não foi assim: eu simplesmente não queria mais vê-los.

— O que há de errado, Alex? — perguntou Judith, ainda apertando o filho contra si.

Ele não respondeu, havia apenas o soluçar suave sobre o peito da mãe.

Não estou tentando justificar nada. Eu fiz o que fiz. Faria exatamente a mesma coisa, as pessoas dizem de modo a justificar as próprias ações precipitadas. Eu não digo isso. Eu faria tudo diferente. Tudo.

— Onde está minha filha, porra? — gritei, agarrando Alex pelo braço e o arrancando do abraço da mãe. — O que você fez com ela, seu escroto!?

— Marc!

Judith pegou o filho pelo pulso e tentou puxá-lo de volta.

— Você — falei, calmamente. — Cale a boca.

Ela me encarou por um momento, depois soltou Alex.

— Desculpe — acrescentei, depois me virei para o garoto. — Julia. Onde está Julia?

— Eu... Eu não sei — gaguejou.

E então começou a contar sua história, em fragmentos e sem uma sequência clara. Tive de me esforçar muito para não continuar interrompendo. Concentre-se, disse a mim mesmo. Concentre-se e tente não perder nada. Meu ouvido atento. Meu ouvido atento de médico. Eu podia fazer isso se quisesse. Dar um diagnóstico em um minuto. Chegar a

uma conclusão. Em um minuto, de modo a ter os dezenove minutos remanescentes para mim mesmo.

Eles — Alex e Julia — tinham caminhado até a boate no extremo da praia. Lá tomaram algo no bar.

— Coca, mãe, eu juro — disse a Judith. — E Julia tomou uma Fanta.

Ficaram um tempo vendo as pessoas dançarem. Julia também quis dançar, mas Alex, não. Ela tentara puxá-lo pelo braço um pouco, dizendo para ele não ser uma criancinha, vem, vem comigo, vamos dançar. Ele não tinha dinheiro. Também havia outros adolescentes lá, mas principalmente adultos. E mesmo os adolescentes eram mais velhos que eles. Eles eram realmente os mais novos. Ele ficara constrangido demais para dançar. Vamos lá, vamos voltar, ele disse. Eles vão ficar preocupados com a gente. Ela o chamou de covarde, disse que ele era muito medroso — e então fora para a pista dançar sozinha. Ele ficara e a observara por um tempo, sozinho no bar, como ela abria caminho pela multidão e começava a dançar sozinha. Ela não olhara mais para ele. Dançara. Primeiro com um grupo de meninas todas mais velhas que ela, mas também garotos que chegaram e dançaram ao redor. Ele ficou arrasado. Poderia ter feito isso: poderia ter ido até ela, ter dançado, e então tudo ficaria como era antes — mas tinha medo de que ela risse dele, que realmente achasse que ele era covarde. A história me soava familiar. A história de todo homem, crível no mínimo por essa razão. Ele também sentira raiva, disse. Ela não deveria tê-lo deixado sozinho ali daquele jeito. Em dado momento, ele saiu do bar para a praia. Ia pagar na mesma moeda, pensou. Logo ela iria procurá-lo e não conseguiria encontrá-lo. Caminhara até a água. Ficou lá um tempo, não sabia quanto, não mais que dois minutos. A raiva diminuía. Voltou lentamente à boate, à pista de dança. Iria surpreendê-la. Iria dançar com ela. Mas ela não estava lá. Tinha ido embora. Ele procurou pela pista toda, da frente para trás e da esquerda para a direita. Algumas vezes ficou aliviado quando pensou tê-la avistado, mas no final era outra pessoa. Uma garota que parecia com ela. Depois contornara a boate. Em seguida tentara olhar no banheiro feminino. Tentara entender o que poderia ter acontecido. Ela se cansara de dançar e procurara por ele. E, não

conseguindo encontrá-lo, decidira voltar. À praia onde seus pais estavam. Seus pais e o pai dela. Nesse momento Judith interrompeu: você não estava com seu telefone? Eu pensei: e daí? Ele ligaria para ela? Afinal, Julia não estava com o dela... Mas no instante seguinte me dei conta de que não era uma pergunta idiota. Ele poderia ter ligado para *nós*. Para a mãe dele. Para perguntar se tínhamos visto Julia. Não, Alex disse. Ele o deixara em casa, sem bateria. Ele contornara o prédio mais uma vez. Nos fundos, a praia terminava e começava um trecho do litoral rochoso. Ele chamara seu nome várias vezes. Finalmente decidira que a melhor coisa seria voltar também. Começara a vir nesta direção um pouco, mas logo mudou de ideia. Ela teria cruzado sozinha aquele trecho escuro de praia? Não, ele se deu conta. Nunca teria feito isso. Nem mesmo se quisesse deixá-lo preocupado indo embora sem dizer nada. Ele voltou à boate. Subiu e perguntou aos barmen. Uma garota de treze anos? Cabelos louros compridos? Não a viram? Tivera de gritar a plenos pulmões para ser ouvido acima da música. Os barmen só falavam um inglês capenga. Mas, de fato, um deles parecia lembrar de Julia. Pelo menos a descrição correspondia perfeitamente. No entanto, balançara a cabeça. Ele a vira, disse. Na pista de dança. Só que algum tempo antes. Alex perguntara: será que ela saiu com alguém? O barman dera de ombros. Lamento, disse. Não a vi sair. Em dado momento apenas notei que não estava mais aqui. Alex começara a pensar novamente. Será que deveria perguntar a outras pessoas se a tinham visto? Deveria ir procurá-la novamente? Ou seria melhor voltar para a outra praia? Para nós?

Minha cabeça estava a toda. Eu achava que a história de Alex já se prolongara demais. Não senti pânico, foi mais uma espécie de calma fria. Meu coração não estava disparado, mas batendo mais lentamente. Ação. Eu era bom em agir. Em intervenção ativa.

— Mas então vocês dois não a viram? — perguntou Alex.

Notei algo nele, algo que não consegui definir bem. Talvez fosse o tom no qual fizera a pergunta: não tanto como algo que realmente o interessasse, mais como uma pergunta que logicamente *precisava* fazer.

E ele não olhou para mim quando perguntou. Olhou apenas para a mãe. Está com *medo* de olhar para mim, pensei. Ele se sente culpado por ter perdido algo meu. *Minha filha*. Deveria ter prestado mais atenção. Nunca deveria ter deixado minha filha ir com ele. Mas eu não tinha deixado! Eu me dei conta disso no instante seguinte.

Tive de me conter para não o agarrar novamente e sacudi-lo até que os dentes chacoalhassem. Não tínhamos encontrado Julia. Era possível, teoricamente não era cem por cento impossível, que tivesse voltado sozinha para os restaurantes da praia e não a tivéssemos visto. Mas apenas teoricamente. Judith estivera sentada à vista de todos na parte mais alta da praia, vendo Lisa e Thomas jogar futebol. Eu mesmo não passara mais de dez minutos no banheiro do restaurante. Ela teria nos visto. Nós a teríamos visto.

Julia ainda estava aqui, decidi. Sendo *aqui* a boate da praia ou perto dela, que estava a apenas algumas centenas de metros. Meu coração batia mais devagar, mas também com mais peso. Aja agora. Não há tempo a perder, cada segundo conta, foram meus pensamentos — e quase ri dessa fala, que mais parecia algo saído de um seriado policial da TV que da vida em si; vida (*minha vida!*) que se desdobrava no momento.

Sem olhar para trás, para Judith ou Alex, comecei a correr na direção da boate.

— Marc! — ouvi Judith gritar atrás de mim. — Espere!

Eu não me virei, continuei correndo. Mais uns dez metros. Depois me dei conta de que não estava sendo inteligente: três de nós podiam trabalhar com maior eficiência. Tínhamos de procurar Julia, os três.

Parei um momento.

— Venham! — chamei, com um gesto. — Rápido!

* * *

Enquanto Judith procurava no banheiro feminino, fiz Alex me mostrar o barman ao qual perguntara sobre Julia. Chamei o homem e gritei em seu

ouvido. Ele gritou de volta algo que não entendi. Depois apontou para as pessoas que estavam lotando o bar para pedir. Sou o pai dela, berrei. Ele me olhou novamente. Talvez estivesse se esforçando para partilhar minha preocupação, mas só conseguiu em parte. *Menininhas crescem*, li em seus olhos. *Começam a fazer coisas que papai não precisa saber*. Abri caminho pela pista de dança. Simplesmente perguntar a estranhos ao acaso se tinham visto uma menina de treze anos não parecia uma boa ideia. Ao lado da pista de dança, dois bancos de alumínio e mesas altas haviam sido colocadas na areia. Judith estava de pé ao lado de uma das mesas.

— Onde está Alex? — perguntei.

— Eu o mandei de volta — respondeu.

Eu a encarei.

— Disse a ele para voltar o mais rápido possível — continuou. — Disse que deveria encontrar Ralph. Mas, quem sabe, talvez Julia também esteja lá.

Olhei para o rosto dela, iluminado pelas luzes vermelhas e amarelas piscantes da boate. Ainda era o mesmo rosto que eu quisera tomar nas mãos e depois pressionar meus lábios sobre os dela minutos antes, mas agora o que vi naquele rosto foi acima de tudo a mãe preocupada. Preocupada não com minha filha, mas com o próprio filho. Não sei se me ocorreu então, ou muito depois, mas havia algo na história de Alex que não fazia sentido. Particularmente o tempo. Quanto tempo ele realmente passara ali antes de decidir soar o alarme? Chorava quando nos encontrou na praia. Mas já estava chorando, ou só começou quando viu a mãe?

— Ele poderia ter nos ajudado — falei. — Poderia ter identificado alguém aqui. Alguém que viu dançando com Julia, por exemplo. Algo poderia ter lhe ocorrido de repente.

— Acho que no momento ele deve ficar com o pai. Está completamente confuso, Marc. Você viu como se sente culpado. Por você.

Ficar com o pai, pensei, e quase caí na gargalhada. De fato, talvez ele ficasse melhor com o pai. O pai provavelmente poderia mostrar como empurrar garotas para a areia se comesçassem a brigar.

— Ele tem motivos para se sentir culpado, Judith? — perguntei, e imediatamente lamentei ter feito uma pergunta tão direta.

Lamentei ainda mais o tom acusatório. Eu fracassara em disfarçar minhas dúvidas sobre a versão de Alex para os acontecimentos. E isso não era bom. Agora a mãe estava alerta. Isso tornaria muito mais difícil flagrá-lo dizendo uma mentira mais tarde.

— Marc, por favor... — disse Judith, piscando. — Alex ainda é uma criança. Ele perdeu Julia. Mas você ouviu como aconteceu. Talvez não tivesse acontecido a nós assim. Mas foi Julia quem saiu primeiro, não ele.

Olhei para ela. Contei até dez. Olhei para as luzes das lâmpadas coloridas brincando em sua testa, bochechas e boca. Aquela mulher era simplesmente idiota? Ou, na verdade, era muito mais inteligente do que eu imaginara? Tinha de tomar cuidado com o que dizia, mas mal conseguia me conter. Eu quase gritei: você também é mulher, sua piranha idiota! Deveria saber o que pode acontecer às mulheres. Um homem tem de proteger uma mulher. *Mesmo que seja apenas uma criança!*

Respirei fundo.

— Você está certa — falei. — Não vamos tirar conclusões precipitadas.

Felizmente, sempre há os clichês. Os clichês que servem de salva-vidas quando estamos prestes a nos afogar em águas turbulentas. Vi o rosto de Judith relaxar. Ela pegou o celular e o abriu.

— Devo tentar Ralph? — perguntou. — Saber se Alex já está lá? No mínimo, Ralph saberá que Alex está a caminho.

Sim, faça isso, pensei. Ligue para Ralph. Ele pode lhe dizer por experiência própria que todas as mulheres são piranhas. Então ninguém mais precisará sentir culpa. Olhei para além do rosto de Judith, as ondas brancas espumantes se curvando e quebrando na praia. O que realmente queria era deixá-la ali. Ir embora sem uma palavra. Mas isso não seria sensato, percebi. Por todos os tipos de motivos, isso não seria sensato.

— Ligue para ele. Enquanto isso, vou dar uma olhada lá embaixo — falei, apontando para o mar, o ponto em que terminava a areia e começavam as pedras.

As pedras na água eram bastante baixas, se projetando dezenas de metros mar adentro, mas perto da praia elas se erguiam rapidamente. A lua acabara de aparecer atrás de uma dessas rochas altas.

E foi à luz fraca da lua que vi um pequeno grupo de pessoas. Estavam de pé a algumas centenas de metros de nós, parcialmente ocultas por uma das projeções rochosas perto da linha da água. Cinco ou seis delas. Estavam olhando para algo. Para algo no chão. Estavam de pé ao redor de algo.

— Ralph? — disse Judith. — Onde você está?

Alguém se separou do pequeno grupo e começou a correr na direção da boate.

— O que você disse? Onde? — perguntou Judith, enfiando um dedo no ouvido e dando as costas a mim. — O que quer dizer? Por que não está...

Não ouvi o resto. Primeiro dei alguns passos gigantescos, depois comecei a correr também: na direção do ponto onde o grupo se reunira, ao mesmo tempo tentando interceptar o homem que corria na direção da boate; já estava tão perto que eu podia ver que de fato era um homem, um homem com calças brancas cortadas e camiseta branca, calçando tênis. Também brancos. Esse é o tipo de detalhe de que você lembra depois. No momento, você já sabe que tanto o grupinho quanto o homem de branco têm algo a ver com você — têm *tudo* a ver com você.

— O que é? — gritei em inglês. — O que aconteceu?

— Uma ambulância! — gritou o homem de volta, sem fôlego. — Temos de chamar uma ambulância.

— Sou médico — disse eu, pela segunda vez naquela noite.

* * *

Julia estava deitada na areia molhada entre as rochas. O grupo se abriu quando ajoelhei ao lado dela. Senti seu pulso, pousei o ouvido em seu peito e disse seu nome em voz baixa. Ela estava mortalmente imóvel, o rosto frio, mas consegui identificar um pulso fraco. Fraco, porém regular.

Coloquei o antebraço sob o pescoço dela e ergui a cabeça levemente. Só então meu olhar percorreu o restante do seu corpo. Eu era seu pai, mas olhei com os olhos de um médico. Como médico, eu soube naqueles poucos segundos o que tinha acontecido. As marcas visíveis não davam margem a dúvidas. Como pai, não entrarei em detalhes sobre a natureza exata daquelas marcas. Não tanto por ter feito um juramento de confidencialidade, mas simplesmente pelo direito à privacidade. A privacidade da minha filha, especificamente.

Então me limitarei a apresentar os pensamentos que passaram pela minha cabeça naquele momento.

A pessoa responsável por aquilo está viva apenas no sentido biológico, pensei. Está caminhando por algum lugar neste instante, porque é o que, por acaso, fazem os organismos humanos. Circulam. O coração bate. O coração é uma força inconsciente. Enquanto o coração continuar a bombear sangue, continuamos nos movendo. Mas um dia ele irá parar. Melhor mais cedo que mais tarde. Eu, como médico, vou garantir isso.

— Papai...

Julia piscou os olhos rapidamente, depois os fechou novamente.

— Julia.

Balancei sua cabeça gentilmente; pousei a outra mão atrás dela, sobre os cabelos. Enfiei os dedos naqueles cabelos e a apertei contra meu peito.

— Julia.

Caroline não disse nada. Pelo menos não disse as coisas que temi que fosse dizer. Por Deus, como você pode ter deixado que fosse a essa boate sozinha? Por que não foi procurá-la imediatamente? Se tivesse ido procurá-la imediatamente, isso nunca teria acontecido!

Não, ela não disse nenhuma dessas coisas enquanto eu erguia Julia do banco de trás do carro e a levava para a casa de veraneio. Ela só enfiou o rosto nas mãos — só por um momento, dois segundos no máximo. Depois se recompôs e voltou a ser a mãe de sua filha. Acariciou os cabelos de Julia e sussurrou coisas doces para ela.

Mas, mesmo depois, ela nunca disse as outras coisas. Você às vezes ouve que os primeiros minutos e horas são cruciais quando há uma tragédia em família. Aqueles primeiros minutos e horas determinam se os laços são fortes o bastante para sobreviver à tragédia. Uma pessoa que começa a fazer acusações pode causar danos irreparáveis. Eu era familiarizado com as estatísticas. Divórcio era mais regra que exceção. É de se pensar que uma tragédia aproxima as pessoas. Que os laços são fortalecidos pela dor partilhada. Mas não é o caso. Muitas pessoas na verdade querem esquecer a dor. E é a outra pessoa que continua trazendo a lembrança.

Não posso culpar quem escolhe esquecer. E não acho que sejamos superiores simplesmente por termos nos unido mais. Não ousaria alegar que *escolhemos* fazer isso. Simplesmente foi assim.

Estávamos de pé na base da escada da casa de praia. Eu ainda tinha Julia nos braços. Houve um momento de hesitação. Eu realmente queria levar minha filha lá para cima? Colocá-la no sofá da sala? Onde todos poderiam vê-la? Mas o quarto de Ralph e Judith, o da mãe dela ou o dos garotos também não pareciam boas opções. Melhor então ir para nossa barraca. Eu sabia o que queria mais que tudo. Queria esconder minha filha dos olhos

dos outros. Queria ficar sozinho com ela. Conosco. Queria que ela ficasse sozinha conosco.

Naquele momento, Emmanuelle saiu da casa. Apareceu no umbral do apartamento térreo e nos chamou.

— Venham — disse. — Venham para cá.

* * *

Primeiro eu carregara Julia até a boate. Lá tivera um rápido momento de dúvida sobre o que seria melhor. Judith sugerira chamar uma ambulância, mas eu recusei. Nada de ambulância, disse, decidido. Imaginei as luzes piscando, as pessoas se reunindo ao redor da maca enquanto ela era deslizada para dentro. Na sirene. No destino inevitável: um hospital. No hospital, outras pessoas veriam minha filha. Enfermeiras prestativas. Médicos. Eu mesmo era um médico. Tinha sido o primeiro a avaliar a situação. Fizera o diagnóstico correto. Não havia necessidade que outros fizessem o mesmo diagnóstico novamente.

Então Judith sugeriu pegar o carro enquanto eu aguardava com Julia. Tenho de admitir que ela reagiu com eficiência. Ela se manteve presente, como dizem. Para ser honesto, pensei que ela fosse perder o controle. Mas permaneceu absolutamente calma. Não tentou discutir comigo. Certo, ela disse, se é o que você quer, é assim que faremos. Tentou colocar a mão na testa de Julia, mas quando a afastei, ela não tentou novamente. Eu queria sair dali o mais rápido possível. Pessoas já tinham começado a aparecer e se juntar ao nosso redor. Fiquei furioso com o modo como olhavam para a minha filha. Pessoas demais já tinham olhado para ela. Sou médico, disse. Então, circulem, por favor. Está tudo sob controle.

Não, eu disse a Judith. Vamos sair daqui. Eu a carrego.

E assim foi. Enquanto eu caminhava, Julia perdeu a consciência mais uma vez. Eu a sacudi para que acordasse. Na primeira praia encontramos Alex, Thomas e Lisa. Nenhum sinal de Ralph ou Stanley. Consideradas as circunstâncias, eu me mantive bem equilibrado. Fiquei de olho na reação de

Alex. Ele olhou para Julia rapidamente, depois desviou os olhos. Não se aproximou. Em retrospecto, suponho que minha linguagem corporal fosse clara como o dia. Eu era como um animal que rosna quando um invasor tenta se aproximar dos filhotes. Não, preciso me corrigir: não *como* um animal. Um animal.

O crucial era Lisa. Vi seu rosto quando foi correndo até nós.

— Julia não está se sentindo bem — falei rapidamente, antes que ela pudesse perguntar. — Vamos, vamos voltar para casa.

Thomas dançou ao redor de nós algumas vezes gritando “Futebol! Futebol!”, até Judith agarrá-lo rispidamente pelo braço e puxá-lo com tanta força que ele caiu no chão. Vi lágrimas em seus olhos, mas Judith o levantou pelos pulsos com a mesma rispidez.

— Pare com a bagunça agora, Thomas — disse ela. — Vamos!

E foi assim que caminhamos até o carro. Eu carregando Julia nos braços, e logo atrás de nós, Judith, segurando a mão de Lisa, seguida por Alex e um Thomas emburrado. No caminho desde a boate, Judith me contara que Ralph já estava na casa e tinha levado o carro. Stanley não estava em lugar nenhum.

— Meu Deus, o que aconteceu com seu carro? — perguntou Judith.

Apontou para o para-choque dianteiro, pendendo de um lado. O cromado ao redor do farol esquerdo estava amassado e partido em um ponto, o vidro estilhaçado. *Vá à oficina amanhã de manhã e mande consertar*, Stanley me dissera algumas horas antes, naquele mesmo lugar. *Eu pago tudo, valeu cada centavo*.

— Nós viemos por aquela estrada escura ali — respondi. — Acho que devo ter raspado em uma árvore.

Judith não fez mais perguntas. Abriu a porta de trás para que eu pudesse deitar Julia no banco. Depois se instalou ao lado de minha filha e colocou a cabeça de Julia no colo gentilmente. Deslizando um pouco mais para o meio, acenou para que Alex entrasse. Disse a Thomas e Lisa para se sentarem juntos na frente.

— Mas isso não é permitido! — disse Thomas. — É contra a lei!

— Thomas... — disse Judith, e foi suficiente.

Com os braços cruzados raivosamente sobre o peito, ele entrou ao lado de Lisa no banco do carona

Antes de ligar o carro, telefonei para Caroline.

— Não fique preocupada — disse em voz baixa. — Não é realmente tão ruim.

Na verdade, era muito ruim, mas eu não queria ninguém em pânico antes de chegarmos lá. Ao mesmo tempo, fiz de tudo para falar baixo, para que Julia não pudesse me ouvir.

— Ninguém está ferido — falei, e isso também era mentira. — Estou voltando agora — acrescentei, e desliguei.

* * *

Emmanuelle esticou a colcha na cama de casal e afofou os travesseiros. Enquanto eu deitava Julia, ela foi ao banheiro e voltou um minuto depois com uma toalha e água em uma bacia de porcelana. Ela se sentou no outro lado da cama, próxima à cabeceira, umedeceu uma ponta da toalha e pressionou gentilmente na testa de Julia.

— *Voilà* — disse Emmanuelle.

Só então olhou para mim.

— Você sabe o que aconteceu? Você sabe quem...? — perguntou.

Balancei a cabeça em negativa. Só então, quando olhei diretamente para ela, me dei conta de que não estava de óculos escuros. Pela primeira vez desde a nossa chegada. Pela primeira vez eu olhava para os seus olhos.

— Mãe...

Peguei o pulso de Julia.

— Mamãe estará aqui em um minuto — falei.

Judith e Caroline tinham subido com Lisa e Thomas. Judith se oferecera para ficar com eles e colocá-los na cama, mas depois de uma rápida troca de olhares comigo, Caroline pegou Lisa pela mão e subiu as escadas com ela. Eu podia ver em seus olhos como estava arrasada; ela queria estar com Julia,

antes de tudo, mas, por outro lado, não queria deixar a filha mais nova com uma estranha, não naquelas circunstâncias. Os pais com frequência se esquecem de um filho quando estão preocupados com outro. Caroline seguiu sua intuição desde o início. Eu também tentei, mas tenho de admitir que foi mais difícil para mim.

Então ouvi um som atrás de mim. Eu me virei e vi Ralph de pé no umbral. Parecia ter acabado de sair do chuveiro. Os cabelos ainda estavam molhados. E mudara de roupa depois de voltar da praia: vestira shorts brancos limpos e uma camiseta vermelha.

— Eu ouvi... — começou a falar e se apoiou no batente com uma das mãos acima da cabeça, mas não fez qualquer menção de entrar. — Judith acabou de me contar...

Minha memória do que fiz então ainda é absolutamente clara. Não estava com a menor vontade de deixar Ralph se aproximar de minha filha. O que eu mais queria era mandar que sumisse, que nos deixasse sozinhos. Mas também pensei no futuro. Nos vários suspeitos. Eu vira Ralph em ação na praia. Testemunhara o modo como Julia agarrara a calcinha do biquíni naquela vez na mesa de pingue-pongue. Ainda assim, de algum modo eu achava aquilo um passo grande demais. Grande demais para o Ralph que babava por jovens, o Ralph violento — para *aquilo*. Logicamente falando, também não era muito provável. Depois da briga na praia, seria possível que Ralph tivesse caminhado todo aquele trecho até a boate, depois retornado ao carro, e finalmente dirigido de volta para casa? Tentei enfiar isso em uma cronologia crível, mas considerando todos os aspectos, parecia bastante improvável. Ainda estávamos na boate quando Judith ligou para casa e falou com Ralph. Não, me corrigi rapidamente: ela falou com Ralph, que *disse* estar em casa. Eu tinha de prestar muita atenção, assim como fizera mais cedo com Alex. Não descartar nada ou ninguém antecipadamente.

Eu estava prestando atenção. Desviei os olhos do rosto de Ralph para o da minha filha. Julia estava de olhos abertos. Vi para o que estava olhando. Estava olhando para Ralph. Ela piscou.

— Oi — falou em voz baixa.

— Oi, garota... — ouvi Ralph dizer.

Então me virei para olhar para ele. Estudei seu rosto. Olhei para aquele rosto do modo como olho para os rostos dos meus pacientes. Com olhos de um médico. Com um vislumbre, eu sabia se alguém bebia demais, se sofria de depressão latente ou se estava esmagado pelo peso de sexo ruim. Raramente erro. Sei quando as pessoas mentem. “Meia garrafa de vinho no jantar, doutor, não mais que isso...”, nunca deixo que me embromem com respostas assim. Continuo a perguntar: *E depois do trabalho? Dá uma parada em um bar?* “Uma ou duas cervejas, no máximo. Mas isso foi só ontem, não faço isso todo dia.” Eu pergunto à mulher com as fundas olheiras azuis: *Seu marido por acaso tem ejaculação precoce? Talvez haja coisas que você gostaria que ele fizesse com você, mas se sente desconfortável para falar sobre isso? Ouço alguém assoviando na sala de espera: quando entra no meu consultório ainda está assoviando. Eu me ouço dizendo um minuto depois: O suicídio é uma opção realista. Algumas pessoas se consolam com a compreensão de que têm controle sobre o modo como sua vida termina. O que elas mais temem é a consumação. O meio de se atingir o objetivo. Um trem é violento demais. Cortar os pulsos na banheira é sanguinolento. Enforcamento é doloroso, demora demais até que a morte chegue. Comprimidos para dormir podem ser vomitados. Mas há substâncias que produzem uma morte indolor e fácil. Posso ajudá-lo a conseguí-las.*

Ralph Meier apertou o alto do nariz com polegar e indicador. Pressionou as pontas dos dedos nos cantos dos olhos.

— Ah, merda — murmurou.

Nem por um só instante perdi de vista o fato de que ele era um ator. Um dos raros bons atores.

— Quer beber alguma coisa, Marc? Quer que lhe traga um drinque? Uma cerveja? Ou talvez um uísque?

Balancei a cabeça em negativa. Olhei para minha filha novamente. Quando vi seu rosto, algo saiu de mim. Algo. Não tudo. Uma pequena parte do peso que me pressionava na última hora. Que continuaria a me pressionar pelo resto da vida, me dei conta mesmo então.

Ainda olhando para Ralph, um pequeno sorriso surgira no rosto de Julia.

— Eu gostaria de beber algo — falou ela. — Estou com muita sede. Um copo de leite seria ótimo.

— Um copo de leite — disse Ralph. — É para já.

Aquela noite foi o começo do resto das nossas vidas. Vamos deixar claro imediatamente que não sou um grande fã de melodrama. Também tenho uma aversão natural a declarações dramáticas. *O resto das nossas vidas...* Eu já ouvira pessoas demais dizendo isso. Pessoas que tinham perdido alguém ou algo. A quem algo acontecera, algo que você não desejaria a ninguém — algo que você nunca iria superar. Ainda assim, sempre me soou falso. É só quando lhe acontece que você sabe que não é falso. Simplesmente não há descrição melhor que “o resto da sua vida”. Tudo fica mais pesado. Sobretudo o tempo. Algo acontece ao tempo. Ele não para exatamente, mas não há como negar que desacelera. Como em uma sala de espera com um enorme relógio na parede. Você se senta na sala de espera e, quando olha para o relógio cinco minutos depois, só se passaram três minutos. O tempo da mente. Um dia em que você tem muita coisa a fazer “voa”, como dizem. Um dia que você passa esperando se arrasta. Ainda mais quando você não sabe o que está esperando. Você se senta na sala de espera. Tenta não conferir o relógio. Não sabe o que virá. O consultório médico ou o órgão de governo ao qual a sala de espera pertence provavelmente fechou muito tempo antes. Mas não há ninguém para despertá-lo do seu transe. Ninguém vai lhe dizer que pode ir para casa.

Em um momento, vocês são uma família com duas filhas adoráveis; no seguinte, você está em uma sala de espera. Aguardando por nada. Na verdade, só está esperando o tempo passar. Toda a sua esperança se concentra na passagem desse tempo. Não, não toda a sua esperança. Sua única esperança. E quanto mais tempo passa, mais você se afasta do ponto em que começou o resto da sua vida. Mas você não sabe onde termina. O resto da sua vida prossegue até o momento atual.

Mais tarde, você continua a reconstruir aquela primeira noite, nos mínimos detalhes. Ralph trazendo o copo de leite e saindo novamente.

Depois Caroline descendo as escadas. Ela assumindo o lugar de Emmanuelle à cabeceira. Ela segurando a mão de Julia. De tempos em tempos, passando a mão sobre a cabeça da filha.

Houve um momento sobre o qual não quero falar muito. Por questões de privacidade. Perguntei cuidadosamente a Julia se estaria tudo bem se eu olhasse para ter certeza de que não havia... Eu era médico. Mas também era o pai dela. “Se você não quiser isso, é só me dizer”, falei. “Podemos procurar um médico aqui na cidade. Ou um hospital.” Quando pronunciei a palavra “hospital”, Julia mordeu o lábio inferior. “Não, não é nada tão ruim”, me apressei em dizer. “Não precisamos ir a um hospital. Mas eu preciso descobrir o que temos de fazer. *Alguém* precisa olhar...”

Ela anuiu e fechou os olhos. Puxei o cobertor cuidadosamente e olhei. Anos antes Lisa escorregara no chuveiro e caíra com força em uma beirada de metal. Sangrara um pouco. Também... Lá. Não foi sério, e ela ficou mais chocada que qualquer coisa. Eu a acalmei. Como pai. E ao mesmo tempo fiz o que era preciso. Como médico.

Tentei fazer o mesmo então. Mas aquilo foi diferente. Julia chorou de olhos fechados. Caroline usou o canto da toalha para limpar as lágrimas e sussurrou palavras gentis. Tentei fazer o menor número possível de perguntas. Fiz o que precisava ser feito e levantei a coberta novamente.

Foi pouco depois disso que Caroline e eu nos olhamos. Nós nos olhamos: sem palavras, ambos nos perguntamos se aquele era o momento certo ou se Julia deveria descansar antes. Dormir. Não queríamos lembrar a ela do pior, mas, por outro lado, agir rapidamente era a única alternativa correta.

No caminho da boate para o estacionamento, eu já tinha perguntado uma vez. Sussurrara em seu ouvido, para que Judith não escutasse. *Quem?*, sussurrei. *Quem foi? Alguém que você conhece?*

E inicialmente Julia não respondera. Comecei a pensar que talvez não tivesse me escutado, e então ela falou: “Não sei, papai...”

Não continuei a perguntar. Choque, foi meu diagnóstico. O choque bloqueia o que não queremos ver. Aquilo que não queremos lembrar.

Então anuí para Caroline. Era ela que faria as perguntas, concordamos sem precisar falar. Era uma pergunta que só uma mãe deveria fazer.

— Julia? — chamou Caroline em voz baixa, se inclinando perto do rosto da filha e ao mesmo tempo colocando a palma da mão na bochecha dela. — Pode nos contar o que aconteceu? Pode nos dizer quem... Quem saiu da boate com você? Ou com quem você saiu?

Julia balançou a cabeça.

— Não sei — disse.

Caroline acariciou sua face.

— Primeiro você estava lá com Alex — falou. — E depois? Depois disso? O que aconteceu então?

Julia piscou. Lágrimas se acumularam novamente nos cantos dos olhos.

— Eu estava com Alex? Onde eu estava com Alex?

Caroline e eu nos entreolhamos.

Julia começou a chorar novamente.

— Eu não sei... — disse, soluçando. — Eu realmente não sei...

* * *

Mais tarde naquela noite, Stanley também voltou para casa. Contou que tinha andado todo o caminho. Quando chegou ao estacionamento, não havia mais nenhum carro que reconhecesse, e imaginou que tivessem se esquecido dele.

Ele entrou só um momento para dizer olá. Emmanuelle já havia explicado tudo a ele. Os dois tinham decidido que deveríamos passar a noite no apartamento e eles dormiriam em nossa barraca. Normalmente quando alguém faz uma oferta assim você diz duas vezes que “realmente não é necessário”, mas aquela situação era fora do comum. Nada era normal. Não discutimos, apenas aceitamos.

Mais tarde, fui à nossa barraca com Stanley pegar algumas das nossas coisas para que tivessem mais espaço. Stanley colocou o braço em meus ombros. Disse novamente como se sentia péssimo com tudo. Por nós. Por

Julia. Ele xingou. Em seu inglês americano. Também em seu inglês americano ele prosseguiu, dizendo o que deveria acontecer com homens que faziam coisas assim. Só pude concordar com ele.

Então agarrou minha mão. Pegou o maço de cigarros e me ofereceu um.

— Há mais uma coisa... — disse.

Ficamos em pé fumando em frente à barraca enquanto Stanley me contou que caminhara de volta para a casa de veraneio. Pela mesma estrada íngreme de areia que tínhamos pegado para descer. E então também passara pelo ponto onde tínhamos tirado da estrada o homem do camping ecológico.

— O carro dele ainda estava lá — falou Stanley. — Exatamente no mesmo lugar. Foi realmente esquisito. Quer dizer, parecia que, depois de nós, ninguém tinha passado por lá. Mas fica ainda mais esquisito — disse. Deu uma espiada na casa e prosseguiu, quase sussurrando: — Eu testei a porta. E estava aberta. E a janela estava abaixada até o fim. Isso é estranho, não? Quero dizer, quem deixa um carro para trás dessa maneira? Dei uma olhada, mas não parecia atolado na areia nem nada. Acho que ele poderia simplesmente ter saído dirigindo.

— Talvez não tenha ligado?

Stanley balançou a cabeça.

— Não, não foi isso. Escute, fiz algo que talvez não tenha sido uma boa ideia. Enfiei a cabeça na janela e vi que a chave ainda estava na ignição.

Então, pela primeira vez, senti um arrepio na nuca. O tipo de arrepio que você sente no cinema quando o filme toma um rumo inesperado.

— Meu Deus — falei.

— Então entrei no carro e virei a chave. Ligou imediatamente...

Eu não disse nada. Tinha dado um trago tão grande no cigarro que comecei a tossir.

— Saltei novamente. Fiz até o que eles fazem nos filmes. Como não tinha um lenço ou algo assim, tirei minha camiseta e limpei tudo com ela: a chave, o volante, a porta. Depois contornei o carro. Há uma ravina bem íngreme do

outro lado. Desci um pouco, mas comecei a escorregar. Tive de agarrar um arbusto. Estava um breu. Eu gritei. Uma vez. Depois voltei para cá a pé.

— Mas você acha que ele...

— Não sei, Marc. Só acho bizarro que não tenha continuado a dirigir. E se ele não conseguiu, qualquer que fosse a razão, então também é bizarro que deixasse a porta destrancada, a janela aberta e a chave na ignição. Alguma coisa não bate.

Senti novamente aquele arrepio na nuca. Pensei no dono do camping que por alguma razão dera a volta no carro e então caíra morro abaixo.

— Talvez os nervos dele estivessem abalados — disse Stanley, como se pudesse ler minha mente. — Talvez o tenhamos assustado mais do que pensamos. Quem sabe o que alguém faz quando é jogado para fora da estrada... Só queria que você soubesse o mais rápido possível. Mesmo nesta situação. Especialmente nesta situação.

Então foi minha vez de ler a mente de Stanley. Mas não disse nada. Deixei que ele dissesse.

— Mais cedo ou mais tarde irão encontrar aquele carro, Marc. Quem sabe, talvez não esta noite, mas certamente amanhã de manhã, assim que ficar claro. A primeira coisa que farão será procurar o motorista. Talvez ele tenha simplesmente caminhado para casa. Mas talvez não... Vão notar os danos na traseira do carro. Seu carro também está danificado. Não há ligação, não ainda. Além disso, aquele cara não tem ideia de quem somos. Mas, de qualquer forma, eu não levaria o carro a uma oficina aqui. Eu iria embora. Talvez não esta noite. Mas certamente amanhã de manhã.

34

Julia adormecera. Caroline e eu então levamos duas cadeiras para fora e estávamos sentados de frente para o apartamento com a porta entreaberta.

— Precisamos ir à polícia, Marc — sussurrou ela. — Temos de dar queixa disso assim que possível. Talvez agora, imediatamente. Ou acha que deveríamos esperar até de manhã?

— Não — falei.

Minha esposa me encarou.

— Não o quê?

— Eu não quero fazer isso. Não quero levar Julia a uma delegacia. Todas as perguntas que eles fariam. Quer dizer, algo aconteceu. *Sabemos* o que aconteceu. Eu e você sabemos. E ela também sabe, embora não consiga se lembrar de nada neste instante. Talvez seja melhor assim, que ela não saiba neste instante.

— Mas, Marc, não podemos fazer isso! Aquele homem ainda pode estar circulando por aí. Sempre dizem isso quando há um crime. Que você tem de agir rápido. As primeiras vinte e quatro horas são as mais importantes. Quanto mais rápido dermos queixa, menor a chance de o desgraçado escapar. Maior a chance de que o encontrem.

— Claro. Você está certa, Caroline. Completamente certa. Mas não podemos levar Julia a uma delegacia agora. Você não vai querer fazer isso a ela. E eu também não.

— Mas nós dois podemos ir, certo? Ou pelo menos um de nós. Um de nós vai à polícia e o outro fica com Julia.

— Certo — falei. — Eu fico com Julia.

— Não, eu fico.

Nós nos encaramos. Caroline tinha limpado as lágrimas do rosto. Sua expressão era, acima de tudo, desalentada.

— Marc, não vou discutir sobre de quem ela precisa mais neste instante, se do pai ou da mãe. Eu acho que é da mãe. Você pode ir à polícia.

Eu poderia ter dito à minha esposa que, àquela altura, nossa filha precisava de um *médico*. Talvez não tanto o pai, mas sem dúvida o clínico geral que eu também era. Um médico que estivesse ao seu lado quando ela saísse do choque inicial e começasse a se lembrar das coisas. Mas no fundo do coração eu sabia que Caroline estava certa. Segurar a mão da *mãe*, era isso que Julia necessitava. Sua mãe, que também era uma mulher. Uma mulher. Não um homem, não naquele momento. Mesmo que esse homem fosse seu pai.

— Não sei, Caroline — retruquei. — Quer dizer, imagine se eu for agora, então eles vão perguntar se podem falar com Julia mais tarde. Amanhã. Não vamos querer isso, vamos?

— Mas não adianta perguntar nada a ela, adianta? Ela nem mesmo se lembra.

— Acha que eles vão ficar satisfeitos com isso, com nossa palavra de que nossa filha não consegue se lembrar de nada? Por favor, Caroline! Eles vão vir aqui com toda uma equipe de peritos. Com psicólogos e especialistas. Com policiais compreensivas que já viram tudo isso antes. Que supostamente sabem como fazer vítimas de estupro com amnésia lembrar e falar novamente.

— Ainda assim, é o que queremos.

— O quê?

— Que ela se lembre de algo. Que se lembre do que aconteceu. Da aparência do desgraçado.

Tentei recordar o que sabia sobre amnésia. O que aprendera sobre isso uma vez na faculdade de medicina, muito tempo antes. Eu lembrava que a perda de memória muitas vezes é seletiva. O cérebro bloqueia uma experiência traumática. Algumas vezes essa experiência nunca retorna. Na praia, Julia me reconheceu imediatamente, e mais tarde reconheceu Judith também, sua irmãzinha, Thomas, Alex, a mãe, Emmanuelle e Ralph. No caso da amnésia total, as pessoas com frequência não sabem nem quem são:

não reconhecem mais os próprios rostos no espelho, muito menos os rostos de outras pessoas.

Naquela circunstância, eu não quisera questionar Julia, mas parecia que a memória se perdia antes do trauma. *Eu estava com Alex?* Ela ainda sabia quem Alex era, mas não conseguia se lembrar de ter caminhado com ele por toda a extensão da praia até a boate. E havia mais uma coisa. Naquela tarde e noite, minha filha tentara me ignorar o máximo possível. Quando eu fizera uma pergunta, ela mal respondera. Provavelmente não tinha me fitado nos olhos uma só vez.

Depois de ter me visto na cozinha. Com Judith.

Mas desde o momento em que eu a achara na praia, enquanto a carregava para o carro, e depois disso, ali, no apartamento de Stanley e Emmanuelle, enquanto a examinava, ela olhara para mim com doçura. Tristemente, mas com doçura.

Eu me perguntei: seria possível? Seria possível que a amnésia de Julia recuasse até o começo da tarde, ou mesmo antes disso, e que ela já não soubesse que tinha me visto na cozinha com Judith?

Eu não poderia perguntar diretamente, deveria esperar o momento oportuno. Uma observação sobre outra coisa, sobre aquele mesmo sábado. Repassei o dia do começo ao fim. O filhote de passarinho. Lisa encontra o passarinho que caiu da oliveira. Café da manhã. Depois disso, Lisa e eu vamos ao zoológico. E quando volto... Quando voltamos, Caroline tinha se ausentado. Com Ralph, Stanley e Emmanuelle. Eu subira as escadas. Para a cozinha. Judith, a mãe e eu tínhamos olhado pela janela da cozinha... Era isso! Miss Camiseta Molhada... Julia e Lisa se revezando em caminhadas pelo trampolim como se fosse uma passarela. Ela deixara que Alex a molhasse com a mangueira... Pensei na minha filha, na pose coquete que assumira, como erguera os cabelos atrás da cabeça e depois os deixara cair...

Era sobre isso que eu tinha de perguntar a Julia quando ela acordasse. Tentei formular na minha cabeça uma pergunta descontraída (*Lembra aquela tarde/ontem, quando Alex molhou você com a mangueira lá na piscina?*)

Vocês realmente estavam se divertindo, não é?), mas não parecia certo. Particularmente a expressão “se divertindo” parecia deslocada.

— Pensando bem — disse Caroline —, talvez você tenha razão. Talvez devamos manter Julia longe dos holofotes a esta altura. Não tinha pensado nisso dessa forma: que eles fariam todo tipo de perguntas. Isso provavelmente só a deixaria mais confusa. A polícia e tudo mais. Mas então o que vamos fazer? Temos de fazer alguma coisa, não é? Quer dizer, não podemos simplesmente deixar esse desgraçado se safar, podemos?

— Poderíamos ligar. Dar um telefonema anônimo e dizer que há um estuprador à solta.

Caroline suspirou, e no mesmo instante vi como seria sem sentido um telefonema assim. Pensei novamente em Alex. No modo como ele agira na praia. Eu não conseguia enxergá-lo como um estuprador em potencial. Mas ainda tinha uma sensação ruim de que ele não nos contara tudo.

— Marc — falou Caroline, colocando a mão no meu antebraço. — Você é médico. Você pode dizer. Até que ponto o estado dela é grave? Deveríamos levá-la a um hospital? Ou é melhor a deixar em repouso absoluto? Deixar que descanse alguns dias e depois ir direto para casa?

— Ela não precisa ir a um hospital. Ela não sabe o que aconteceu. Quer dizer, ela sabe que *alguma coisa* aconteceu. E provavelmente também sabe o quê. Ela tem treze anos. Dei a ela um remédio para cortar a dor. Mas ela... Ela sente...

Senti minha voz falhar, minha garganta chiava demais e comecei a tossir. Caroline apertou meu braço.

— Certo — disse ela. — Eis o que vamos fazer então. Vamos deixá-la descansar um dia. Amanhã. Então vamos embora na segunda, se você achar que ela aguenta a viagem. No banco de trás. Podemos fazer uma cama para ela no banco de trás.

— Seria melhor... — comecei a falar e conferi o relógio: duas e meia da manhã. — Seria melhor se fôssemos hoje. Mais tarde, assim que amanhecer.

— Não estamos indo rápido demais? Ainda não dormimos. E para Julia...

— É o melhor — interrompi. — Pelo bem dela. Temos de sair daqui o mais rápido possível. Precisamos ir para casa.

35

Duas horas depois, eu continuava sentado em minha cadeira na frente do apartamento, fumando; Caroline se enfiara na cama com Julia; Ralph desceu os degraus.

— Imaginei: ele poderia gostar disto — falou.

Tinha uma garrafa de uísque sob o braço e dois copos cheios de gelo nas mãos.

Sentamos um ao lado do outro por um tempo sem falar nada. Em algum lugar nos arbustos secos no lado mais distante da piscina, um grilo teimoso insistia em esfregar as patas de trás. O cricrilar e o gelo chacoalhando nos copos eram os únicos sons em um jardim silencioso. A primeira luz do dia aparecera no céu a leste. Fiquei olhando para a água imóvel da piscina, iluminada. Depois para o trampolim. Era o mesmo trampolim do dia anterior, mas ainda assim um trampolim diferente. O jardim e a casa de veraneio também eram outros. E não apenas isso. Por ora eu não queria ver outro jardim, outra casa de veraneio ou piscina. Talvez nunca mais. Eu queria ir para casa.

Ralph esfregou o joelho direito.

— Foi um bom chute, Marc. Onde aprendeu aquilo? No exército? Na escola?

Olhei para o joelho dele. Não dava para ver nada por fora, parecia um joelho masculino peludo normal, mas, por dentro, os músculos e tendões haviam sido esticados até o limite, eu sabia. Não prestara atenção quando ele descera os degraus e sentara ao meu lado, mas quase certamente passaria os dias seguintes mancando.

— O que você fez depois daquilo? — perguntei. — Veio direto para casa?

— Eu caminhei pela praia um pouco. Ao longo do mar. Bem, caminhei... Foi mais como mancar. Inicialmente não senti muito, mas depois começou a

pulsar e latejar aqui dentro — disse, dando um tapinha no joelho. — Pensei: o que eu estou fazendo aqui, afinal? Vou para casa.

Tenho de admitir que não levara em conta o joelho de Ralph em meus cálculos anteriores. Conjecturei se teria conseguido andar até a boate e retornado. E se estaria em casa no momento em que Judith ligara para ele. Mas me esquecera totalmente do joelho.

Por que Ralph Meier caminharia quase um quilômetro até aquela boate com um joelho dolorido e latejando? E depois de volta? Parecia não apenas altamente improvável, mas também fisicamente quase impossível.

— Você tem de continuar movimentando o joelho, isso é importante — falei. — Se ficar o tempo todo sentado, ele vai enrijecer.

Ralph esticou a perna direita para a frente. Mexeu os dedos gordos no chinelo de plástico e gemeu. Estava mordendo o lábio inferior, vi de soslaio. Se era encenação, era boa. Eu não iria descartar nada. Ainda levava em conta a possibilidade de que a história toda com o joelho fosse uma *atuação*. Que ele estivesse usando o joelho como álibi.

— Conversei com Stanley e Emmanuelle — falou. — Vocês podem ficar no apartamento o tempo que quiserem. Vamos arranjar uma solução.

Estava prestes a responder que não seria necessário, que partiríamos em algumas horas, mas me detive em cima da hora. Quem sabe, talvez ele ficasse aliviado ao ouvir que estávamos de partida. Eu não queria que ele sentisse alívio. Não ainda.

— Onde está Alex? — perguntei.

Enquanto olhava diretamente à frente, para a água azul reluzente da piscina, fiquei alerta a qualquer reação física por parte de Ralph. E, de fato, ele se mexeu na cadeira. Inclinou-se um pouco para a frente, passou a mão sobre o rosto, depois se recostou de novo.

— Lá em cima — disse, e cruzou a perna direita sobre o joelho esquerdo, dessa vez sem gemidos. — Está dormindo. Quer mais?

Ele pegara a garrafa de uísque dos ladrilhos e a segurava acima do meu copo.

— Certo. Ele lhe disse alguma coisa?

Ralph serviu o próprio drinque antes de responder:

— Está terrivelmente chateado. Ele se sente culpado. Falei que não havia razão para isso.

Respirei fundo. Levei o copo aos lábios. O gelo já derreteria, tinha gosto de uísque morno e aguado.

Por que não deveria se sentir culpado? Talvez tenha todas as razões para se sentir culpado.

Isso era o que eu deveria ter dito. Mas não disse. Senti meu rosto esquentando, mas isso não era bom. Eu tinha de manter a cabeça fria. Literalmente.

— Não, ele não tem por que se sentir culpado — falei, exatamente por essa razão. — Só que acho que ele viu alguma coisa. Alguma coisa que está com medo de nos contar. Precisamente *porque* se sente culpado.

— E o que você acha que ele poderia ter visto?

Ralph se ajeitou na cadeira mais uma vez e deu alguns goles rápidos no uísque. Linguagem corporal. Se a linguagem corporal dele me dizia algo, era que também não estava me dizendo tudo o que sabia. Ou estava apenas tentando proteger o filho.

Então me dei conta de outra coisa. Outra coisa que não me ocorrera antes, estranhamente. Julia não conseguia se lembrar de nada. Mas eu nunca dissera isso a Ralph. Também não dissera a Alex, nem a ninguém. Ninguém além de mim e de Caroline, na verdade, sabia da perda de memória de Julia. Ou sabia? Tentei repassar as horas anteriores, nos mínimos detalhes. Quem estivera no apartamento em que momento e quem não estivera.

Eles tinham nos dado muito espaço e feito o menor número de perguntas possível. Judith... Depois de colocar Thomas e Lisa na cama, ela descera e perguntara algo. Se Julia sabia de algo. Respondemos que ainda estava em choque. Ela não sabia. A lembrança provavelmente está bloqueada, eu dissera, acontecia com frequência em situações como aquela. Estávamos sussurrando. E quando Julia entreabriu os olhos, paramos. Emmanuelle não fizera perguntas; Stanley também não. Era bem possível que Judith tivesse contado a Ralph o que ouvira. Mas mesmo assim... Seria provável que ele se

sentasse ao meu lado com uma garrafa de uísque se soubesse que era só uma questão de tempo antes que Julia identificasse o homem que a atacara?

A não ser... pensei, e minhas têmporas começaram a latejar. A não ser que Julia já estivesse inconsciente no momento... Você lia sobre coisas assim. Que colocavam algo em sua bebida quando você não estava olhando. Um comprimido que deixa as garotas bêbadas mais rapidamente. Que as deixa rindo. *Mais dispostas*. Ou que as derruba totalmente. Que as faz abandonar a cautela e ir com um homem com quem não deveriam. Às vezes a combinação de álcool e comprimidos é demais, faz com que percam a consciência.

Tentei não pensar nisso, mas o fiz mesmo assim. Um homem — provavelmente um adulto — que tira vantagem de uma garota de treze anos inconsciente. Doente, dizem as pessoas. Uma pessoa assim é doente. Mas não é isso. Não é uma doença. Doenças podem ser curadas, ou pelo menos tratadas. Isso era algo diferente. Um defeito. Uma falha de projeto. Uma garrafa de bebida gaseificada explode e é retirada das prateleiras. É isso que deveria acontecer a homens assim. Nada de tratamento. Mais como um *recall* da fábrica. O lote inteiro é destruído. Sem enterro. Sem cremação. Não iríamos querer que a cinza, que o resíduo se misturasse ao ar que respiramos.

Pisquei. Só meu olho *direito*, percebi de imediato: eu parara de pensar naquilo, mas após voltar da praia não conseguira mais abrir o olho esquerdo. Não doía, não mais, só estava totalmente fechado. Primeiro tentei levantar a pálpebra do modo normal, mas quando isso não funcionou, puxei os cílios com cuidado. Esfreguei a pálpebra fechada, pressionei com os nós dos dedos, mas o olho permaneceu fechado. Sabia que isso não era um bom sinal. Antes de embarcarmos no carro, dentro de duas horas, eu teria em mãos uma tarefa desagradável. Àquela altura, quase todos tinham me perguntado: *O que há com seu olho?* Caroline perguntara uma só vez: *Quer que dê uma olhada?* Eu a impedira.

Olhei para o grande corpo do ator ao meu lado. Estava inclinado, cotovelos apoiados nas coxas, cabeça nas mãos. *As primeiras vinte e quatro horas são cruciais*, Caroline tinha dito. Eu precisava fazer algo. Algo que não

poderia fazer depois. Depois ele teria tempo suficiente para pensar. Escolher suas respostas cuidadosamente. Eram cinco da manhã, e ele virara meia garrafa de uísque.

— O que realmente estava passando pela sua cabeça quando torceu o braço daquela garota e a jogou na areia? — perguntei em um tom calmo.

Houve um silêncio de alguns segundos.

— Desculpe? O que você disse? — reagiu.

— Perguntei no que você estava pensando. Quando tentou chutar aquela norueguesa.

Ele bufou alto. Olhou com o canto do olho. Eu olhei de volta. Sustentei o olhar, como dizem. Com apenas um olho, claro, mas meu olho bom fez o máximo para sustentar o olhar dele. Tentei não piscar.

— Está de sacanagem comigo ou o quê? — perguntou e sorriu, mas não sorri de volta.

— É essa a sua reação-padrão quando uma mulher, ou nesse caso uma garota, o rejeita? Descer a mão nela? Ou cobrir de chutes?

— Marc! Qual é? Quem foi mesmo que chutou? Quer dizer, ouça o que está falando! Cobrir de chutes...

Ele esfregou o joelho mais uma vez, com um rosto supostamente contorcido de dor. Eu vi o que ele estava fazendo: tentando inverter posições e ao mesmo tempo rir daquilo, mas não foi muito bem-sucedido. Vi no seu olhar, nos seus olhos úmidos — como um lago congelado com uma fina camada de água em cima: sob a superfície de água, o gelo é duro como pedra. De repente soube onde tinha visto aquele olhar antes: durante jogos de pingue-pongue, quando ele tentava esmagar a bola. E também naquela vez em que tinha escorregado e caído, nos primeiros segundos, quando ninguém ousara rir: tudo o que ele sentia era dor, e ainda não havia decidido como reagir.

— Julia me contou — falei. — O que você fez.

Olhei nos olhos dele ao dizer isso. Através da água, eu olhava para o gelo. Estava testando sua espessura.

— Do que está falando?

— Você sabe muito bem do que estou falando, Ralph. Vi como você olha para as mulheres. Todas as mulheres, de qualquer idade. E, esta noite, também vi como você reage quando essas mulheres não fazem exatamente o que você quer.

Dessa vez não houve linguagem corporal. A não ser que você chame de linguagem corporal a ausência de linguagem corporal. Ele me encarou, imperturbável.

— O que Julia lhe contou?

— Que você baixou a calcinha do biquíni dela. E que ela não gostou nada disso.

— O quê? Ela disse isso? Merda... — falou e baixou o punho no joelho. — Isso foi brincadeira, Marc! Uma brincadeira! Estávamos todos baixando os trajes de banho uns dos outros. Alex, Thomas, Lisa e Julia também. Ela baixou *minha* bermuda. Quase morremos de rir. Aquele que era apanhado tinha de mergulhar na piscina e pegar uma moeda. Meu Deus! Uma brincadeira. E agora ela está dizendo... Ela está dizendo que eu... Ah, por favor, não, de onde veio essa merda?

Meu coração começou a bater forte no peito. Rápido e pesado. Mas eu não podia demonstrar. Tinha de continuar.

— Acha que isso é normal, Ralph? Acha que é normal um adulto baixar as calcinhas de garotinhas? Quer dizer, talvez há dois dias eu achasse isso normal, mas depois desta noite na praia, não mais.

Então algo mudou no olhar de Ralph. A umidade em seus olhos parecia ter secado de repente. Eu via nos brancos apenas os ramos vermelhos de vasos sanguíneos estourados.

— O que está tentando dizer, Marc? Está tentando transformar algo normal em algo obsceno? Só porque os hormônios da sua filha estão começando a aumentar, e ela de repente se sente mal por causa de uma brincadeira de que ela nunca, nem por um segundo, disse não gostar? Eu juro, teria parado imediatamente assim que notasse que isso a incomodava. Juro.

Eu engoli algo. Mas não havia nada a engolir. Minha boca estava seca.

— O que você disse? — perguntei. — O que é isso sobre hormônios?

— Está na cara! Por Deus, Marc! Alex foi a primeira vítima. Primeiro ela o provoca por dias, e finalmente o larga. E depois vai correndo atrás do papai para se queixar de uma brincadeira inocente. Vamos lá, você é o pai dela. Não é cego.

Tudo o que eu fiz foi acumular essa nova informação: Julia tinha largado Alex? Desde quando? Na noite anterior eles ainda estavam apaixonados. Aparentemente alguma coisa tinha acontecido naquela boate que eu não sabia. Mas primeiro tinha de me concentrar em Ralph.

— Você continua falando sobre brincadeiras inocentes — respondi. — Mas, se Julia já é uma mulher, é tão inocente assim? Uma garota cujos hormônios estão começando a aumentar, como você diz. Quer dizer, vamos colocar assim: Emmanuelle. Emmanuelle também participou da sua brincadeirinha? Você também baixou a calcinha dela? Ela teve de mergulhar e pegar uma moeda depois que você baixou a calcinha do biquíni dela?

Ralph se levantou de um pulo. A cadeira caiu para trás. Ele deu um passo inseguro e se virou. Estava bem na minha frente, a pouco mais de meio metro. Apontou um dedo grosso para mim. A ponta do dedo quase tocou meu nariz.

Por um lado, eu estava com medo. Com medo de que ele me fizesse algo. Por outro, não me importava. Ralph estava bêbado. Se me acertasse, iria me apagar imediatamente, e eu não sentiria muita coisa depois disso.

— Você sabe o que é — falou, e senti gotas de saliva acertando meu rosto. — Você deveria se perguntar quem é o verdadeiro degenerado aqui. É você que começa a pensar em coisas sujas quando estamos conversando sobre uma brincadeira. Não eu. Eu vejo como sua filha posa de garotinha inocente quando lhe interessa. Quando vai chorando procurar o papai. Mas ela já sabe muito bem lidar com os homens, Marc. Eu vi com meus próprios olhos. Como ela flerta e provoca todo mundo com seus graciosos passinhos de dança no trampolim. Com seus sorrisinhos. A maneira como ela caminha! Quer dizer, ninguém sabe exatamente o que aconteceu naquela boate. Ninguém sabe quem ela estava provocando com seus truquezinhos de

modelo. Talvez papai seja cego, mas todos os homens viram as cabeças quando sua doce filhinha passa. Talvez você não *queira* ver isso. Talvez você queira que ela continue a ser para sempre a sua menininha, mas sua menininha já cresceu, Marc! E é tão habilidosa quanto o resto delas!

Foi a minha vez de me levantar da cadeira. Plácido por fora. Calmamente, sem derrubá-la. Mas por dentro estava preparado para qualquer coisa. Ralph era maior e mais forte que eu. Eu perderia. Mas poderia machucá-lo antes. Pela vida toda. Eu não era um lutador, mas conhecia os pontos fracos como ninguém. Eu sabia como destruir um corpo humano com algumas intervenções simples.

— O que você disse? — perguntei.

Tentei fazer minha voz soar calma também, mas havia um tremor nela.

— O que você disse sobre como Julia caminha? Está tentando dizer que o que aconteceu foi culpa dela? A culpada é sempre a mulher, não é? Por causa da *maneira como elas caminham*?

Uma janela se abriu acima de nossas cabeças. A janela da cozinha, vimos ao olhar para cima.

— Vocês poderiam falar um pouco mais baixo? — pediu Judith. — Dá para ouvir vocês a quilômetros.

36

Seguimos rumo ao norte. Primeiro pelas pequenas estradas litorâneas até a rodovia. Lisa adormecera no banco do carona, seu corpo pendurado flacidamente no cinto de segurança, a cabeça apoiada em um ângulo aparentemente desconfortável na janela do carro. Caroline e Julia também estavam dormindo, vi pelo espelho. Tínhamos colocado Julia no banco de trás, sob um saco de dormir, com a cabeça no colo de Caroline. Quando a levamos para o carro, ela acordara por algum tempo, mas dormia como uma pedra havia duas horas.

Era manhã de domingo, o trânsito estava leve. Mas dirigir com apenas um olho ainda exigia um grande esforço. Eu via os outros carros, mas era difícil dizer a que distância estavam. Eu sabia disso, tinha lido sobre o assunto, na faculdade de medicina eles tinham falado sobre isso: você perde a noção de profundidade. Eu nunca soubera o que deveria imaginar em relação a isso, mas agora sabia. Não é como quando você fecha o olho um pouquinho. E o outro olho *lembra* da profundidade por um tempo, e demora cerca de meio dia para o mundo ficar plano. Plano como uma fotografia — há perspectiva, mas não movimento. Você só pode contar com a experiência. Você sabe as dimensões de um carro. A experiência lhe diz que, se um carro em seu campo de visão parece pequeno, mas começa rapidamente a aumentar de tamanho, é provável que esteja vindo na sua direção.

Já estava claro. O sol refletia nos blocos de concreto brancos da estrada. Eu queria muito meus óculos escuros, mas temia que minha visão ficasse ainda pior se os colocasse. Peguei a saída seguinte para ir ao posto de gasolina: havia o suficiente no tanque, mas eu precisava colocar alguma coisa no estômago. Uma xícara de café. E um sanduíche ou barra de chocolate.

Caroline concordou, grogue, quando parei o carro, depois abriu os olhos. Fiz um gesto para que ela saltasse. Ela tirou o saco de dormir de cima de

Julia com cuidado, enrolou-o e colocou-o sob sua cabeça como um travesseiro.

— Preciso fazer xixi — falei. — Depois vou comprar algo para comer e beber. Querem alguma coisa?

Caroline esfregou os olhos para afastar o sono. Balançou a cabeça.

— Estive pensando — sussurrei. — Podemos dirigir direto para casa, mas talvez não seja uma boa ideia. Quer dizer, vamos precisar parar em algum lugar no caminho, eu não consigo dirigir por tanto tempo sem fazer uma pausa. Então pensei: será que não vamos tornar tudo muito pior indo direto para casa? Poderíamos parar em um hotel em algum lugar. No litoral. Ou nas montanhas. Fazer algo *legal* antes. Para depois. Para que ela também tenha algumas boas lembranças, não apenas as horrendas.

Eu tinha passado as duas horas anteriores refletindo. Particularmente sobre uma coisa que me acontecera quando eu era novo. Me perguntava se conseguiria continuar dirigindo. Se era a melhor decisão, considerando a quantidade de álcool ainda em meu sangue e o modo como minha cabeça zumbia pela falta de sono. Eu tinha de cuidar da minha família. Não queria nos jogar para fora da estrada. Mas poderia adormecer ao volante a qualquer momento. Eu conhecia os sintomas. Você começa a piscar e, no momento seguinte, algo desapareceu: um outdoor em uma colina, uma mansão cercada por ciprestes, um burro magrelo atrás de um arame farpado. Você adormeceu. Por não mais de três segundos, talvez, mas adormeceu. De um momento para outro o outdoor e o burro desapareceram. Só haveria uma pequena menção no jornal. Na página dois. *Família holandesa (...) atravessa a mureta em direção ao tráfego em sentido oposto.*

Quando eu tinha cerca de treze anos, meu pai me deu minhas primeiras aulas de direção. Começamos em um estacionamento, mas em pouco tempo levamos o carro para a estrada. Algumas pessoas não gostam de dirigir. Em circunstâncias normais, eu gosto bastante, e sempre vou gostar. E a base para esse amor por dirigir, tenho certeza absoluta, foi estabelecida quando eu tinha treze anos.

Certa tarde estávamos descendo uma estrada estreita e sinuosa em uma floresta no leste da Holanda. Eu estava ao volante, meu pai sentado ao meu lado e minha mãe atrás. Chegamos a uma curva fechada à esquerda. Naquela época, eu já chegara ao ponto em que dirigir se tornava totalmente automático. A fase perigosa, quando a concentração diminui. Um carro veio no outro sentido, mas eu o vi tarde demais. Puxei o volante e derrapamos para a direita. Saímos da estrada para uma queda bem íngreme. Consegui evitar as árvores, mas finalmente paramos ao bater em uma mesa de piquenique de madeira. Meu pai saltou e examinou os danos. Depois assumiu a direção e recolocou o carro na estrada.

Achei que era isso, que ele continuaria dirigindo, mas ele parou e saltou novamente.

— Todo seu — disse ele.

— Eu não sei... — guinchei.

Minha testa e as palmas das mãos estavam cobertas de suor. Só tinha certeza de uma coisa: não queria nunca mais dirigir um carro.

— Você tem de continuar agora, é importante — disse meu pai. — Do contrário, depois ficará com medo.

Era no que eu tinha pensado nas primeiras horas após deixarmos a casa de veraneio. Pensei em Julia e nos riscos de férias interrompidas pela metade. Já tínhamos rodado mais de cento e trinta quilômetros, já estávamos bem longe — mas ainda era uma longa viagem para casa. Em casa havia pessoas. Amigos e parentes que fariam perguntas. Tanto responder quanto evitar essas perguntas nos causaria algum dano. Ali éramos apenas nós quatro. Talvez fosse melhor sermos apenas nós quatro por mais algum tempo.

— Não sei — disse Caroline.

Estávamos de pé junto ao carro, e olhamos pela porta de trás, ainda semiaberta, para nossa filha dormindo no banco traseiro. Coloquei a mão no ombro da minha esposa. Penteei seus cabelos para trás com os dedos.

— Também não sei — falei. — Foi só uma ideia. Uma sensação. Mas, para ser honesto, realmente não sei. Por isso estou perguntando. Você

manda.

Duas horas antes eu tinha acordado Caroline delicadamente. “Temos de ir”, falei. “Explico depois.” Caroline subiu e pegou Lisa na cama. Deixamos Stanley e Emmanuelle dormindo. “A barraca voltará para nós em algum momento. E não vamos usar agora mesmo”, disse. Não vimos ninguém na casa. Estavam todos dormindo. Ralph provavelmente ainda estava acordado, mas também não saiu quando liguei o carro e desci a pequena rampa de terra até a estrada.

Estava prestes a chegar ao asfalto quando vi algo se movendo pelo retrovisor. Freei e dei uma boa olhada. A mãe de Judith estava no alto dos degraus. Acenava. Ou melhor: fazia um gesto com o braço para pararmos. No momento seguinte a vi, ainda pelo retrovisor, descendo os degraus. Tive a impressão de que ela gritara algo. Depois pisei no acelerador e fui embora.

O hotelzinho ficava ao lado de um riacho que descia a montanha, com direito a moinho d'água. Mais abaixo no vale, vacas marrons pastavam entre as árvores. Os sinos nos pescoços delas badalavam suavemente, abelhas zumbiam de uma flor a outra, o riacho gargarejava sobre as pedras. Aqui e ali, nos topos das montanhas distantes, era possível ver trechos nevados.

Naquele primeiro dia, Julia ficou no quarto. Acordava de vez em quando, e só queria algo para beber: não sentia fome. Caroline e eu nos revezamos para ficar com ela. Na primeira noite, Lisa me acompanhou ao restaurante do hotel. Ela me perguntou o que havia de errado com a irmã mais velha; eu disse que explicaria tudo depois, em outro momento, mas tinha a ver com algo que as garotas às vezes têm quando crescem.

— Ela vai ficar menstruada? — perguntou Lisa.

Quando acordei no dia seguinte, meu olho latejava. Fui ao banheiro e olhei no espelho. Sob a pálpebra havia um calombo do tamanho de um ovo. A pele da pálpebra se esticava até o limite e ganhara a cor de uma mordida de mosquito, com alguns pontos negros aqui e ali. Os cílios estavam colados com pus amarelo seco. A coisa inteira pulsava e latejava — como um dedo com abscesso. Eu sabia que também era aquilo: um abscesso. Uma ferida não tratada, mesmo na ponta de um dedo, podia levar a contaminação do sangue e amputação. Se a pressão na retina se tornasse grande demais, iria se romper. Sob grande pressão, pus e sangue dentro do globo ocular buscariam uma saída. A essa altura, o olho em si já seria algo perdido.

— Preciso que leve Julia para baixo um pouquinho — sussurrei para Caroline. — Não quero que ela fique aqui.

Eu estava segurando uma toalha de rosto sobre o olho para que minha esposa não visse nada.

— Quer que ajude?

Balancei a cabeça.

— Você vai me ajudar mais se ficar com Julia.

Só muito tempo depois, dias depois, me percebi incomodado pelo modo como Julia não protestara quando Caroline gentilmente a pressionara a se levantar e se vestir.

— Vamos lá, vamos descer para tomar um belo café da manhã — disse alegremente para as duas filhas enquanto abria as cortinas. — Está um lindo dia.

Eu me deitei na cama ainda com a toalha sobre o olho. Vi Julia ir ao banheiro com a pequena pilha de roupas que a mãe dera. Após um tempo, ouvi o barulho do chuveiro. Quinze minutos depois, ele continuava ligado.

— Julia? — chamou Caroline batendo na porta. — Está tudo bem? Precisa de ajuda com alguma coisa?

Nós nos entreolhamos. A expressão de pânico nos olhos de Caroline sem dúvida era uma cópia exata do pânico que ela via em mim. Enquanto isso, Lisa saíra da própria cama e se aninhara a mim. Eu a abracei ainda mais, coloquei minha mão em sua cabeça enquanto meus lábios silenciosos formavam as palavras “a porta... tente a porta”.

— Julia? — chamou Caroline, batendo de novo, e depois tentando a maçaneta.

Olhou para mim e balançou a cabeça. Ao mesmo tempo, seu lábio inferior começou a tremer, os olhos de repente cheios de lágrimas.

“Não faça isso! Não...”, meus lábios diziam, sem produzir som algum.

— Papai? — chamou Lisa.

— Ahn?

— Papai, tudo bem se eu depois ligar para Thomas?

Naquele momento, o barulho do chuveiro parou.

— Julia? — chamou Caroline, rapidamente limpando as lágrimas dos olhos e batendo de novo na porta.

— Mãe?

A porta foi entreaberta. De onde eu estava deitado não pude ver o rosto da minha filha mais velha.

— Vou sair em um minuto, mãe — disse Julia.

* * *

Eu encontrei no kit de viagem de Caroline uma agulha, que segurei sobre a chama do meu isqueiro. Colocara tudo na beirada da pia: compressas de algodão, gaze e iodo, bem como uma agulha hipodérmica com um analgésico — apenas para emergências. Se fosse possível, preferiria não anestésiar o olho. A dor era a única boa conselheira. A dor me diria até que ponto eu podia ir. Um abscesso se assemelha a um forte cheio de armas. Uma guarnição inimiga em um corpo saudável. Ou talvez mais como uma célula terrorista. Um número relativamente pequeno de militantes armados mantém um grande grupo como refém. Incluindo mulheres e crianças. Os terroristas se equiparam com granadas e dinamite que irão explodir caso sejam atacados. Usando o dedo médio da mão esquerda, puxei a pálpebra um pouco para cima. Toquei cuidadosamente com a agulha quente. Se enfiasse fundo demais poderia causar danos permanentes. Não apenas o abscesso, mas o próprio olho poderia drenar. Uma tentativa de resgate que resulta em dezenas de reféns mortos só pode ser considerada um fracasso. De início, a agulha encontrou pouca resistência. Não houve dor. Eu estava usando meu olho bom para tentar avaliar no espelho até que ponto tinha penetrado quando de repente ouvi sons. Vozes. Olhei para o lado. As vozes vinham do basculante acima do vaso. O basculante tinha uma folha de vidro fosco e estava aberto. Reconheci a voz de Lisa, embora não conseguisse saber o que estava dizendo. Elas provavelmente estavam sentadas na varanda externa, logo abaixo da janela. Com cuidado, sem tirar a agulha do olho, dei dois passos e fechei a janela sem fazer som algum. No mesmo momento, senti algo viscoso em meus dedos. Quando voltei à pia, vi sangue. Escorria por meu rosto e caía em gotas gordas na porcelana branca. Puxei a agulha e pressionei a pálpebra. Mais sangue. Salpicou na minha camiseta. E em meus pés e no piso entre eles. Mas também vi algo mais. Uma substância cor de mostarda. Mostarda com prazo de validade vencido. E então também senti o cheiro. Um fedor que era algo entre água velha de um vaso de plantas e carne podre. Eu engasguei, e depois uma onda de bile subiu e cuspi na pia,

em meio a sangue e pus. Mas, enquanto isso, estava comemorando por dentro. Silenciosamente. Aumentei a pressão sobre a pálpebra. E enfim veio a dor. Você tem dois tipos de dor. A dor que o alerta a não ir além e a dor que é um alívio. Essa dor foi um alívio. Abri a torneira. Pressionei o olho. Pressionei até ter drenado por completo. Puxei um metro de papel higiênico. Só depois de ter limpadado toda a área ao redor do olho, ousei olhar. Era nada menos que um milagre. Meu olho apareceu sob o resíduo de pus e fios de sangue. Impecável e claro, cintilando como uma pérola em uma ostra. Ele olhou para mim. Pareceu grato, imaginei. Estava visivelmente contente em me ver.

Dez minutos depois me juntei à minha família na varanda externa. Na mesa havia um bule de café e uma jarra de leite morno. Uma cesta de croissants e pão francês. Pacotinhos de manteiga e geleia. Os sinos das vacas badalavam. Uma abelha desapareceu em uma flor que cedeu sob o peso do inseto. O sol aqueceu meu rosto. Eu sorri. Sorri para as montanhas distantes.

— Vamos começar o dia com uma caminhada? — sugeri. — Tentar descobrir aonde leva aquele riacho?

* * *

E caminhamos. Julia se esforçou. No alto da encosta, o riacho desaparecia em uma floresta de enormes abetos. Atravessamos em uma passagem, pulando de uma pedra para outra. Depois chegamos a uma queda d'água. Lisa quis nadar. Caroline e eu olhamos para Julia.

— Tudo bem — disse ela, sorrindo. — Estou bem aqui.

Ela se sentou em uma grande pedra lisa com os braços ao redor dos joelhos. Havia algo de errado naquele sorriso dela. Algo de errado também no modo como estava se esforçando — *por nós*, parecia. Se esforçando para não arruinar ainda mais as férias.

— Ou você prefere voltar para o hotel? — falou Caroline.

Ela fez a pergunta no mesmo momento em que eu planejava fazer. Ou não: eu, na verdade, planejava perguntar se ela não preferiria ir para casa.

— Não, está tudo bem — retrucou ela.

Caroline suspirou fundo e me olhou.

— Talvez esteja cansada. Talvez queira dar uma parada.

— Estou bem aqui — disse Julia. — Olhe, é muito bonito, essa luz por entre as árvores.

Ela apontou para cima, para a copa dos abetos. Estreitou os olhos na direção das faixas largas de luz do sol caindo por entre os galhos. Nesse meio-tempo, Lisa se despira e mergulhara na água.

— Aahhh, está frio! — guinchou. — Você também vem, pai? Você vem?

— Julia? — chamei.

Ela olhou para mim. Sorriu de novo. Senti algo: uma fraqueza repentina que começou nos meus joelhos e subiu para o meu peito e a minha cabeça. Recuei um passo e afundei em uma pedra.

— Você quer ir para casa, querida? — perguntei. — Se quiser, é só dizer. Vamos amanhã mesmo.

Minha voz soara normal, pensei. No máximo um pouco baixa demais, talvez, mas eu achava que ninguém tinha percebido.

As pálpebras de Julia tremeram. O sorriso tinha sumido. Ela mordeu o lábio inferior.

— É — disse ela. — Podemos fazer isso?

E foi o que fizemos. Partimos cedo pela manhã e estávamos em casa à meia-noite. Lisa foi para o quarto e brincou lá por um tempo. Julia tomou um banho — novamente, mais de quinze minutos —, depois adormeceu quase de imediato.

Caroline abriu uma garrafa de vinho. Ela veio com duas taças e os pedaços de queijo que tínhamos comprado em uma loja de conveniência ao lado da estrada principal e sentou ao meu lado; era a primeira vez que ficávamos sozinhos desde que deixamos a casa de veraneio.

— Então, o que fazemos agora? — perguntou.

Mal tínhamos conversado no carro. Julia dormira quase a viagem toda. Lisa escutara música no iPod de Julia. Eu tivera tempo suficiente para pensar.

— Por enquanto, nada — respondi. — Isso me parece o melhor.

— Mas não deveríamos levá-la a um hospital agora que estamos aqui? Ou pelo menos a um especialista?

Caroline pronunciou a última palavra sem ênfase e o mais relaxadamente possível. Ela sabia o que eu pensava de “especialistas”. Também sabia como eu podia ser sensível a insinuações sobre meu próprio conhecimento médico limitado, sobretudo vindas da minha própria esposa.

— Sabe o que é? Não acho que um exame mais completo vai ajudá-la agora. Eu olhei, e você tem de confiar em mim nisso: há danos, mas não danos duradouros. Quanto aos danos psicológicos, é cedo demais para dizer. Ela não se lembra de nada. Se for a um hospital, começarão a fazer perguntas. Um especialista vai querer saber tudo. Aqui ela está conosco. Com o pai. Com a mãe. Com a irmãzinha. Eu realmente acho que repouso absoluto é a melhor coisa agora. Apenas deixe o tempo fazer seu trabalho.

— Mas é normal que ela não se lembre de nada? Quer dizer, talvez fosse doloroso lembrar de tudo, mas no final isso não seria melhor? Quão danoso

pode ser quando algo fica enterrado em seu inconsciente para sempre?

— Não sabemos. Ninguém sabe. Houve casos de pessoas que passaram por algo terrível, mas reprimiram tão completamente que conseguiram levar uma vida normal. Por outro lado, houve casos de pessoas sob hipnose que resgataram todos os tipos de infelicidade com as quais não conseguiram lidar depois.

— Mas nós queremos saber, não queremos? Talvez não imediatamente, mas no final queremos saber, certo?

— Saber o quê?

Eu ergui minha taça vazia, e ela a encheu.

— Quem foi. Eu não quero pensar nisso, mas fico furiosa quando penso! No tipo de desgraçado que faria algo assim! Deveriam prendê-lo. Deveriam tirá-lo das ruas pelo resto da vida. Ele deveria ser... Ele deveria ser...

— Claro que queremos saber. Eu quero tanto quanto você. Só estou dizendo que temos de tomar cuidado para não causar mais danos. Se tentarmos trazer tudo à tona, nossa filha poderá sofrer mais danos do que ao deixar as coisas de lado por um tempo. Por enquanto.

Durante um trecho da nossa caminhada ao longo do riacho, segui ao lado de Julia. Mencionei a tarde na piscina da forma mais relaxada possível. O desfile de moda no trampolim e o banho de mangueira dado por Alex e Thomas: o concurso de Miss Camiseta Molhada. “Eu estava de pé junto à janela da cozinha”, disse. “Eu vi vocês. Ri muito.” E Julia franzira o cenho, mergulhada em pensamentos. Como se estivesse ouvindo aquilo pela primeira vez. Ela perguntou: “Quando foi isso?”

— Marc... — chamou Caroline, colocando sua taça na mesinha de cabeceira e agarrando meu pulso.

— Sim?

— Você acha... Você acha que... Quer dizer, conversamos sobre isso quando fomos à praia. Você acha que Ralph poderia fazer algo assim?

Não respondi imediatamente. Agi como se estivesse pensando nisso. Dei um suspiro fundo e esfreguei o olho esquerdo com os nós dos dedos. O olho já não doía mais, apenas coçava.

— Também pensei nisso — falei. — Mas as contas não batem. Eu estive com ele a maior parte do tempo. E quando enfim o perdi de vista, ele foi para casa quase diretamente. Então, em certo momento, me sentei e fiz as contas. Ralph nunca conseguiria ter caminhado até a outra praia e voltado em tão pouco tempo. E ele estava mancando.

— É, eu notei — disse Caroline. — Como isso aconteceu?

— Nós estávamos brincando com aqueles rojões. Um deles explodiu nas ondas. Perto. Ele levou o maior susto e caiu. Caiu de mau jeito.

Fechei os olhos. Ouvei a borda da taça de vinho bater nos dentes de Caroline.

— Mas o que perguntei foi se ele faria algo assim — explicou. — Se ele é capaz disso.

Eu não disse nada.

— Marc?

— Sim?

— Eu lhe perguntei uma coisa.

— Desculpe. O que foi?

— Se ele é capaz disso. Ralph. De fazer algo assim.

Dessa vez, respondi de imediato:

— Ah, certamente.

* * *

Alguns dias depois, Judith ligou. Para o meu celular. Perguntou como estávamos. E particularmente como estava Julia. Eu estava sentado no sofá da sala de estar. Julia, deitada no chão, lia uma revista. Lisa estava na casa de um amigo. Caroline fora fazer compras. Eu me levantei e fui à cozinha. Disse que estava razoavelmente bem, considerando as circunstâncias.

— Continuo pensando em vocês quatro — disse Judith. — Ah, Marc, é tão horrível para todos... Para Julia. E que tenha acontecido aqui. Ralph também está devastado. Ele manda lembranças. Stanley e Emmanuelle também. Eles vão voltar para os Estados Unidos amanhã.

No silêncio que se seguiu, eu ouvi algo: um som familiar.

— Onde você está? — perguntei.

— Sentada na piscina. Com os pés na água.

Fechei os olhos por um momento. Depois fui à porta da cozinha e olhei pelo canto. Julia continuava deitada de bruços, mergulhada na revista. Fechei a porta quase inteiramente e voltei à cozinha.

— Thomas continua perguntando por Lisa — disse Judith. — Sente muito a falta dela.

— É.

— Sinto a mesma coisa. Essa falta.

Eu não disse nada. Abri a torneira, peguei um copo no balcão e o enchi.

— Também sinto falta de você, Marc.

Reabri o consultório uma semana antes do fim das férias escolares. No entanto, não tinha mais motivação. Talvez a motivação nunca tenha existido, mas de qualquer forma não estava lá. Apesar do meu repúdio ao corpo humano, eu sempre fizera bem o meu trabalho. Quase nunca tinha queixas. Os casos graves eu encaminhava com tempo de sobra. Os menos graves recebiam a receita certa. Ambos contrastavam com a maioria dos casos: as pessoas que não tinham absolutamente nada de errado. Antes daquelas férias de verão, eu ouvia com paciência. Durante vinte minutos, adotava a minha expressão mais compreensiva. Depois delas, eu não suportava nem os vinte minutos inteiros. Após uns cinco, fissuras deviam começar a aparecer naquela expressão compreensiva: pacientes paravam de falar de repente depois desses cinco minutos — às vezes até no meio de uma frase.

— O que há de errado, doutor?

— Nada, o que poderia haver de errado?

— Não sei, o senhor parece que não acredita em mim.

Eu costumava deixar os pacientes falarem os vinte minutos inteiros. Depois disso eles iam para casa se sentindo aliviados. O médico lhes dera uma receita e os estimulava a levar as coisas mais relaxadamente. “Na saída marque uma nova consulta com minha secretária”, eu dizia. “Em três semanas veremos se houve alguma melhora.”

Eu não conseguia mais me obrigar a fazer isso. Perdi a paciência.

— Não há nada de errado com você — disse a um paciente que fora pela terceira vez reclamar de tonturas. — Absolutamente nada. Fique contente por ser tão saudável.

— Mas doutor, quando eu de repente caí de uma cadeira...

— Prestou atenção ao que falei? Pelo visto, não. Do contrário teria me escutado dizer que não há nada de errado com você. Nada! Então me faça um favor e vá para casa.

Alguns pacientes mudaram de médico. Recebíamos uma carta ou e-mail dizendo que tinham encontrado outro clínico geral “mais perto de casa”. Eu sabia onde eles moravam. Sabia que estavam mentindo. Mas deixei para lá. As consultas ininterruptas pararam. Um intervalo de vinte ou quarenta minutos entre os pacientes se tornou muito mais comum. Eu podia sair durante essas pausas. Dar uma caminhada pelo bairro. Comprar um *espresso* ou um sanduíche de queijo no café da esquina. Mas sempre ficava no meu consultório com a porta fechada. Reclinava em minha cadeira e fechava os olhos. Tentava descobrir quantos meses levaria até que não tivesse mais nenhum paciente. Deveria ser um pensamento preocupante, mas não era. Pensei no curso natural das coisas. Pessoas nasciam. Pessoas morriam. Elas se moviam do interior para a cidade grande. As cidadezinhas se esvaziavam. Primeiro o açougueiro jogava a toalha, depois o padeiro fechava a loja. Cachorros selvagens tomavam conta das ruas desertas e escuras. Então os últimos habitantes morriam. O vento corria solto. Portas tombadas de celeiros rangiam em suas dobradiças. O sol nascia e se punha, mas seus raios já não iluminavam nem aqueciam nada.

Às vezes, em um momento de clareza, eu pensava nas consequências financeiras. Não por muito tempo, porque a solução era óbvia. Um consultório médico de sucesso em uma boa região valia muito dinheiro. Jovens médicos de família saídos da faculdade dariam seus braços por um consultório como o meu. Quantias astronômicas eram pagas por eles, em geral por contratos particulares. Luvas. Oficialmente isso não era permitido, mas todos sabiam que era como acontecia. Eu poderia colocar um anúncio. Só por gênero o jovem pretensioso recém-saído da faculdade de medicina faria uma expressão de dúvida quando eu mencionasse a quantia astronômica que estava pedindo. Mas seus olhos não conseguiriam mentir. Sua expressão de boca cheia d’água diria tudo. “Você vai ter de decidir rápido”, eu diria. “Não acreditaria em como as pessoas estão ansiosas para começar aqui.”

Eu mesmo também não deveria esperar demais, compreendi durante os momentos de clareza. Um consultório com um bom número de pacientes

era uma mina de ouro. Já um sem pacientes não era. Fiz as contas. Nós quatro poderíamos viver três ou quatro anos com o rendimento. Depois disso veríamos o que iria acontecer. Talvez algum emprego tranquilo. Como funcionário de uma empresa médica. Ou mesmo algo completamente diferente. Uma mudança radical. Médico de hotel nas Ilhas Canárias. Turistas que pisavam em ouriços do mar. Com queimaduras de sol. Com os intestinos revirados por azeite reaquecido vezes demais. Talvez a mudança radical também fosse boa para Julia. Afastá-la de ambientes familiares. Um recomeço. Era sobre o que eu pensava em meus momentos de clareza. Às vezes um desses momentos de clareza não tinha terminado quando o paciente seguinte entrava em meu consultório.

— Por que você acha isso? — perguntei ao comediante de TV homossexual que achava ter contraído aids.

Então vinham as histórias, descrições de festas sobre as quais eu não queria ouvir. Em vez disso, tentava pensar em uma praia. Uma praia amarelo-dourada com um mar azul-claro. Depois do meu turno no hotel, eu caminharia por aquela praia até o mar. Nesse ínterim, eu perguntava ao comediante: “Ele gozou na sua boca? E você procurou um dentista recentemente?” Quando as gengivas estão inflamadas a infecção pode passar do sêmen para a corrente sanguínea. A essa altura, eu já estava no mar azul até a cintura. O momento antes do mergulho. A parte inferior do corpo já está fria, o tronco ainda quente. Olhei para a boca do comediante e tentei imaginar seus lábios ao redor de um pau. Por alguma razão era um pau pálido, um pau como um alho-porró, e estava todo dentro: naquela boca. O comediante chupava o alho-porró, o mordiscava de forma provocante. O dono do pau gemia: “Ah, Deus, vou gozar!” As comportas se abriam. A primeira onda de sêmen acertava o céu da boca do comediante. As ondas que se seguiam pousavam em suas gengivas inflamadas. Era mais eficaz que uma injeção letal. Por um breve instante é frio quando sua cabeça desaparece sob uma onda. O jorro de água no seu rosto. Mas então você emerge. Seus cabelos pendendo em cachos molhados ao redor da cabeça. O sal ardendo em seus olhos. Você lambe o catarro no lábio superior: o gosto de algas e

ostras. Olha para a praia onde estava. Purificadora, é a primeira palavra que lhe vem à cabeça. O comediante era bastante roliço, mas em mais ou menos um mês ninguém o reconheceria. Emaciado. Não há melhor palavra para isso. A aids destrói o corpo de dentro para fora. Aperta a britadeira contra uma muralha. O tipo de britadeira que operários usam para arrancar trilhos de bonde do asfalto. A estrutura começa a rachar. Três andares acima, surgem rachaduras nas paredes de sustentação. Lascas de tinta e massa começam a cair do teto. É como um terremoto. Prédios enormes às vezes caem antes de cabanas de barro. O comediante não tem nenhuma chance. Ele deveria ter escovado os dentes com mais cuidado. Deveria ter procurado o dentista a tempo. Agora a onda de sêmen sobre suas gengivas fez dobrar os sinos.

Eu ainda fingia estar prestando atenção, fingia fazer anotações em meu bloco de receitas, mas, enquanto isso, olhava o relógio na parede, logo atrás da cabeça do comediante. Quanto tempo mais aquilo iria durar? Mal tinham se passado quatro minutos. Mesmo assim, eu não queria ouvir mais nada. Chega de detalhes. Eu queria que o comediante saísse do meu consultório. Morresse logo. De preferência sem bater em minha porta novamente. Animais procuram um canto quieto para morrer. Um gato se esconde atrás das garrafas de produtos de limpeza embaixo da pia. Em uns oito meses, eu leria o obituário no jornal. Uma *página inteira* de obituário, provavelmente. Um funeral com mais de mil pessoas no cemitério da curva do rio. Discursos. Música. Uma homenagem póstuma na TV. Uma reprise especial de seu melhor programa. Outras duas histórias sem graça em um programa de TV — e então, depois disso, o inevitável silêncio se instalaria.

Eu sorri. Um sorriso tranquilizador.

— Ah, não é tão ruim assim — disse eu. — A chance de infecção é relativamente pequena. E também o seguinte: os inibidores de aids estão ficando mais sofisticados e eficientes a cada momento. Diga-me, também houve penetração anal?

Eu fiz a pergunta da forma mais descontraída. Como um clínico geral que não tinha preconceitos. Um clínico precisa estar acima de todos os

preconceitos. Eu estou acima de todos os preconceitos. Não há alternativa. Mas estar acima deles não é a mesma coisa que ser capaz de eliminá-los totalmente. Durante a penetração anal, o tecido é esticado ao máximo. Sangramentos são mais regra do que exceção. Ninguém nunca ficou grávido com penetração anal. Isso não é preconceito. São fatos. Na biologia tudo tem um objetivo e uma função. Se fosse para enfiar nossos paus nos cus dos outros, a abertura teria de ser muito maior. Ou, explicando de outra forma: uma entrada tão apertada nos alerta a *não* enfiar coisas ali. Do modo como o calor de uma chama nos alerta para não manter nossa mão acima dela por tempo demais. Olhei para o comediante condenado. Eu poderia examiná-lo. Poderia falar algo sobre glândulas inchadas. As glândulas em sua virilha *estão* um pouco inchadas, mas isso não necessariamente significa alguma coisa. Por um lado, eu queria me livrar dele com algo que soasse tranquilizador, mas o mandasse para casa em pânico; por outro, queria ver o mínimo possível do seu corpo. Nada de pele nua, nada de nádegas peludas ou — quem sabe — púbis raspado. Como disse, não acalento preconceitos, mas há algumas coisas que forçam sua empatia ao ponto de ruptura. Peguei um pedido de exame de sangue em uma gaveta e o marquei aleatoriamente. Colesterol. Glicose. Função hepática. Conferi o relógio. Eu poderia ter visto a hora no relógio acima da cabeça do meu paciente, mas a espiada no relógio de pulso enviava um sinal.

— Se você passar pelo laboratório a caminho de casa, saberemos mais em alguns dias — disse.

Eu me levantei. Estendi a mão. Dei o pedido a ele. Três minutos depois, o paciente estava na rua. Eu me joguei na cadeira e fechei os olhos. Tentei resgatar a praia. O mar azul purificante. Mas então houve uma batida na porta. Minha secretária enfiou a cabeça no consultório.

— O que disse a ele? — perguntou ela.

— Como assim?

— O paciente que estava aqui agora. Ele saiu chorando. Disse que nunca mais iria voltar. Disse que o senhor poderia... Bem, desculpe... Só estou repetindo o que ele disse.

Olhei nos olhos da minha secretária, sustentei seu olhar.

— O que foi que ele disse exatamente, Liesbeth?

Minha assistente ruborizou.

— Ele disse... Disse que o senhor podia enfiar suas coisas no seu... Bem... Lá, ele disse que poderia enfiar lá. Eu o achei muito grosseiro! Fiquei sem fala!

Suspirei fundo.

— Liesbeth. O homem muito provavelmente tem aids. Ele pegou porque deixou alguém jorrar sêmen sobre suas gengivas sangrando. Quando um homem lança sua motocicleta contra uma árvore sem usar capacete, dizemos que foi culpa dele. Mas uma pessoa que deixa alguém enfiar um pau na sua boca sem qualquer precaução não merece mais pena de mim que aquele motociclista sem capacete. No que me diz respeito, ele pode enfiar as coisas no *próprio* traseiro. Mas que bobagem eu estou falando... É exatamente isso que ele faz!

40

Eu não retornei o telefonema de Judith. Ela me ligou.

— Ainda estamos com sua barraca aqui — falou.

Senti vontade de dizer que ela podia queimá-la no quintal, pois nunca iríamos acampar novamente.

— Vou pegar quando tiver tempo — respondi.

Houve um breve silêncio do outro lado da linha. Depois ela perguntou como Julia estava. Não sei muito bem o que era, mas senti um tom indiferente no modo como perguntou — algo rotineiro, como se não houvesse como ela *não* perguntar. Respondi da mesma forma: o mais brevemente possível. E, de fato, ela não fez mais perguntas. Houve outro silêncio. Esperei que dissesse que sentia minha falta. Que queria me ver. Mas ela não fez isso.

— Ralph ficou meio inquieto nas últimas semanas das férias — disse. — E ainda está. Pergunto o que há de errado e ele apenas dá de ombros. Estou preocupada, Marc. Talvez você pudesse dar uma olhada nele em algum momento. Ele na verdade não admite para si mesmo. É impossível fazê-lo ir ao médico.

Parecia ter se passado uma eternidade desde que deixáramos a casa de veraneio. Julia ainda estava atipicamente passiva. Tomava banhos duas ou três vezes por dia — quase nunca com menos de quinze minutos de duração. Em termos físicos, ela se recuperara muito bem. Pudera conferir diretamente, depois de perguntar com insistência se ela não teria nenhum problema com isso. Se não preferiria ser examinada por outro médico, um médico “neutro”, e não seu próprio pai. Mas ela disse que não queria que nenhum outro médico fizesse aquilo.

Caroline e eu tínhamos concordado em esperar alguns meses e ver como as coisas ficavam. E só depois disso, se não houvesse uma melhoria visível, buscar ajuda externa. Decidimos também não informar à escola de Julia.

— Faça com que ele apareça no consultório em algum momento — disse para Judith, embora não estivesse ansioso por isso.

Tentei imaginar um Ralph inquieto. Por uma fração de segundo, pensei em perguntar sobre Alex, se ele também estava inquieto, mas desisti no mesmo instante.

— Eu pensei que talvez você pudesse passar para pegar a barraca e então perguntar se tudo está certo com ele — sugeriu Judith.

— Claro, posso fazer isso.

Ouvi Judith respirar fundo.

— Seria bom vê-lo novamente — falou. — *Eu* gostaria de vê-lo novamente.

A coisa óbvia teria sido dizer “eu também”. Mas teria sido um esforço enorme fazer isso soar sincero.

Fechei os olhos. Tentei imaginar Judith na praia, e quando isso não funcionou, sob o chuveiro externo ao lado da piscina: como ela puxava para trás os cabelos molhados e fechava os olhos para o sol.

— Eu também — disse.

* * *

Algumas semanas depois, a mãe dela ligou para mim de repente. Eu não vira ou falara com a mãe de Judith desde que a vira descer os degraus da casa de praia naquela manhã. Não pensara nela desde então, tinha quase certeza.

Perguntou como estavam as coisas. Especialmente com Julia. Conteí a ela. Não conteí tudo; deixei de fora, por exemplo, o fato de que Julia ainda não se lembrava de nada daquela noite específica. Mas ela não perguntou isso. Tentei manter a conversa o mais breve possível, dando apenas respostas curtas às suas perguntas.

— E é isso, mais ou menos — disse, em uma tentativa de encerrar. — Vamos levando, na medida do possível. Julia precisa tentar viver com a situação.

Eu me ouvi falando aquilo. Frases saíam da minha boca, mas não eram minhas. Eram frases isoladas. Eu só as estava falando juntas.

— Há mais uma coisa, Marc — disse ela, logo quando eu achava que estava prestes a se despedir.

A velha senhora telefonara em um dos meus momentos de intervalo; o último paciente já fora embora, o seguinte ainda não chegara. Não sei se foi seu tom de voz ou o fato de que, pela primeira vez em nossa conversa, ela me chamara pelo prenome, mas me levantei da escrivaninha e caminhei até a porta do consultório, que estava entreaberta. Espiei pela abertura e vi minha secretária sentada à sua escrivaninha. Estava ocupada escrevendo algo em uma ficha. Fechei a porta silenciosamente.

— Sim? — falei.

— Hã... Bem, não sei como ou mesmo se deveria dizer — começou a mãe de Judith. — Mas isso tem me incomodado há muito tempo. Na verdade, desde aquela noite.

Eu apenas fiz um pequeno ruído. O tipo de ruído que você faz quando quer que a pessoa do outro lado da linha saiba que ainda está escutando.

— Hesitei até agora porque não queria que ninguém tirasse conclusões precipitadas — continuou. — E espero que você não faça isso. Por outro lado, achei que era irresponsabilidade simplesmente guardar isso para mim.

Eu anuí com um gesto de cabeça e no mesmo instante me dei conta de que ela não podia me ver, então fiz um pequeno ruído de novo.

— Na noite dos fogos de artifício, quando todos vocês foram para a praia, fui cedo para cama. De início li um pouco, depois apaguei a luz. Só acordei muito tempo depois. Não consigo lembrar exatamente o horário, mas tinha de levantar da cama. Isso me acontece com maior frequência no meio da noite — falou, fazendo uma pausa antes de prosseguir. — Todas as luzes estavam apagadas, então supus que sua esposa tinha ido para a barraca, e que Emmanuelle estava no apartamento do térreo. Fui ao banheiro no andar de cima. Estava sentada lá havia um minuto quando ouvi um carro lá embaixo. Um carro que subiu a rampa e parou. Ouvi a porta bater e alguém subir para a casa. Não me lembro exatamente do motivo, mas dei descarga

rapidamente, apaguei a luz e voltei para meu quarto. Alguém entrou na casa. Alguém que foi direto ao banheiro. Meu quarto era bem ao lado, então eu ouvi a máquina de lavar ser aberta e fechada. Depois a máquina foi ligada. E alguns minutos depois ouvi o chuveiro.

Ralph. Ralph fora o primeiro a ir para casa. Sozinho. Em seu carro. Deixando a família para trás. Até então, a história que a mãe de Judith me contava correspondia aos fatos.

— Depois de um tempo, ouvi sons vindo da cozinha. Esperei um pouco e então me levantei. Ralph estava na cozinha. Apoiado no balcão, tomando uma cerveja. Os cabelos ainda estavam molhados. Quando me viu, ficou obviamente assustado. Disse que precisava ir ao banheiro, embora tivesse acabado de ir. Mas ele não sabia que eu sabia disso.

Na praia, Ralph havia sido atingido na boca por um copo de margarita. Sangue correra. Depois disso a norueguesa o socara no rosto algumas vezes. Talvez houvesse sangue em suas roupas.

— A máquina de lavar estava ligada no banheiro — continuou a mãe de Judith. — Eu olhei pelo vidro para ver exatamente o que havia lá dentro, mas era espuma demais. Não consegui ver muito bem. Lembro que mesmo no momento achei aquilo bastante peculiar. Quero dizer, você chega em casa e talvez queira colocar roupas limpas, mas então simplesmente joga as coisas sujas no cesto de roupas, não? Você não as coloca para lavar imediatamente. No meio da noite?

41

Certa manhã, deve ter sido em meados de outubro, Ralph Meier entrou de repente em meu consultório. Sem se anunciar, como de costume. Não perguntou se havia chegado em um momento ruim. Não perguntou se poderia se sentar. Ele se jogou na cadeira diante da minha escrivaninha e passou os dedos pelos cabelos.

— Eu... Eu precisava falar com você — disse.

Prendi a respiração. Ouvi meu coração acelerando. Aquilo poderia mesmo estar acontecendo? Após dois meses de incerteza, será que ele realmente estaria prestes a fazer uma confissão? Eu não sabia como iria reagir. Se o agarraria pelo colarinho e o puxaria por sobre a escrivaninha. Ou começaria a gritar — cuspir em seu rosto. Minha secretária entraria correndo. Ou chamaria a polícia na hora? Eu também poderia permanecer calmo. Impassível, como se diz. Poderia enganá-lo. Agir como se tivesse achado sua confissão tocante. E então poderia lhe dar uma injeção letal.

— Como vocês estão indo? — perguntou.

Não era exatamente a pergunta que você esperaria de alguém prestes a confessar ter estuprado uma garota de treze anos. Talvez *ele* estivesse *me* enganando.

— Levando — respondi.

— Bom — falou, e passou os dedos pelos cabelos mais uma vez.

Por um breve momento fiquei pensando se ele teria me ouvido.

— Realmente admiro o modo como vocês estão lidando com isso — continuou. — Judith me contou. Judith me disse como têm sido fortes.

Fiquei boquiaberto. Ao mesmo tempo tentei não ficar de queixo caído demais. Não queria que ele visse minha perturbação.

— Estou enfrentando algo muito perturbador que precisa ser tratado com absoluta confiança. Por isso vim procurá-lo.

Eu me obriguei a parar de olhar. Tentei assumir uma expressão interessada, na medida do possível.

— Tudo o que discutimos aqui permanece entre estas paredes — falei, fazendo um gesto com a mão para meu consultório.

Sorri. Meu coração continuava acelerado: sorrir, eu sabia, ajuda a reduzir a pulsação.

— O mais importante de tudo é que Judith não descubra nada sobre isso — falou. — Quer dizer, ela insistiu que eu o procurasse, mas se for algo sério, não quero que ela saiba.

Eu anuí.

— Há algo errado comigo — continuou. — Temo que haja algo errado comigo. Talvez seja babaquice, mas Judith sempre fica perturbada com doenças terríveis. Não a quero preocupada. Com nada.

Inquieto, Judith dissera. Ralph estava meio inquieto nas últimas semanas das férias.

— Que bom que veio — falei. — Normalmente essas coisas acabam não sendo mais que tempestade em copo d'água, mas é melhor garantir. Quais são os sintomas exatos? O que você sente?

— Para começar, eu me sinto cansado o tempo todo. Na verdade, desde o verão. E não sinto vontade de fazer nada. Nunca tive isso antes. Mas tudo bem, imaginei que talvez tivesse trabalhado demais nos últimos tempos. Mas há umas duas semanas apareceu isto... — disse, se levantando e, sem aviso, soltando o cinto e deixando as calças caírem até os joelhos. — Isto... — apontou ele, mas mesmo que não o tivesse feito, teria sido impossível não ver. — Há três dias tinha metade do tamanho. Está duro como pedra, e quando eu aperto, dói.

Eu olhei. Conheço meu trabalho. De fato, só de olhar eu soube que só havia uma possibilidade.

Ralph Meier precisava ir ao hospital naquela semana. Preferencialmente naquela mesma tarde. Talvez já fosse tarde demais, mas quanto mais cedo lidasse com aquilo, maiores suas chances.

Levantei da cadeira.

— Vamos para a outra sala... — falei.

— O que é isso, Marc? É o que eu acho que é?

— Venha comigo. Quero olhar melhor.

Ele levantou um pouco as calças, até abaixo das nádegas, e arrastou os pés para a sala de exame ao lado do consultório. Pedi para que se deitasse na maca.

Pousando a ponta de um dedo sobre o calombo, eu pressionei de leve. Não cedeu, era exatamente como ele tinha dito: duro como pedra.

— Dói? — perguntei.

— Não quando você pressiona assim, mas se apertar, verei estrelas.

— Então não vamos fazer isso. E não há motivo. Em noventa e nove por cento dos casos, são apenas nódulos. Uma espécie de crescimento sob a pele. Desagradável, certamente, mas nada com que se preocupar.

— Então não é... Não é o que eu pensei?

— Escute, Ralph. Nunca podemos ter cem por cento de certeza. Mas também queremos descartar aquele um por cento.

— O que você vai fazer?

Ele já não estava olhando para mim. Estava olhando para minhas mãos, que calçavam as luvas de látex. Para o bisturi que eu deixara pronto sobre uma bola de algodão, ao lado de sua coxa nua na maca de exame.

— Vou remover um pedacinho — falei. — E mandaremos para o laboratório. Em duas semanas saberemos mais.

Desinfetei uma área de cinco centímetros ao redor do calombo. Depois enfiei o bisturi nele. Cortei. Primeiro superficialmente, depois mais fundo. Ralph gemeu, arfou.

— Isto pode doer um pouco — avisei. — Mas logo vai acabar.

Quase não houve sangue. Isso confirmou meu diagnóstico inicial. Enfiei o bisturi até alcançar o tecido saudável. Ao cortar o tecido saudável, eu estabeleci a ligação. As células do calombo entrariam na corrente sanguínea e se disseminariam por todo o corpo. *Disseminar*... Eu sempre achara essa uma bela palavra. Uma palavra que cobre tudo, como dizem. Naquele momento eu estava semeando algo. Plantando algo. No futuro imediato as

sementes iriam germinar. Em outras partes do corpo. Partes que não podiam ser vistas a olho nu.

Para manter as aparências, coloquei um pouco de tecido na beirada de um pote de vidro e usei a ponta do bisturi para empurrá-lo para dentro. Para manter as aparências, escrevi algo na etiqueta, que então colei no pote. Apliquei uma compressa de gaze no ferimento e a preendi com dois esparadrapos.

— Pode vestir as calças — disse. — Vou lhe dar uma receita. Para mais daqueles comprimidos que você tomou antes. Todos temos dificuldade de retornar à rotina depois de férias longas.

À porta do consultório eu estendi a mão.

— Ah, sim — disse Ralph. — Quase esqueci. Sua barraca. Judith me deu a barraca para que a devolvesse. Está no carro. Pode vir comigo até o carro e pegar?

* * *

Ficamos de pé junto ao porta-malas aberto. Eu segurava a barraca nos braços.

— Terei de ir filmar em breve — disse Ralph. — Sabe aquela série de que Stanley estava falando? *Augusto*? Estão prestes a começar a filmar.

— Como vai Stanley?

Ele pareceu não ter ouvido minha pergunta. Logo acima do nariz, entre as sobrancelhas, se formara uma ruga. Ele balançou a cabeça um pouco.

— Acha que será seguro eu ir? São dois meses de filmagens. Se eu tiver de sair na metade, seria uma tragédia para toda a equipe.

— Claro — respondi. — Não se preocupe. Normalmente não é nada. Vamos apenas esperar o resultado dos exames. Haverá muito tempo depois.

Esperei que o carro dele desaparecesse na esquina. No meio da rua havia uma caçamba de lixo. Joguei nossa barraca nela e caminhei de volta ao consultório.

A sala de espera estava vazia. Na sala de exames, ergui o potinho à luz. Estreitei os olhos, estudei o conteúdo por alguns segundos, depois o joguei na lata de lixo ao lado da maca de exames.

Achei que tudo aconteceria rapidamente, mas não foi assim. Ralph partiu para a Itália para filmar *Augusto* e voltou dois meses depois. Só então me ligou perguntando sobre o resultado do exame.

— Nunca tive notícias do hospital — falei. — Então suponho que não encontraram nada.

— Mas normalmente eles dizem alguma coisa, não é?

— Normalmente sim. Posso ligar amanhã para ter certeza. Afora isso, como está se sentindo?

— Bem. Eu me canso fácil, mas então tomo um dos seus comprimidos milagrosos. Isso funciona bem.

— Ligo para você amanhã, Ralph.

Fiquei aliviado ao saber que ele ainda estava cansado. Eu receitara benzedrina para suprimir os sintomas de fadiga e dar à doença tempo para se espalhar pelo corpo. Mas estava demorando mais que o normal. Comecei a duvidar de mim mesmo. De minha habilidade como médico. Talvez tivesse compreendido errado.

Liguei no dia seguinte, mas foi Judith quem atendeu.

— É sobre o resultado do exame? — perguntou ela de imediato.

Por um minuto não soube o que dizer.

— Eu pensei... — comecei.

— É, Ralph lhe disse para não me contar nada se fosse sério. Mas você o deixou tão tranquilo que ele me contou no mesmo instante. Que você tinha dito que não era nada. Não é isso, Marc?

— Eu disse a ele que *provavelmente* não era nada. Mas para ter certeza absoluta também enviei uma amostra ao hospital.

— E?

Fechei os olhos.

— Liguei hoje para perguntar do resultado. Não há nada com que se preocupar.

— Mesmo? Quer dizer, se realmente *for* algo, eu quero saber, Marc.

— Não, não há nada de errado. Há algo que a leve a desconfiar de que pode haver mais?

— Ele continua cansado o tempo todo. E perdeu peso, embora continue comendo igual. E bebendo igual.

— Eu tirei um pedaço da perna dele. Ainda dá para ver? Aquele ponto?

— Não, o calombo ainda está lá, mas não está ficando maior. Eu não *olho* para ele todo dia, claro. Mas algumas vezes sinto. Meio que sem querer, sabe como é? Para que ele não note. Ou pelo menos eu espero que ele não note.

O fato de Ralph estar perdendo peso era uma boa notícia. E também o fato de o calombo não estar aumentando fazia sentido em termos do quadro clínico. O exército hostil estabelecera uma guarnição. Os ataques eram coordenados dali. Apenas incursões limitadas para começar. Operações clandestinas por trás das linhas. Ações de atacar e recuar. O terreno estava sendo reconhecido. Preparado. Depois as forças principais não enfrentariam qualquer resistência expressiva.

— Provavelmente é apenas um cisto sebáceo — falei. — Não pode lhe fazer mal naquele lugar, desde que não o incomode. Mas se ele quiser, eu posso retirar para ele.

— Isso em geral não é algo feito no hospital?

— No hospital você entra na lista de espera. Esse tipo de coisa pode ser feito de forma rápida. Ele pode vir quando quiser. Por mim, não precisa nem marcar consulta.

* * *

Lisa às vezes perguntava por Thomas. Julia nunca perguntava sobre Alex.

— Claro que você pode ligar para ele — dissemos à Lisa. — Pode chamá-lo para vir brincar.

Mas com o avanço do ano letivo, ela passou a perguntar cada vez menos. Seus amigos da escola empurraram seu romance de verão para segundo plano. As coisas foram diferentes com Julia. Tínhamos a sensação de que por ora ela não queria absolutamente nada com garotos. E sobretudo não com o garoto que lembrava a ela aquelas últimas férias de verão. Nesse sentido, a palavra “lembrar” não era muito adequada. Julia lembrava de coisas do verão, mas não de tudo. Então era provável que também lembrasse de Alex. Mas até que ponto? Até qual momento? Não perguntamos isso a ela. Parecia melhor deixar as coisas como estavam.

Ralph não apareceu de novo. Tudo indicava que estava tranquilo e adiou sem nenhuma previsão a remoção do “cisto sebáceo”. Isso, de fato, era um sinal favorável. Talvez a doença simplesmente precisasse de mais tempo.

No começo do novo ano recebemos outro convite para uma estreia. Dessa vez era *A gaiivota*, de Tchekov. Não fomos. Tínhamos adotado uma política de dissuasão passiva. Estávamos tentando criar a maior distância possível entre nós e os Meier. Eu aqui digo “nós” enfaticamente — Caroline se sentia exatamente da mesma forma.

* * *

Foi quando estávamos jantando fora. Alguns dias depois da chegada do convite para *A gaiivota*. Só nós dois jantando fora, pela primeira vez em muito tempo. Quando a segunda garrafa de vinho chegou, eu comecei.

— Sabe por que não quis ir àquela estreia? — perguntei a Caroline.

— Porque peças fazem com que você hiperventile — disse minha esposa, rindo e brindando comigo.

— Não, dessa vez foi diferente. A princípio eu não queria contar a você. Achei que iria parar sozinho. Mas não parou. Ainda continua.

Era verdade. Judith tentara me ligar novamente duas vezes, mas sempre que via seu nome na tela do telefone, eu desligava. Quando deixou uma mensagem na caixa postal, não liguei de volta. Instruí minha secretária a não transferi-la para mim caso ligasse para o consultório. O que, de fato, ela fez

algumas vezes. Minha secretária lhe disse que eu estava com um paciente. Que ligaria depois. O que não fiz.

Por duas vezes ela tentara o telefone de casa. Nas duas vezes, Caroline atendeu. Soube pelas respostas de minha esposa que era Judith. “Não, estamos indo... Um pouco melhor atualmente...” *Eu não estou aqui!* Fiz um gesto para Caroline e me mantive o mais quieto possível até a conversar terminar.

— Além disso, não queria ir à estreia porque não queria encontrar com Judith lá — falei. — Não sei se você notou, mas aquela mulher quer alguma coisa de mim. Mesmo antes, na casa de veraneio. Ela tentou algo... Era óbvio que me achava agradável. Quer dizer, mais agradável que o normal.

Olhei para minha esposa. Ela não parecia chocada com a revelação. Ao contrário. Parecia divertida. Um sorriso brincou em seus lábios.

— Do que está rindo? Você notou ou não? Que Judith estava me perseguindo, juro.

— Marc... Eu simplesmente tive de rir. De você. Não fique com raiva, não quis dizer rir de você, mas acho que você tem a tendência a fazer suposições muito rápido: que uma mulher está atrás de você quando ela flerta um pouco ou se esforça por você. Também notei isso na casa de veraneio, mas se você quer saber, Judith é do tipo que faz isso com todos os homens. Um pouco insegura de si mesma, o tipo que tenta ser atraente para qualquer homem.

Tive de admitir que, no geral, fiquei desapontado com a reação de Caroline. Ela vira tudo como um flerte inocente. De fato, não sacara. É realmente fácil se safar, pensei.

— Ela liga para meu celular o tempo todo, Caroline. Diz que sente minha falta. Que quer me ver de novo.

Caroline balançou a cabeça, rindo, e tomou um grande gole de vinho.

— Ah, Marc, ela é só uma dessas mulheres que querem um pouco de atenção. Eu provavelmente faria a mesma coisa se tivesse de viver com um grosso como Ralph. A questão é toda essa. Atenção. A atenção do médico. Talvez seja o que ela quer. Talvez queira que você a *examine*.

— Caroline...

— Odeio desiludi-lo, mas você começou. Judith age assim com todos os homens. Vi como ela agiu com Stanley. Risadinhas, passar os dedos pelos cabelos, sentada no trampolim, supostamente perdida em pensamentos, balançando os pés na água, todos aqueles velhos truques femininos tediosos. De fato, fico surpresa por você ter caído tão facilmente. E, por falar nisso, ela teve mais sucesso com ele do que com você.

Eu a encarei.

— O que está olhando? Ah, Marc, você é tão ingênuo assim? Acha que as mulheres estão caindo por você, mas uma mulher como Judith sabe exatamente o que está fazendo. Eu ia lhe contar isso, mas me esqueci. Até você puxar o assunto agora. Seja como for, foi certa tarde na piscina. Vocês todos tinham ido à cidadezinha. Ralph, você, as crianças. Emmanuelle não estava se sentindo bem, ficou do lado de dentro com as cortinas fechadas. Havia algo no ar já por algum tempo, uma espécie de tensão entre aqueles dois. Em dado momento, subi para pegar algo para beber. E quando olhei pela janela da cozinha, vi os dois. Judith estava deitada na espreguiçadeira, e Stanley curvado sobre ela. Ele começou pelo rosto e a lambeu inteira, Marc. E falo sério quando digo inteira. Fiz questão de que os copos fizessem bastante barulho quando desci os degraus. E quando cheguei, lá estavam ambos deitados e bem-comportados em suas espreguiçadeiras. Mas sei o que vi. E podia dizer pelos trajes de banho de Stanley. Provavelmente não preciso explicar o que vi. E, no instante seguinte, ele se jogou direto na água.

* * *

Cerca de um mês depois da estreia de *A gaivota*, eu me deparei com uma notinha nas páginas de artes do jornal.

Apresentações de *A gaivota* suspensas por motivo de doença do protagonista

A nota não tinha mais de dez linhas. “(...) Ralph Meier (...) afastado temporariamente.” Não dizia que tipo de doença era. Eu já estava ali de pé, telefone na mão, então decidi que era melhor esperar um pouco.

Judith ligou no dia seguinte.

— Ele foi internado no hospital semana passada — contou.

Mencionou o nome do hospital. Era o mesmo ao qual eu enviara a amostra — ao qual eu *não* enviara a amostra.

Pressionei o telefone no ouvido. Estava sentado à minha escrivaninha no consultório quando ela ligou. O paciente seguinte — na verdade, o último paciente do dia — ainda iria demorar uma hora. Dessa vez eu atendi assim que vi seu nome no visor.

Fiz algumas perguntas gerais. Sobre os sintomas. A terapia provável. As respostas confirmaram meu diagnóstico inicial. O corpo de Ralph lutara por muito tempo — mais que o normal —, mas agora não havia como nadar contra a correnteza. A doença já pulara alguns estágios. Os estágios em que o tratamento poderia ter alguma chance de sucesso. Eu me lembrei de trincheiras. Redes inteiras de trincheiras interligadas sendo tomadas uma a uma. Como Judith não tocou no assunto da amostra de tecido, eu mesmo toquei.

— É estranho — falei. — Na época eles realmente não encontraram nada.

— Marc?

— Sim?

— Como tem passado?

Conferi o relógio à minha frente. Outros cinquenta e nove minutos me separavam do meu paciente seguinte.

— Levando — disse.

Eu a ouvi suspirar do outro lado.

— Você não me ligou novamente. Não liga quando deixo recados.

Fiquei um momento em silêncio. Durante esse silêncio, pensei na amostra de tecido, no pote de vidro com o pedaço de carne ensanguentado da coxa de Ralph que eu jogara na lata de lixo.

— Ando muito ocupado — falei. — E tem a situação de Julia. Estamos tentando recolocar a vida nos trilhos, mas não é tão fácil.

Era realmente eu quem estava juntando todas aquelas palavras em frases? Ficava mais fácil pelo fato de estar sozinho no consultório e Judith não poder ver meu rosto — para me concentrar eu até mantinha os olhos bem fechados.

— Seria bom vê-la de novo.

* * *

Foi como retomamos contato. Simplesmente contei a verdade a Caroline. Eu teria de tomar um café com Judith Meier, disse. Ela estava muito chateada com a doença de Ralph. No início nos encontrávamos em cafés, depois com frequência cada vez maior na casa dela. Eu não tinha muito mais pacientes; não era problema me ausentar por uma hora ou mais. Ou então eu simplesmente esperava que as consultas do dia terminassem. Alex e Thomas ainda estavam na escola. Não estou tentando justificar nada, as coisas com frequência aconteciam bem rápido, muitas vezes nem sequer chegávamos ao quarto. Em certas ocasiões, íamos visitar Ralph no hospital depois. A primeira operação não tivera os resultados desejados, e a segunda “oferecia pouca perspectiva de melhora”, de acordo com o especialista responsável. Tratamentos alternativos foram sugeridos. Tratamentos mais radicais. Ele mesmo poderia decidir se queria ficar no hospital para isso ou se queria ir e voltar para casa todo dia.

— Talvez seja melhor você ficar em casa — disse Judith. — Eu poderia trazê-lo aqui todo dia.

Ela não me olhou ao dizer isso, estava sentada em uma cadeira ao lado da cama, a mão no cobertor perto da mão do marido.

— Pode ser mais agradável ficar em casa — falei. — Mas também muito exaustivo. Especialmente à noite. Aqui no hospital, eles têm ao alcance tudo o que for necessário para o tratamento.

Foi tomada uma decisão que agradava a gregos e troianos, um arranjo no qual Ralph iria para casa no fim de semana e dormiria no hospital durante a semana. Eu continuei a ir à casa de Judith para um café uma ou duas vezes por semana.

Não sei se era o estado basicamente confuso de Ralph, a operação, a medicação e os tratamentos com frequência altamente desagradáveis, mas ele nunca mencionou a primeira vez que eu o examinara no mês de outubro anterior. Durante uma de nossas visitas, quando Judith saiu do quarto para comprar revistas para ele na banca do térreo, eu aproveitei a oportunidade.

— Estranho como podem ser as coisas em uma doença como essa — falei. — Em um momento, você examina um nódulo e não há nada de errado, e alguns meses depois tudo dá errado.

Eu tinha levado minha cadeira para mais perto da cama de Ralph, mas ainda não sabia se ele me entendia.

— Tive um paciente uma vez que achava ter sofrido um ataque cardíaco — contei. — Ele me procurou, estava em pânico. Com todos os sintomas. Dor no peito, boca seca, palmas das mãos suadas. Eu tomei o pulso, estava acima de cento e vinte. Escutei o coração. Perguntei: “Você por acaso comeu fondue de queijo ontem?” O paciente me olhou com os olhos arregalados. Perguntou: “Como sabia disso, doutor?” Eu completei: “E suponho que tenha tomado uma boa quantidade de vinho branco para acompanhar” Depois expliquei a ele. O queijo derretido, o vinho branco gelado. No fundo do estômago tudo se une para formar um grande nódulo que não vai a parte alguma. Quando isso acontece, as pessoas costumam aparecer na emergência no meio da noite, mas esse caso esperava por mim quando cheguei, às nove.

Ralph fechara os olhos, mas então os abriu novamente.

— Mas eis o mais chocante — continuei. — Mandei o paciente para casa. Totalmente tranquilizado, claro. E, duas semanas depois, ele realmente morreu de ataque cardíaco. Uma coincidência enorme. Se você usasse essa história em um livro ou filme, ninguém acreditaria. Mas foi real. O fondue e o ataque cardíaco não tinham qualquer relação.

— É o que chamam de azar — disse Ralph, com um sorriso fraco.

Olhei a forma do seu corpo sob as cobertas. Ainda era o mesmo corpo, mas parecia ter desmoronado aqui e ali — na verdade, parecia um balão de gás no dia seguinte da festa de aniversário: um balão que perdera metade do gás.

— Exatamente — falei. — Azar.

* * *

Enquanto isso, no caso de Julia, as coisas estavam melhorando um pouco. Pelo menos era nossa impressão. Ela começou a levar amigas em casa com maior frequência, às vezes durante as refeições nos contava coisas que tinham acontecido na escola, sem termos de perguntar antes, e voltara a rir. Um risinho hesitante, certamente, mas ainda assim um riso. Em outros dias, contudo, passava a maior parte do tempo sozinha no quarto.

— Provavelmente é a idade — disse.

— Acho que isso é o pior de tudo — falou Caroline. — Que nunca realmente saberemos. Se são coisas da idade ou se é por causa de... Por causa da outra coisa.

Às vezes eu estudava o rosto de Julia quando achava que ela não estava olhando. Seus olhos. Sua expressão. Era *diferente*. Nem tanto mais triste, mas mais séria. Mais introspectiva, como dizem. Caroline estava certa. Eu também não saberia dizer se era devido ao crescimento ou aos não lembrados acontecimentos na praia.

43

Nas férias de verão seguinte fomos aos Estados Unidos. Uma mudança de cenário, era a ideia. Uma mudança das habituais férias na praia (ou piscina). Mais viagem que férias. Uma viagem com muitas distrações, novas impressões e pouco tempo para pensar — para se preocupar, ficar acordado à noite.

Uma viagem podia não “curar” Julia, mas poderia ter um efeito curativo, raciocinamos. Catártico. Desinfetante. Talvez depois de uma viagem assim pudéssemos recomeçar do zero.

Voamos para Chicago. Pegamos o elevador para o topo da Sears Tower e olhamos para a cidade e o lago Michigan. Fizemos uma excursão pelo centro em um ônibus aberto de dois andares. Tomamos café da manhã em um Starbucks. À noite comemos em restaurantes que serviam a comida preferida de Julia. Italiana. Massa. Mas mesmo à mesa ela continuava com os fones brancos de seu iPod. Não que se desligasse totalmente: sorria agradecida quando o prato de ravióli era colocado à sua frente e o garçom salpicava queijo ralado. Apoiava a cabeça no ombro de Caroline e acariciava o braço da mãe. A única coisa era que mal falava. Às vezes cantarolava a canção que tocava em seu iPod. Normalmente teríamos dito alguma coisa. “Estamos à mesa agora, Julia. Você pode ouvir música mais tarde.” Mas não fazíamos. Ela deveria fazer o que quisesse, pensávamos. Aparentemente ainda era cedo demais para começar do zero.

Seguimos para oeste em nosso carro alugado, um Chevrolet Malibu. Vimos o interior ficar mais nu e mais vazio. No banco de trás, Lisa gritou de entusiasmo quando vimos nosso primeiro caubói e nosso primeiro bisão. Mas Julia manteve os fones de ouvido. Para fazer contato tínhamos de berrar. “Veja, Julia”, gritávamos. “No alto daquela rocha. Um abutre.” Então ela tirava um fone do ouvido. “O que disse?” “Um abutre. Lá. Ah, não, ele saiu voando.” No Parque Nacional Badlands, vimos placas alertando para

cascavéis. No monte Rushmore, tiramos fotos das cabeças esculpidas de quatro presidentes americanos. Ou melhor, Lisa tirou. Era ela que estava com a câmera. Nunca tive paciência para tirar fotos; foi Caroline quem fez isso quando as meninas eram pequenas, mas parou depois. Lisa gostava; começara a fotografar quando tinha uns nove anos. De início os temas das fotos de férias eram principalmente borboletas e flores, mas depois nossa família também começou a aparecer com mais frequência.

Julia se esforçou. Produzia um sorriso para cada clique. Mas era como se fizesse aquilo por nós. Como se sentisse culpada pelo próprio desânimo. No Parque Estadual Custer, onde alugamos uma cabana de madeira por alguns dias, ela chegou a se desculpar.

— Desculpem, eu provavelmente não sou a melhor companhia.

Estávamos sentados diante da cabana, em uma mesa de piquenique ao lado da churrasqueira onde os filés e hambúrgueres chiavam e soltavam vapor.

— Não seja boba, Julia — disse Caroline. — Você é nossa filha mais doce e agradável. Só tem de se animar um pouco. Vamos lá, estamos de férias.

Lisa estava de pé ao lado da churrasqueira, virando a carne.

— E quanto a mim? — gritou. — Também sou a mais doce e agradável?

— Claro — respondeu Caroline. — Você também. As duas. Juntas vocês são a coisa mais adorável que tenho.

Olhei para minha esposa. Ela mordeu o lábio inferior e esfregou os olhos. Após um tempo, se levantou.

— Vou ver se tem mais vinho — disse.

— Tem vinho aqui, mãe! — gritou Lisa. — Está bem aqui na mesa!

Em Deadwood comemos no Jakes, o restaurante do Kevin Costner. Durante toda a refeição, um músico tocou um piano de cauda, tornando quase impossível uma conversa normal. Julia ficou com os fones, comeu dois pedaços e empurrou o prato. Fomos a um rodeio em Cody. No Parque Nacional de Yellowstone, vimos ainda mais bisões, bem como alces e diferentes tipos de cervos. Subimos até um ponto onde havia muitos carros

estacionados ao longo de uma estrada estreita. Pessoas com binóculos apontavam para a colina no lado mais distante de um riacho.

— Um urso — disse um homem. — Mas acabou de desaparecer atrás daquelas árvores.

Estacionamos junto ao Old Faithfull, o gêiser que sopra no ar um jato branco borbulhante a cada cinquenta minutos.

— Ooooh! — gritou Lisa quando o gêiser irrompeu.

Julia sorriu e balançou a cabeça ao som da música em seu iPod.

Fomos para o sul. Vimos nossos primeiros índios. Cruzamos o Monument Valley e paramos em um estacionamento quase deserto onde havia uma bandeira americana e um trailer prateado que vendia bugigangas indígenas.

— Não quer sair e dar uma olhada? — disse Caroline, convidando Julia, que permanecera no banco de trás.

Mas Julia apenas balançou a cabeça e esfregou os olhos.

— Posso entrar e sentar com você? — perguntou Caroline.

Em Kayenta nos disseram que toda a reserva indígena Navajo era livre de álcool; não era possível conseguir uma gota de álcool em lugar algum. Não só no jantar, mas também no supermercado.

— É como o Irã — disse Caroline, tomando um gole de sua Coca. — Mas bem no meio dos Estados Unidos.

No primeiro mirante do Grand Canyon, Julia começou a chorar. Eu estava sozinho com ela, pois Caroline e Lisa desapareceram em um banheiro de alvenaria. Estávamos de pé na beirada, em um pequeno promontório sem cerca, longe dos grupos maiores de turistas.

— Olha lá — disse eu, apontando para uma ave de rapina, provavelmente uma águia, que passara planando a cinco metros de nós, silenciosamente, as asas imóveis. — Quer voltar para o carro? — perguntei.

Eu olhei, e só então vi que Julia tirara os fones. Ela não fazia um ruído sequer, as lágrimas simplesmente corriam por suas faces.

— Eu nem consigo mais ver como é bonito — falou.

Senti um frio na espinha. Fui na direção dela e estendi a mão. Fiz com muito cuidado, tentei segurar apenas seu pulso. Desde que a examinara pela última vez, cerca de oito meses antes, ela fizera de tudo para evitar qualquer contato físico comigo. Achei que, depois de um tempo, a reação se extinguiria sem ajuda, mas não foi assim. Sempre que estendia a mão, ela se virava imediatamente — durante aquela viagem, eu não tocara uma só vez nela.

— Está tudo bem, você não precisa. Não precisa achar que é bonito agora.

Tomei a sua mão. Ficamos de pé ali por um momento, depois ela baixou os olhos, para a mão do pai segurando a sua, e a soltou. Deu meia-volta e subiu a trilha na direção do banheiro, de onde Caroline e Lisa estavam saindo. Quando viu a mãe, Julia acelerou o passo. No final, correu. Então se jogou nos braços de Caroline.

Naquela noite paramos para passar a noite em Williams, uma cidade ao longo da velha Rota 66. Comemos ao ar livre, no pátio de um restaurante mexicano. Caroline e eu tomamos margaritas. Enquanto comíamos as entradas, um caubói foi ao pátio com um violão. A alguns metros de nossa mesa, colocou um caixote no chão e subiu nele. Olhei para Julia quando o caubói começou a primeira canção. A enchilada permanecia em seu prato. Ela tirara os fones e olhava para o homem. Vi em seus olhos a mesma expressão com a qual olhara para o Grand Canyon naquela tarde.

O hotel era perto da linha ferroviária. Fiquei deitado, acordado no escuro, escutando os trens de carga que passavam a cada meia hora. Era possível ouvi-los a distância, primeiro o apito: um som choroso como o canto de uma coruja ou um animal perdido na noite. Os trens eram intermináveis. Tentei contar os vagões, mas a cada trem que passava, eu parava de contar na metade. Pensei no Grand Canyon e no caubói cantor. Na crise de choro de Julia e na expressão em seus olhos no restaurante mexicano.

— Marc? — chamou Caroline, e senti sua mão em minha nuca. — O que há?

— Ainda está acordada? Deveria tentar dormir um pouco.

A mão de Caroline tinha chegado ao meu rosto, seus dedos tocavam minhas bochechas.

— Marc, o que há de errado?

Tive de pigarrear para minha voz soar normal.

— Ah, nada. Só estava aqui escutando os trens. Está ouvindo isso? Aí vem outro...

Caroline se aninhou em minhas costas. Colocou um braço sob minha cabeça e o outro sobre meu peito.

— Você não precisa ficar triste. Quero dizer, claro que você pode ficar triste. Eu também estou triste. Mas notou que ela já não fica com o iPod o tempo todo? Está começando a olhar ao redor novamente. Esta noite mesmo, no restaurante. Algo está mudando de verdade, Marc.

Não acredito nisso por um só instante, senti vontade de dizer. Mas não disse. Fiquei deitado ali um tempo, totalmente em silêncio, e contei os vagões de carga.

— Acho que vou dormir agora — falei.

Em Las Vegas passamos a maior parte do tempo nas espreguiçadeiras ao lado de uma das muitas piscinas do hotel Tropicana. Caroline e eu bebemos ainda mais margaritas. Durante o happy hour pedíamos até quatro seguidas. Jogamos algumas moedas nos caça-níqueis. À noite, caminhamos pelas ruas iluminadas com néon, passando pelos cassinos. Olhamos as fontes em frente ao Bellagio Hotel, fazendo seu balé aquático ao som de música. A essa altura as margaritas já tinham perdido o efeito; escutei o latejar em minha cabeça e não ousei olhar para minha filha mais velha. Caroline segurava a mão de Julia. Lisa gritava “Ooooh” e “Aaaah” a cada novo floreio da água e tirava fotos. Comprei sorvete e Coca para todos de um vendedor ambulante, mas mesmo a Coca não conseguiu deixar minha língua menos seca.

— Talvez devêssemos fazer algo diferente — disse Caroline mais tarde, na cama.

As garotas tinham um quarto próprio ao lado do nosso. Eu assistia a um torneio de pôquer na TV.

— É? — perguntei, erguendo a latinha de Budweiser que pegara no frigobar e a esvaziando em um gole.

— Algo tranquilo — continuou Caroline. — Talvez tenha sido uma ideia ruim fazer esta viagem. Talvez seja muita informação nova para ela, tudo ao mesmo tempo.

De repente, senti meus olhos ardendo.

— Ah, merda — falei.

— Marc! Essa é a única forma como você consegue lidar com isso, ficar sentado virando todas o dia inteiro? Temos que pensar na nossa filha. Na dor *dela*. Não na nossa.

— O quê? — reagi, muito mais alto do que planejava.

Limpei as lágrimas do rosto.

— Escute, quem está virando todas aqui? — continuei. — Você não tem exatamente evitado aquelas margaritas. Além disso, você não consegue lidar direito com todo esse álcool. Não mesmo! Você deveria ver a si mesma. E se ouvir! Esse seu falso tom alegre. Lisa piscou para mim esta tarde quando você estava na espreguiçadeira dando risinhos, quando virou toda aquela porra de pote de pipoca. Quero dizer, Julia não diz nada, mas acha que é divertido para ela ver a mãe de porre todo dia?

— Eu? Eu de porre? Marc, você não sabe do que está falando. Julia já tem idade suficiente, ela sabe muito bem que a mãe às vezes fica alegre quando toma algumas. Por que sempre andaria ao meu lado e seguraria minha mão? Com você é diferente. Você passa por uma mudança de personalidade quando bebe. Então ela realmente fica com medo de você.

Senti o ar sumir dos meus pulmões, como se meu peito tivesse implodido de repente.

— Se ela sente medo de mim, é por sua causa! — exclamei, pulando da cama e arremessando a lata vazia na parede. — Porque você só sabe brincar de mãe legal. A mãe legal tão compreensiva com sua garotinha que foi estuprada. Você sabe tão bem quanto eu que antes do verão passado ela mal suportava você, com seu falatório constante sobre a que horas ela teria de voltar para casa. Que sempre me achou muito mais legal que você. Por

Deus, esse tipo de comportamento dá vontade de vomitar. Às vezes, no fundo, acho que você está feliz de finalmente poder brincar de mãe protetora com sua pobre e infeliz filha estuprada. Mas ela não é mais uma garotinha, Caroline, você não está lhe fazendo um favor a mimando. Você só a está enfiando mais fundo na sua própria lama!

Alguém esmurrou a parede. Ambos cobrimos as bocas com as mãos e nos entreolhamos, horrorizados.

— Fiquem quietos aí! — ouvimos Lisa gritar. — Não conseguimos dormir!

* * *

Na última semana alugamos um apartamento em Goleta, uma cidade pequena no litoral de Santa Bárbara. Comemos caranguejo no píer, Lisa fotografou as enormes gaivotas que mergulhavam ousadamente nas mesas de madeira e partiam com os restos. Percorremos as lojas de rua. Julia comprou uma blusa. Depois comprou um par de tênis Nike. Às vezes eu esperava do lado de fora depois que ela agarrava a mão da mãe e a puxava para outra boutique.

Mas, de tempos em tempos, ela também ria. Com frequência cada vez maior. E riso de verdade. No apartamento, ela passava um longo tempo na frente do espelho, depois ia nos mostrar suas novas aquisições.

— Hã, isso realmente fica bem em mim? Não está um pouco apertado demais nos ombros?

Lisa tirava fotos de Julia posando na varanda com um dos novos modelos. Ela erguia a perna e apoiava o calcanhar nas grades de ferro baixas. Colocava os óculos escuros novos, depois os deslizava para os cabelos, usando-os como um arco. Lisa agachava, a câmera grudada no olho esquerdo.

— Agora olhe para o sol — dizia. — Agora de volta para mim... Isso, assim... Esse olhar... Fique olhando assim.

Em um dos últimos dias fomos a um restaurante mexicano, um restaurante com um pátio salpicado de palmeiras e cactos, próximo à praia.

— Uma margarita? — perguntei a Caroline.

— Acho que uma não faz mal — respondeu ela, piscando para mim.

Depois havia um desfile na rua principal da cidade. Nossas filhas abriram caminho na multidão para ver melhor, enquanto ficamos um pouco mais para trás, na calçada, sem perdê-las de vista por um instante sequer.

— Você está certa, foi uma ideia ruim — disse eu.

Minha esposa inclinou a cabeça para o lado e a apoiou em meu ombro. Senti o calor de seus cabelos sobre o meu rosto.

— Com certeza foi — falou.

Num domingo, algumas semanas após retornarmos para casa, olhei as fotos que Lisa tirara nos Estados Unidos. Eu transferira todo o conteúdo da câmera para o disco rígido do meu laptop. Depois cliquei nelas, de frente para trás. As fotos mais recentes, primeiro, e depois recuando para o começo da viagem.

Deixe-me dizer logo que não foi por acaso que as vi naquela ordem. Havia algo que eu temia; não ousava admitir para mim mesmo, mas o que temia eram as fotos do começo das férias. Ou melhor: as fotos feitas na época em que Julia chorara no Grand Canyon.

Passei um pouco mais rápido pelas fotos dos cassinos iluminados na Strip de Las Vegas. Havia uma do caubói cantor no pátio do restaurante mexicano em Williams. Havia fotos de mim e de Caroline bebendo nossas margaritas de canudinho e acenando alegremente para a fotógrafa. Na imagem seguinte, Julia olhava direto para a lente. No prato à sua frente, a enchilada, intocada. Eu me obriguei a encarar os olhos da minha filha mais velha. Vi o que temia ver. Mas também vi outra coisa. Antes do que acontecera na casa de veraneio, Julia tinha uma expressão diferente no olhar. Desinibida. *Imaculada*, eu me corriji imediatamente. Já não via isso na expressão abalada dos olhos da minha filha, e por isso tentava não pensar. Sabia que estaria perdido assim que pensasse em alguma coisa.

Fechei os olhos e apertei as pálpebras com as pontas dos dedos, com força. Por trinta segundos, talvez mais. Depois os reabri. Olhei novamente. E então vi algo diferente. Era impossível *não* ver.

Julia sempre fora uma menina bonita. Uma garota bonita desinibida, isso mesmo, uma garota para quem alguns adultos viravam as cabeças quando ela passava. Mas no pátio daquele restaurante mexicano, ela parecia tudo, menos desinibida. Não era sequer um olhar triste que eu via no rosto da minha filha. Era um olhar sério. Julia tinha quatorze anos. Ela não olhava para a

câmera como uma menina, mas como uma jovem mulher. Uma jovem mulher com olhos que tinham visto coisas. Coisas *novas*. Isso a tornava ainda mais bonita. Sua beleza, antes comum, era agora impressionante.

Recuei ainda mais no tempo. Vi paisagens secas e vazias com cactos. Postos de gasolinas e Burger Kings. Trens de carga intermináveis. Havia uma fotografia de Caroline, Julia e eu sentados a uma mesa de piquenique de madeira no mirante do Grand Canyon. Devia ter sido tirada logo antes do acesso de choro de Julia. *Eu nem consigo mais ver como é bonito*, ela tinha dito. Mas em seu rosto eu já via os primeiros sinais da mudança que se tornara definitiva na época da foto no pátio em Williams. Ainda antes, posando diante dos perfis dos presidentes no monte Rushmore, ela olhara para a câmera de forma quase inquisitiva. Realmente, como se procurasse algo. Talvez procurasse a si mesma, de repente me ocorreu.

A série de fotos terminava com os arranha-céus de Chicago, a vista do lago Michigan desde a Sears Tower. Ou pelo menos achei que sim. Mas havia mais. Depois de uma foto do quadro de partidas em Schiphol, fechado em nosso destino (KL0611 – Chicago – 11:35 – C14), de repente apareceu uma foto de uma flor. Algum tipo de flor, não uma que eu soubesse o nome, tirada bem de perto. Na base da tela, vi que era a fotografia sessenta e nove. Mais sessenta e oito antes da primeira... Cliquei novamente: uma foto de uma borboleta em uma parede branca, depois um retrato de uma vaca. Era uma vaca marrom, com um grosso anel de cobre no nariz.

Soube antes mesmo de clicar nas fotos mais antigas. Minha respiração denunciava o que eu sentia. Era uma câmera com uma memória grande o bastante para mais de mil fotos. Lisa tirara pelo menos trezentas nos Estados Unidos. Mais outras sessenta e nove durante nossas férias antes disso. Na casa de praia. E, aparentemente, nem uma única fotografia em todo o ano entre as duas férias de verão.

Recuando algumas fotos, vi meu próprio rosto a uma mesa de café da manhã. A mesa de café da manhã do hotelzinho nas montanhas. Meu olho injetado semiaberto na manhã em que me operara na frente do espelho. Hesitei por um momento quanto a recuar mais. Eram fotos que eu nunca

quisera ver. Ou, para ser mais preciso, as fotos cuja *existência eu havia negado*. Nunca quisera olhar para elas: para fotos normais de férias que nunca seriam normais novamente porque você sabia o que tinha acontecido depois. Fotos despreocupadas de férias em que tudo, como dizem, é impecável. Sua própria filha de treze anos em um crocodilo inflável verde na piscina. Sua filha *rindo* — na época ainda.

Mas tudo era diferente, por causa do que eu tinha visto nas fotos tiradas nos Estados Unidos. Eu então quis ver com meus próprios olhos se era verdade: se um ano antes Julia ainda era uma menina, mas então não era mais. E continuei. Vi Julia dividindo uma espreguiçadeira com Alex, cada um com um fone de ouvido branco. Vi Ralph cortando o peixe em pedaços. Ralph, Alex e Thomas na mesa de pingue-pongue. Julia e Alex até a cintura no mar em uma das praias distantes, Julia acenando para a câmera, Alex com o braço ao redor dela. Caroline deitada de bruços, adormecida em uma toalha de praia, Judith posando com uma bandeja cheia de copos e um jarro rosa de limonada. Também me vi, de joelhos, cavando uma trincheira na areia; sequer olhava para a fotógrafa, tão absorto estava em meu trabalho. Depois as fotos do banho de mangueira na piscina: a tarde do concurso de Miss Camiseta Molhada. Passei um pouco mais de tempo olhando para uma foto de Julia no trampolim. Tinha adotado a pose de modelo reconhecida, olhando para as lentes com olhos entreabertos enquanto a água da mangueira de jardim batia em sua barriga. “Reconhecida” de fato era a palavra certa. Profissional. Mas era um profissionalismo de faz de conta. Um ano antes, ela só fazia uma imitação muito boa das modelos de revista. Mas um ano depois, ela não “fazia” absolutamente nada. Nada extra.

Na foto seguinte, meu coração acelerou de repente. Lá estava eu à janela da cozinha, ao lado de Judith. Não estávamos olhando para a fotógrafa, olhávamos um para o outro. Ao fundo, era possível ver vagamente outra pessoa. A mãe dela. Durante o que deveria ter sido cinco segundos, meu dedo pairou acima do botão de apagar. Então decidi que não seria uma boa ideia. Quem sabe quem já poderia ter visto aquelas imagens? Uma foto apagada provavelmente chamaria mais atenção que uma foto na qual você

nem repararia. Dei uma boa olhada. A fotografia fora tirada de longe, não era possível ver *como* Judith e eu nos olhávamos.

Havia uma foto do passarinho que caíra da árvore, em sua caixa de papelão. Estava aninhado em um canto, contra o prato com água e a toalha de rosto. Era uma fotografia, uma imagem parada, mas eu quase conseguia *vê-lo* tremer. Depois vieram algumas fotos que pareciam ter sido tiradas à noite, na barraca, quando Caroline e eu já estávamos dormindo. Sob o foco de luz, provavelmente de uma lanterna. Julia fazia com os dedos figuras de sombra sobre a lona. Um coelho. Uma cobra. Eu conseguira me conter até então, mas de repente meus olhos se encheram de lágrimas. Avancei rapidamente.

Mais fotos junto à piscina. Julia, pernas encolhidas, em uma espreguiçadeira. Julia sentada na beirada da piscina. Em uma das fotos, ela vestia o biquíni; na seguinte, tinha uma toalha jogada sobre o ombro de um modo a se assemelhar mais a uma peça de vestuário (um colete, um xale) que a uma toalha. Havia várias fotos assim. Demorou alguns segundos antes que eu percebesse para o que estava olhando.

Julia estava *posando*. Estava posando com diferentes peças de vestuário, ou pelo menos fingia posar com diferentes peças de vestuário. Mas em nenhuma das fotos ela olhava para a lente. Não para a fotógrafa. Não para Lisa.

Julia olhava para outra coisa. Para alguém fora do enquadramento da foto.

Recuei rapidamente. Finalmente, nas últimas três fotos, era possível ver para quem ela estava posando. Ele estava agachado em frente enquanto ela ficava sob o chuveiro ao lado da piscina. Tinha uma perna erguida em uma pose inconfundível, os óculos escuros levantados sobre os cabelos molhados, e olhava provocantemente para o fotógrafo agachado diante dela. Ele tinha a câmera sobre o olho, assim como nas duas fotos seguintes.

Stanley Forbes dava um sorriso largo enquanto fotografava minha filha no chuveiro. Nas duas fotos seguintes ele parecia se concentrar profundamente. Em uma delas, Julia largara o sutiã do biquíni e mantinha

as mãos na frente dos seios com vergonha fingida. Na outra, ela fumava um cigarro e soprava em close a fumaça no rosto do fotógrafo.

* * *

— Lisa, poderia vir aqui?

Minha filha mais nova estava deitada na cama de nosso quarto, assistindo a um DVD de *South Park*. Fez um gesto para que me calasse, até ver meu rosto. Pegou o controle remoto, apertou pause e saiu da cama.

— O que vocês duas estavam fazendo aqui? — perguntei, passando as fotos ao lado da piscina uma a uma.

Estava me esforçando para não soar alarmado, mas quase podia ouvir meu próprio coração acelerado.

— Esse é Stanley — disse Lisa.

— Sim, eu vi. Mas o que vocês estavam fazendo? O que *ele* estava fazendo?

— Ele tirou fotos de Julia. Disse que ela poderia trabalhar como modelo sem problema. Ia tirar uma série de fotos dela e circular pelos Estados Unidos. Para a *Vogue*, acho que foi isso que ele falou. Também tirou fotos minhas.

Eu respirei fundo.

— O que está me dizendo, Lisa?

— Papai, o que há de errado? Por que está assim? Ele também fez uma série de fotos minhas. Disse que as revistas de moda sempre procuram meninas bonitas. Disse que foi como Emmanuelle começou. Que ele tinha feito um monte de fotos dela no começo, e então ela ficou famosa.

— Lisa, quero que olhe para mim. E não quero que minta. Que tipo de fotos ele tirou?

— Para de ser esquisito, pai. Julia e eu somos amigas de Stanley no Facebook. Nós mandamos aquelas últimas fotos para ele também. Ele pediu.

— Espere um minuto. Últimas fotos? Que últimas fotos?

— As dos Estados Unidos, pai. Ele pergunta o tempo todo se temos novas fotos, então mandamos para eles as fotos das férias. Aquelas nossas. Bem, são mais fotos da Julia, porque eu tiro a maioria delas. Stanley é realmente famoso. Ele diz que temos de ser pacientes, mas que depois poderemos ser modelos. Nos Estados Unidos, papai. Nos *Estados Unidos!*

45

Eu esperei. Mas não esperei demais. A diferença de fuso horário para a Califórnia era de nove horas. Stanley me dera seu número ainda na casa de veraneio. Se eu um dia estivesse próximo de Santa Bárbara, deveria dar uma ligada, dissera. Alguns meses antes eu de fato estivera próximo de Santa Bárbara. Mas então as coisas já tinham acontecido. A mim parecera melhor para Julia, para todos nós, não entrar em contato com o cineasta.

Às cinco da tarde, horário holandês, tecliei o número dele. Eram oito da manhã em Santa Bárbara. Para o elemento surpresa, a melhor coisa era acordar Stanley Forbes com meu telefonema.

— Aqui é Stanley... — atendeu imediatamente, e não soava nada com sono, notei, para minha tristeza.

— É Marc — falei. — Marc Schlosser.

— Marc! Onde está? Não o vejo há muito tempo. Está na cidade? Está vindo?

— Eu sei sobre as fotografias, Stanley. As fotografias que você tirou das minhas filhas.

Houve alguns segundos de silêncio. Uma fração a mais do que os silêncios normais que sempre pontuam uma ligação internacional.

— Ah, isso não é bom — disse ele. — Elas queriam que fosse uma surpresa para vocês dois. Especialmente Julia.

Foi minha vez de ficar em silêncio um segundo a mais.

— Marc? Ainda está aí? Escute, agora que você já sabe mesmo, dê uma olhada no meu site na internet. Coloquei uma seleção lá. Uma seleção da série que fiz junto à piscina.

— Na verdade, estou telefonando por outra coisa, Stanley. Estou ligando porque realmente gostaria de saber onde você esteve naquela noite, na festa do solstício de verão. Depois de Ralph tentar bater naquela garota. Eu perdi seu paradeiro depois disso. Até você retornar à casa de veraneio, bem mais

tarde. Você ficou vagando pela praia naquela noite, Stanley? Talvez tenha ido procurar uma das suas modelos?

Eu me dei conta tarde demais que estava indo muito rápido. Eu não deveria acusá-lo imediatamente. Deveria dar mais corda. Stanley Forbes era um adulto — um adulto velho e sujo, eu me ouvi pensando — que tirava fotografias de meninas e fazia promessas vagas de uma carreira de modelo. Atualmente, só por isso ele podia ser colocado atrás das grades por muito tempo.

— Marc, o que é isso! Não consigo acreditar que pense isso de mim!

Não respondi. Esperei que ele dissesse algo que não deveria. De repente me dei conta de que seria melhor gravar aquela conversa.

— Escute, Marc. Compreendo que você tenha ficado confuso por causa do que aconteceu com Julia. Mas tudo está melhorando agora. Julia e Lisa me mandaram as últimas fotos há alguns dias. As dos Estados Unidos. Eu já as coloquei em contato com uma agência de modelos daqui. Eles estavam muito interessados, mas agora, com as novas fotos, especialmente as de Julia, eles vão enlouquecer. Há duas delas... Acho que você as viu. Julia no pátio de um restaurante. É a expressão nos olhos dela... As fotos junto à piscina careciam de algo. Mas o modo como ela olha para você nessa... E há a outra, ao lado do Grand Canyon. Ela parece... Como posso explicar... Ela parece o que parece, Marc. Mandeí um e-mail para ela há dois dias. Ela realmente deveria vir aqui para uma nova sessão. Eu também poderia fazer isso na Holanda, mas tem a ver com a luz. A luz aqui é diferente, eu nunca conseguiria simular isso em um estúdio. Se você quer saber, ela está com medo de conversar com você sobre isso. Está com medo que não a deixe vir. Mas ela estará em boas mãos comigo, Marc. Ou então você pode vir com ela por alguns dias. Você e Caroline. Ou vocês quatro. Minha casa é grande o bastante. Não é exatamente no Pacífico, mas dá para ouvir o mar daqui. E temos uma piscina. Por falar nisso, por que não deram uma passada aqui no verão? Vocês estavam aqui pertinho, vi nas fotos que as meninas mandaram. Aquele desfile por Santa Bárbara? Emmanuelle e eu também estávamos lá.

Eu queria perguntar de novo a Stanley onde exatamente ele estivera entre meia-noite e duas horas naquela noite específica — mas de repente não acreditava mais naquilo. Stanley falara sobre as fotos no Grand Canyon e no pátio do restaurante mexicano em Williams. Ele vira a mesma coisa que eu.

— E quanto a Lisa? — perguntei.

— Ah, é, claro. Vocês também deveriam trazer Lisa junto. Mas aqui entre nós: ela terá de esperar por mais um ano, mais ou menos. É diferente. Ela ainda é nova demais. Uma coisa diferente, você sabe o que quero dizer.

Olhei as fotos no site de Stanley, uma a uma. As fotos da minha filha mais velha. Eram dez delas no total. Fotos adoráveis. Especialmente a de Julia sob o chuveiro com os óculos escuros erguidos sobre a cabeça: na nuvem de gotículas acima de seus cabelos molhados, era possível ver um arco-íris em miniatura.

Também havia outras fotografias. Não apenas de Julia, também de outras garotas. *Modelos adolescentes* era o título que Stanley dera à série. Havia uma foto de uma garota em uma Jacuzzi, em um jardim com palmeiras e cactos ao fundo. Na beirada da Jacuzzi, havia uma garrafa de champanhe e duas taças. Havia espuma na água, cobrindo apenas parcialmente o tronco da garota. Ela olhava direto para a lente. A foto só poderia ter sido tirada daquele ângulo se o fotógrafo também estivesse na Jacuzzi.

Só então olhei de novo e reconheci Emmanuelle. Uma Emmanuelle mais jovem. Não mais velha que quinze anos, supus.

Havia ainda mais séries de fotos no site. Séries com títulos como *Desertos*, *Crepúsculos*, *Água* e *Viagem*. Cliquei em algumas fotos de camelos e pirâmides, depois uma sequência de crepúsculos. A série *Viagem* era organizada por local e ano. Também havia uma série de fotos com o nome do litoral onde tínhamos passado as férias na casa de veraneio um ano antes. Cliquei em algumas fotos que vira antes: mosteiros e castelos, coisas que Stanley me mostrara na época no visor da câmera. Emmanuelle posando em um muro ou ao lado de uma estátua. Algumas das fotografias eram novas para mim: lagostas, arraias e camarões em exposição em uma feira livre; conchas e águas-vivas na areia; uma toalha de mesa branca com migalhas de pão — e então de repente vi a mim mesmo. E não apenas eu: estávamos todos nessa, sentados a uma mesa ricamente posta no jardim da casa de veraneio. Ralph, Judith, Caroline, Emmanuelle, Alex, Thomas, a mãe de

Judith, Julia, Lisa e eu: olhávamos para o fotógrafo e erguíamos nossos copos em um brinde.

Depois vieram mais fotos da casa de veraneio. Ralph cortando o espadarte em pedaços no pátio; Lisa curvada sobre a caixa de papelão com o passarinho; Judith em uma espreguiçadeira junto à piscina; e uma no jardim, de um homem que não reconheci, um homem de short e camiseta sem manga; os braços cruzados sobre o peito, ele olhava para a câmera e sorria. Na foto seguinte, o desconhecido segurava na mão uma mangueira de jardim, um jato de água se projetando no ar; depois dessa veio uma foto do mesmo homem de pé entre minhas duas filhas: tinha os braços sobre os ombros delas e brilhava para a câmera. Nessa foto era possível ver claramente como ele era pequeno, dois centímetros e meio mais baixo que Julia.

Voltei à primeira foto. Pela segunda vez naquele dia, eu chamei Lisa.

* * *

— É o cara que foi consertar a água — disse Lisa.

Olhamos as fotos juntos. Em todas as três, dava para ver claramente a tatuagem no braço: uma águia prendendo um coração sangrando em suas garras.

— Ele era realmente legal — disse Lisa. — Brincou conosco. Sobre ser tão pequeno. Ele ficava de pé ao lado de Julia o tempo todo, balançando a cabeça e rindo. Não conseguimos entender tudo o que ele dizia, mas era algo sobre garotas holandesas, sobre serem muito mais altas que os homens de lá.

Fiz as contas. Na manhã de sexta-feira, Caroline e eu tínhamos ido à imobiliária. A garota atrás do balcão dissera que o funcionário tentaria aparecer naquela tarde. A garota sem graça, que também era namorada dele. Depois Caroline e eu fomos às compras. Ficamos longe muito mais tempo que de hábito, porque nenhum de nós queria voltar logo para a casa. Circulamos pelo mercado, e antes disso almoçamos em algum lugar. Não conseguia lembrar se a água já estava consertada quando voltamos, mas, no

dia seguinte, os garotos estavam molhando as garotas no trampolim, então provavelmente sim.

Pensei na noite de sábado. Na noite na praia. Eu encontrara o operário na frente do banheiro masculino do restaurante. Lembrei na tatuagem em seu braço suado. No outro braço, ele tinha um corte. Três faixas vermelhas... A namorada sem graça estava chorando no pátio. Talvez tivessem tido uma briga. Talvez ele estivesse lhe dando uma desculpa para ter demorado tanto. Quem sabe, talvez ela tivesse sentido o cheiro nele. Talvez tivesse visto os cortes no braço. E talvez, também, porque afinal era mulher, imediatamente os reconheceu como arranhões que só poderiam ter sido causados pelas unhas de uma mulher.

As unhas de uma menina, me corrija.

Na manhã de segunda-feira, após ter olhado o site, de repente vi o comediante de TV novamente sentado em minha sala de espera. O mesmo comediante que um ano antes gritara que eu podia enfiar a coisa no meu traseiro, que nunca voltaria mais ali. Eu não verificara a lista de pacientes que minha secretária preparara para aquela manhã — ou melhor: parara de conferir a lista havia muito tempo, meses antes; eu “cuidava das coisas à medida que aconteciam”, como dizem.

— Eu me consultei com outro médico por um tempo — contou ele assim que estava sentado à minha frente no consultório. — Mas eu o achei, como dizer, um pouco amigável demais. Pelo menos mais amigável do que você é.

Olhei para seu rosto redondo. Não era um rosto feio; ele parecia saudável, a contaminação por aids aparentemente fora um alarme falso.

— Bem, fico contente que você...

— E havia mais uma coisa — interrompeu ele. — Algo no modo como ele se comportava disparou o alarme. Não sei se já passou por isso, tenho certeza que sim, mas há pessoas que se esforçam muito para mostrar como são extremamente tolerantes com homossexuais. Para mostrar que consideram completamente *normal*. Embora não seja nada normal. Quer dizer, se é tão normal, por que eu demorei cinco anos para ter coragem de contar aos meus pais? Foi o que me irritou no novo médico. Em dado momento, sem qualquer motivo, ele começou a falar sobre o Orgulho Gay, como era fantástico que tudo aquilo fosse permitido na cidade. Embora, como homossexual, a coisa que mais me incomoda sejam todos aqueles corpos masculinos malhados dançando em um barco com apenas um fio dental entre as nádegas. Mas algumas pessoas, algumas pessoas *tolerantes*, nunca pensam que você, como homossexual, possa não achar isso tão fantástico.

Eu não disse nada, apenas anuí e me esforcei para dar um sorriso. O relógio em frente à minha escrivania dizia que cinco minutos já tinham se passado, mas não fazia diferença: eu tinha muito tempo.

— Escute — continuou o comediante. — É ótimo que hoje tenhamos direitos iguais, claro. No papel. Mas isso não significa que você tenha de achar que é *encantador*. As pessoas cometem esse erro. Elas têm medo de estar discriminando. Por isso riem ainda mais alto quando um inválido em cadeira de rodas conta uma piada. A piada não é engraçada, e, além disso, você mal consegue entender. O inválido tem uma doença degenerativa incurável. Quando ele ri da própria piada, a baba escorre pelo queixo. Mas rimos junto com ele. Como é mesmo, Marc? Você tem um filho e uma filha, não?

— Duas filhas.

— Então você acharia encantador se uma de suas filhas, ou ambas, se revelasse lésbica?

— Desde que sejam felizes.

— Marc, por favor! Não tente clichês assim comigo. Essa foi exatamente a razão pela qual voltei para você. Porque você nunca tentou esconder. Sua aversão. Bem, talvez “aversão” seja um pouco forte demais. Mas você sabe o que quero dizer. Estou certo ou não?

Eu sorri novamente: dessa vez um sorriso de verdade.

— Está vendo? — disse o comediante. — Eu sabia. Mas por que então eu me sinto muito mais confortável com você do que com pessoas que se esforçam tanto para achar homossexuais *encantadores*?

— Talvez porque você mesmo não os ache encantadores — sugeri.

O comediante começou a rir alto, depois ficou sério de novo.

— Acho que “encantador” é a palavra-chave aqui. Não foi exatamente fácil para meus pais aceitar isso de mim. Aceitar meu namorado. Para, como você disse antes, se preocupar apenas com minha felicidade. Mas eles realmente não acham que seja *encantador*. Nenhum pai acha que é *encantador*. Já ouviu algum pai ou mãe dizer sobre o filho ou a filha que acharam *encantador* quando souberam? Que ficaram contentes e aliviados ao

descobrir que o filho ou a filha, graças a Deus, pelo menos não era *heterossexual*? Quero dizer, eu sou comediante e em meus programas sempre tentei lidar com esse lado das coisas também. Caso contrário, não seria capaz de me levar a sério. Bem, a sério... Você sabe o que quero dizer.

— Isso mesmo — falei. — Sei exatamente o que você quer dizer. Então, o que mais posso fazer por você?

Ele suspirou fundo.

— Quando mijar. Atualmente só sai pingando. Nada mais de jato poderoso. Eu pensei... Bem, você sabe o que eu pensei.

* * *

Olhei para o traseiro peludo do comediante na minha maca de exame. Não consegui evitar. Não consegui evitar pensar no meu professor de biologia médica. “Só vou dizer uma vez”, falara Aaron Herzl. “Se Deus quisesse que um homem introduzisse seu órgão sexual na abertura anal, teria feito essa abertura mais larga. Eu uso intencionalmente a palavra ‘Deus’ aqui, mas poderia muito bem ter dito ‘biologia’. Há uma ideia por trás de tudo. Um plano. Coisas que não deveríamos comer fedem ou têm gosto ruim. E há a dor. A dor nos diz que não é uma boa ideia enfiar uma caneta tinteiro no olho. O corpo fica cansado e nos diz que devemos descansar. O coração só consegue bombear um determinado volume de oxigênio para as extremidades do corpo.” Nesse ponto, o professor Herzl tirava os óculos e, por um minuto inteiro, varria com o olhar os assentos no auditório. Depois continuava: “Não quero fazer um julgamento moral aqui. Todos deveriam poder fazer o que querem com toda a liberdade, mas um pau intumescido penetrando o ânus dói. *Não faça isso*, diz a dor. *Tire agora, antes que seja tarde demais*. O corpo tende a escutar a dor. É a biologia. Não pulamos de uma janela do sétimo andar. Não, *a não ser* que queiramos destruir esse corpo.”

Aconteceu bem de repente. Acho que eu devia ter reprimido, ou talvez simplesmente esquecido, mas naquele momento, de repente, lembrei do que

Herzl dissera depois disso. Primeiro meus olhos ficaram turvos, depois — não houve como impedir — meu lábio inferior começou a tremer.

“Tudo em uma criança pequena é menor. Tudo. Isso também é biologia. Garotinhas não podem engravidar. No que diz respeito a isso, elas são inversamente idênticas a mulheres acima dos quarenta. Fique longe, diz a biologia. Não há sentido biológico em fazer sexo com uma garota que ainda não é sexualmente madura. Mais uma vez, a abertura é pequena demais. E há o hímen. Uma das mais maravilhosas invenções que a biologia nos deu. Quase o suficiente para fazer você acreditar na existência de um Deus.”

Houve alguns risinhos no auditório; a maioria dos estudantes sorria, uma pequena minoria, não.

“Gostaria de invocar novamente a imagem de um grande pau intumescido. O órgão sexual masculino em posição ereta. Quando um pau assim tenta penetrar a abertura estreita demais de uma garota sexualmente imatura há, antes de tudo, dor. *Não faça isso*, a própria garota provavelmente também diz. Em nossa sociedade, o acordo é que homens que tentam penetrar garotinhas, ou meninos, são presos. Nosso código moral em relação a isso é tão claro que, mesmo dentro dos muros das prisões, as vidas de agressores de crianças não valem nada. Ladrões e assassinos se consideram *superiores* a agressores sexuais de crianças. E por um bom motivo. Eles reagem de forma elementar. De fato, eles reagem do modo como todos nós deveríamos reagir. Do modo como um dia reagimos, há muito, muito tempo, nos dias em que a biologia era ainda mais poderosa que a lei. *Livre-se disso! Livre-se desse lixo! Destrua esses perturbados!*”

O auditório estava mergulhado em um silêncio mortal. O alfinete na sala vazia, sabe? A respiração suspensa por mais tempo do que o aconselhável.

“Não é minha intenção oferecer soluções para esse dilema moral”, disse Herzl. “Quero apenas fazer com que pensem antes de aceitar cegamente os códigos morais do seu próprio tempo como sendo os únicos códigos morais. Portanto, para concluir, eis um caso hipotético simples sobre o qual gostaria que todos pensassem para a semana que vem.”

Àquela altura, eu passara tempo demais de pé junto ao leito de exame. Passara mais tempo do que o comediante podia considerar normal. Eu lavara as mãos. Colocara as luvas de látex. Algo tinha de acontecer. O exame. O exame interno da próstata através do ânus. Mas não conseguia mais deter meu fluxo de pensamento, tinha de continuar primeiro. Até o fim. Respirei fundo. Para ganhar tempo, coloquei uma das mãos em uma nádega peluda e respirei fundo.

“Consideramos anormal um adulto que tenta se impor sexualmente a uma criança”, dissera o professor Aaron Herzl. “Alguém com um desvio. Um paciente que precisa de tratamento. Aqui começa o dilema, e a pergunta para a próxima semana. *Qual* tratamento é necessário aqui? Antes de passar aos detalhes, quero primeiro que se perguntem o seguinte: dentre os presentes aqui hoje, noventa e um por cento sentem atração por membros do sexo oposto, nove por cento pelos do seu próprio sexo. Menos de um por cento se sente sexualmente atraído por crianças, então felizmente posso presumir que não há ninguém assim presente aqui hoje.” Risos do auditório: um riso levemente desconfortável que tentava soar aliviado. “Mas vamos inverter as coisas. Para melhor compreender esse exemplo, vamos imaginar que nossa própria propensão sexual fosse banida. Que seríamos presos por ter intercurso sexual com um adulto do sexo oposto. Que passaríamos anos trancados em uma prisão ou clínica. E que durante esse período de detenção, conversaríamos com um psicólogo ou psiquiatra. Temos de convencer esse psicólogo ou psiquiatra de que estamos dispostos a trabalhar em nossa própria cura. No final, temos de fazer essa outra pessoa acreditar que *fomos* curados. Para que o psicólogo possa escrever um relatório dizendo que não somos mais um risco para a sociedade. Que nós, como homens, abandonamos o hábito de sentir atração por mulheres, ou, como mulheres, por homens. Enquanto isso, porém, nós sabemos. Sabemos que é impossível. Que não podemos ser ‘curados’. Tudo o que queremos é sair o mais rápido possível e novamente nos relacionar com mulheres ou homens.”

Desloquei minha mão mais dois centímetros sobre a nádega do comediante. Como se fosse *fazer* alguma coisa. O que veio depois disso foi

uma parte da palestra de que não conseguia mais me lembrar claramente, mas que sem dúvida tinha a ver com a “cura” de agressores de crianças. Só conseguia me lembrar da panela de mariscos.

“Peguem, por exemplo, uma panela de mariscos”, dissera Herzl. “Na mesa diante de você, há uma adorável panela de mariscos cozidos. Mariscos saudáveis. Saborosos. Mas se tudo é como deveria ser, aprendemos a não comer aqueles mariscos que não se abrem espontaneamente. Porque eles podem nos deixar doentes. Quero que pensem nesses mariscos enquanto pensam sobre a tarefa da semana que vem. Aquelles mariscos estão doentes. Alguns deles já estão até mesmo mortos. Ainda assim, vamos usar força para abrir o marisco e comê-lo? Vamos fazer com que ele converse com um psicólogo de prisão por dois anos e depois o colocaremos na boca porque o psicólogo da prisão nos garantiu que agora o marisco pode ser comido? Ou o jogamos fora? Vejo vocês na próxima semana.”

O comediante se mexeu no leito de exame. Ergueu a cabeça e olhou por sobre o ombro. Para mim. Eu vi a expressão assustada em seu olhar.

— Marc? O que há de errado?

Tentei sorrir, mas doeu em algum lugar. Houve um clique seco em algum ponto atrás do meu maxilar.

— O que poderia haver de errado? — retruquei.

Mas eu não podia mais me enganar. Tinha olhado para seu traseiro peludo. Eu sabia que um traseiro masculino peludo não era minha coisa. Que uma bunda como aquela me produzia uma aversão saudável: um prato de comida nojenta ou podre que você empurrava para longe, engasgando. *Não coma isso!* Eu era “normal”. Pensava em mulheres. Não apenas Caroline ou Judith, em mulheres em geral. Isso era a biologia, o professor Herzl nos ensinara. Um homem que não olha para mulheres em geral é como um carro com acelerador e freio apertados ao mesmo tempo. Um carro assim primeiro começa a cheirar a borracha queimada e, no final, quebra ou pega fogo. A biologia determina que devemos fecundar o maior número possível de mulheres. Eu dei o mesmo salto mental que dera trinta anos antes durante a palestra de Herzl. Será que eu podia me curar? Seria capaz, caso a sociedade

classificasse de doentios meus próprios anseios saudáveis, de convencer um psicólogo de prisão de que naquele ínterim eu fora “curado”? Eu achava que sim. Mas assim que estivesse de novo nas ruas, retomaria meus velhos hábitos em vinte e quatro horas.

Não pretendo me colocar em um nível moral acima daquele dos homens que se sentem atraídos por jovens. Todos os homens se sentem atraídos por jovens. Isso também é biologia. Vemos essas garotas de olho nas futuras gerações: se elas, em um futuro breve, serão capazes de garantir a continuação da espécie humana.

Mas de fato era um pouco demais agir com base nessa atração. A biologia tinha seus próprios sistemas de alerta: nas garotinhas, todos os sistemas eram de bloqueio. *Não! Fique longe! Se continuar, irá quebrar alguma coisa.*

— Acho que seria melhor se voltasse a se sentar — falei ao comediante.

Ele se endireitou, sentou com as pernas balançando sobre a lateral da mesa de exames, tirou um lenço branco do bolso e me deu.

— Aqui — disse ele. — Não se preocupe, eu lavei — acrescentou, piscando.

— Desculpe — falei.

Tentei assoar o nariz, mas meu nariz já estava vazio.

— Se puder voltar... Ou eu posso encaminhá-lo à emergência.

— Você não tem de me contar nada, certo — falou. — Mas caso queira: temos todo o tempo do mundo.

Ele abriu os braços. Eu olhei para seu rosto redondo e franco. Contei a ele. Contei a ele tudo. Só deixei de fora duas coisas. De olho no futuro. Meus planos para o futuro, acima de tudo.

— Ainda não tem nenhuma ideia de quem pode ter feito isso? — perguntou ele quando terminei.

— Não.

— Merda. Alguém que faz algo assim, você poderia simplesmente...

Ele não terminou a frase, mas não era necessário. Pensei na panela de mariscos: nos mariscos que não abrem.

O copo medidor com o coquetel letal estava na mesa ao lado do leito de Ralph. Na mesa também havia um pote pela metade de iogurte de frutas com a colher dentro, o jornal do dia e uma biografia de Shakespeare que ele passara as semanas anteriores lendo. Havia um marcador, quase na metade. Ele pedira que Judith e os dois filhos deixassem o quarto por um momento.

Após saírem, ele fez um gesto para que eu me aproximasse.

— Marc — chamou.

Pegou a minha mão, segurou-a sobre o cobertor e colocou a outra sobre essa.

— Quero lhe dizer que lamento. Eu não deveria... Eu nunca deveria ter...

Ele ficou em silêncio por um momento.

— Lamento, acho que é o que estou tentando dizer.

Olhei para o rosto dele, emaciado e inchado ao mesmo tempo: para seus olhos, que àquela altura ainda me viam, mas que, em algum ponto da próxima hora, nunca mais veriam nada.

— Como está... Com ela? — perguntou.

Eu dei de ombros.

— Marc — disse ele.

Senti a pressão da mão dele sobre a minha. Ele tentou aumentar o aperto, mas eu podia sentir quão pouca força lhe restava.

— Poderia dizer a ela... Por mim... Poderia dizer a ela o que acabei de lhe dizer?

Eu desviei os olhos; sem esforço, liberei minha mão do aperto dele.

— Não — falei.

Ele suspirou fundo, fechou os olhos por um momento, depois os abriu novamente.

— Marc, eu hesitei por um longo tempo se devia lhe contar isso ou não. Pensei: talvez eu seja a última pessoa de quem ele quer ouvir algo assim.

Olhei para ele.

— Do que você está falando?

— Da sua filha, Marc. De Julia.

Eu involuntariamente lancei um olhar para a porta, depois para o copo ao lado da mesa. Ralph viu para o que eu estava olhando.

— No final, decidi que você precisava saber. Pode ser um pouco tarde, mas também só soube há pouco. Há apenas duas semanas, na verdade.

Por uma fração de segundo, pensei que ele iria dizer algo sobre Judith: que sabia sobre nós dois, por exemplo, que ela confessara tudo, mas que ele queria nos desejar toda a felicidade do mundo. No momento seguinte, me dei conta de que não. Ele claramente dissera *da sua filha. De Julia*.

— Alex me fez jurar manter silêncio sobre isso. Ele sabia que eu não duraria muito tempo, por isso me contou. Tinha de tirar isso do peito, disse que iria enlouquecer se guardasse isso por mais tempo. A mãe dele não sabe. Ele é o único. Ele e Julia.

Pensei naquela noite na praia. No modo como Alex se comportara quando encontrou a mim e a Judith perto da boate. Mesmo na hora eu pensara: ele está escondendo alguma coisa. Não está nos contando tudo.

— Lembra daquele funcionário que apareceu duas vezes para consertar a caixa d'água no teto? Quando não tínhamos água corrente? — perguntou Ralph, e eu provavelmente pisquei, ou estava com uma expressão vazia, porque ele logo prosseguiu: — O funcionário. Da imobiliária. Um cara pequeno. Vinte e tantos, trinta e poucos...

— É, eu lembro... Um funcionário... Para a água. O que tem ele?

Com dificuldade Ralph inspirou ar para os pulmões, soando como um colchão de ar sendo esvaziado.

— Julia marcara de se encontrar com ele naquela noite — disse. — O funcionário. Não sei quando realmente marcaram de se encontrar, acho que em uma das vezes que ele apareceu. Ou quem sabe, talvez na cidadezinha ou na praia. Seja como for, eles concordaram de se encontrar na boate da praia

na noite da festa de solstício de verão. Alex tentara convencê-la a não fazer isso, estava com uma sensação ruim, quer dizer, Alex já se sentia mal por ela procurar outra pessoa. Tinha dito a Alex que ainda o achava um bebezinho, que queria homens de verdade. Bem, seja como for, naquela noite... Naquela noite... Alex finalmente foi com ela. Porque tinha uma sensação ruim, como disse. E então o que aconteceu, aconteceu. O cara ameaçou meu filho, Marc. Ameaçou fazer algo a Alex se ele contasse alguma coisa aos pais. Ah, se eu soubesse na época... O desgraçado não teria vivido para contar!

— Mas... Mas como Julia...

— Espere um minuto, ainda não terminei. Julia e Alex concordaram em não dizer nada. Na verdade, ela o fez jurar que não diria nada. Na praia. Depois de acontecer.

— Mas eu a encontrei... Quando eu a encontrei...

— Ela estava muito envergonhada, achava que era tudo culpa dela. Achava que você e Caroline pensariam que ela era uma idiota e nunca mais confiariam nela. Que vocês nunca mais a deixariam ir sozinha a lugar algum depois daquilo. Por isso teve a ideia de fingir estar inconsciente. Então poderia dizer aos dois que não lembrava de nada.

* * *

Meia hora depois, Judith e eu estávamos no corredor. Alex e Thomas tinham ido à lanchonete do hospital. Judith acabara de dizer que estava muito contente por eu ter comparecido. E eu dissera que Ralph “partira com dignidade”.

Então o dr. Maasland aparecera com o resmungo sobre a amostra de tecido que nunca chegara. Pedira a Judith autorização para uma autópsia.

— Isso é realmente estranho, não é? — falou Judith depois da partida do dr. Maasland. — Você realmente não se lembra do que aconteceu na época? Lembro de você me dizer que o hospital dissera não ser nada sério.

— É estranho, com certeza. E aquele desgraçado arrogante agindo como se *eu* tivesse perdido, embora provavelmente tenham sido eles que deveriam

ter tomado mais cuidado.

— Mas agora mesmo a primeira coisa que você disse foi que não conseguia lembrar. Por que disse isso, Marc? Não consigo entender. Achei que havia mais alguma coisa acontecendo. Algo entre você e Ralph. E afinal, agora há pouco o que Ralph queria conversar com você? Tinha alguma coisa a ver com isto?

— Escute, Judith. Acho que seria melhor se não nos víssemos por um tempo. E talvez não só por um tempo. Quer dizer, por um longo período. Tenho estado aqui até agora por sua causa, mas meio que tenho de dar um jeito na minha própria vida. Coisas demais aconteceram. Coisas de que você não tem noção. A esta altura, simplesmente não posso ter você por perto.

Dois dias depois, recebi um telefonema do dr. Maasland. Bem no meio das minhas consultas diárias. Estava com uma escritora cujo consumo excessivo de vinho tinto a fizera parecer vinte anos mais velha do que realmente era — ou pelo menos dezoito anos, a julgar pelo retrato retocado na quarta capa de seu último livro.

— Posso ligar de volta daqui a pouquinho? — pedi. — Estou com uma paciente neste instante.

— Sinto muito, mas não, dr. Schlosser. O assunto é sério demais para isto.

Nos anos anteriores, o rosto da autora envelhecera com velocidade crescente. O vinho tinto drena a pele por baixo. É como com um lençol freático recuando. A umidade penetra abaixo da superfície da pele. A pele em si se torna terra arrasada. Toda a vida morre. Animais vão em busca de um lugar com mais água. Plantas murcham e morrem. Sol e vento reinam livres. Rachaduras aparecem no solo. Erosão. Areia em movimento desgasta a superfície.

— Vocês conseguiram localizar o tecido? — perguntei ao dr. Maasland. — O tecido que enviei na época. Quer dizer, é muito estranho que algo assim possa simplesmente sumir.

Houve um suspiro alto do outro lado da linha. O tipo de suspiro que especialistas dão quando precisam explicar algo complexo a um clínico geral. Algo que está além da compreensão de um simples médico de família.

— Ainda não chegamos a isso, mas na verdade a questão não é o tecido. Fizemos uma autópsia no corpo do sr. Meier ontem. Ela mostrou, sem sombra de dúvida, que alguém, e também podemos supor que esse alguém foi o senhor, dr. Schlosser, retirou tecido da coxa do sr. Meier...

— É exatamente o que tenho tentado lhe dizer o tempo todo.

— Por favor, deixe-me terminar, dr. Schlosser. Na verdade, a questão é que tecido *demais* foi retirado. De uma superfície larga demais. Todos os médicos

sabem que, quando há mesmo a menor suspeita de uma doença tão grave, é melhor não remover absolutamente nada. Que a primeira necessidade é examinar a contagem de leucócitos, e só então, talvez, tirar uma amostra. Isso é matéria do primeiro ano de medicina, dr. Schlosser.

— Achei que estava lidando com um cisto sebáceo. Com base nos hábitos alimentares do sr. Meier, isso não era nem um pouco improvável.

— Por causa da sua incisão rigorosa, as células muito provavelmente penetraram na corrente sanguínea. A partir desse momento, o sr. Meier não teve a mínima chance. Eu, portanto, relatei isso imediatamente às autoridades. Essas coisas em geral demoram semanas ou meses, mas por causa da natureza terrível do caso e do fato de que também envolve a reputação de nosso hospital, elas encontraram uma oportunidade de encaixar isto como uma questão e extrema urgência.

— Encaixar isso?

— No Conselho de Medicina. O senhor é esperado lá na próxima terça-feira, às nove horas da manhã.

Dei um sorriso para a escritora, que começava a exibir sinais de impaciência, se remexendo de um lado para outro em sua cadeira.

— Na próxima terça... — falei. — Mas o funeral é nesta sexta. Pensei...

— Dr. Schlosser, espero ter sido claro. Acredito que a família dificilmente vai apreciar sua presença no funeral. Pelo menos não após a informarmos dos resultados de nossa investigação.

— E quando isso vai acontecer? Por que tanta pressa? Não se chegou a um veredicto, não é? Isso não pode acontecer antes de terça, certo? Ou talvez nem mesmo então? Talvez o Conselho queira um tempo para estudar as coisas.

Eu me dei conta de que estava fazendo perguntas demais ao mesmo tempo. Pessoas *nervosas* fazem perguntas demais ao mesmo tempo. Mas eu não estava nervoso, tentei dizer a mim mesmo. Apenas nunca fora obrigado antes a usar a expressão “Conselho de Medicina” diante de uma paciente.

Novamente, o mesmo suspiro profundo do outro lado da linha.

— Sempre enviamos nossas conclusões por escrito. Essa, de fato, é a única coisa que posso fazer por você. Somos obrigados a informar a família, mas fazendo isso na forma de uma carta, cumprimos as determinações, enquanto o médico em questão ganha um dia de alívio. Veja isso como uma mão estendida, de um colega para outro, Marc.

50

— Aqui é Herzl.

A voz humana não envelhece. Mesmo se ele não tivesse dito o nome, eu teria identificado a voz do meu antigo professor de biologia médica no meio de uma multidão.

— Professor Herzl. Como está?

— Eu provavelmente deveria estar perguntando isso a *você*, Marc. Está sozinho? Pode falar à vontade?

Eu de fato estava só, à minha escrivadinha no consultório. A sala de espera estava atipicamente lotada: nada menos que quatro pacientes esperando ser chamados um a um, mas eu não estava disposto a lidar com pacientes, então simplesmente os deixei sentados lá.

— Estou sozinho.

— Certo. Por favor, me desculpe por pular as preliminares e ir direto ao ponto, Marc. Sugiro que me escute primeiro e só então, depois que eu tiver terminado, você faça uma pergunta. Na verdade, como nos velhos tempos, nas palestras. Isso é problema para você?

— Não.

— Certo. Escute. Desde minha expulsão da universidade, trabalhei em muitas coisas, mas não irei entediá-lo com os detalhes. A Holanda é um Estado totalitário. Qualquer um que caia em desgraça acabará limpando latrinas. No meu caso, as coisas não foram tão longe, mas por anos trabalhei em lugares onde não deveria. Seja como for: as ideias que expressei na época hoje são amplamente aceitas, contudo não acho que alguém vá querer se desculpar. Mas nos últimos cinco ou dez anos tenho recebido trabalhos mais adequados a mim, pode-se dizer. Nos dois últimos anos, por exemplo, tenho sido consultor freelance do Conselho de Medicina.

Ali, Aaron Herzl deixou que um breve silêncio assentasse, mas me controlei e não perguntei nada. Contudo, apertei mais o fone contra o

ouvido.

— Certo — disse Herzl. — Tudo o que faço é dar conselhos, não tenho poder de decisão. Às vezes vejo coisas que outros não veem. Há alguns dias seu caso parou em minha mesa, Marc. Reconheci seu nome imediatamente. Clínico geral. Sempre achei uma pena você não ter prosseguido, você sem dúvida era bastante capaz. Amanhã de manhã, nove horas. A hora da verdade. Estudei seu caso em detalhe, não é todo dia que um ex-aluno meu é convocado perante o Conselho. Eu digo “em detalhe”, mas isso não foi sequer necessário. Na verdade, eu vi de cara. Escute com atenção, Marc. Vou lhe fazer algumas perguntas. A melhor coisa para você seria responder apenas “sim” ou “não”. É tudo em off. Mas só posso lhe ajudar se for franco comigo. Ao mesmo tempo, é do meu interesse não saber de tudo. Espero que entenda isso.

— Sim.

Nesse momento, a cabeça de minha secretária apareceu à porta. Ergueu as sobrancelhas, inquisitiva, e fez um gesto sobre o ombro na direção da sala de espera. Eu não fiz um ruído sequer; formei as palavras com os lábios. *Vá embora!* Ela entendeu a mensagem na hora e saiu. Achei que Herzl iria dizer “certo” mais uma vez, mas ele não o fez. Ou talvez eu não tenha ouvido.

— Retirar tecido para uma biópsia não é algo que o médico de família faça, Marc, não preciso lhe dizer isso. Sobretudo quando suspeita que possa envolver uma doença potencialmente fatal. Tecnicamente, não podemos sequer falar de erro médico aqui. É mais como insanidade temporária. Um médico de família pode queimar uma verruga. Pode remover um lipoma. Assim que surge a menor desconfiança de que pode ser algo sério, não toca na verruga ou no lipoma. Não foi o que aconteceu. Para piorar ainda mais, o tecido foi removido de forma tão grosseira que, no caso de uma doença potencialmente fatal, só poderia servir para acelerar a disseminação dessa doença. Estou certo até aqui, Marc?

— Sim.

— E então o tecido nunca chegou ao hospital. É possível, claro, que tenha se perdido em algum lugar. Mas também é possível que você tenha se

esquecido de enviar. Preste atenção, Marc. Apenas sim ou não. Você se esqueceu?

— Sim.

Ouvi o professor Herzl suspirar fundo. Pareceu um suspiro de alívio. Depois o ouvi folhear papéis.

— Fico contente por estar sendo honesto comigo, Marc. Agora vamos passar para o seu paciente. O paciente falecido... Ralph Meier. Um ator. Nunca ouvi falar dele, mas isso não quer dizer nada. Tendo a ficar em casa. Leio ou escuto música. Mas voltando ao trabalho. Houve algo que o fez querer se livrar desse paciente específico? E não quero dizer que você tinha esperanças de que ele comesse a se consultar com outro médico. Não, quero dizer literalmente se livrar dele. No sentido de eliminá-lo da face da Terra. Como, estritamente falando, é o caso agora. O paciente na cova. Algo assim estava passando pela sua cabeça, Marc?

— Sim.

— Algo aconteceu e, a seus olhos, Ralph Meier não merecia mais viver. Isso é possível. Todos pensamos coisas assim sobre outras pessoas às vezes. Afinal, somos apenas humanos. Suponho que você tenha tido suas razões. O que vou lhe perguntar agora não tem nada a ver com este caso ou com o modo como o Conselho irá lidar com ele amanhã. É apenas meu interesse pessoal. Você tem todo o direito de não responder, claro. Não investiguei sua vida particular. Não fui além do fato de que você tem esposa e duas filhas jovens. Minha pergunta é muito simples. A morte de Ralph Meier tem algo a ver com sua família, Marc?

Eu hesitei.

— Sim — disse então, mas Aaron Herzl provavelmente percebeu minha hesitação.

— Novamente: se não quiser responder, não o faça. Não usarei isso contra você. Então teve algo a ver com sua família. Com sua esposa?

Hesitei novamente. Um lado meu queria encerrar aquela conversa naquele instante, a outra já não queria responder apenas “sim” ou “não”. Aquele meu

lado queria contar a história toda ao meu antigo professor de biologia médica.

— Não — falei. — Quero dizer, de início... Não, na verdade, não.

— Não quero soar demasiadamente perspicaz, Marc, mas isso também não me parecera muito provável. Meu palpite era de que tinha algo a ver com suas filhas. Que idade têm agora? Quatorze e doze, se lembro bem. É isso?

— Sim.

Senti vontade de contar tudo a Aaron Herzl, mas não era necessário. Ele já sabia.

— Marc. Eu percebo que você pode estar se sentindo tentado a dizer mais do que poderia ser bom para você. Bom para qualquer um de nós. Mas realmente precisamos nos limitar aos fatos por ora. Por isso irei lhe pedir mais uma vez, com veemência, para responder apenas com “sim” ou “não”. Certa vez recebi uma ficha que, estritamente, só tinha relação marginal com o Conselho de Medicina. O caso de um adulto que agredira sexualmente uma menina de doze anos. E que de fato alegara que ela “gostara” daquilo. É o que todos dizem. Nós na medicina sabemos mais. É um defeito. Um lote defeituoso é tirado de circulação. Pelo menos é o que *deveríamos* fazer. Mas estou divagando. Foi algo assim, Marc? Apenas sim ou não.

— Sim.

— Então você fez o que deveria ter feito. Fez o que qualquer pai deveria fazer.

— Sim — disse novamente, embora Herzl não tivesse realmente feito uma pergunta.

— A questão é que você não pode apresentar isso ao Conselho dessa forma — continuou ele. — Eles estão se lixando para pais com instintos saudáveis. Eu sempre poderia tentar conduzir isto no sentido de *negligência*. Mas é tudo explícito demais. Isto não será uma suspensão de alguns meses, Marc. Está mais para ter seu registro cassado. Caso termine assim. Estou falando de processo. Você não quer fazer isso com sua família. Você sem dúvida não quer fazer isso com sua filha.

— Então o quê? — perguntei. — O que eu deveria fazer então?

O professor Aaron Herzl deu um suspiro profundo.

— Para começar, não apareça amanhã de manhã. Isso só tornaria as coisas piores. Pessoalmente eu lhe recomendaria desaparecer totalmente. Vá para o exterior. Eu tomaria essa decisão hoje se fosse você, Marc. Converse com sua família. Mas a esta altura, essa é realmente a única coisa que posso fazer por você.

* * *

Após desligar, passei um tempo sentado à minha escrivaninha, tentando resolver as coisas na minha cabeça. Eu sempre podia pedir à minha secretária para mandar os pacientes para casa. Precisava de tempo para pensar. Por outro lado, podia ruminar as coisas facilmente enquanto escutava o falatório interminável deles. Às vezes, ainda mais facilmente. Apertei o botão do interfone.

— Liesbeth, mande entrar o primeiro paciente — disse. — Já terminei.

Continue agindo normalmente, disse a mim mesmo. Tudo precisa parecer o mais normal possível. Conferi o relógio na parede. Dez e dez. Eu tinha todo o tempo do mundo.

Mas então, quando minha primeira paciente do dia se acomodava, de repente houve um grande tumulto na porta da frente.

— Doutor! — ouvi minha secretária chamar. — Doutor!

Houve um ruído como o de uma cadeira sendo derrubada e depois disso ouvi uma segunda voz.

— Onde você está, seu merda? — guinchou Judith Meier. — Está com medo de dar as caras?

Folheei a pasta. Agi como se estivesse procurando algo. Não era a pasta de Ralph Meier. Era de algum outro paciente, que pegara ao acaso na prateleira: não muito grossa, não fina demais. Eu nem mesmo tinha uma pasta para Ralph Meier.

— Aqui está — falei. — Ralph me procurou em outubro do ano passado. No momento não queria que você soubesse de nada. Tinha medo de que ficasse chateada sem motivo.

Ergui os olhos para ela. Judith desviou os seus imediatamente. Bufou e tamborilou os dedos no braço da cadeira.

— A princípio eu também achei que não fosse nada — continuei. — Na maioria dos casos, não é. Certo. Ele disse que estava cansado. Mas poderia haver outras razões para isso. Trabalhava muito. Sempre trabalhou muito.

— Marc, me poupe dos seus pequenos comentários e das suas desculpas. Já superamos isso. O dr. Maasland me deu os detalhes. Você nunca deveria ter feito aquela pequena biópsia. Sob nenhuma circunstância. E o que o Conselho de Medicina ainda não sabe é que você receitou aquele lixo que disfarçava os sintomas. Inicialmente, eu não tinha ideia de que ele tomava os comprimidos. Eu os encontrei por acaso, em um compartimento da mala dele. Então ele me contou tudo. Incluindo com quem conseguiu.

— Judith, ele estava *cansado*. Exausto. Tinha dois meses de filmagem. Eu disse que não poderia fazer exigências irracionais ao corpo. Que aquilo era só por causa dos dois meses.

Eu me sentia extremamente controlado. Calmo. Àquela altura, eu estava no comando, como dizem. O simples fato de que ter falado algo como “fazer exigências irracionais ao corpo” — uma expressão que nunca teria usado — mostrava que eu estava de volta. Conferi o relógio na parede. Já estávamos lá havia quinze minutos. Eu ouvira alguns sons vagos vindo da sala de espera, depois a porta da frente bateu. Então houve silêncio. Todos tinham partido.

— Por que agora, de repente, Judith? Por que você vem aqui me chamando de assassino na frente dos meus pacientes e da minha secretária? Sexta-feira passada, no velório, imaginei que você estivesse confusa com toda a bobajada que Maasland tentara empurrar para você. Mas parece que realmente comprou isso. E você na verdade não pareceu sofrer muito por causa de Ralph nos últimos meses, para dizer o mínimo. Pelo menos nunca a ouvi reclamar todas as vezes que passei para uma xícara de café.

Então Judith começou a chorar. Eu suspirei. Não tinha tempo para aquilo. Eu queria sair dali; precisava conversar com Caroline sobre o que iríamos fazer. As férias de outono começariam em dois dias, e nós quatro iríamos para Los Angeles. Eu precisava conferir com Caroline se talvez não devêssemos partir alguns dias antes — sem mencionar minha conversa com Aaron Herzl, claro.

— Você disse que não poderia me ter por perto, Marc! — choramingou Judith. — Que não deveríamos nos ver mais. Foram suas palavras exatas. “Coisas demais aconteceram. A esta altura, simplesmente não posso ter você por perto.” Não consegui acreditar nos meus ouvidos! Como você pode ser tão frio? Ralph estava morto havia menos de uma hora!

Eu a encarei. Eu estava ouvindo aquilo? Eu sempre me orgulhara de ser capaz de descobrir o que havia de errado com uma pessoa em sessenta segundos, mas não acreditava que aquilo era possível, não em um milhão de anos. Olhei para o rosto dela. Além de coberto de lágrimas, estava, acima de tudo, marcado pela insatisfação. Insatisfação profunda, do tipo que nasce com a pessoa. Nada consegue eliminar essa insatisfação. Máquinas caras de café *espresso*, atenção, uma nova ala na casa... Por um breve momento, a insatisfação recuou para segundo plano, mas é como um vazamento passando pelo papel de parede: você pode cobrir com papel de parede novo, mas depois de um tempo os pontos marrons voltam a aparecer.

Não há muito que se possa fazer sobre isso. Você pode abafar um pouco com medicamentos, com o que eles chamam de “ajudinhas da mamãe”, mas no final ela retorna com nova força.

Só uma injeção, eu sabia, ajudaria a eliminar a insatisfação do rosto de Judith. De uma vez por todas.

Pensei na reação dela na praia quando Ralph mandara aquela panela para o ar. Seus resmungos sobre explosões altas em geral. A rabugice sobre o depósito de segurança que poderiam não recuperar da imobiliária. E então pensei no que Caroline tinha me dito. Sobre Stanley e Judith ao lado da piscina. *Ele a lambeu inteira*, Caroline dissera. *E falo sério quando digo inteira*.

Eu sabia o que tinha de fazer. Levantei da cadeira e contornei a escrivaninha. Coloquei as mãos nos ombros de Judith. Depois me inclinei até meu rosto tocar o dela.

Eu esperara calor. Um rosto molhado, mas quente — mas suas lágrimas eram frias.

— Minha doce e adorável Judith — falei.

Estávamos sentados junto à piscina. Apenas Julia e eu. Caroline e Lisa tinham ido fazer compras em Santa Bárbara. Stanley tinha um encontro em algum lugar em Hollywood sobre um novo projeto. Emmanuelle estava tirando seu cochilo vespertino no andar de cima.

Julia estava deitada de bruços em um colchão de ar à sombra de uma palmeira. Eu estava sentado em uma espreguiçadeira, folheando revistas que trouxera de casa. As últimas edições de *Vogue*, *Vanity Fair* e *Ocean Drive*. De fato era possível ouvir o oceano a distância, como Stanley tinha dito. E eventuais apitos de trens. Entre a casa de Stanley e a praia havia um cruzamento desprotegido em um único sentido. Os apitos do trem soavam diferente daqueles de um ano antes, no hotel em Williams, mas também era bem possível que eu estivesse escutando de outra forma.

Olhei para Julia. Talvez estivesse adormecida. Talvez não. O iPod estava ao lado do travesseiro do colchão de ar, mas ela não estava com os fones. Na Holanda era outono. Ali você tinha de se sentar à sombra porque era quente demais sob o sol. Eu esperara um telefonema do Conselho de Medicina perguntando por que não aparecera naquela terça-feira. Mas não houve nenhum. Também não houvera notícias nos dias seguintes. Na sexta-feira, eu ligara e falara com uma secretária, que dissera que todos os casos haviam sido suspensos até o final das férias de outono. Pedi que repetisse meu nome. “Dr. Schlosser”, eu disse. “Ah, sim, aqui está. Seu nome está marcado com uma seta vermelha no meu computador. Isso significa que seu caso terá tratamento prioritário. Mas a decisão só sairá na semana seguinte ao recesso. O senhor será informado no final desta semana, no máximo.”

As férias de outono começavam no dia seguinte, e nós quatro voamos para Los Angeles. Stanley se oferecera para nos pegar no aeroporto, mas eu disse que não seria necessário. A viagem em nosso carro alugado pela Highway 1 rumo a Santa Bárbara demorou menos de duas horas.

Nos primeiros dias, basicamente não fizemos nada. Ficamos na piscina e caminhamos pelo comércio local. Comemos caranguejo no píer novamente.

— Tenho uma teoria — disse Stanley no terceiro dia. — Pensei um bom tempo nisso. Mas então... Não foi mesmo por tanto tempo.

Estávamos em um restaurante especializado em frutos do mar na praia. O sol acabara de se pôr. Caroline, Emmanuelle, Julia e Lisa tinham ido caminhar junto ao mar. Stanley pegara a garrafa de vinho branco do balde e enchera novamente nossas taças.

— A festa na véspera do solstício de verão — continuou. — Ano passado. Estávamos na praia com aquelas garotas. Ralph tentou chutar aquela norueguesa. Depois nos perdemos de vista por algumas horas. Enquanto isso, sua filha foi... Bem, aconteceu o que aconteceu. *Você* faz as contas, vê que um mais um dá dois. Pouco depois das férias de verão, Ralph fica doente. Mortalmente doente. Um ano depois, está morto. Não sou médico. Não sei como funciona tecnicamente, mas talvez você possa me explicar isso.

Eu não disse nada. Apenas sorri e tomei outro gole do vinho.

— Vou lhe dizer outra coisa, Marc. Como você provavelmente se lembra, ano passado filmamos *Augusto*. Também dei a Emmanuelle um pequeno papel. Como uma das filhas ilegítimas do imperador. Mas um dia Emmanuelle me procura e diz que não quer mais participar da série. Não conseguia suportar mais, disse, o modo como Ralph se comportava com ela. O modo como olhava para ela. No cenário e fora dele. Então fui ter uma conversa com Ralph. Eu o alertei, de modo bem claro, para parar o que estava fazendo. Ele agiu como se tudo fosse uma grande brincadeira, como se Emmanuelle estivesse *exagerando*, mas parou. Tive de prometer a Emmanuelle que ela nunca teria de vê-lo novamente assim que a série estivesse concluída.

Era tentador. Era tentador contar a Stanley, se não tudo, ao menos alguma coisa. Eu já tomara quase uma garrafa inteira de vinho branco. Uma boa história, pensei. Eu podia fazer daquilo uma boa história.

— Ralph era totalmente perturbado — disse Stanley. — O modo como ele agia com as mulheres. Mas ambos estávamos lá, vimos isso. Eu realmente não me importo muito que ele não esteja mais por aí. Só estou curioso. De um ponto de vista puramente técnico. Tecnicamente falando, aliás, me parece bastante improvável que ele tenha pegado Julia... Ele mal conseguia andar depois que você chutou seu joelho daquele jeito, lembra? Mas não é esse o ponto. O ponto é que você *achou* que ele era um possível culpado. Então agiu. Talvez naquela mesma noite...

Perto, mas não chegou lá, senti vontade de dizer. Mas em vez disso, falei outra coisa.

— Dê um palpite — provoqueei.

Stanley me encarou por um segundo. Então seus olhos começaram a cintilar. Depois caiu na gargalhada.

— Muito bom, Marc! Não, sério, muito bom. Não diga mais nada. Acho que você respondeu à minha pergunta. É mais que o suficiente.

* * *

Naquela tarde olhamos as fotos que Stanley tinha feito no ano anterior, durante as férias na casa de veraneio. Eu perguntara sobre elas do modo mais descontraído possível. Se tinha outras fotos além das que eu já vira no site.

Sentamos ao redor da escrivaninha de Stanley, que fechara as venezianas para barrar o brilho do sol enquanto clicava as fotos no monitor.

Caroline e Emmanuelle estavam lá fora, junto à piscina. Lisa e Julia, de pé, à direita de Stanley, apoiadas na escrivaninha. Eu, sentado em um banco à esquerda dele.

Na verdade, não havia muitas fotos novas. Olhei para Julia com o canto do olho enquanto surgiam as fotos do funcionário. Havia uma foto nova: Julia e o funcionário, um em frente ao outro, com Julia esticando o braço, palma da mão para baixo, para indicar a diferença de altura entre eles. Ambos riam.

Eu estava esperando o momento em que Julia olhasse. Para mim. Semanas antes eu já tinha decidido esperar o momento certo. Mas com o passar do tempo, comecei a ter cada vez mais dúvidas sobre o momento certo.

Se ela tivesse olhado naquele instante, ambos saberíamos que o outro sabia. Para mim, isso teria sido o bastante.

Mas ela não olhou. Apenas deu uma risadinha e falou para Stanley clicar na foto seguinte.

— Olhe! — gritou Lisa de repente. — É aquele burro!

Nós três olhamos para ela.

— Aquele burro do camping! — disse Lisa. — Aquele pobre burrinho, pai!

Eu me aproximei um pouco mais da tela. De fato, era possível ver um burro esticando a cabeça acima de uma cerca de madeira.

— Você reconhece esse burro, Lisa? — perguntou Stanley, rindo. — Você deve ter visto no zoológico. Foi onde eu tirei a foto. Eles têm uma espécie de zoológico lá, sabe, uma espécie de zoológico de animais normais. Quando fui lá, vocês já tinham ido havia algum tempo... Espere, o que estou dizendo? Claro que você sabia dele! Foi para onde você levou aquele passarinho. Você e o seu pai.

— Mas aquele burro não estava lá na época — disse Lisa.

— Como pode ter tanta certeza de que é aquele burro? — perguntei rapidamente.

— Eu simplesmente sei — respondeu Lisa. — Também havia uma lhama lá. Você também tirou fotos da lhama, Stanley?

Stanley afundou na cadeira e passou um braço ao redor de minha filha mais nova.

— Eu não fotografei nenhuma lhama lá, querida. Mas acredito em você cem por cento. Acho que também havia uma lhama lá.

* * *

— Ei, pai, você vem?

Eu tinha fechado os olhos, e então os abri. Ali estava Julia, com um dos pés no trampolim. O sol estava tão forte que me obrigava a apertar os olhos, então não via seu rosto com clareza.

— Certo — respondi.

Stanley já tinha tirado uma série de fotos dela. Ali no jardim. Na praia. No dia seguinte, haveria uma sessão oficial. Com ajudante de moda e maquiador. Ainda não havia nada certo, dissera Stanley, mas realmente havia muito interesse. Ele citara o nome de algumas grandes revistas de moda e cinema. Também tirara algumas fotos de Lisa.

— Quantos anos tem agora? — perguntou a ela. — Doze? Isso é ótimo. Talvez tenha de esperar um pouco mais, mas nunca se sabe, sempre pode haver alguma revista interessada. Você pode ser exatamente o que eles estão precisando.

Eu não pensara mais no funcionário, não desde nossa chegada aos Estados Unidos. No máximo, pensara nele como um organismo. Um organismo que respira. Um coração que bate. Olhei para Julia, que já estava na metade do trampolim. Tentei novamente não pensar nele. E tive sucesso. Sorri para minha filha.

— Pai, venha.

Comecei a me levantar, mas então me joguei de volta na espreguiçadeira. Esperei até ela chegar ao final do trampolim.

Ela virou o rosto para mim. O momento certo tinha passado pela frente, eu tinha então decidido. O momento certo pertencia ao passado. Minha filha no trampolim era o futuro.

Nós nos olhamos. Primeiro eu olhei para ela como menina. Depois olhei para ela como mulher. Depois ela saltou.

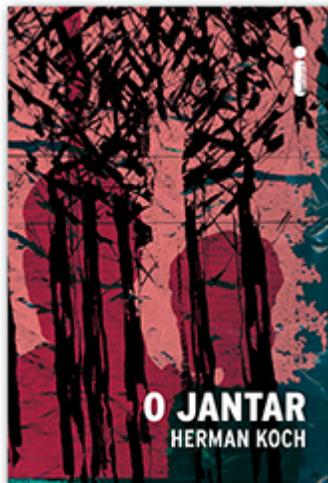
Sobre o autor

© Mark Kohn Zomerhuis



HERMAN KOCH, nascido em 1953, na Holanda, é escritor, ator de uma conhecida série de TV e colunista de jornal em seu país. Além de *Casa de praia com piscina*, é autor de *O jantar*, também publicado pela Intrínseca, que foi vencedor do prestigiado prêmio holandês Publieksprijs, em 2009. Herman Koch mora em Amsterdã.

Conheça o outro título do autor



O jantar

Leia também



Precisamos falar sobre o Kevin
Lionel Shriver



Até você ser minha
Samantha Hayes